



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Processos de Resiliência centrados na Perspectiva dos Migrantes:
Narrativas de Cabo-verdianos e Brasileiros**

Sandra Gaspar Roberto

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutora em Psicologia
na especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde

Orientadora:
Carla Marina Madureira de Matos Moleiro, Professora Auxiliar
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2015

**Processos de Resiliência Centrados na Perspectiva dos Migrantes:
Narrativas de Cabo-verdianos e Brasileiros**

Sandra Gaspar Roberto

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutora em Psicologia
na especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde

Júri:

Doutora Rita Isabel Saraiva Jerónimo, Professora Auxiliar no ISCTE-IUL
Doutora Maria Emília da Silva Marques, Professora Associada no ISPA-Instituto
Universitário
Doutora Maria Natália Pereira Ramos, Professora Associada na Universidade Aberta
Doutora Elsa Lechner, Investigadora no CES da Universidade de Coimbra
Doutora Maria Benedicta Vassalo Pereira Bastos Monteiro, Professora Catedrática Jubilada
do ISCTE-IUL
Doutora Carla Marina Madureira de Matos Moleiro, Professora Auxiliar no ISCTE-IUL

Setembro, 2015

O presente trabalho foi financiado por uma bolsa de doutoramento (SRFH/BD/60693/2009) atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia



Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a todas as pessoas que partilharam as suas histórias de vida e os seus percursos migratórios. Entre grupos focais e entrevistas biográficas sinto-me profundamente grata a todas as mulheres e homens migrantes que partilharam um pouco da sua vida comigo.

O segundo agradecimento é dirigido à Professora Doutora Carla Moleiro, antes de mais, por ser íntegra e generosa. Tive o prazer, ao longo destes anos, de acompanhar de perto a sua atitude profundamente comprometida com o respeito pelo outros e genuinamente empenhada na investigação ao serviço de grupos minoritários. Agradeço todos os contributos que possibilitaram o meu crescimento e a minha maturidade de pensamento crítico sobre o processo de investigar. Agradeço o suporte emocional que me deu, em períodos críticos e muito difíceis da minha vida, dentro e fora do doutoramento. Sinto que esse suporte foi inteiramente decisivo para conseguir continuar! Agradeço ainda toda a flexibilidade em adaptar planos e prazos, para tornar este projecto e tese de doutoramento possíveis.

O terceiro agradecimento vai para a Professora Doutora Maria Benedicta Monteiro, relatora deste projecto de investigação e do meu percurso enquanto doutoranda. Agradeço as sugestões e comentários que foi realizando ao meu trabalho, tendo gerado significativas oportunidades de melhoria. Contudo, o especial agradecimento vai para a frase, que se tornou célebre e definitivamente um marco na prossecução deste projecto: “*Ame a sua metodologia!*”- disse-me ela um dia. Esta frase abriu novas perspectivas de relação com o meu trabalho e libertou-me para explorar e arriscar diferentes possibilidades de investigar.

No contexto académico agradeço ao Professor Doutor Francesco Vacchiano (ICS), por sugestões e comentários importantes sobre o meu trabalho, numa altura em que decidi reorientar os meus interesses e objectivos. Agradeço ainda à Dr.^a Cláudia Graça (ISPA), pela colaboração num dos estudos desta tese, e por escutar as minhas inquietações de forma transformadora.

Fora do contexto académico agradeço, antes de mais, à minha “equipa de ciclismo” que me permitiu ganhar o prémio mais importante do Tour de França e vestir agora a camisola amarela. Agradeço a cada um dos elementos desta equipa: Sérgio Roberto (director da prova), Nuno Ramos (gregário), Márcia Fonseca (fisioterapeuta), Nuno Granja (ciclista da

equipa), Ana Chaínho (ciclista da equipa) e Ana Margarida (ciclista da equipa). Não tenho palavras para agradecer tamanho amor, carinho e cuidado. Se me acompanharem no resto da minha “jornada” serei uma pessoa mais feliz. Um agradecimento especial ao gregário desta equipa, pelos seus actos de generosidade, de amor, de coragem e de fé.

Agradeço aos restantes familiares e amigos que tanto me ajudaram com palavras de encorajamento e incentivo, em momentos difíceis de cansaço e desânimo, Luiz Avellar, Vitor Roberto, Susana Cunha, Mónica Marcelino, Mariana Viana e Ana João.

Agradeço aos meus amigos e colegas de doutoramento: Nuno Pinto, Jaclin Freire e Nuno Ramos, pela partilha de pequenas e grandes conquistas ao longo deste tempo, e por muitos conselhos preciosos e palavras de incentivo. A construção destas amizades permanecerão como ganhos colaterais deste doutoramento.

Agradeço ao meu filho João, com quem tanto aprendi sobre resiliência, por me fazer querer mais e melhor da vida, pela paciência que teve, durante o processo de escrita “do livro da mamã”.

Em memória da minha mãe que viu este projecto de doutoramento ser iniciado e me encheu de entusiasmo e alegria para que eu fizesse este trabalho, talvez os mesmos que teria, ao partilhar agora da sua conclusão. Em memória da minha mãe que me faz falta.

Resumo

Os estudos sobre a resiliência nas migrações são pouco abundantes, prevalecendo o foco nas adversidades dos processos migratórios. Esta tese procura contribuir para a compreensão dos processos de resiliência em migrantes, através dos significados atribuídos pelos próprios, aos seus projectos e trajectórias migratórias. Com este objectivo foram desenvolvidos três estudos empíricos no contexto migratório português. O estudo 1 envolveu sete grupos focais (trinta e cinco migrantes) provenientes de cinco países de língua oficial portuguesa. Adoptando o modelo ecológico de análise, foram identificados dez principais temas e subtemas ligados a adversidades e quatro temas relativos a recursos, sendo o ajustamento cultural sinónimo de integração. O estudo 2 (estudo qualitativo de narrativas autobiográficas) pretendeu conhecer os sentidos atribuídos pelos migrantes (doze brasileiros e dez cabo-verdianos) ao seu processo migratório, antes e depois de migrarem e usando o conceito de transnacionalismo para entender o ajustamento cultural ao país de acolhimento. Da análise das narrativas destacamos as dimensões da pertença e da vinculação como recursos relevantes, bem como o estabelecimento de ligações entre o país de origem e de acolhimento. O estudo 3 (estudo qualitativo longitudinal) dedicou-se ao estudo da resiliência, no primeiro ano de permanência de quatro migrantes em Portugal. O uso das lentes do hibridismo cultural abriu outras possibilidades de olhar o ajustamento cultural e a abordagem ao conceito de resiliência. A análise das narrativas de livre associação sublinhou a singularidade e interacção dos processos individuais, simultaneamente internos e externos. Discutimos, de um modo geral, os modelos de aculturação tradicionais como insuficientes no estudo dos processos de resiliência, salientando a importância de abordagens complementares e alternativas.

Palavras-chave: resiliência, migrações, cultura, ajustamento cultural

PsycINFO Codes:

2930 Culture & Ethnology

2900 Social Processes & Social Issues

2910 Social Structure & Organization

3365 Promotion & Maintenance of Health & Wellness

Abstract

Studies on resilience in migration are less abundant, prevailing a focus on the adversities of migration processes. Current studies have not considered the importance of culture consistently. This thesis aims to contribute to the understanding of resilience processes in migrants through the meanings attributed by them to their projects and migratory trajectories. For this purpose it was developed three empirical studies. Study 1 sought to understand resilience processes through seven focus groups (a total of thirty-five migrants) from five countries of Portuguese official language. Adopting the ecological model analysis, ten main themes and sub-themes on adversity were identified and four resource themes relating to the integration of migrants. Study 2 (qualitative study of autobiographical narratives) sought to know migrants attributed meanings (twelve Brazilian and ten Cape Verdeans) to their migratory process before and after migrating and using the concept of transnationalism in the understanding of cultural adjustment in the host country. The narratives highlight the dimensions of belonging and attachment to relevant resources, and connections establishment between their country of origin and host countries as a means of adjustment. Study 3 (longitudinal qualitative study) was dedicated to the study of resilience in the first year of stay of migrants in the country. The use of cultural hybridity lenses in the analysis of free association narratives stressed the uniqueness and interaction of individual processes in four migrants. These cases illustrate the diversity of relations with the culture, which are understood as both internal and external and accessed through the analysis of intersubjectivity. We also discuss the traditional acculturation models as insufficient in the study of resilience processes, stressing the importance of complementary and alternative approaches.

Keywords: resilience, migration, culture, cultural adjustment

PsycINFO Codes:

2930 Culture & Ethnology

2900 Social Processes & Social Issues

2910 Social Structure & Organization

3365 Promotion & Maintenance of Health & Wellness

Índice

Agradecimentos.....	vii
Resumo	ix
Abstract.....	xi
Índice.....	xiii
Indice de tabelas.....	xvii
Introdução geral.....	1
1.1. Perspectiva Global e Objectivos da Presente Tese	3
1.2. Contexto Teórico Geral.....	6
O Ponto de Partida sobre a Resiliência	6
O Estudo da Resiliência no Campo das Migrações	7
Contextualização do Estudo da Resiliência nas Migrações	9
1.3. As Perspectivas sobre a Resiliência - do Conceito ao Processo.....	11
A Origem Conceptual e a Psicologia Positiva.....	11
A Resiliência como Processo no Estudo das Migrações e Cultura.....	13
Definição de Terminologia e Conceitos Relevantes	15
1.4. Os Processos Migratórios e os Contextos Culturais	18
A Resiliência e a Cultura nos Processos Migratórios	18
Aspectos Psicológicos das Migrações e Investigação no Contexto Português.....	22
Caracterização das Migrações em Portugal.....	25
A Investigação sobre as Migrações em Portugal	29
1.5. Fundações Epistemológicas e a Diversidade nos Paradigmas de Investigação.....	31
1.6. O Projecto de Investigação.....	34
1.7. Referências	36
Um olhar sobre o outro lado da história: processos de resiliência em migrantes.....	49
2.1. Resumo	51
2.2. Introdução	53
Fundações Teóricas sobre Resiliência	54
O Contexto Português e as Características da Migração.....	56

Objectivo do Estudo.....	58
2.3. Método	58
Participantes	59
Procedimento	59
Recolha e Análise dos Dados	59
2.4. Resultados.....	62
Adversidade	62
Recursos	66
2.5. Discussão.....	68
2.6. Conclusão.....	72
2.7. Referências.....	75
Processos de resiliência em migrantes: narrativas biográficas de brasileiros em Portugal	82
3.1. Resumo.....	84
3.2. Introdução	86
Resiliência e Migrações	86
Migrantes Brasileiros em Portugal.....	89
3.3. Método	90
Participantes	90
Procedimento	91
3.4. Resultados.....	92
3.5. Discussão.....	101
3.6. Considerações Finais	104
3.7. Referências.....	106
"The place I long to be". Narrativas biográficas de cabo-verdianos sobre processos de resiliência	109
4.1. Resumo.....	111
4.2. Introdução	113
Resiliência e Migrações	114
Migração Cabo-verdiana em Portugal.....	117
4.3. Método	118
Procedimento	119

Participantes	119
4.4. Resultados.....	120
Morte à pátria? Tensões em perspectiva.	120
Cá como lá – O calor de Cabo-Verde	122
Além mar está o mundo	126
Ficar ou voltar? Saudade da morabeza	128
4.5. Discussão.....	131
4.6. Conclusão	135
4.7. Referências	137
Resiliência e intersubjectividade: Narrativas de migrantes ao longo do primeiro ano no país de acolhimento.....	141
5.1. Abstract	143
5.2. Introdução	145
Resiliência – Origens e Propostas de Ligação.....	146
A Intersubjectividade.....	148
O Lugar da Cultura – a Proposta do Hibridismo Cultural.....	149
5.3. Metodologia	150
Método das Narrativas de Livre Associação.....	152
A Análise das Narrativas.....	152
5.3. Narrativas em Análise.....	154
Carolina. A relação com a portugalidade – ataques e tréguas	154
Pedro. O Cordão Umbilical.....	161
Leonardo. Perdido e achado	168
Soraya. Um Trabalho de Luto	173
5.5. Conclusão	179
5.6. Referências	182
Discussão Geral	186
6.1. Sumário dos estudos – objectivos e principais descobertas.....	189
6.2. Conclusões gerais, implicações e limitações.....	201
6.3. Referências	209
Anexos	217

Índice de tabelas

Tabela 1 – Temas e subtemas para as duas dimensões	53
--	----

1

Introdução geral

O meu interesse pelas migrações, precursor desta tese de doutoramento, remonta ao final dos anos 70, mais concretamente ao processo de descolonização das colónias africanas portuguesas. Em particular, o interesse pelo movimento que conduziu à migração forçada, a partir de Moçambique, de milhares de pessoas com destino a Portugal, naquele que foi o maior movimento populacional do país, no século XX. Situado neste contexto histórico-temporal, diria que não foi o gosto particular pela história ou pelo passado colonial português (apesar de reconhecer que esta é também uma determinante significativa quando nos propomos estudar os processos migratórios) que mobilizou a minha curiosidade “científica”. Na verdade, o meu interesse pelas migrações prende-se com o facto de a minha família ser uma, entre as várias, envolvidas nesta movimentação de pessoas vindas das ex-colónias. A relação deles com o seu país de origem (Moçambique) e com Portugal é também parte de mim, continuando a mobilizar o meu interesse em estudar a temática migratória.

Com este interesse semeado foi uma questão de tempo até os “destinos” me levarem a integrar um determinado contexto profissional. Há mais de 10 anos participei num projecto de intervenção, desenvolvido pela Associação Moinho da Juventude - Bairro do Alto da Cova da Moura. Os moradores do bairro eram maioritariamente migrantes, vindos de Cabo-Verde ou de outros países africanos, e seus descendentes. As pessoas da associação e do bairro falavam bastante, talvez por comparação com o meu modo reservado nessa época, e contavam-me as histórias (que também são as suas vidas) de Cabo-Verde. Com maior dificuldade falavam sobre a sua vida em Portugal. Estas histórias e as da minha família tinham pontos comuns. Em primeiro lugar, em traços gerais, mudar de país foi um marco significativo nas suas vidas. Em segundo lugar, chegar a Portugal trouxe várias dificuldades de intensidade variável. Em terceiro lugar, alguns conseguiram superar as dificuldades e reorganizarem as suas vidas. Possivelmente, surgiu daí o meu interesse pelo tema da resiliência.

1.1. Perspectiva Global e Objectivos da Presente Tese

Esta tese de doutoramento propõe-se constituir como um contributo para a compreensão dos processos de resiliência em migrantes, através das relações com a cultura e com recurso aos significados atribuídos pelos próprios, aos seus projectos e trajectórias migratórias. De um modo geral, os estudos sobre a temática geral que relaciona a resiliência e

as migrações são pouco abundantes (Theron & Liebenberg, 2015), não sendo Portugal uma excepção a este contexto mais alargado. Por esse motivo, pretendemos com esta tese, por um lado, contribuir para o conhecimento, compreensão e debate sobre o conceito de resiliência, ainda em fase de consolidação. Para esse efeito, procuramos situar as propostas conceptuais em diferentes paradigmas, e estudar em maior profundidade um entendimento particular, teórico e empírico, sobre a resiliência. Por outro lado, com esta tese, tencionamos compreender as adversidades encontradas, os recursos usados e o resultado de ajustamento cultural conseguido, como elementos constituintes do processo de resiliência, através dos significados individuais atribuídos pelos migrantes. Com estas intenções de conhecimento organizámos este projecto de investigação em três principais objectivos: (1) identificar os elementos constituintes do processo de resiliência, nomeadamente, as adversidades e os recursos usados pelos migrantes nos processos de integração no país de acolhimento; (2) explorar a natureza fluida do conceito -processo de resiliência- pela interacção dinâmica entre adversidades e recursos (antes e depois da migração) no contexto de várias possibilidades de ajustamento cultural; (3) acompanhar o desenvolvimento do processo de resiliência, ao longo do primeiro ano de permanência do país de acolhimento, em migrantes recém-chegados.

Esta tese está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro uma introdução teórica. Neste primeiro capítulo começamos por delimitar o objecto de estudo, na medida em que se situa na interacção entre dois principais campos teóricos, as migrações e a resiliência. Apresentamos de seguida cada um destes corpos teóricos. Começamos pelas origens históricas do conceito de resiliência introduzido pela psicologia positiva, para referirmos as diferentes abordagens conceptuais e as respectivas implicações dessas diferentes abordagens nos estudos empíricos. Concluimos esta parte sobre a resiliência, esclarecendo o conceito adoptado neste estudo e a sua adequabilidade aos estudos das migrações e cultura. Prosseguimos com a introdução aos processos migratórios, referindo-nos ao conceito de cultura e às relações interculturais, revisitando os modelos de aculturação e abordando as propostas teóricas alternativas da relação dos migrantes com a cultura. Por fim, é realizada uma síntese da investigação sobre as migrações, bem como uma caracterização social e demográfica dos migrantes em Portugal. Ainda nesta introdução, fazemos referência às fundações epistemológicas e aos paradigmas de investigação, por nos situarmos em diferentes paradigmas nos vários estudos empíricos realizados. Neste contexto, abordamos os

conceitos de objectividade, subjectividade e intersubjectividade, salientes em cada um dos estudos dinamizados. Estes conceitos constituem-se como fundadores do lugar epistemológico a partir do qual se realizaram os estudos. Na finalização da introdução teórica, apresentamos o projecto de investigação que deu lugar a esta tese de doutoramento, clarificando os objectivos, as questões de investigação e os estudos realizados.

Após este primeiro capítulo que pretende introduzir teoricamente o tema da tese, seguem-se os estudos empíricos realizados, dando lugar aos Capítulos 2, 3, 4 e 5. Estes capítulos têm por base artigos publicados, aceites para publicação ou submetidos em revistas científicas. O capítulo 2 apresenta o primeiro estudo, que procurou compreender os processos de resiliência, em migrantes provenientes de cinco países de língua oficial portuguesa. Através da realização de *grupos focais* (trinta-cinco migrantes, divididos por seis grupos de discussão) e adoptando o modelo ecológico de análise, identificámos aquilo que os migrantes consideravam como adversidades e recursos, atendendo a que nos situámos num entendimento de ajustamento cultural como sinónimo de integração. O capítulo 3 e 4 fazem parte de um estudo com o mesmo objectivo, mas concebido para estudar duas culturas - a brasileira, através de doze narrativas biográficas e a cabo-verdiana, dez narrativas biográficas, separadamente. Assim, pretendemos compreender a dinâmica envolvida nos processos de resiliência, quando consideramos a pluralidade de configurações no ajustamento cultural, usando para esse efeito o conceito de transnacionalismo e os sentidos atribuídos pelos migrantes ao seu processo migratório, antes e depois de migrarem. O capítulo 5 refere-se ao terceiro estudo, onde foram abordados os processos de resiliência nos migrantes, ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento. Num formato de “vinheta”, ou estudo de caso, são apresentados os processos de quatro migrantes (dois brasileiros e dois cabo-verdianos). Neste estudo, fizemos uso das lentes do hibridismo cultural, para compreender os vários resultados de ajustamento cultural relativos aos processos de resiliência, bem como a interacção dinâmica entre adversidades e recursos ao longo do tempo.

Por último, o capítulo 6 apresenta o sumário dos principais contributos dos estudos acima referidos, salientando os elementos que contribuem para a compreensão da resiliência nas migrações. Ainda neste capítulo, e finalizando a tese, referimos as principais implicações

clínicas, comunitárias e sociais, assim como as limitações deste estudo e direcções para futuras investigações.

1.2. Contexto Teórico Geral

Esta tese situa-se teoricamente entre duas áreas de conhecimento, a resiliência e as migrações, cujos objectos de estudo são diversos e construídos através de contributos dos vários paradigmas de investigação. Esta tese tinha como objectivo contribuir para a reflexão sobre o conceito de resiliência, e nesse sentido, procurou aprofundar a compreensão sobre o conceito, através da operacionalização nos estudos empíricos aqui apresentados. Simultaneamente, esta tese aspirava conhecer a importância da cultura nos percursos e trajetórias dos migrantes em Portugal (em particular, brasileiros e cabo-verdianos), por esse motivo privilegiou o conhecimento sobre o papel da cultura e fomentou o debate sobre as diferentes formas de relação dos migrantes com as sociedades de acolhimento. Por fim, conseguimos abranger as contribuições destas duas partes, sem perder de vista o todo e a interacção entre ambas, ou seja, investigar o fenómeno da resiliência nos processos migratórios, assumindo a cultura como a figura de principal destaque.

O Ponto de Partida sobre a Resiliência

Como especificaremos mais à frente nesta introdução teórica, os estudos sobre a resiliência têm cerca de meio século de existência (Wright & Masten, 2015). Neste “curto” espaço de tempo, o conceito tornou-se popular entre profissionais de diversas áreas e até na linguagem popular de senso comum, com uma certa roupagem de simplicidade de entendimento, referindo-se à capacidade de adaptação bem-sucedida, face a adversidades significativas (Kaplan, 2005). Talvez por este motivo, mas também por ser um conceito em consolidação, tem sido um tema em permanente debate. Pretendemos com esta tese, contribuir para a consolidação de uma perspectiva específica sobre a resiliência. Em cada capítulo desta tese, bem como na discussão geral, salientamos o entendimento conceptual e a sua aplicação nos contextos em estudo.

Alguns autores (e.g., Tarter & Vanyukov, 1999) têm vindo a debruçar-se sobre as inconsistências e diferenças ao nível das fundações teóricas e conceptuais usadas por diversos autores, levando a um certo questionamento do valor científico do conceito de resiliência. A produção teórica, nas últimas décadas tem sido bastante dispersiva, na medida em que

surgiram mais de doze teorias ou modelos teóricos relacionados com o conceito (Fletcher & Sarkar, 2013).

Vários autores (e.g. Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000) têm referido a necessidade de encontrar uma unificação ou consenso geral relativo à definição de resiliência. No entanto, parece-nos importante, antes de mais, que os investigadores sobre o tema tornem claros os pressupostos teóricos e epistemológicos dos quais partem nas suas investigações, face às várias possibilidades existentes. É possível que a existência de várias teorias não seja prejudicial, desde que clarificado o ponto de partida, algo que procuraremos desenvolver adiante nesta introdução. Adiantamos de qualquer modo, que usámos nestes estudos o conceito desenvolvido por Ungar (2004, 2008, 2015) que concebe a resiliência como uma construção social, cujas relações entre adversidades e recursos são socialmente diversas, politicamente contextualizadas, culturalmente organizadas, e individualmente caóticas e complexas.

O Estudo da Resiliência no Campo das Migrações

No sentido de endereçar a relevância do estudo da resiliência nas migrações começamos por caracterizar o quadro geral relativo às migrações para chegar à perspectiva do interesse neste tema.

A literatura produzida sobre migrações centra-se em diversos aspectos, sendo um campo de investigação pluridisciplinar, constituído por importantes contributos de áreas como, a Sociologia ou a Antropologia, integradas nos estudos realizados no âmbito desta investigação.

O domínio da Psicologia tem dedicado particular atenção ao estudo da relação dos migrantes com o país de acolhimento, através da perspectiva da aculturação, nomeadamente os modelos de Berry (1980, 1990) sobre o tema. Aquilo a que Apitzsch (2003) de uma forma crítica, designa por abordagem clássica na investigação das migrações, no sentido em que é centrada num paradigma de estado-nação. Ou seja, tradicionalmente são estudos cujo entendimento da noção de cultura é delimitado pelas fronteiras geográficas dos países que acolhem os migrantes. Esta perspectiva crítica, aliada a outras considerações sobre os paradigmas dominantes, usados para pensar as relações dos migrantes com as várias culturas com as quais têm contacto no seu processo migratório, contribuíram para a alteração do curso deste projecto de investigação, conforme explicitaremos adiante.

Retomando o contexto da investigação em Psicologia acerca da mobilidade humana, cabe ainda referir que têm sido estudadas, com maior frequência, as condições negativas associadas aos processos migratórios. A perspectiva foi sendo alterada, com o desenvolvimento da noção de que a migração não é um problema *per se* (Desjarlais, Eisenberg, Good, & Kleinman, 1995). A possibilidade de migrar representa, antes de mais, um conjunto de novas e diferentes oportunidades para aqueles que migram, apesar das dificuldades inerentes, à saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento (Mirsky & Peretz, 2006). Contudo, o modelo focado no *deficit* manteve-se vigente e os estudos fora desta abordagem pouco frequentes (Utsey, Giesbrecht, Hook & Stanard, 2008). A investigação sobre os processos de resiliência e sobre os processos migratórios têm em comum, a necessidade de avançar para além do foco no *deficit* (Seaton, Caldwell, Sellers, & Jackson, 2010; Utsey et al., 2008) e procurar compreender as estratégias e recursos usados pelos migrantes no contexto de adversidades.

Sobre esta proposta de estudar a resiliência em migrantes pareceu-nos pertinente colocar a seguinte questão: Se migrar representa um conjunto de novas oportunidades será que existe, em qualquer circunstância, um contexto de adversidade que justifique o estudo da resiliência? Na tentativa de responder a esta questão, recorreremos às palavras de Lechner (2007), que caracterizam os migrantes:

Independentemente das dimensões políticas, jurídicas e sociais que lhe estão associadas, a imigração implica uma deslocação geográfica que consubstancia, para aquele que imigra, uma experiência biográfica de ruptura e de descontinuidade. Não é preciso ser-se imigrante para experimentar a descontinuidade, mas todos os imigrantes vivem uma fractura óbvia dos laços constitutivos da sua pessoa (Lechner, 2007, p.81).

Pretendemos destacar desta perspectiva, com a qual concordamos, que existe nos migrantes um contexto de vulnerabilidade, pela mudança, pela transição e pela perda de pessoas e quadros de referência. Não se trata das condições de como partem do país de origem e são recebidos no país de acolhimento, (apesar de serem factores de clara e indiscutível relevância e com consequências bastantes distintas), mas acima de tudo, trata-se da situação de ruptura e de perda inerente ao acto de migrar.

A questão acima descrita acompanhou-nos durante algumas etapas deste trabalho, no entanto, esta perspectiva sobre as migrações, pareceu-nos validar o interesse e a importância em estudar a resiliência, legitimando a adversidade própria do contexto migratório, mas querendo compreender simultaneamente os recursos usados pelos migrantes nas várias adaptações possíveis a um novo país.

Contextualização do Estudo da Resiliência nas Migrações

No panorama internacional, os estudos sobre resiliência nas populações migrantes são pouco abundantes, bem como aqueles que integram a cultura no objecto de estudo da resiliência (Wright & Masten, 2015). Numa pesquisa usando a base de dados ESCOHost (PsycInfo, Academic Search Complete, Psychology and Behavioral Sciences Collection, PsycARTICLES, PEP Archive) com os descritores Resilience AND Culture, sem limite inferior de tempo e até 2015, foram encontradas 2.462 publicações. Destes resultados, uma grande parte dos estudos tinham um entendimento alargado sobre cultura, dando lugar a estudos com grupos minoritários como: pessoas LGBT, minorias religiosas ou pessoas com deficiência. Refinando a pesquisa através da introdução do descritor AND Migration e eliminando os resultados duplicados surgiram 60 publicações (excluindo livros e dissertações). Uma análise através dos resumos das publicações reduziu o número para 42 publicações, quer porque se tratavam de outras áreas científicas (biologia ou medicina), quer porque os estudos usavam conceitos semelhantes a resiliência mas sem o mesmo significado ou modelo teórico (como por exemplo, o conceito de coping).

Dos resultados encontrados destacamos a variedade de perspectivas sobre o conceito de resiliência, bem como sobre a população ou contexto em estudo. Sintetizámos as publicações em quatro grandes grupos: 1) Investigação sobre modelos de prevenção e intervenção com base no conceito de resiliência em migrantes/refugiados (8 publicações – e.g., Mazzetti, 2008; Agani, Landau & Agani, 2010; Khawaja, Ramirez & Prasad-Ildes, 2013); 2) Factores de risco e de protecção em saúde mental (17 publicações – e.g. Lau & Thomas, 2003; Spanea & Kalantzi-Azizi, 2008; Karner & Parker, 2011); 3) Processos de resiliência em indivíduos e comunidades, pressupondo os constituintes deste processo (adversidade, recursos e ajustamento) (6 publicações – e.g. Johnson, 1995; Rousseau, Said, Gagné & Bibeau, 1998; Ramos-Olazagasti, Shrout, Yoshikawa, Canino & Bird, 2013); 4)

Avaliação da resiliência enquanto traço de personalidade (2 publicações - Lusk & Terrazas, 2015; Kassis; Artz & Moldenhauer, 2013).

O panorama em Portugal é semelhante ao contexto internacional, sendo escassos os estudos que integram os conceitos de resiliência e migrações. Pesquisando no Google Scholar e no RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal) por resiliência e migrantes nas páginas de Portugal, em ambas as plataformas referidas encontramos um total de 15 publicações. Do total de publicações, 11 usavam o conceito de resiliência apenas como expressão semântica, pretendendo referir-se a pessoas com a capacidade de resistir às adversidades ou ultrapassar as dificuldades mas sem um desenvolvimento teórico acerca do conceito (e.g. Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício & Martins, 2005; Miranda, 2009; Lechner, 2009; Nunnan & Peixoto, 2012; Machado, 2014).

Os estudos de âmbito nacional encontrados que desenvolveram e enquadraram teoricamente o conceito de resiliência referem-se a quatro dissertações de mestrado, sendo, de seguida, apresentada uma síntese descritiva das mesmas. Sousa (2011) desenvolveu um estudo onde a resiliência foi estudada enquanto resultado. Através de um estudo quantitativo e comparativo entre mães migrantes e mães portuguesas, a autora avaliou o efeito dos factores protectores como: a satisfação parental e a coesão familiar, nos acontecimentos de vida negativos. Igualmente sobre o tema da parentalidade em migrantes, Ferreira (2009), usando o conceito de resiliência como sinónimo de traço de personalidade (Escala de Resiliência de Connor e Davidson), realizou um estudo comparativo entre casais portugueses e migrantes. O principal objectivo era avaliar o impacto dos factores sociodemográficos como o género e a religiosidade, na coparentalidade e na resiliência. Duarte (2013) avaliou os níveis de resiliência (traço de personalidade) e a respectiva relação com acontecimentos de vida adversos (compromisso, falecimento de alguém próximo, perda e mudança de emprego) junto de migrantes dos PALOP e da Europa de Leste. Referimos ainda o estudo quantitativo de Pereira (2010) onde a resiliência foi abordada como sinónimo de estratégia de coping e consistiu em identificar factores protectores de sintomas depressivos nos migrantes brasileiros e cabo-verdianos.

Em síntese, estes trabalhos académicos salientam a escassez de estudos sobre este tema em Portugal, sendo todos bastante recentes no tempo (2009-2013). Destacamos que na sua totalidade foram usadas metodologias quantitativas, para “avaliar” o impacto de factores

protectores, como moderadores da relação entre risco e resiliência, sendo esta a expressão de um resultado (em dois dos estudos procurava-se a presença ou ausência de resiliência em cada indivíduo estudado). Nos restantes dois estudos foi medida a correlação entre a resiliência, enquanto traço da personalidade, e outros factores de risco ou protectores.

1.3. As Perspectivas sobre a Resiliência - do Conceito ao Processo

A Origem Conceptual e a Psicologia Positiva

O conceito de resiliência foi introduzido pela primeira vez na literatura académica, em 1818, quando Thomas Tredgold usou o termo para descrever a razão pela qual alguns tipos de madeira eram capazes de suportar uma carga súbita e forte, sem quebrar (McAslan, 2010 in Wright & Masten, 2015). Na sua origem *resilire* significa “saltar, mola, recuperar ou recuo”. Depois de muitos anos de uso produtivo em engenharia e física, o termo foi adoptado por ecologistas e cientistas do desenvolvimento, como uma metáfora para a capacidade de um sistema (por exemplo, uma família ou uma comunidade) responder a desafios, sobreviver e continuar a prosperar (Gunderson & Holling, 2002; Masten & Obradovic, 2008).

O desenvolvimento e investigação sobre o conceito de resiliência expandiram-se ao longo dos últimos trinta anos (Brooks & Goldstein, 2005; Gore & Eckenrode, 1996). Inicialmente, os estudos realizados encontravam-se, essencialmente focados em crianças e jovens em ambientes de risco (Garmezy, 1993; Yates & Masten, 2004). Nestes estudos era observado que muitas crianças apresentavam um desenvolvimento positivo, apesar das experiências de adversidade. Estas crianças tendiam a ser classificadas como, “sobreviventes”, “invulneráveis” ou “resilientes” (Yates & Masten, 2004). Ou seja, demonstravam capacidade de ultrapassar os desafios emocionais, económicos, ambientais e de desenvolvimento, ao longo do seu processo de crescimento (Brooks & Goldstein, 2005). Partindo de uma perspectiva desenvolvimental, alguns dos estudos originais em resiliência (Garmezy, 1985; Rutter, 1987; Werner & Smith, 1992) focaram-se em encontrar determinados factores protectores, que os autores pressupunham estar presentes nestas crianças “invulneráveis”. Esta é considerada a primeira vaga, cujas investigações se focaram na descoberta de uma lista de factores protectores que desempenhavam funções e processos reguladores do desenvolvimento (Masten, 2004; Masten, 2006; Luthar, 2006). Actualmente, existe pouca evidência empírica que sustente a existência de um traço de resiliência ou

resiliente e até uma considerável desvalorização desta perspectiva, entre os investigadores que se têm dedicado aos estudos nesta área (Masten, 2013, 2014b; Panter-Brick & Leckman, 2013; Wright, Masten & Narayan, 2013). Garbarino (2005) alerta para o perigo do uso do conceito com este significado, no sentido em que se pode correr o risco de culpar as “*vítimas*”, por não terem sido capazes de superar a situação difícil (por vezes, extremamente adversa) em que se encontravam, esperando que demonstrassem ter um “traço de resiliência”.

Na segunda vaga de estudos sobre a resiliência, o conceito era entendido como um resultado (e.g., Campbell-Sills et al., 2006; Agaibi & Wilson, 2005). Os investigadores concordavam que este conceito resultava de uma ampla interacção de factores que determinavam a manifestação de resiliência perante factores de risco (Fletcher & Sarkar, 2013). No sentido de responder a uma aplicabilidade prática do conceito, em particular no desenho de políticas sociais, os estudos procuraram desenhar experimentalmente condições que permitissem avaliar as melhores formas de implementar programas de prevenção e intervenção precoce (Weissberg, Kumpfer, & Seligman, 2003). Pela influência do desenvolvimento da biologia e da neurociência surgiram um conjunto de investigações de análise multinível, integrando diversas interacções entre os níveis de análise, partindo do celular, biológico e individual, passando pelos níveis contextuais, familiares, comunitários, até ao nível cultural (Luthar, 2006). Desta concepção resultou o interesse em estudar variações na influência dos factores protectores, como variáveis mediadoras, bem como os seus efeitos preventivos, através de abordagens estatísticas multi-níveis (e.g. Masten & Cicchetti, 2010; Cicchetti, 2013).

Por último, a terceira vaga, que procurou definir a resiliência através da noção de processo. Vários autores (e.g., Conger & Conger, 2002; Conger, Rueter, & Conger, 2000) procuraram conceptualizar a resiliência como um processo bi-direccional, em que o indivíduo se envolve na tarefa de auto-regulação e de adaptação ao meio, que implica a exposição a factores de risco ou vulnerabilidade (muitas vezes múltiplos e cumulativos) e a manifestação de um resultado de ajustamento positivo (Luthar & Cicchetti, 2000). A abordagem central passa por reconhecer que a adaptação individual é um processo dinâmico, não absoluto (num determinado contexto e momento pode desenvolver-se um processo de resiliência mas quando modificadas as condições, tal pode não acontecer) e alterado ao longo do tempo

(Luthar & Cicchetti, 2000). Desenvolveremos este ponto com particular detalhe na secção posterior, por ser a perspectiva utilizada neste trabalho.

Fora da tradição Norte-Americana e da orientação teórica da Psicologia positiva, talvez tenha sido o francês Boris Cyrulnik quem mais tenha desenvolvido a ideia de resiliência através do paradigma psicanalítico. O autor refere-se à resiliência como um processo onde a pessoa faz uso dos seus recursos internos, num contexto afectivo, social e cultural que possibilitam elaborar os traumas psíquicos (Cyrulnik, 2001). Uma parte significativa das considerações deste autor situa-se em relação ao contexto do desenvolvimento infantil, na relação com as experiências traumáticas da infância. A este nível é salientada a relação entre a resiliência e a vinculação das crianças em idades precoces. As crianças que construíram uma vinculação segura têm mais possibilidades de desenvolverem condições de resiliência, mesmo na idade adulta (Cyrulnik, 2004). O autor usa a analogia com o tricot como metáfora para descrever o conceito. Segundo ele, a resiliência “*ata uma lâ desenvolvimental a uma lâ afetiva e social*”, sendo, por isso, uma malha e “*uma teoria de vida que se ata e se desata continuamente*”, longe de poder ser objectivada (Cyrulnik, 2006, p.6).

A Resiliência como Processo no Estudo das Migrações e Cultura

A escolha da designação - processos de resiliência – pretende evidenciar o posicionamento conceptual dos estudos realizados nesta tese, face a outros entendimentos conceptuais, e até epistemológicos, de abordagem ao tema da resiliência. Ao longo dos vários estudos procurámos compreender os processos de resiliência, assumindo, deste modo, um posicionamento num paradigma compreensivo, prescindindo assim do interesse no potencial explicativo do conceito, bem como no poder predictivo dos factores.

Conforme referido na secção anterior, o entendimento sobre a resiliência nos estudos desta tese apontam para uma perspectiva de processo construído socialmente, onde a importância de uma abordagem construcionista tem um papel importante. Como sugere Ungar (2004),

research that supports resilience as a social construction has found a nonsystemic, nonhierarchical relationship between risk and protective factors, describing the relationships between factors across global cultures and diverse social and

political settings as chaotic, complex, relative, and contextual (Ungar, 2004, p. 342).

Avanços recentes na investigação em resiliência têm sugerido o interesse nas trajetórias de vida dos indivíduos, de forma a conhecer acontecimentos ou pontos específicos que promovem a resiliência e, por outro lado, conhecer as dificuldades que tornam difícil a adaptação positiva (Masten, 2013). Estes estudos vão ao encontro da proposta de Yunes (2003) alertando para a necessidade de investigação com uma abordagem da dimensão subjectiva da resiliência e que captem os significados atribuídos pelas pessoas à sua experiência individual. Neste sentido, após o primeiro estudo desta tese, de carácter mais exploratório do processo de resiliência, prosseguimos com o intuito de compreender a resiliência através das trajetórias de vida, conforme sugerido por Masten (2013) mas articulando com a sugestão de Yunes (2003) de abordar os aspectos subjectivos e os significados atribuídos pelos indivíduos, neste caso, migrantes.

Ungar (2004, 2008, 2011, 2015) foi, sem dúvida, o autor que mais contribuiu para destacar a importância do contexto cultural nos estudos sobre a resiliência. Segundo o autor, as fundações dos pressupostos da cultura ocidental nas definições habituais do conceito, acerca do funcionamento individual e social, não são partilhados de forma universal pelas diversas culturas.

A definição elaborada por Ungar (2008) integra as reflexões conceptuais da resiliência enquanto processo e de um modo culturalmente significativo. Nesta tese, o conceito usado para estudar a resiliência é definido como:

In the context of exposure to significant adversity, resilience is both the capacity of individuals to navigate their way to the psychological, social, cultural, and physical resources that sustain their well-being, and their capacity individually and collectively to negotiate for these resources to be provided and experienced in culturally meaningful ways (Ungar, 2008, p. 225).

O uso dos conceitos de navegação e negociação realça um entendimento sobre a resiliência enquanto processo dinâmico, sublinhando a interacção entre adversidade e recursos. Reforça a dependência do contexto destas duas dimensões, introduzindo a componente de variabilidade cultural, de forma a não homogeneizar o processo.

A navegação refere-se à capacidade das pessoas procurarem os recursos de que necessitam mas também à disponibilidade que estes apresentam. Uma vez que os recursos são limitados a vários níveis, estes apenas poderão ser usados na medida em que estão disponíveis num determinado momento e contexto. A negociação destaca o modo como as pessoas podem individualmente apropriar-se dos recursos que sejam culturalmente relevantes, e adequados ao contexto adverso a que se encontram expostas (Ungar, 2008).

A definição salienta ainda a importância de entender a manifestação do bem-estar enquanto parte da interacção entre o contexto em que se move e interage o indivíduo num determinado momento da sua história. O autor destaca o significado individual e cultural destes elementos e do processo de resiliência, salientando as especificidades a este nível.

Uma dos pressupostos da abordagem da resiliência como processo, mais contrário à ideia da resiliência com um traço da personalidade (infelizmente uma ideia bastante generalizada no senso comum) é o facto de que a maioria dos indivíduos que manifestam resiliência não têm qualidades únicas, exclusivas ou misteriosas. Contrariamente, são indivíduos que usaram recursos comuns fazendo parte deles próprios, das suas relações ou da ligação a outros sistemas, resultando numa capacidade adaptativa (Wright & Masten, 2015).

Definição de Terminologia e Conceitos Relevantes

Na continuidade da descrição da resiliência enquanto processo, cabe aqui definir a terminologia que integra este conceito e permite situá-lo de forma mais inequívoca. Apesar da definição geral continuar a ser debatida, existe algum consenso acerca dos principais conceitos.

A ideia central da resiliência pressupõe sempre que existe uma ameaça à adaptação, sendo ela designada por (factor de) *risco* ou *adversidade*. *Risco* é um termo probabilístico, na medida em que se refere à probabilidade de um determinado indivíduo ou grupo desenvolver um resultado negativo de ajustamento, não especificando a natureza da ameaça (Wright & Masten, 2015). As investigações que utilizam esta designação, tendem a identificar o aspecto multifacetado, cumulativo e contextual do risco (Obradovic, Shaffer, & Masten, 2012). A opção entre usar a designação de *risco* ou *adversidade* prende-se, em certa medida, com o contexto epistemológico da investigação que se está a realizar, sendo mais coerente uma ou outra designação no uso de metodologias quantitativas e qualitativas, respectivamente. Nestes estudos, adoptámos o uso de *adversidade* para designar quaisquer condições intrapsíquicas

ou contextuais que ameaçam a possibilidade de alcançar resultados adaptativos (Ungar, 2010).

Outro elemento central no entendimento da resiliência é a noção de *factores protectores* ou *recursos*. A lógica na opção de usar um ou outro conceito é idêntica à escolha entre risco ou adversidade. Ou seja, os pressupostos dos paradigmas e as metodologias usadas condicionam, e são simultaneamente condicionadas, pela opção no uso e entendimento dos conceitos que constituem a investigação.

Os *factores protectores* tendem a ser considerados como variáveis com um efeito benéfico apesar da presença de níveis elevados de risco. Nos estudos quantitativos, os factores protectores são moderadores do efeito do risco na adaptação positiva, sendo que alguns autores dividem-nos em função da acção protectora (contra o risco) ou promotora (acionando recursos de “combate” ao risco) (Wright & Masten, 2015).

Na perspectiva ecológica de Ungar (2008, 2011) os *recursos* podem ser individuais (e.g, um traço de personalidade), relacionais (e.g. a vinculação a uma pessoa significativa) ou colectivos (e.g. sentimento de pertença), mas têm em comum o facto de pertencerem a estratégias para lidar com a adversidade, resultando em formas de bem-estar e estando, por isso, condicionadas culturalmente (no entendimento deste estudo).

O *ajustamento (adaptação)* positivo pode ser definido a vários níveis, por exemplo, individual, familiar ou comunitário, sendo que se baseia em expectativas normativas para determinado comportamento ou desenvolvimento num contexto específico. Alguns autores (McCormick, Kuo & Masten, 2011) referem-se a estas expectativas como tarefas desenvolvimentais, dando como exemplo, aprender a andar ou ir à escola e aprender a ler. No entanto, quando pretendemos investigar contextos culturais ou até mesmo estender estas considerações ditas “universais” a outras culturas, este entendimento sobre ajustamento oferece graves problemas e está longe de ser usado pacificamente. Como salientam Wright e Masten (2015) a complexidade de definir o ajustamento positivo torna-se ainda mais evidente na dimensão cultural.

A capacidade de adaptação é tipicamente descrita em termos do uso de recursos com uma função de protecção ou promoção destinados à adaptação positiva (Masten, 2014b). Sobre este ponto, dada a especificidade desta investigação, culturalmente contextualizada e

interessada nos processos migratórios, fizemos um conjunto de opções sobre o entendimento alargado deste conceito.

Em primeiro lugar, distinguimos a noção de recursos da ideia de ajustamento positivo, por considerarmos que o seu papel e função devem ser diferenciados no estudo da resiliência aqui proposto, como sugerido também por Ungar (2015). Em segundo lugar, dada a possibilidade de conceber a adaptação positiva de diferentes formas, pareceu-nos importante usar aquela que permitisse contextualizar os significados individuais trazidos pela perspectiva dos migrantes (Ungar, 2008). Em terceiro lugar, consideramos que a adaptação não é considerada um fim em si mesma, mas sim um processo dinâmico que pode ocorrer em múltiplas direcções (Rutter, 1999). Por último, inicialmente considerámos que o sinónimo de ajustamento positivo (cultural) seria a integração (como proposto por Berry, 1980, 2001), no entanto, reformulámos esta perspectiva, no decurso da investigação. Nesse sentido, usámos diferentes referenciais para situar a relação dos migrantes com a cultura (transnacionalismo e hibridismo), abrindo assim o leque de possibilidades do que era considerado ajustamento cultural e procurando compreender o seu significado específico para cada migrante. Ainda sobre a reformulação dos trabalhos, cabe referir que no final do primeiro estudo considerámos que o modelo ecológico “*estrito*”, proposto por Ungar (2008) com base nas divisões nos sistemas de Bronfenbrenner (1994), era pouco fluido e menos compatível com a noção de resiliência enquanto processo. A proposta do autor (Bronfenbrenner, 1979) salienta a interacção entre a pessoa e o ambiente, como veículo de mudança (e também de constância) ao longo da vida. A interacção, que contempla os aspectos psicológicos, os factores biológicos e as múltiplas interacções com o ambiente vai permitindo o crescimento e desenvolvimento individual. De um modo geral, o autor divide os contextos do desenvolvimento em três grandes ambientes: microsistemas, mesosistemas e exosistemas (na versão original, Bronfenbrenner, 1979) acrescentando posteriormente outros dois sistemas: macrosistemas e cronosistemas (Bronfenbrenner, 1994). Conforme referido acima abandonámos esta abordagem no final do primeiro estudo para abrir outras possibilidades de relação com dimensões da cultura definida como socialmente construída e partilhada e, por isso, também inerentemente fluida (Theron & Liebenberg, 2015), passando a ser difícil entendê-la como estando repartida por sistemas, como na proposta “*estrita*” de Ungar (2008).

1.4. Os Processos Migratórios e os Contextos Culturais

Nesta secção pretendemos abordar os contextos migratórios enquanto objecto de interesse específico dos processos de resiliência. Neste sentido, começamos por abordar a noção de cultura na relação com adversidades e recursos nos estudos realizados nesta tese, aprofundando o impacto das condições de adaptação ao país de acolhimento. Sobre as relações dos migrantes com o país de acolhimento é destacada a importância das teorias sobre a aculturação, na forma como, neste estudo, enriqueceram o entendimento sobre o ajustamento cultural (formularemos mais claramente esta questão, à frente nesta secção). Abordaremos ainda outras possibilidades teóricas usadas nestes estudos, que alargaram as perspectivas sobre o ajustamento cultural, nomeadamente o transnacionalismo e o hibridismo cultural.

A Resiliência e a Cultura nos Processos Migratórios

As mudanças significativas no contexto social e cultural dos migrantes, às quais terão de se ajustar, salientam os aspectos culturais significativos do processo migratório.

A possibilidade de migrar representa, antes de mais, um conjunto de novas e diferentes oportunidades para aqueles que migram, apesar das dificuldades inerentes à saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento (Mirsky & Peretz, 2006). Simultaneamente a estas novas oportunidades, referindo novamente Lechner (2007), existe uma “*experiência biográfica de ruptura e descontinuidade*”. A literatura da Psicologia tem identificado padrões de dificuldades enfrentadas pelos migrantes, como: alterações nas normas culturais; dificuldades instrumentais, pobreza, perda do estatuto social; relações interpessoais pautadas por preconceito, discriminação e isolamento; alterações na estrutura familiar, falta de rede de suporte e sofrimento psicológico (Yakhnich, 2008). A identificação destes padrões serve de enquadramento para a noção de que o processo de ajustamento a um novo país é constituído por várias adversidades e reforça simultaneamente a importância do estudo da resiliência nos migrantes, mais concretamente, na relação com a cultura e com o país de acolhimento.

Alguns autores salientaram a importância da existência de modelos culturais que contribuam para o conhecimento, tanto da aculturação (Chirkov, 2009), como da resiliência (Ungar, 2008, 2010), onde estão incluídas várias manifestações de cultura. No entanto, como

salientam os autores Wright e Masten (2015), a relação entre a resiliência e a cultura precisa de mais investimento pelos investigadores.

Just as biological evolution has equipped human individuals with many adaptive systems, cultural evolution has produced a host of protective systems. Protective systems are often rooted in culture. Cultural traditions, religious rituals and ceremonies, and community support services undoubtedly provide a wide variety of protective functions, though these have not been studied as extensively in the resilience research (p.30).

Esta tese procura ser um contributo nesse sentido, na medida em que pretende conhecer os recursos alicerçados culturalmente e usados pelos migrantes para lidarem com a adversidade. No mesmo sentido, usámos uma definição de resiliência que considerou o ajustamento como a adaptação cultural relevante e significativa para cada migrante individualmente.

O conceito de cultura tem sido desafiado devido à dificuldade em estabelecer uma definição consistente, em vários campos do conhecimento teórico (Baldwin, Faulkner, Hecht & Lindsley 2006). De um modo geral, a cultura tem sido abordada como um elemento dinâmico e socialmente construído que confere significado e valor ao funcionamento em sociedade. Na sua forma mais básica é entendida como um conjunto de regras, normas, atitudes e valores partilhado pelos seus membros (Triandis, 1996). A cultura pode ser também definida como, as práticas diárias que trazem ordem à nossa experiência e as crenças e os valores que a sustentam (Berry, Phinney, Sam, & Vedder, 2006). Ungar (2015), introduz a distinção entre contexto e cultura, referindo que o primeiro integra um conjunto alargado de estruturas físicas e sociais que moldam a experiência e actividade humana. Nesta perspectiva, o contexto inclui a cultura e outros aspectos da ecologia social. O autor propõe ainda, que a cultura seja entendida como um conceito multidimensional, devido ao modo como a cultura e os processos sociais se influenciam mutuamente. Este entendimento de cultura aplicado à resiliência conduziu parte dos estudos desta tese, no sentido referido pelo autor, “a culturally embedded understanding of resilience focuses attention on the diversity of coping strategies and the heterogeneity of what are assumed to be normative behaviours” (Ungar, 2015, p.38).

No estudo 1 tivemos como objectivo identificar o papel da cultura como recurso específico no contexto das adversidades dos migrantes, e simultaneamente como um sistema

de crenças e valores que “*regula*” a possibilidade dos migrantes acederem a determinados recursos. Neste estudo, a relação com a cultura foi ainda introduzida através da conceptualização do ajustamento positivo, como equivalente a ajustamento cultural e sinónimo de integração. A noção de integração introduzida por Berry (1980, 1997) nos seus estudos sobre a aculturação, pretendiam conhecer o impacto das relações interculturais na adaptação dos migrantes. A aculturação refere-se ao processo de reconfiguração cultural, como resultado do contacto entre dois grupos culturais, onde ambos são transformados por esse contacto (Redfield, Linton, & Herskovits, 1936). Os estudos sobre a aculturação têm procurado explicar o modo como o contacto intercultural afecta os migrantes na sua permanência no país de acolhimento. A integração reflecte uma estratégia de bi-culturalismo, onde os indivíduos retêm aspectos da cultura de origem, ao mesmo tempo que procuram a interacção com os aspectos da cultura de acolhimento, através de uma interacção recíproca (Berry, 1980, 1997, 2001). Segundo o autor, a integração é a estratégia mais favorável para a adaptação dos migrantes ao país de acolhimento.

Várias críticas a este modelo têm surgido e outras possibilidades de compreender o ajustamento cultural ganharam relevância. Como refere Chirkov (2009) a investigação sobre a aculturação não construiu um modelo de cultura que inclua as relações interpessoais e seja fundado na percepção dos migrantes sobre aquilo que consideram adaptação positiva. Pensando em termos do conceito de resiliência e na noção de ajustamento cultural como sinónimo de adaptação positiva, usado nos três estudos deste projecto, a crítica de vários autores, do qual Chirkov é um bom exemplo, ganhou expressão na decisão de abandonar, após o Estudo 1, o modelo de aculturação. Assim, procurámos outras modalidades teóricas que permitissem devolver aos migrantes a possibilidade de definirem a sua noção de adaptação positiva individual, ou melhor dizendo, de ajustamento cultural. Neste sentido, avançámos para duas propostas: o transnacionalismo e o hibridismo.

No estudo 2, a proposta do transnacionalismo representou uma mudança de paradigma, por direccionar o foco para os indivíduos e para o contexto social em que estes estão envolvidos, ao longo de todo o processo migratório e trajetórias de vida. Conforme definem os autores, transnacionalismo “is the process in which immigrants create social fields linking their country of origin with the country where they have settled” (Schiller, Basch & Blanc-Szanton, 1997, p.1). A ideia central é a existência de um produto, resultado

das interações dos migrantes nas suas experiências passadas e presentes nos contextos sociais e culturais de ambos os países. Esta conceptualização transcende a noção de migração e cultura ligadas a um espaço físico/geográfico referente a cada país, para adotar uma perspectiva mais integrada de que as interações ao longo das trajetórias de vida e dos contextos sociais e culturais específicos de cada país vão sendo elaboradas e transformadas individualmente por quem as vive. Concordamos com Davids e Van Driel (2005), quando referem que a noção de transnacionalismo tende a não ser bem recebida pelas entidades que regulam, política e administrativamente a entrada e permanência dos migrantes nos países, na medida em que existe uma “pressão” social para que os migrantes pertençam às normas e valores das sociedades de acolhimento, sendo a diversos níveis criada uma distinção entre aqueles que aderem ou “pertencem” a estas normas e aqueles que não o fazem, sendo estes deixados à margem. Assim, a relação dos migrantes com as culturas é, em certa medida, condicionada por discursos, instituições e representações da sociedade dominante sobre a sua própria condição. Neste sentido, o nosso entendimento do ajustamento cultural no estudo 2 refere-se ao processo dos indivíduos na procura do seu lugar específico na sociedade, em vez do processo de adaptação às normas dominantes da sociedade de acolhimento.

O estudo 3 debruçou-se sobre a proposta do hibridismo por Bhabha (1994) onde a cultura é entendida como um processo dinâmico, que se desenvolve quando os indivíduos encontram outros contextos culturais. Assim, a cultura existe na interligação entre vários outros, ligados pelo movimento da globalização e facilitando a existência de múltiplas identidades culturais. A cultura tem uma natureza dinâmica, podendo ser apenas definida no contexto em que foi construída, no limite das fronteiras constituídas pelos próprios migrantes. À noção trazida por este autor, adicionamos ainda os contributos de Hollway (2012) sobre um entendimento particular de cultura, como simultaneamente interna e externa, componente do espaço intermediário e parte integrante da subjectividade humana. Os estudos da autora e aquele que apresentamos nesta tese, usam o conceito de espaço intermediário para pensar o lugar da cultura da seguinte forma:

Experimentamos a vida na área dos fenómenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjectividade e da observação objectiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos (Winnicott, 1971/1983, p. 93).

A perspectiva do hibridismo surge ainda no contexto das teorias pós-colonialistas que sublinham a importância das relações entre colonizadores e colonizados na definição de cultura e, no modo, como estas relações ditam os processos de construção de identidade criadas na relação com o outro (Gandhi, 1998; Shotter & Gergen, 1989). As teorias pós-colonialistas rejeitam qualquer conhecimento que não dê voz aos migrantes, para falarem sobre a construção da sua identidade e a sua relação específica com a cultura. Preocupam-se assim, com a forma como os migrantes são silenciados pelo discurso dominante e sublinham o impacto das relações históricas e de diferenças de poder entre as culturas (Said, 2003). Alguns autores (e.g. Bhabha, 1994; Pietrese, 1994) referem que as migrações têm como resultado uma terceira identidade, produto de uma “polinização cruzada” de culturas e distinta das culturas que a formou.

Aspectos Psicológicos das Migrações e Investigação no Contexto Português

Estando esta tese integrada na área da Psicologia clínica e da saúde, torna-se relevante fazer as pontes necessárias com o objecto de estudo a que se propõe este trabalho. De facto, o conhecimento sobre os processos de resiliência nos migrantes beneficiam dos estudos realizados nesta área para a compreensão das adversidades e recursos dos migrantes, nos processos de ajustamento aos contextos migratórios. Como refere Moro (2015, p. 187), “o acontecimento migratório não é apenas um ato social, mas também psíquico”.

À semelhança de outras áreas do conhecimento, a abordagem às migrações tem destacado as dimensões da adversidade sentida pelos migrantes a vários níveis que poderíamos dividir em aspectos relacionados com a relação com o país de origem (perda das referências, ruptura com a cultura, abandono de pessoas e lugares familiares) ou com o contacto com o novo país (contrastes culturais, isolamento, discriminação, hostilidade).

Porque as migrações podem envolver estes aspectos psicológicos, por vezes, múltiplos e cumulativos, alguns autores (e.g. Reveyard-Coulon, 2011) descrevem-nos como experiências traumáticas e de grande sofrimento, usando a comparação com o sofrimento associado aos processos de luto (Hollander, 2006). Como Freud (1917[1915]/2010) referia, o luto é a reacção a uma perda que implica a dor e o sofrimento da retirada de investimento libidinal nesse objecto de amor.

Possivelmente, também por este motivo, vários autores (e.g. Bughra & Jones, 2001; Kirmayer & Young, 1998; Kleinman, 1987) têm dedicado especial atenção ao estudo da psicopatologia nos migrantes, chegando a ser sugerido que existiria uma psicopatologia específica das migrações ou manifestações clínicas específicas dos migrantes – Síndrome de Ulisses (Achotegui, 2004). Sobre a existência de psicopatologia nos migrantes, os estudos têm-se dividido sobre o assunto, não podendo afirmar-se que os migrantes apresentem níveis mais elevados de psicopatologia (Davis & Katzman, 1998; Vega, Kolody, Aguilar-Gaxiola, Alderete, Catalana & Caraveo-Anduaga, 1998). De qualquer modo, o estudo da existência da psicopatologia nos migrantes parece-nos extremamente redutor da experiência migratória e perigoso na perpetuação e reforço de estereótipos e preconceitos. No fundo, “o perigo de naturalização de um discurso patologizante da experiência de migração” (Knobloch, 2015, p. 170). No entanto, como refere Moro (2015), é possível que a experiência da migração, pelas rupturas associadas à saída do país e pelas condições desfavoráveis no país de acolhimento, possa reactivar, em alguns casos, sofrimento associado a traumas anteriores e prévios à migração.

Numa perspectiva intrapsíquica, Mirsky e Peretz (2006) salientam particularmente a fase inicial dos migrantes no país de acolhimento como o tempo da confusão, de dificuldades na compreensão da realidade, mas também da alienação, da idealização ou da projecção (Grinberg & Grinberg, 1989). Na mesma linha, Stein (1985) salienta a dimensão da angústia de perda ou da ameaça à identidade, na sequência da descontinuidade contextual sentida pelos migrantes (da perda de referências como a língua, os hábitos, os costumes e do confronto com as novas possibilidades).

Numa perspectiva mais alargada, Ramos (2008, 2009) sublinha a importância de analisar as características da sociedade de acolhimento, ao nível das políticas de acolhimento e de factores como o preconceito e a discriminação, e não apenas a reacção de adaptação dos migrantes às novas condições socio-culturais do país de acolhimento, considerando que existem várias possibilidades de ajustamento cultural dos migrantes. Apesar das condições e contextos de adversidade, os processos migratórios estão envoltos na possibilidade de navegar e negociar recursos que possibilitam um ajustamento cultural significativo para cada migrante individualmente. Ou seja, concordamos com as palavras da autora “Em todos os

casos, toda migração é um ato de coragem que engaja a vida dos indivíduos e resignifica toda a história familiar dos sujeitos, inclusive por várias gerações” (Moro, 2015, p. 187).

Sobre a abordagem aos recursos e aos movimentos de reparação do impacto da migração, alguns fatores foram identificados como desempenhando uma função de equilíbrio psíquico, nomeadamente, o enraizamento e sentimento de pertença a um grupo de referência, bem como uma identidade cultural bem definida, as representações culturais comuns e os vínculos ativos com o grupo social, através de actividades partilhadas com os membros da mesma origem cultural (Borges & Pocreau, 2009).

Numa perspectiva intrapsíquica, Grinberg e Grinberg (1989) referem que a possibilidade do migrante se integrar no ambiente do país de acolhimento depende da sua integridade psíquica, naquilo que os autores referem como a tolerância à mudança e à perda, a capacidade de estar sozinho e a capacidade de esperar. Outros autores referem-se à elaboração do luto de forma a que seria necessário que o migrante, com o tempo, fosse dando lugar a um objecto interno de substituição daquele que foi perdido. Ou, em alternativa, que partes desse objecto perdido fossem internalizadas, de modo a permitir esta religação a partes do objecto, de tal modo que se estabelecesse enquanto objecto total (Hollander, 2006).

Sobre este tema cabe ainda referir a importância dos contributos da clínica transcultural, na medida em que os pressupostos sobre os quais assenta parecem estruturalmente relacionados com a abordagem escolhida e desenvolvida pela presente tese. A clínica transcultural leva em consideração a singularidade do sujeito no seu contexto actual, mas em relação com as suas especificidades culturais de origem, e reconhece que existem vários contextos e culturas entre os migrantes e, no entanto, procura sempre um novo arranjo específico para cada encontro clínico salvaguardando também a especificidade do encontro (Moro, 1998).

Em Portugal existem autores que têm trabalhado no domínio da Psicologia clínica e da saúde cultural, tendo contribuído para um aumento do conhecimento sobre as migrações no contexto português.

A informação sobre a investigação neste domínio encontra-se dispersa em várias instituições, não existindo uma sistematização ou compilação dos estudos produzidos, que são pouco abundantes (Fonseca, Silva, Esteves & McGarrigle, 2009). Segundo as autoras, num relatório destinado a conhecer o estado da arte em Portugal sobre este tema (rede

MIGHEALTHNET), na área da saúde foram realizados estudos sobre o acesso aos cuidados de saúde dos migrantes nas seguintes áreas (Fonseca, Silva, Esteves & McGarrigle, 2009): 1) na prevenção do HIV (e.g. Gaspar, Matos, Gonçalves & Ramos, 2005; Távora-Tavira, et al., 2007); 2) na saúde materno-infantil (e.g. Machado et al., 2006, Manuel, 2007); 3) consultas de saúde sexual e reprodutiva (e.g. Lopes, 2007); 4) cuidados de saúde mental (e.g. Rosa, 2007; Lechner, 2005).

Ainda sobre o tema geral da saúde, as autoras referem a existência de estudos relacionados com as representações sociais da saúde e com a maior prevalência de determinados problemas de saúde como a diabetes, a saúde oral ou as doenças cardiovasculares. Destaca-se a publicação interdisciplinar, *“Imigração e saúde”*, da colecção Migrações (Dias, 2007) que junta contributos da investigação e de programas de boas práticas na intervenção com migrantes.

Ao nível dos aspectos psicológicos e da saúde mental dos migrantes destacamos a publicação *“Migração, saúde e diversidade cultural”* (Lechner, 2009) dedicada aos temas da etnopsiquiatria e clínica transcultural. Outra publicação do ACIDI (Pussetti, Ferreira, Lechner & Santinho, 2009) totalmente dedicada a esta área *“Migrantes e saúde mental: A construção da competência cultural”* trouxe contributos para a reflexão sobre as práticas clínicas com migrantes e considerações relevantes para a competência cultural baseadas no modelo da clínica transcultural.

No contexto português destacam-se ainda outros autores, para além dos referidos, pelo trabalho sobre o tema dos aspectos psicológicos e saúde mental nas migrações, nomeadamente Ramos (2008, 2009) que tem contribuído para o conhecimento de transtornos mentais comuns nos migrantes ou o impacto psicológico dos processos de aculturação, ou ainda Vacchiano (2014) sobre as dimensões de vulnerabilidade em migrantes.

Caracterização das Migrações em Portugal

Portugal é simultaneamente um país de destino e um país de origem da migração internacional. A chegada de migrantes das ex-colónias africanas (após o processo de descolonização) que continua até hoje, teve um impacto importante sobre a composição da população portuguesa. Como refere Royo (2005), a sociedade portuguesa, até então tradicional e tendencialmente homogénea começou um novo ciclo de transformação. O

financiamento português através da UE, no final da década de 1980, conduziu ao desenvolvimento de diversas obras públicas, resultando numa necessidade crescente de mão-de-obra e num aumento significativo de migrantes provenientes dos países africanos de língua portuguesa e Brasil (Gomes & Baptista, 2003).

O fenómeno migratório em Portugal tornou-se mais evidente na década de 90 ao receber uma nova vaga de migrantes (Sardinha, 2009). Nesta nova vaga registou-se um grande número de migrantes provenientes dos países do Leste Europeu, sem relações históricas e linguísticas anteriores. Assistiu-se simultaneamente a um aumento da população migrante vinda do Oriente (Chinesa, Indiana, Paquistanesa, Bangladeshe). A migração da Europa de Leste (Roménia, Moldávia, Ucrânia) foi reduzindo desde o início de 2000 até hoje e uma estabilização da migração dos países africanos. Machado (2009) afirma que a comunidade angolana e moçambicana são os grupos mais antigos, estáveis em quantidade e de improvável retorno aos seus países de origem. Contrariamente, Cabo Verde e Guiné têm registado um aumento do número de migrantes em Portugal ao longo do tempo, superado apenas pelo número de Brasileiros, mas estes com tendência a diminuir.

Ao nível do mercado de trabalho, os migrantes integram-se em segmentos não qualificados e de baixa qualificação: construção civil, serviços domésticos, transporte e indústria de produtos manufacturados (Peixoto & Figueiredo, 2007). O lugar que os migrantes ocupam na pirâmide sócio-económica portuguesa está directamente relacionado com os países de origem. Assim, no topo da pirâmide encontramos os migrantes europeus do norte, no meio, os lusófonos do Brasil e da Guiné-Bissau, que começaram a aderir às hierarquias profissionais e no nível mais baixo, os migrantes de Angola e Cabo Verde com trabalhos pouco valorizados (Royo 2005).

As zonas mais industrializadas do país, cidades como, Porto, Coimbra, Lisboa, Setúbal e Faro têm sido maioritariamente receptoras de migrantes, estando em Lisboa (mais de 55% do total dos migrantes) a grande concentração de pessoas e possibilidades de trabalho. Segundo dados do SEF, o número mais significativo de migrantes é proveniente de países de língua oficial portuguesa: Brasil (25.3%), Cabo Verde (10.3%), Angola (4.9%), e Guiné-Bissau (4.3%) (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2012).

Os migrantes têm contribuído para o crescimento da população na última década através do aumento da taxa de natalidade, representando cerca de 5.7% dos residentes. No

entanto, actualmente o número de migrantes em Portugal diminuiu, sendo um decréscimo directamente relacionado com as dificuldades económicas, sociais e políticas do país. (Presidência do Conselho de Ministros & ACIDI, 2010).

A migração brasileira e cabo-verdiana

Caracterizamos, de forma mais detalhada, os migrantes brasileiros e cabo-verdianos por se constituírem como as comunidades às quais dedicámos particular atenção nesta tese. Iniciamos com uma breve contextualização histórica das relações entre esses países e Portugal, referimos os números das estatísticas das entidades oficiais e finalizamos com alguns elementos de caracterização sócio-demográfica.

A migração brasileira em Portugal tem longos anos de tradição, não partilhassem os dois países uma história com mais de 500 anos, desde a colonização até à vaga de emigração portuguesa que ocorreu até ao final dos anos 60 do século XX. Com a entrada de Portugal na União Europeia o país passa a despertar o interesse de países terceiros, no caso do Brasil, a proximidade linguística ajudou a tornar-se como um destino prioritário para a migração de brasileiros.

No entanto é no início do século XXI que assistimos à intensificação do processo de migração Brasileiro. De acordo com os dados do SEF, em 2003, residiam no país 26.561 brasileiros e em 2007 o número duplica para 55.665. Em 2009 chega a representar 25% da comunidade estrangeira em Portugal com cerca de 116.220 residentes. Este aumento no fluxo migratório deve-se em grande parte às alterações legislativas que ocorreram nas duas últimas décadas, e que permitiu que muitos dos migrantes brasileiros, com apenas visto de turismo pudessem regularizar a sua situação (Roca & Oliveira, 2010 citado por Neto, 2013). Nos finais da década passada, e motivados pela crise económica internacional, o fluxo migratório de brasileiros diminuiu, em 2013 existiam em Portugal 91.238 residentes brasileiros. Esta diminuição pode ser explicada pelos progressos na economia brasileira que se reflectiram no aumento do emprego.

O perfil do migrante brasileiro é caracterizado por uma população maioritariamente jovem que vem à procura de trabalho, normalmente menos qualificados e com vínculos laborais precários. Relativamente ao género, 55% da população estrangeira brasileira é do sexo feminino (SEF, 2010). Quanto às áreas de atividades, estas mulheres trabalham

geralmente em trabalho doméstico, assistência a doentes e idosos e na restauração/hotelaria. A população masculina trabalha sobretudo como operários e artífices e em profissões não qualificadas (Peixoto & Figueiredo, 2007, citado por Neto, 2013).

Relativamente à distribuição geográfica, a população brasileira em Portugal concentra-se na zona litoral, com destaque para os distritos de Lisboa, Setúbal, Faro e Porto, que, em 2009, segundo dados do SEF (2010), apresentavam respectivamente 53.260, 14.011, 12.569 e 9.136 migrantes brasileiros com estatuto legal. A totalidade da população residente nestes distritos representa cerca de 76.6% do valor total do país (88.976 cidadãos, perante um total de 116.220 migrantes brasileiros).

A comunidade cabo-verdiana constitui a segunda maior e a mais antiga comunidade de migrantes em Portugal. A migração Cabo-verdiana inicia-se na década de 60 do século passado sendo caracterizada sobretudo por homens oriundo de comunidades rurais, analfabetos ou com pouca escolaridade. Fixavam-se sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa, mais especificamente nos concelhos de Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Oeiras e Setúbal (Góis, 2008). A comunidade cabo-verdiana atinge o valor máximo de residentes em 2007, quando, segundo os dados do INE, residiam em Portugal cerca de 64.972 Cabo-verdianos, o que representa 14,8% da população migrantes. Atualmente e de acordo com o INE-SEF (2013) são cerca de 42.011 seguindo a tendência de queda após a crise económica internacional de 2008.

Como referido anteriormente, os homens cabo-verdianos trabalham sobretudo no sector da construção civil fruto das grandes obras públicas iniciadas com o apoio dos fundos europeus. As mulheres chegam posteriormente e, sem grande espaço no mercado de trabalho, iniciam a sua actividade na venda da rua. Apenas nos anos 90, as mulheres cabo-verdianas começaram a trabalhar sobretudo nos serviços de limpezas (Santos et al, 2009). A população cabo-verdiana em Portugal é bastante jovem, cerca de 80% em idade activa (15 aos 64 anos). No que se refere à diferença de géneros, 55% são do sexo masculino e 45% do sexo feminino.

Relativamente à distribuição geográfica podemos constatar que a comunidade cabo-verdiana concentra-se, à semelhança do primeiro fluxo de migração, na área metropolitana de Lisboa, com maior incidência nos concelhos da Amadora e de Oeiras (Gomes, 1999 citado por Bäckström, 2009). Como característica comum há uma tendência notória para residirem o

mais próximo do seu grupo de origem, possuidor de uma cultura comum (Filho, 2003 citado por Bäckström, 2009).

A Investigação sobre as Migrações em Portugal

No que se refere aos estudos sobre migração, a partir da década de 1990 assistimos a uma intensificação na produção bibliográfica, que veio permitir um maior conhecimento acerca desta realidade, que ganhou outra configuração a partir desta data, pelo aumento do volume dos fluxos migratórios (Royo, 2005). A investigação sobre as migrações foi um dos campos da área social portuguesa que mais progrediu ao longo das últimas duas décadas (Malheiros et al, 2013).

Góis (2008) refere que a investigação acerca das comunidades migrantes sofreu uma alteração de paradigma ao longo das últimas décadas. O percurso iniciou-se com uma análise linear dos processos de migração (e.g. origem-destino; migração de retorno; migrações temporárias ou definitivas; (re)agrupamentos familiares) passando-se depois para uma análise multidirecional (e.g. migrações circulares; transmigrações; migrações transfronteiriças). Posteriormente, o paradigma passou a centrar-se numa lógica de análise multidimensional, onde a diversidade interna dos grupos de migrantes, as suas características específicas e o modo de relacionamento entre eles e outros grupos de migrantes passou a ser fundamental.

Em Portugal, os primeiros estudos centraram-se sobretudo nas comunidades residentes na Área Metropolitana de Lisboa, maioritariamente migrantes provenientes das antigas colónias portuguesas. No entanto, com a chegada de migrantes do Leste da Europa e do Brasil, as temáticas tornaram-se diversificadas, com especial atenção ao potencial humano trazido pelos migrantes e à complexificação dos seus processos de integração (Baganha, 1998).

A produção científica recente demonstra a preocupação dos investigadores portugueses em acompanhar as evoluções que vão fazendo parte do panorama nacional e internacional na área das migrações. Simultaneamente, não podemos separar a evolução que a investigação alcançou, das políticas de integração conquistadas e que colocaram Portugal, em 2007, no segundo lugar europeu, na classificação de medidas governamentais destinadas à integração dos migrantes.

Para além da produção científica publicada individualmente destacamos a publicação editada sob a responsabilidade do ACIDI (na altura), actualmente ACM – Alto Comissariado

para as Migrações, procurando contribuir para um panorama nacional sobre o fenómeno. Seleccionámos os contributos destas entidades (Alto Comissariado para as Migrações e Fundação Calouste Gulbenkian) por reunirem trabalhos académicos interdisciplinares relevantes sobre as migrações e por terem permitido um maior conhecimento da realidade migratória portuguesa. As edições destas entidades não esgotam os estudos realizados na área, no entanto permitem aceder às principais tendências neste domínio. A compilação “*Diagnóstico da população imigrante em Portugal – Desafios e potencialidades*”, (Malheiros, et al, 2013) sintetizou a caracterização demográfica e social dos migrantes, as relações com o mercado de trabalho, as condições de habitabilidade, as práticas culturais, assim como os processos de integração (dificuldades e recursos).

Ao nível da investigação realizada sobre os migrantes brasileiros e cabo-verdianos em Portugal, referimos particularmente, as duas compilações de estudos sobre cada uma das comunidades, editadas pela mesma entidade. Em 2008 foi publicado o volume “*Comunidade(s) cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da imigração Cabo-verdiana*” (Batalha, 2008) integrando capítulos sobre a caracterização da comunidade, a relação com o mercado de trabalho e com o contexto escolar, a construção da identidade, a descrição das práticas transnacionais e a função da diáspora cabo-verdiana. Uma outra colectânea de contextualização, com edição pelo ACM intitulada “*Imigração brasileira em Portugal – a síntese do que sabemos*” (Malheiros, 2007), sintetizou as principais características sócio-demográficas dos brasileiros e as suas relações com o trabalho, assim como agregou algumas especificidades das relações entre portugueses e brasileiros e a importância destas, na construção das identidades destes migrantes.

Cabe ainda referir as publicações da Fundação Calouste Gulbenkian (através do Forum Gulbenkian Migrações) sobre temas relevantes das comunidades migrantes. A primeira publicação foi dedicada aos temas da habitação e saúde na integração dos migrantes, “*Migrações: Oportunidades ou Ameaça*”, coordenada por Vitorino (2009), como resultado das recomendações do Forum Gulbenkian Migrações (2008) onde participaram vários especialistas sobre os temas em análise. A segunda publicação “*Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*” foi coordenada por Pires (2010) com o objectivo de construir um “atlas das migrações” com indicações cronológica, geográfica e sociológica acerca das migrações portuguesas do último século. Outro número foi dedicado à especificidade dos

migrantes idosos em Portugal, no sentido do reconhecimento de que as exigências e especificidades do processo de integração dos migrantes são bastante complexas, acumulando vulnerabilidades na população idosa (“*Migrantes Idosos em Portugal*”- Marques & Oana Ciobanu, 2012). Por último, “*A emergência das migrações no feminino*” editado por Marques e Gois (2012) permitiu fazer um diagnóstico sobre a situação das mulheres migrantes em Portugal e realizar o levantamento das recomendações na intervenção, através de investigadores e agentes do terreno.

1.5. Fundações Epistemológicas e a Diversidade nos Paradigmas de Investigação

A integração de uma secção sobre paradigmas e epistemologia de investigação nesta tese tornou-se importante, na medida em que cada estudo realizado convida a uma reflexão a este nível, quer pelo conceito de resiliência adoptado, quer pela definição e entendimento de cultura, e pela perspectiva específica sobre as relações com o país de acolhimento, no que respeita ao ajustamento cultural. Assim, começamos pelos fundamentos básicos da relação entre ontologia e epistemologia nos paradigmas de investigação, para clarificar o posicionamento nas opções tomadas, interligadas com o construtivismo.

Como princípio básico de investigar em ciências sociais relembramos a necessidade de conduzir e enquadrar a investigação nos diversos paradigmas filosóficos do conhecimento, respondendo às questões: 1) qual a natureza do mundo social – *a questão ontológica*; 2) o que constitui o conhecimento científico sobre o mundo social – *a questão epistemológica* e 3) qual a forma de alcançar este conhecimento – *a questão metodológica* (Guba & Lincoln, 1994; Rogers, 2003). Como referem os autores (Guba & Lincoln, 2005), as respostas a estas questões (ontológicas, epistemológicas e metodológicas) constituem o quadro básico de crenças e premissas, que guiam a acção do investigador e integram a sua investigação num *paradigma*

Parece ser consensual que a visão integrativa de forças entre paradigmas não é possível, sendo que numa tentativa de melhor compreensão do campo de estudo da Psicologia haverá sempre a necessidade de recorrer a ambas as perspetivas (Lincoln, Lynham & Guba, 2011). Em certa medida, pode-se dizer que esta tese integrou estudos situados em paradigmas diferentes, não no sentido de buscar um consenso entre eles, mas na procura de contributos variados para compreender os processos de resiliência em migrantes.

Integrado no modernismo, o positivismo perspectiva o conhecimento como resultante da relação entre os fenómenos no mundo social e a compreensão que se (ob)tem destes (Rogers, 2003). Deste modo, os métodos estabelecidos tentam alcançar o conhecimento do mundo e do seu funcionamento, particularmente através das relações causais que se podem estabelecer (Nogueira, 2001). Numa visão moderada do positivismo pressupõe-se que o conhecimento (ou o problema) é estudado à luz da análise da teoria subjacente e convertido em teoremas testáveis (hipóteses). Por ser um estudo qualitativo, no estudo 1 não se verificaram estas particularidades da forma de investigar, mas aproxima-se mais desta modalidade “positivista”, na medida em que procurámos identificar adversidades e recursos, através de noções mais estanques e objectivas de cultura. Nesse sentido, pré-definimos aquilo que consideramos como ajustamento positivo para os migrantes, ou seja, fizemos corresponder o ajustamento cultural a integração no país de acolhimento, conforme referido anteriormente.

Consubstanciando críticas ao modernismo, avançámos para a abordagem do pós-modernismo, tendo por base que o conhecimento é construído ao invés de descoberto e é múltiplo em vez de singular (Rogers, 2003). Quer numa perspectiva mais radical ou mais moderada, o pós-modernismo trouxe um novo desafio para o conhecimento, no sentido em que devolveu às ciências sociais e humanas um carácter subjetivo, onde o relativismo e a fragmentação são preferíveis à objectividade e à totalização (Nogueira, 2001a). Assim, o conhecimento é na sua essência uma construção social das pessoas, numa tentativa inata de dar sentido, conduzir e negociar as suas vidas e os seus actos nesse contexto (Rogers, 2003). Destas permissas básicas derivaram algumas correntes teóricas, entre elas, aquela que nos interessou nos estudos da tese; o construtivismo.

Segundo Lincoln e Guba (2013), o paradigma construtivista assume uma ontologia relativista, uma epistemologia transaccional, e a hermenêutica e a dialéctica como método. Assim, a nível epistemológico, a perspectiva transaccional acontece na relação entre o investigador e os objectos a serem estudados. Esta transação é dependente do contexto onde se desenvolve, e subjectiva, por resultar da interacção do investigador com o objecto de estudo, sem se desligar do seu quadro de referências. A nível metodológico, é dada primazia à hermenêutica como ferramenta exploratória e interpretativa das diversas construções sociais, procurando revelar os vários significados atribuídos pelos diversos actores. Ainda

sobre o método, realça-se o processo dialéctico onde, as construções se encontram para um espaço de comparação, diálogo, e reconstrução de significados. Assim, conceitos como género, etnia, resiliência, educação, migração, cultura, derivam do processo de intersubjectividade entre um conjunto de actores que criaram a nomenclatura, desenvolveram investigações, sustentaram o corpo teórico, e alargaram a consensualidade dos termos que criaram.

O constructivismo assume a natureza dos objectos como específica e contextualizada às realidades sociais, onde os significados são co-construídos por quem os gera e vive, acima de tudo, porque os fenómenos estudados nas ciências sociais são inerentemente abstractos, não palpáveis. Este paradigma construtivista tornou-se bastante claro nos estudos 2 e 3, mais alinhado com o conceito de resiliência adoptado por Ungar (2008, 2010, 2015) e com os conceitos de cultura e compreensão dos processos migratórios.

Num outro contexto pós-modernista, com uma designação própria e diferente mas com princípios ontológicos semelhantes, situámo-nos num paradigma psicanalítico específico no estudo 3. Situar neste paradigma representa, antes de mais, a possibilidade de compreensão do indivíduo emergindo de “uma historicidade e um espaço e tempo de expressão e de captação pela intersubjectividade, que obriga a considerar o inefável e o mutável, a transformação e a criação” (Marques, 1999, p. 81).

No contexto deste paradigma, Hollway e Jefferson (2000) referem como ponto de partida básico, a forma como são percebidos os indivíduos na investigação. Partem assim da noção de que o mundo interno dos indivíduos não é o reflexo do mundo externo, rebatendo a ideia quase implícita, noutros paradigmas, de que os sujeitos seriam “transparentes” na possibilidade de serem estudados enquanto tal, referindo-se assim ao significado latente. A ideia da existência de um significado latente pressupõe um modo específico de pensar os indivíduos, “that emphasises the effects of affect, dynamic conflict, unconscious intersubjective processes and embodied practices on the formation of identity” (Hollway, 2009, p.4).

Neste estudo procurámos compreender a interacção dinâmica relacional entre o indivíduo e aquilo que o rodeia, o correspondente na terminologia de Hollway (2009) a uma abordagem psico-social. Isto significa que os factores extra-psíquicos podem tornar-se

intrap síquicos e vice-versa, sendo o uso do símbolo (simbolização) o elemento capaz de integrar a dicotomia entre dentro/fora ou intra/extra psíquico (Moncayo, 1998).

Este projecto de investigação ganha sentido apenas na intersecção, e por vezes, sobreposição de campos teóricos. O tema das migrações é inerentemente interdisciplinar, cujas contribuições de áreas do conhecimento como a demografia, a antropologia, a sociologia e a psicologia têm permitido compreender a complexidade do fenómeno. Neste projecto procurámos articular essas áreas, ao nível teórico mas também metodológico tornando-se, a nosso ver, mais rico e fluido mas correndo simultaneamente o risco de gerar equívocos quando os conceitos são estirados entre as várias disciplinas ou quando são o resultado da fusão entre as várias influências. De qualquer modo, dado o objectivo global deste projecto, a escolha pela interdisciplinaridade pareceu-nos a mais adequada.

1.6. O Projecto de Investigação

Conforme já referido, este projecto de investigação propôs constituir-se como um contributo para a compreensão dos processos de resiliência em migrantes, com foco na cultura, através dos significados atribuídos pelos próprios, aos seus projectos e trajectórias migratórias. Assim, tínhamos como principais objectivos: 1) identificar os elementos constituintes do processo de resiliência, nomeadamente, as adversidades e os recursos usados pelos migrantes nos processos de integração no país de acolhimento; 2) explorar a natureza fluída do conceito -processo de resiliência- pela interacção dinâmica entre adversidades e recursos (antes e depois da migração) no contexto de várias possibilidades de ajustamento cultural; 3) acompanhar o desenvolvimento do processo de resiliência ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento, em migrantes recém-chegados.

O estudo 1, apresentado no capítulo 2, procurou aceder e compreender as dinâmicas entre adversidades e recursos identificadas pelos migrantes provenientes de países de língua oficial portuguesa, nomeadamente: Guiné, Cabo-Verde, Brasil, Angola e Moçambique. Nesse sentido, são apresentados os resultados de uma análise temática da discussão de 35 migrantes, em 7 grupos focais, sobre os processos de resiliência, que ilustraram as adversidades e recursos dos migrantes na especificidade da integração no contexto português.

Os estudos apresentados nos capítulos 3 e 4 aprofundam o foco nos significados dos migrantes, através da “voz individual” das suas narrativas autobiográficas, analisadas segundo o método de reconstrução de casos (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004).

O estudo 3 (capítulo 3) explorou o conceito de cultura numa perspectiva alargada ao transnacionalismo, para compreender os recursos e adversidades em diferentes formas de ajustamento cultural dos migrantes. O estudo empírico desenvolvido foca-se na compreensão das trajectórias de vida de 12 migrantes brasileiros em Portugal, antes e depois de migrarem. As narrativas biográficas foram agrupadas segundo a relação dos participantes com o país de origem e com o país de acolhimento, tendo originado 4 principais grupos de análise.

O estudo 3 correspondente ao capítulo 4 teve objectivos idênticos mas procurando compreender os processos de resiliência dos migrantes cabo-verdianos, explorando assim a dinâmica entre adversidades e recursos ao longo da continuidade e/ou ruptura entre o país de origem e de acolhimento. Neste estudo foram analisadas 9 narrativas biográficas também agrupadas em 4 grupos de análise com especificidades distintas, salientando assim a riqueza e diversidade dos processos migratórios.

O estudo 4, enquadrado numa perspectiva psico-social com orientação psicanalítica (Hollway, 2009), procurou revelar os significados atribuídos pelos indivíduos à dimensão subjectiva da sua experiência migratória, através da intersubjectividade. Recorrendo ao método das narrativas de livre associação (Hollway & Jefferson, 2000, Hollway, 2008), Procurou-se explorar os contributos desta abordagem para o alargamento da reflexão sobre o estudo da resiliência, como sugerido por Luthar e colegas (Luthar & Zigler, Ungar, 2003). Assente nestes pressupostos, a análise compreensiva descreve os resultados de um estudo longitudinal, que compreendeu entrevistas regulares (a cada 4 meses) a 2 migrantes brasileiros e 2 migrantes cabo-verdianos, durante o primeiro ano de permanência em Portugal.

Os estudos empíricos apresentados nesta tese são baseados em artigos submetidos em revistas científicas. O estudo 1 e o estudo 2 (descrito no capítulo 3) foram já publicados, o estudo 2 (capítulo 4) encontra-se aceite e o estudo 3 foi submetido e encontra-se em revisão.

1.7. Referências

- Achotegui, J. (2004). Emigrar en situación extrema: el síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). *Norte de Salud Mental*, 21, 39-52.
- Agaibi, C. E., & Wilson, J. P. (2005). Trauma, PTSD, and resilience a review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 6(3), 195-216.
- Agani, F., Landau, J., & Agani, N. (2010). Community-building before, during, and after times of trauma: the application of the LINC model of community resilience in Kosovo. *American Journal of Orthopsychiatry*, 80(1), 143-149.
- Bäckström, B. (2009). *Saúde e imigrantes: as representações e as práticas sobre a saúde e a doença na comunidade cabo-verdiana em Lisboa*. Lisboa: ACIDI.
- Baganha, M. I. (1998). Immigrant involvement in the informal economy: the Portuguese case. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 24(2), 367-385.
- Baldwin, J. R., Faulkner, S. L., Hecht, M. L., & Lindsley, S. L. (2006). *Redefining culture: Perspectives across the disciplines*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: comunidade e identidade. In P. Góis (Orgs). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. (pp. 25-36). Lisboa: ACIDI.
- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A. M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.
- Berry, J. W. (1990). Psychology of Acculturation. In J. Berman, (Ed.), *Cross-cultural perspectives: Nebraska symposium on Motivation Vol. 37*. (pp. 457-488). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-34.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of social issues*, 57(3), 615-631.
- Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., & Vedder, P. (2006). Immigrant youth: Acculturation, identity, and adaptation. *Applied psychology*, 55(3), 303-332.
- Bhabha, H. K. (1994) *The location of culture*. New York: Routledge.

- Bhugra, D., & Jones, P. (2001). Migration and mental illness. *Advances in Psychiatric Treatment*, 7(3), 216-222.
- Borges, L. M. & Pocreau, J-B. (2009). A identidade como fator de imunidade psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema. *Psicologia: teoria e prática*, 11(3), 224-236.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments in nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. *Readings on the development of children*, 2, 37-43.
- Brooks, R. B., & Goldstein, S. (2005). *Handbook of resilience in children*. Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Campbell-Sills, L., Cohan, S. L., & Stein, M. B. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms in young adults. *Behaviour Research and Therapy*, 44(4), 585–99.
- Chirkov, V. (2009). Critical psychology of acculturation: What do we study and how do we study it, when we investigate acculturation? *International Journal of Intercultural Relations*, 33(2), 94-105.
- Cicchetti, D. (2013). Annual research review: Resilient functioning in maltreated children—past, present, and future perspectives. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(4), 402-422.
- Conger, K. J., Rueter, M. A., & Conger, R. D. (2000). The role of economic pressure in the lives of parents and their adolescents: the family stress model. In L. J. Crockett, & R. K. Silberiesen (Eds.), *Negotiating adolescence in times of social change*. (pp. 201-223). Cambridge: Cambridge University Press.
- Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in Midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 361-373.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. T. (2003). Development of a new resilience scale: the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, 18(2), 76–82.

- Cyrulnik, B. (2001). *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Horizontes pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cyrulnik, B. (2004). *O Amor que Cura*. Lisboa: Ésquilo, Edições Multimédia, Lda.
- Cyrulnik, B. (2006). *Falar de amor à Beira do Abismo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Davids, T., & van Driel, F. (2005) Changing perspectives. In T. Davids and F. van Driel (Eds.), *The gender question* (3–25). Aldershot: Ashgate.
- Davis, C. & Katzman, M.A. (1998). Chinese men and women in the United States and Hong Kong: body and self-esteem rating as a prelude to dieting and exercise. *International Journal of Eating Disorders*, 23, 99-102.
- Desjarlais, R., Eisenberg, L., Good, B., & Kleinman, A. (1995). *World mental health: problems and priorities in low-income countries*. New York: Oxford University Press.
- Duarte, I. F. (2013). *Ultrapassar a adversidade: resiliência em imigrantes de países de língua oficial portuguesa e da Europa do Leste*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada, Lisboa.
- Ferreira, M. (2009). *Geometria Social: Um Estudo sobre Coparentalidade e Resiliência em Famílias Portuguesas e Imigrantes de Baixo Nível Socioeconómico*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: a review and critique of definitions, concepts, and theory. *European Psychologist*, 18(1), 12–23.
- Fonseca, M. L., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Observatório da Imigração, 15, Lisboa: ACIDI.
- Fonseca, M. L., Silva, S., Esteves, A., & McGarrigle, J. (2009). MIGHEALTHNET-Relatório sobre o Estado da Arte em Portugal. *Journal of Epidemiology*, 35(2), 270-276.
- Freud, S. (1917[1915]) Luto e Melancolia. In: Freud, S. (2010) Obras completas. Volume 12. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos. (P.C. de Sousa Trans.) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- Gandhi, L. (1998). *Postcolonial theory: A critical introduction*. New York: Columbia University Press.

- Garbarino, J. (2005). Foreword. In M. Ungar (Ed.), *Handbook for working with children and youth: Pathways to resilience across cultures and contexts* (pp. xi–xiii). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Garmezy, N. (1985). Stress-resistant children: The search for protective factors. *Recent research in developmental psychopathology*, 4, 213-233.
- Garmezy, N. (1993). Children in poverty: Resilience despite risk. *Psychiatry*, 56(1), 127-136.
- Gaspar, T., M.G. Matos, A. Gonçalves & Vítor Ramos (2005), ‘Saúde dos Adolescentes Migrantes’, in M.G. Matos (Ed.), *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola*. (pp. 119- 129) Lisboa: FMH Edições.
- Góis, P. (2008). Entre Janus e Hydra de Lerna: As Múltiplas Faces dos Cabo-Verdianos em Portugal. In: P. Góis (Ed.) *Comunidade (s) cabo-verdiana (s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. (pp. 9-24) ACIDI.
- Gomes, A. M., & Baptista, S. (2003). Imigração, desenvolvimento regional e mercado de trabalho-O caso Português. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, (1), 99–132.
- Gore, S., & Eckenrode, J. (1996). Context and process in research on risk and resilience. *Stress, risk, and resilience in children and adolescents: Processes, mechanisms, and interventions*, 19-63.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1989), *Psychoanalytic Perspectives on Migration and Exile*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Guba, E.G., & Lincoln, Y.S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds), *Handbook of qualitative research*. (pp. 105–117) London: Sage Publications
- Guba, E.G., & Lincoln, Y.S. (2005). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds), *The Sage handbook of qualitative research*, 3, (pp. 105–117) London: Sage Publications
- Guba, E.G., Lynham, S. A. & Lincoln, Y.S. (2011). Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences, revisited. In N.K. Denzin, & Y.S. Lincoln (Eds), *The Sage handbook of qualitative research*, 4, (pp. 97-128). London: Sage Publications
- Gunderson, L. H., & Holling, C. S. (2002). *Panarchy: understanding transformations in systems of humans and nature*. Washington: Island.

- Hollander, N. C. (2006). Negotiating trauma and loss in the Migration Experience Roundtable on Global Woman. *Studies in Gender and Sexuality*, 7(1), 61-70.
- Hollway, W. (2008). The importance of relational thinking in the practice of psycho-social research: ontology, epistemology, methodology and ethics. S. Clarke, P. Hoggett & H. Hahn, (Eds.), *Object relations and social relations: The implications of the relational turn in psychoanalysis* (pp. 137–162). London, UK: Karnac.
- Hollway, W. (2009). Applying the ‘Experience-Near’ Principle To Research: Psychoanalytically Informed Methods. *Journal of Social Work Practice*, 23(4), pp. 461-474.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently - free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2009). Researching defended subjects with the free association narrative interviewing method. In: H.J. Cook, S. Bhattacharya & A. Hardy, Anne (Eds.) *History of the social determinants of health: Global histories, contemporary debates*. (296–315) Hyderabad: Orient Black Swan.
- Johnson, A. C. (1995). Resiliency mechanisms in culturally diverse families. *The Family Journal*, 3(4), 316-324.
- Kaplan, H. B. (2005). Understanding the concept of resilience. In S. Goldstein & R. B. Brooks (Eds.), *Handbook of resilience in children* (pp. 39–47). New York, NY: Springer.
- Karner, C., & Parker, D. (2011). Conviviality and conflict: pluralism, resilience and hope in inner-city Birmingham. *Journal of ethnic and Migration Studies*, 37(3), 355-372.
- Kassis, W., Artz, S., & Moldenhauer, S. (2013). Laying down the family burden: A cross-cultural analysis of resilience in the midst of family violence. *Child & Youth Services*, 34(1), 37-63.
- Khawaja, N., Ramirez, E., & Prasad-Ildes, R. (2013). Building resilience in transcultural adults (BRiTA): Developing a novel preventative intervention. *Advances in mental health*, 11(3), 302-312.
- Kirmayer, L. J. & Young, A. (1998) Culture and somatisation: clinical, epidemiological and ethnographic perspectives. *Psychosomatic Medicine*, 60, 420–430.

- Kleinman, A. (1987) Anthropology and psychiatry. The role of culture in cross-cultural research on illness. *British Journal of Psychiatry*, **151**, 447–454.
- Knobloch, F. (2015). Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174.
- Lau, W. & Thomas T. (2003). Stress and other psychological outcomes among adolescent refugees and asylum seekers in Australia. *Australian Journal Of Psychology*, 55, 191.
- Lechner, E. (2005). Imigração e Saúde Mental – O sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas. *PsiLogos* 2(2), 15-18.
- Lechner, E. (2007). Imigração e saúde mental. *Migrações. Revista do Observatório da Imigração*, (1), 81-101.
- Lechner, E. (2009). Diálogos de vida: as entrevistas biográficas no estudo da imigração. In Lechner, E. (org.). *Histórias de vida: olhares interdisciplinares* (pp. 91-105). Porto: Afrontamento.
- Lopes, L.C. (2007). *Gravidez e Seropositividade em Mulheres Imigrantes na Região de Lisboa..* Lisboa: ACIDI.
- Lusk, M., & Terrazas, S. (2015). Secondary trauma among caregivers who work with Mexican and Central American refugees. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 0739986315578842.
- Luthar, S. S., & Cicchetti, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Development and Psychopathology*, 12, 857–885.
- Luthar, S. S., & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: a review of research on resilience in childhood. *American journal of Orthopsychiatry*, 61(1), 6.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000a). Research on resilience: response to commentaries. *Child Development*, 71(3), 573–575.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000b). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Luthar, S. S., Sawyer, J. A., & Brown, P. J. (2006). Conceptual issues in studies of resilience: past, present, and future research. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094, 105–15.
- Machado, F. L. (2009). Quarenta anos de imigração africana: um balanço. *Ler História*, 56, 135-165.

- Machado, I. J. (2014). O futuro do passado: imigrantes brasileiros em Portugal e diferentes entrelaçamentos. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 22(43).
- Machado, M.C., Santana, P., Carreiro, M.H., Nogueira, H., Barroso, M.R. & Dias, A. (2006). *Iguais ou diferentes? - Cuidados de Saúde materno-infantil a uma população de imigrantes*. Lisboa: Laboratórios Bial.
- Malheiros, J. (2007). Imigração brasileira em Portugal – a síntese do que sabemos. In J. Malheiros (Org.). *Imigração brasileira em Portugal*. (pp. 11-37). Coleção Comunidades, 1, Lisboa: ACIDI
- Malheiros, J. M., Esteves, A., Rodrigues, F., Estevão, M., Mapril, J., & Afonso, C. (2013). *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: características, problemas e potencialidades*. Lisboa: ACIDI.
- Manuel, H.I.B. (2007). *Conhecimentos, Atitudes e Práticas sobre Planeamento Familiar de Mulheres Timorenses Residentes em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Marques, J.C. & Góis, P. (2012). *A emergência das migrações no feminino*. Cascais: Princípia.
- Marques, J.C., & Góis, P. (2008). Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. In: Góis, P. (org) *Comunidade (s) cabo-verdiana (s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. ACIDI.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2 ed.). Lisboa: Climepsi.
- Marques, M.M. e Ciobanu, R.O. (2012). *Migrantes Idosos em Portugal*. Cascais: Princípia.
- Masten, A. S. (2004). Regulatory processes, risk, and resilience in adolescent development. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1021(1), 310–319.
- Masten, A. S. (2013). Risk and resilience in development. In P. D. Zelazo (Ed.), *Oxford handbook of developmental psychology: Vol. 2. Self and other* (pp. 579–607). New York, NY: Oxford University Press.
- Masten, A. S. (2014a). Global perspectives on resilience in children and youth. *Child Development*, 85, 6–20.
- Masten, A. S. (2014b). *Ordinary magic: Resilience in development*. New York, NY: Guilford Press.

- Masten, A. S., & Obradovic, J. (2008). Disaster preparation and recovery: Lessons from research on resilience in human development. *Ecology and Society*, 13(1), 9.
- Masten, A. S., & Wright, M. O. (2010). Resilience over the lifespan: Developmental perspectives on resistance, recovery, and transformation. In J. W. Reich, A. J. Zautra, & J. S. Hall (Eds.), *Handbook of adult resilience* (pp. 213–237). New York, NY: Guilford.
- Mazzetti, M. (2008). Trauma and migration: A transactional analytic approach toward refugees and torture victims. *Transactional Analysis Journal*, 38(4), 285-302.
- McAslan, A. (2010). *The concept of resilience: Understanding its origins, meaning and utility*. Adelaide, SA: Torrens Resilience Institute.
- McCormick, C. M., Kuo, S. L.-C., & Masten, A. S. (2011). Developmental tasks across the lifespan. In K. L. Fingerman, C. Berg, T. C. Antonucci, & J. Smith (Eds.), *The handbook of lifespan development* (pp. 117–140). New York, NY: Springer.
- Miranda, J. (2009). Mulheres imigrantes em Portugal. Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida. *Estudos OI*, 35. Lisboa: ACIDI
- Mirsky, J., & Peretz, Y. (2006). Maturational opportunities in migration: separation–individuation perspective. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 3(1), 51-64.
- Moncayo, R. (1998). Cultural diversity and the cultural and epistemological structure of psychoanalysis: Implications for psychotherapy with Latinos and other minorities. *Psychoanalytic Psychology*, 15(2), pp. 262-286.
- Moro, M. R. (1998). *Psychothérapie transculturelle des enfants et des adolescents*. Paris: Dunod.
- Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192.
- Neto, R. R. G. (2013). Os imigrantes brasileiros na Área Metropolitana de Lisboa numa conjuntura de crise. Regressar ou permanecer (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Nogueira, C. (2001). Construcionismo social, discurso e género. *Psicologia*, Vol. XV (1), 43-65
- Nogueira, C. (2001a). Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do género. *Cadernos de Pesquisa*, 112, 137-153

- Nunan, C., & Peixoto, J. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38).
- Obradovic, J., Shaffer, A., & Masten, A. S. (2012). Risk in developmental psychopathology: Progress and future directions. In L. C. Mayes & M. Lewis (Eds.), *The Cambridge Handbook of Environment in Human Development* (pp. 35-37). New York, NY: Cambridge University Press.
- Panther-Brick, C., & Leckman, J. F. (2013). Editorial commentary: resilience in child development—interconnected pathways to wellbeing. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54(4), 333-336.
- Peixoto, J., & Figueiredo, A. (2007). Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. *Imigração Brasileira em Portugal, Lisboa, ACIME/Observatório da Imigração*, 87-111.
- Pereira, M. (2010). *A depressão no processo migratório. Um estudo transcultural com imigrantes brasileiros e cabo-verdianos*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa.
- Pieterse, J. N. (1994). Globalisation as hybridisation. *International Sociology*, 9(2), 161-184.
- Pires, R. P. (2003). *Migrações e Integração – Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Pires, R. P., Machado, F. L., Peixoto, J., Pinho, F., Azevedo, J., Sabino, C., Chalante, S., & Vaz, M. J. (2010). *Portugal: atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Presidência do Conselho de Ministros & ACIDI, I. P. (2010). *Plano para a Integração dos Imigrantes (2010-2013)*. Lisboa: ACIDI.
- Pussetti, C., Ferreira, J. F., Lechner, E., & Santinho, C. (2009). Migrantes e saúde mental. A construção da competência cultural. Lisboa: ACIDI.
- Ramos-Olazagasti, M. A., Shrout, P. E., Yoshikawa, H., Canino, G. J., & Bird, H. R. (2013). Contextual risk and promotive processes in Puerto Rican youths' internalizing trajectories in Puerto Rico and New York. *Development and psychopathology*, 25(03), 755-771.

- Ramos, N. (2008). Migração Aculturação e Saúde. (2008). In N. Ramos, (Org.). *Saúde Migração e Interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas* (pp. 45-96). João Pessoa: Editora Universitária, UFPB.
- Ramos, N. (2009). Saúde, migração e direitos humanos. *Mudanças–Psicologia da Saúde*, 17(1), 1-11.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American anthropologist*, 38(1), 149-152.
- Reveyrand-Coulon, O. (2011). Et si la langue parlait? Retour en langue et filiation. *Journal des psychologues*, 290, 28-31.
- Rogers, W. S. (2011). *Social psychology*. (2nd ed.) Maidenhead: Open University Press.
- Rosa, C. (2007). *Saúde Mental e Contexto Migratório. Um estudo na região de Lisboa*. Tese de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rosenthal, G., & Fischer-Rosenthal, W. (2004). The analysis of narrative-biographical interviews. In U. Flick, E. von Kardoff, & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 259-265). London: Sage Publications
- Rousseau, C., Said, T. M., Gagné, M. J., & Bibeau, G. (1998). Resilience in unaccompanied minors from the north of Somalia. *Psychoanalytic Review*, 85(4), 615.
- Royo, S. (2005). Portugal's migration experience: redefined boundaries and uneasy transformations. *Mediterranean Quarterly*, 16(4), 7-9.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316-31.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of family therapy*, 21(2), 119-144.
- Said, E. W. (2003). *Orientalism: western conceptions of the Orient*. London: Penguin.
- Santos, V. (2004). *O discurso oficial do Estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e emigração dos anos 90 à actualidade*. Lisboa: ACIDI.
- Sardinha, J. (2009). *Immigrant associations, integration and identity: Angolan, Brazilian and Eastern European communities in Portugal*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Schiller, N. G., Basch, L., & Blanc-Szanton, C. (1992). Towards a definition of transnationalism. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645(1), 1-24.

- Seaton, E. K., Caldwell, C. H., Sellers, R. M., & Jackson, J. S. (2010). An intersectional approach for understanding perceived discrimination and psychological well-being among African American and Caribbean Black youth. *Developmental Psychology*, 46(5), 1372–9.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2012). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2013). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2003.pdf
- Shotter, J. E., & Gergen, K. J. (1989). *Texts of identity*. London: Sage Publications.
- Sousa, C. M. (2011). *Coesão Familiar, competências parentais e fatores de risco em mães imigrantes e portuguesas*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Faro.
- Spanea, E., & Kalantzi-Azizi, A. (2008). Psychosocial factors, acculturation and mental health in Albanian and Bulgarian economic immigrants in Greece. *Psychology: The Journal Of The Hellenic Psychological Society*, 15(1), 32-54.
- Stein, H. (1985). Culture change, symbolic object loss and restititional processes. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 8(3), 301-332.
- Sue, D. W., Arredondo, P., & McDavis, R. J. (1992). Multicultural counseling competencies and standards: a call to the profession. *Journal of Multicultural Counseling & Development*, 20, 64–88.
- Tarter, R. E., & Vanyukov, M. (1999). Re-visiting the validity of the construct of resilience. In M. D. Glantz & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 85–100). New York: Plenum Press.
- Távora-Tavira, L., Teodósio, R., Seixas, J., Prieto, E., Castro, R. Exposto, F. & Atougua, J. (2007). Infecções sexualmente transmissíveis numa população migrante africana em Portugal: estudo de base resultante do projecto EpiMigra, *Migrações – Imigração e Saúde* 1, 129-139.
- Theron, L. and Liebenberg, L. (2015). Understanding cultural contexts and their relationship to resilience processes. In C. Theron, L. Liebenberg & M. Ungar (Eds.), *Youth*

- Resilience and Culture: Commonalities and complexities* (pp. 203-215). New York: Springer.
- Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American psychologist*, 51(4), 407.
- Ungar, M. (2003). Qualitative Contributions to Resilience Research. *Qualitative Social Work*. 2(1).
- Ungar, M. (2004). A constructionist discourse on resilience multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & society*, 35(3), 341–365.
- Ungar, M. (2008). Resilience across cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Ungar, M. (2015). Resilience and culture: The diversity of protective processes and positive adaptation. In Theron, C., Liebenberg, L. & Ungar, M. (Eds.), *Youth Resilience and Culture: Commonalities and complexities* (pp. 37-48). New York: Springer.
- Utsey, S. O., Giesbrecht, N., Hook, J., & Stanard, P. M. (2008). Cultural, sociofamilial, and psychological resources that inhibit psychological distress in African Americans exposed to stressful life events and race-related stress. *Journal of Counseling Psychology*, 55(1), 49-62.
- Vacchiano F. (2014) Beyond borders and limits: Moroccan migrating adolescents between desire, vulnerability and risk, *Saúde e Sociedade*, 23 (1), 17-29.
- Vega, W.A., Kolody, B., Aguilar-Gaxiola, A., Alderete, E., Catalana, R., Caraveo-Anduaga, J. (1998). Lifetime prevalence of DSM-III-R psychiatric disorders among urban and rural Mexican-Americans in California. *Archives of General Psychiatry*, 55, 771-778.
- Vitorino, A. (2009), Migrações: Oportunidades ou Ameaça? A habitação e a Saúde na Integração dos Imigrantes: Recomendações do Fórum Gulbenkian Migrações, Cascais, Príncipeia.
- Weissberg, R. P., Kumpfer, K., & Seligman, M. E. P. (2003). Prevention that works for children and youth: An introduction. *American Psychologist*, 58, 425– 432
- Werner, E. & Smith, S. (1992). *Overcoming the odds: High risk children from birth to adulthood*. Cornell University Press.
- Winnicott (1983). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)

- Wright, M.O.D. & Masten, A. (2015). Pathways to resilience in context. In Theron, C., Liebenberg, L. & Ungar, M. (Eds.), *Youth Resilience and Culture: Commonalities and complexities* (pp. 3-22). New York: Springer.
- Wright, M.O.D., Masten, A.S., & Narayan, A.J. (2013). Resilience processes in development: Four waves of research on positive adaptation in the context of adversity. In Goldstein, S. & Brooks, R. (Eds.), *Handbook of resilience in children* (pp. 15-37). New York: Springer Science & Business Media.
- Yakhnich, L. (2008). Immigration as a multiple-stressor situation: Stress and coping among immigrants from the former Soviet Union in Israel. *International Journal of Stress Management*, 15(3), 252.
- Yates, T. M., & Masten, A. S. (2004). The promise of resilience research for practice and policy. In T. Newman (Ed.), *What works? Building resilience: Effective strategies for child care services* (pp. 6-15). Ilford, UK : Barnardo's
- Yunes, M. A. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8(1), 80-95.

2

Um olhar sobre o outro lado da história: processos de resiliência em migrantes.

Este capítulo é baseado no artigo:

Roberto, S. & Moleiro, C. (2015). Looking (also) at the other side of the story. Resilience processes in migrants.

Journal of International Migration and Integration

DOI 10.1007/s12134-015-0439-8

2.1. Resumo

Os estudos sobre a migração têm-se centrado sobre os obstáculos e barreiras encontradas pelos migrantes quando chegam a um novo país. Reconhecendo que estas dificuldades existem, torna-se também importante conhecer os recursos utilizados pelos migrantes para superar as adversidades. Este estudo parte de uma perspectiva teórica da resiliência, com base num modelo ecológico culturalmente significativo (Ungar, 2008), para analisar os processos de ajustamento cultural ao país de acolhimento. Procura então compreender as várias dinâmicas, entre adversidade e recursos, vividas em Portugal pelos migrantes provenientes de países de língua oficial portuguesa (Guiné, Cabo Verde, Brasil, Angola, Moçambique). Para este efeito, foram realizados 7 grupos focais (N=35) colocando as dimensões dos processos de resiliência em discussão.

A análise temática revelou cinco principais temas na dimensão de adversidade. Parte destes temas desdobraram-se ainda em sub-temas específicos. Na dimensão de Recursos emergiram quatro temas salientes. Os dados foram discutidos numa perspectiva articulada entre temas, procurando ilustrar as dificuldades e recursos dos migrantes na especificidade do contexto português. São ainda referidas algumas implicações da investigação sobre resiliência e lançadas pontes para o contexto da intervenção com migrantes numa perspectiva ecológica.

Palavras-chave: resiliência; modelo ecológico; migrantes; grupos focais;

2.2. Introdução

Os estudos da psicologia sobre as migrações têm dedicado especial atenção às dificuldades, obstáculos e condições de sofrimento associadas aos processos migratórios (Atkin, Bradby, & Harding, 2010; Schwartz, Unger, Zamboanga, & Szapocznik, 2010). A mudança significativa a estas abordagens ocorreu com o desenvolvimento da noção de que a migração não é um problema *per si* (Desjarlais, Eisenberg, Good, & Kleinman, 1995). Além disso, a capacidade de migrar é, antes de mais, um conjunto de novas e diferentes oportunidades para quem migra, apesar das dificuldades colocadas pela saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento (Mirsky & Peretz, 2006). No entanto, o modelo centrado sobre o défice permaneceu em vigor e foi associado à migração, com poucos estudos fora do âmbito desta abordagem (Utsey, Giesbrecht, Hook, & Stanard, 2008).

Originalmente desenvolvida pela Psicologia positiva, a abordagem da resiliência proporcionou preciosos contributos que permitiram sedimentar a mudança do foco do interesse na adversidade (Seligman, Steen, Park, & Peterson 2005). Esta perspectiva, simultaneamente com o reconhecimento da importância da sensibilidade para estudos de diversidade cultural (Lopez, Prosser, Edwards, Magyar-Moe, Neufeld & Rasmussen, 2002), fundou uma outra lógica de abordagem aos processos migratórios. A investigação sobre os processos de resiliência e migração tentou compreender as estratégias e os recursos utilizados pelos imigrantes para alcançar o bem-estar.

À semelhança da literatura geral sobre migração, há uma falta de conhecimento sobre que recursos são accionados por migrantes para superar a adversidade associada ao ajustamento cultural em Portugal. Como um dos campos das ciências sociais portuguesas que mais progrediu ao longo das duas últimas décadas (Malheiros et al, 2013), os estudos sobre a migração intensificaram-se a partir dos anos 90 permitindo um maior conhecimento desta realidade, contudo muito poucos procuram esta abordagem.

Este artigo começa com uma análise crítica do conceito de resiliência, referindo-se às diferentes abordagens teóricas que têm sido utilizados na literatura. Em seguida, sublinha a definição conceptual usada neste estudo baseada no modelo ecológico. Finalmente, o contexto da migração Português é descrito para localizar o objetivo deste estudo. Em termos metodológicos foram realizados grupos focais com os migrantes de países que têm o

Português como língua oficial. Os dados foram analisados usando análise temática, permitindo a discussão dos principais temas gerados.

Fundações Teóricas sobre Resiliência

A designação usada neste estudo - processos de resiliência - assume um carácter de síntese reflexiva sobre a literatura produzida na área mais geral da resiliência, e coloca em evidência a escolha conceptual face às várias possibilidades de abordagem a este tema. Começamos por fazer uma revisão histórica da compreensão teórica de resiliência para chegar ao conceito adotado neste estudo. A nossa compreensão da resiliência é baseada no modelo ecológico proposto por Ungar (2004, 2008, 2013), e não segundo uma abordagem positivista mas antes baseada numa perspectiva construcionista. Aprofundaremos esta ideia posteriormente.

De um modo geral, a resiliência surge num movimento contrário de resposta ao interesse pelo conhecimento das dificuldades do ser humano (ex. stress, psicopatologia) (Richardson, 2002). O conceito de resiliência (integrado na psicologia positiva) foi sendo construído com base na constatação de que as pessoas, apesar de sujeitas a processos de grande pressão, conseguem resistir “sem quebrar”, mantendo a possibilidade de regressar ao estado prévio desse impacto (concepção original da Física, sobre as propriedades dos materiais) (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000a).

Partindo desta conceptualização inicial surgiu a necessidade de questionar e clarificar este conceito nos seus vários entendimentos e aplicações práticas (Kaplan, 1999, 2013). A resiliência tem sido, essencialmente abordada sobre 3 perspectivas, ou enfoques: 1) como característica da personalidade (“as pessoas resilientes”), advindo daqui instrumentos de avaliação e mensuração deste traço - incluído no conceito de “resiliência do ego” (Block & Block, 1980; Connor & Davidson, 2003); 2) como resultado, sendo entendida enquanto manifestação positiva da acção de factores protectores, no contexto de adversidade (Campbell-Sills, Cohan, & Stein, 2006; Rutter, 1987); 3) como processo, dinâmico e circunstancial, observando-se um ajustamento ou adaptação positiva face à acção de factores protectores em condições adversas (Davydov, Stewart, Ritchie, & Chaudieu, 2010; Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000b; Luthar, Sawyer, & Brown, 2006).

Alguns autores (e.g. Luthar, et al., 2000b) têm referido a necessidade de encontrar uma unificação ou consenso geral relativo à definição conceptual de resiliência. A

mobilização neste sentido surge, por um lado, associada ao carácter dispersivo da produção teórica, tendo sido desenvolvidas mais de doze teorias nas últimas décadas (Fletcher & Sarkar, 2013). Por outro lado, algumas inconsistências e diferenças ao nível das fundações teóricas e conceptuais conduziram ao questionamento, por alguns autores (e.g., Tarter & Vanyukov, 1999), do valor científico do estudo e conceito de resiliência.

Perante o argumento desta necessidade parece-nos importante (como salientado por outros autores, e.g., Luthar, et al., 2000a) que a investigação produzida sobre a resiliência clarifique o ponto de partida dos pressupostos teóricos e epistemológicos, bem como a perspectiva conceptual. É possível que a existência de várias teorias não seja prejudicial, desde que este enquadramento geral seja clarificado e contextualizado pelos autores. Neste sentido, o presente estudo aborda os processos de resiliência, assumindo um paradigma compreensivo, prescindindo assim do interesse no potencial explicativo do conceito, bem como do poder predictivo dos factores. Como afirma Ungar (2004),

(...) research that supports resilience as a social construction has found a nonsystemic, nonhierarchical relationship between risk and protective factors, describing the relationships between factors across global cultures and diverse social and political settings as chaotic, complex, relative, and contextual (Ungar, 2004, p. 342).

O autor salienta na sua definição a importância do contexto cultural. Alerta, por isso, para as fundações dos pressupostos da cultura ocidental sobre o funcionamento individual e social nas definições habituais do conceito, algo que não é partilhado de forma universal pelas diversas culturas. Esta é uma preocupação partilhada e transversal na literatura corrente sobre minorias étnicas e diversidade cultural (e.g. Sue, Arredondo & McDavis, 1992).

A definição elaborada por Ungar (2008) agrega as reflexões conceptuais sobre resiliência, acima descritas, integradas de um modo culturalmente significativo e abordadas segundo uma lógica da ecologia social. Este estudo baseia-se na sua definição de resiliência:

In the context of exposure to significant adversity, resilience is both the capacity of individuals to navigate their way to the psychological, social, cultural, and physical resources that sustain their well-being, and their capacity individually and collectively to negotiate for these resources to be provided and experienced in culturally meaningful ways (Ungar, 2008, p. 225).

O uso dos conceitos de navegação e negociação realça um entendimento sobre a resiliência enquanto processo dinâmico, sublinhando a interação entre adversidade e recursos. Por outro lado, reforça a dependência do contexto, destas duas dimensões, o que confere um sentido específico, introduzindo a componente de variabilidade cultural, contrariando uma certa tendência em homogeneizar e padronizar os elementos deste processo. A navegação refere-se à capacidade das pessoas procurarem os recursos de que necessitam mas também à disponibilidade que estes apresentam. Uma vez que os recursos são limitados a vários níveis, estes apenas poderão ser usados na medida em que estão disponíveis e facilmente acessíveis. A lógica da negociação aponta para o modo como as pessoas podem apropriar-se dos recursos, individualmente significativos e culturalmente relevantes, que sejam adequados ao contexto adverso a que se encontram expostas (Ungar, 2008). Por último, esta definição salienta a importância de contextualizar os resultados do processo de resiliência, enquanto parte da interação entre o contexto ecológico em que se move e interage a pessoa. No fundo, este autor destaca, à semelhança do que refere sobre os recursos, a necessidade de evitar uma certa hegemonia naquilo que consideramos como resultados “bem sucedidos” do processo de resiliência. Esta proposta de elaboração conceptual é particularmente significativa dado o objecto deste estudo. A compreensão dos processos de resiliência em migrantes beneficia com esta abordagem de um modelo ecológico, recolocando as dimensões constituintes numa perspectiva do contexto cultural. Por outro lado, dada a especificidade da população em estudo, consideramos o ajustamento cultural como sinónimo de ajustamento positivo da resiliência. Entende-se, neste estudo, por ajustamento cultural, a noção de integração, onde os indivíduos retêm aspectos da cultura de origem, ao mesmo tempo que procuram a interacção com outros aspectos da sociedade de acolhimento, existindo uma interacção recíproca entre culturas de origem e acolhimento (Berry, 1990, 1997).

O Contexto Português e as Características da Migração

Na União Europeia, Portugal é simultaneamente um país de destino e um país de origem da migração internacional. No que diz respeito à chegada de migrantes, o processo de descolonização e a posterior independência das colónias portuguesas na década de 1970 levou ao regresso de cidadãos portugueses. A chegada de migrantes das colónias africanas, que continua até hoje, teve um impacto importante sobre a composição da população

portuguesa. Como refere Royo (2005), este período ditou o fim da sociedade portuguesa tradicional e homogénea. O processo de democratização e a integração europeia nos anos 70 e 80 transformou as condições políticas, sociais e económicas do país, ao promover um investimento em infra-estruturas e o aumento do turismo (Pires et al. 2010). No final da década de 80, Portugal começou a receber financiamento da UE, o que levou ao desenvolvimento de diversas obras públicas, resultando numa necessidade crescente de trabalho, e num aumento significativo no número de migrantes provenientes dos países africanos de língua portuguesa e Brasil (Gomes & Baptista, 2003).

Mais tarde, na década de 90, uma nova vaga de receção de migrantes tornou mais expressivo o fenómeno migratório em Portugal (Sardinha, 2009). Começou com a chegada de um grande número de migrantes provenientes dos países do Leste Europeu, com os quais Portugal não tinha relações históricas e linguísticas. Neste período, Portugal assistiu a um aumento da população migrante vinda do Oriente (Chinesa, Indiana, Paquistanesa, Bangladeshe). Finalmente, desde a década anterior até hoje, houve um abrandamento notório da migração da Europa de Leste e uma estabilização da migração dos países africanos de língua Português. A única excepção é a entrada renovada de migrantes brasileiros (Pires, 2003). De acordo com Machado (2009), a migração dos países africanos compreendem algumas gerações, com mais de 40 anos em Portugal. O autor afirma que a angolana e moçambicana são os grupos mais antigos, sem nenhuma grande renovação da quantidade de migrantes ao longo do tempo, e de improvável retorno aos seus países de origem. Ao contrário desses países, Cabo Verde e Guiné têm aumentado o número de migrantes em Portugal ao longo do tempo, superado apenas pelos Brasileiros.

No mercado de trabalho, os migrantes continuam a ter uma presença significativa, especialmente em segmentos não qualificados e de baixa qualificação: construção civil, serviços domésticos, transporte e indústria de produtos manufacturados. A origem dos migrantes influencia a sua posição na estrutura sócio-económica: no topo da pirâmide socioeconómica encontramos os europeus do norte, e os migrantes de Angola e Cabo Verde, com trabalhos pouco valorizados, ocupam o nível mais baixo. E entre eles estão os lusófonos do Brasil e da Guiné-Bissau, que começaram a aderir às hierarquias profissionais do país (Royo 2005).

A maioria dos migrantes instalaram-se em zonas mais industrializadas do país, em cidades como Porto, Coimbra, Lisboa, Setúbal e Faro, sendo que a maioria dos postos de trabalho são em Lisboa (mais de 55% do total dos migrantes). Actualmente, o número mais significativo de migrantes corresponde, na sua maioria (excepto a Ucrânia), aos países de língua oficial portuguesa: Brasil (25.3%), Cabo Verde (10.3%), Angola (4.9%), e Guiné-Bissau (4.3%) (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, 2012).

Atualmente, o número de imigrantes em Portugal diminuiu, refletindo um país deprimido em termos económicos, sociais e mesmo políticos; no entanto, os estrangeiros ainda representam 5,7% de residentes. Os migrantes têm contribuído de maneira fundamental para o crescimento da população na última década, gerando um saldo migratório positivo, e através da taxa de natalidade - cerca de 11% dos nascimentos ocorridos em Portugal em 2011 foram de mães estrangeiras (Presidencia do Conselho de Ministros e ACIDI, 2010).

Objectivo do Estudo

Este estudo empírico procura compreender os processos de resiliência em migrantes provenientes de países de língua oficial portuguesa, nomeadamente: Guiné, Cabo-Verde, Brasil, Angola e Moçambique. A escolha de migrantes de países de língua portuguesa relaciona-se com o seu número mais significativo estatisticamente e longa tradição de relacionamento migratório com Portugal; contudo, pouco se sabe sobre os seus recursos, prevalecendo o foco sobre o défice. À semelhança da literatura geral sobre migração, há uma falta de conhecimento sobre os recursos que são movidos por esses migrantes para superar a adversidade associado com ajuste cultural em Portugal. Assim, segundo uma perspectiva de modelo ecológico, o que é considerado pelos migrantes, como adversidades e recursos nos seus processos migratórios?

2.3. Método

Com o objectivo acima descrito, desenvolvemos um estudo qualitativo alicerçado, simultaneamente, nas necessidades de desenvolvimento e reflexão conceptual na investigação sobre a resiliência, bem como na necessidade específica de compreender as dimensões deste conceito nos processos migratórios. Sobre este assunto, Ungar (2003) refere a importância das metodologias qualitativas, salientando que estas constituem a possibilidade de: a) incluir os contextos sociais e culturais dos processos em análise; b) descobrir processos que ainda

não foram identificados e que são relevantes para as pessoas ou grupos em estudo; c) dar voz às minorias responsáveis pela definição daquilo que consideram ser resultados positivos e os contornos do seu enquadramento, d) contextualizar os dados na sua proveniência e evitar generalizações (Ungar, 2003).

Participantes

Este estudo envolveu um total de 35 participantes, distribuídos por 7 grupos focais, com dimensões distintas (conforme especificado no procedimento). A grande maioria dos participantes eram do sexo feminino (N=26) e, no total, os países de origem mais representados foram: Guiné-Bissau (24.3%), Brasil (21.6%), Cabo Verde (18.9%) e Angola (9.3%). Os participantes tinham idades compreendidas entre os 18 e os 54 anos, com uma idade média de 32.43 anos (DP =7.35), e um tempo de residência em Portugal, entre 0 e 4 anos (27%) e entre 8 e 16 anos (27%), sendo a totalidade dos participantes residente no Concelho de Lisboa.

Os participantes apontaram como principal razão para migrar o prosseguimento dos estudos (29.7%), seguido da necessidade de assistência médica devido a problemas de saúde (16.2%) e processos de reunificação familiar (12%).

O consentimento informado foi obtido através de um documento informativo sobre o projecto de investigação, entregue aos participantes, que após o conhecimento e aprovação da informação procederam à respectiva assinatura. Neste documento foram descritos os objectivos do estudo, as pessoas responsáveis, o carácter voluntário da participação e o compromisso com os princípios éticos de confidencialidade na recolha e análise dos dados.

Procedimento

Recolha e Análise dos Dados

Os participantes deste estudo foram recrutados, essencialmente, através de duas vias distintas. A primeira, através do laboratório de Psicologia de uma Universidade, permitindo aceder a estudantes universitários migrantes que voluntariamente participaram no estudo, decorrendo estes grupos focais (um total de 3) nas instalações do laboratório da Universidade. A segunda via de recrutamento foi através de contactos formais com as várias Associações de migrantes em Portugal, onde foram explicitados os objectivos do estudo e o

pedido de colaboração. Decorrente deste processo foi possível realizar quatro grupos focais, tendo estes decorrido nas instalações providenciadas pelas próprias Associações.

No total dos 7 grupos focais - 3 em contexto universitário e 4 em contexto associativo - o critério da dimensão foi fixado, entre um mínimo de 4 e um máximo de 12 participantes (Bloor, Frankand, Thomas, & Robson, 2001; Hennink, 2007; Sim, 1998). Este limite mínimo foi estabelecido de forma a existir estímulo suficiente para fomentar e sustentar a discussão. Por outro lado, o número máximo de participantes permitiu evitar a dispersão de informação ou a formação de líderes no grupo que pudessem inibir a participação dos vários elementos do grupo (Halcomb, Gholizadeh, DiGiacomo, Phillips, & Davidson, 2007). O número total de grupos focais foi alcançado através da saturação dos dados, isto é, a partir do momento em que deixou de emergir informação nova na discussão dos grupos subsequentes (Bloor et al., 2001; Hennink, 2007; Sim, 1998).

Cada grupo de discussão foi conduzido pelo primeiro autor, em colaboração com outro investigador, numa duração entre 50 minutos e 2h30m, onde foram abordados dois temas fundamentais: 1) os desafios e as dificuldades encontrados pelos próprios quando chegaram e durante o tempo de permanência no país de acolhimento; 2) os recursos e as estratégias utilizados para lidar com essas dificuldades. Os participantes receberam um sinal de gratificação pela participação, pela atribuição de um voucher individual, com o valor de € 10 em compras.

A discussão promovida em cada grupo foi gravada em formato áudio e, posteriormente transcrita por uma assistente de investigação, tendo sido revista pelo primeiro autor, com subsequentes audições do material transcrito.

Os dados foram analisados através de análise temática, seguindo os pressupostos epistemológicos do estudo, bem como as orientações teóricas e práticas sobre o uso deste método.

A análise temática permite identificar, analisar e descrever padrões relativos aos dados, com algum detalhe, e relacioná-los com o tema de investigação. Este método constitui-se como um método diferenciado e delimitado de outros métodos, como a análise de conteúdo ou a *grounded theory* (Braun & Clarke, 2006). A escolha da análise temática pareceu-nos bastante adequada e coerente com as fundações epistemológicas deste estudo,

tendo em conta que se pretende explorar e compreender as experiências e realidade dos participantes migrantes, através de uma abordagem indutiva.

Uma das propriedades e vantagens do uso da análise temática é a flexibilidade (não sendo significado de falta de clareza) na definição dos temas (Braun & Clarke, 2006). Para que seja claro este processo, torna-se necessariamente importante referir as considerações prévias e os critérios usados. Foram considerados potenciais temas, toda a informação iniciada por um dos participantes cuja continuidade foi garantida através de outro ou outros participantes, no seio de cada grupo. Ou seja, toda a informação que foi sendo partilhada e abordada por mais do que um elemento dos grupos dinamizados. Este procedimento foi adoptado nas dimensões em análise: Adversidade e Recursos. Neste contacto com os dados foi utilizada uma análise semântica, no sentido em que foram referidos os significados explícitos da linguagem usada pelos participantes, e não uma procura do significado latente (Braun & Clarke, 2006).

A análise seguiu as etapas sugeridas por Braun e Clarke (2006). O *corpus* dos dados foi constituído pela totalidade da informação transcrita dos grupos focais, tendo sido realizada a análise em seis etapas: 1) familiarização com os dados; 2) criação inicial de códigos 3) procura de temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos mesmos; 6) produção do relatório (ver Braun & Clarke, 2006, para uma análise mais detalhada de cada uma das etapas).

A familiarização com os dados ocorreu por via da dinamização dos grupos focais, realizados pela primeira autora, que também sistematizou a análise temática. Apesar de não ter transcrito a informação áudio, existiu a preocupação de uma leitura atenta da transcrição, acompanhada pela audição da gravação do registo. A criação inicial dos códigos teve início com a atribuição de um código geral inicial, constituído por uma ou duas palavras, com o objectivo de agregar a informação significativa correspondente. Em seguida, recorrendo a esquemas gráficos, foram agrupados os códigos com a mesma relação temática. Decorrente da literatura sobre a resiliência e da constituição do guião dos grupos focais, os dados dividiram-se em duas dimensões: Adversidade e Recursos. Através de novas e sistemáticas leituras do material foram sendo delineados os temas. Grande parte deste processo incluiu a fusão de códigos inicialmente criados gerando temas mais gerais mas indicativos do sentido atribuído.

Nas fases de nomeação e renomeação dos temas, contámos com a participação de dois investigadores, sem relação directa a este projecto, mas integrados em projectos de investigação na área da diversidade cultural e saúde mental. Estes elementos constituíram o grupo de júri interpares, procedendo à análise do material transcrito e respectivos temas criados. As considerações destes investigadores permitiram, posteriormente, a reformulação dos temas e a integração das observações e comentários pertinentes sobre a análise realizada.

2.4. Resultados

Conforme referido, a constituição do *corpus* de análise ficou concluída através do processo de saturação dos dados provenientes da realização dos grupos focais. Conforme pode ser visto na tabela 1, os temas e sub-temas surgidos foram distribuídos nas dimensões: Adversidade e Recursos. A primeira dimensão ficou constituída por cinco principais temas. Na segunda dimensão, os dados repartiram-se em quatro temas.

Tabela 1 – Temas e subtemas para as duas dimensões

Adversidade	Recursos
Alterações sócio-económicas	Associações Comunitárias
Desemprego	Família/Amigos
Alteração do estatuto profissional	Valorização de práticas culturais
Dificuldades na relação com as estruturas de organização social	Possibilidade de regresso
Alteração do estatuto profissional	
Domínio insuficiente da língua	
Choque cultural	
Rejeição e desvalorização	
Discriminação	
Racismo	

Adversidade

A dimensão relativa às adversidades agrega o conjunto de temas e sub-temas provenientes da análise dos grupos focais, explorados individualmente, em seguida. Para

além dos vários temas desta dimensão fomos ainda procurando encontrar as interações e tendências da relação entre os conteúdos.

Alterações sócio-económicas. O processo migratório contendo a expectativa de melhores condições de vida e novas oportunidades, trouxe o confronto com uma realidade marcada pela dificuldade de manter a profissão do país de origem e, com isso, a alteração no estatuto profissional. A caracterização do contexto laboral é marcada por trabalhos pouco qualificados, longas horas de trabalho e ganhos reduzidos. Em muitos casos, não foi possível este, ou outro, acesso ao mercado de trabalho.

Desemprego. A falta de oportunidades na integração do mercado de trabalho é um sub-tema significativo. Associado à fragilidade dos vínculos laborais e à precariedade da condição profissional, as situações de despedimento acabam por ser facilitadas aos empregadores. Como referem os participantes:

Saio cedo de casa para encontrar trabalho, mas é muito difícil. Também não encontrei trabalho e acho que essa é a grande dificuldade. Consigo perceber isso em quase todas as casas, da minha família e amigos. Trabalham uns tempos e depois ficam sem nada outra vez (Manuel, Cabo Verde).

Portanto, não conseguia arrendar casa, não conseguia arranjar trabalho, as pessoas simplesmente...eu tinha perfeita noção, e não era só imaginação minha que as pessoas ignoravam e tentavam ao máximo se afastar de qualquer situação que eu pudesse participar, digamos assim, no que diz respeito a contrato e coisas do género. (Jussara, Brasil).

Alteração do estatuto profissional. Este tema aparece na continuidade da redução de oportunidades na sociedade de acolhimento, pela dificuldade em manter a profissão, obrigando a uma relação com o trabalho por via de um baixo estatuto profissional. Conforme salientado por uma participante: “Eu sou professora de escola primária, na Guiné, mas aqui não estou a trabalhar na minha área, trabalho nas limpezas. Entro às 6h da manhã e saio às 9 da noite. É complicado...” (Sónia, Guiné).

Dificuldades na relação com as estruturas de organização social. Os migrantes neste estudo referiram ainda a dificuldade em compreenderem o funcionamento e exigências das estruturas formais. A mais significativa neste domínio é o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) entidade reguladora da entrada e permanência dos migrantes em Portugal. A este

nível é abordada a dificuldade na compreensão do funcionamento geral deste organismo e as implicações da figura jurídica atribuída a cada migrante individualmente.

Reconhecimento jurídico. A situação de regularidade jurídica na condição de migrante torna-se um factor transversal de outras dificuldades sentidas, como o acesso ao mercado de trabalho e aos contextos educativos. A falta de informação sobre os procedimentos e a documentação necessária no processo de regularização é sinalizada como responsável e impeditiva nestes acessos. Uma participante refere, “Uma dificuldade foi os documentos. Eu ia sempre falar ao SEF, para conseguir os documentos. Pediam-me um documento, que eu depois conseguia e quando chegava lá, não era esse documento. E eu voltava com tudo outra vez” (Mina, Guiné). Os custos, financeiros e emocionais são ilustrados pelo relato de uma participante:

foram eles que depois arranjar-me um advogado um tal, para tratar dos meus documentos. Aquele senhor comia dinheiro, enganava-nos sempre, dizia olha o documento talvez à tarde, talvez mais tarde. Eu sempre a acreditar, na última fase já não conseguia dormir, a pensar muito no assunto. Quase que apanhei um esgotamento na cabeça. (Záida, Guiné-Bissau)

Domínio insuficiente da língua. A dificuldade em compreender e falar a língua (apesar de serem migrantes provenientes de países de língua oficial portuguesa) traduz-se numa limitação das interações pessoais, bem como uma limitação à mobilidade ou navegação em estruturas mais alargadas, como a possibilidade de sucesso escolar ou de melhores oportunidades no mercado laboral.

A língua foi uma das dificuldades. Em Angola fala-se Português, mas também falam-se outras línguas, por causa das etnias, muitos grupos sociais diferentes etc. Eu sempre falei Português, mas também sempre falei Inglês. Portanto quando cheguei cá, falava Português, mas tinha algumas dificuldades as vezes, (...) como eu não falava muito bem Português, se calhar era um pouco estúpido, não sei...em alguns casos foi isso que deu para perceber (Mauro, Angola).

Choque cultural. A percepção das diferenças nos hábitos, costumes e nos códigos culturais, mais ou menos implícitos entre a cultura de origem e de acolhimento está na origem de sentimentos de receio e de insegurança relativamente ao modo de interagir com os outros. Conforme referem,

A minha turma era toda de alunos portugueses, e pronto tive que integrar-me no grupo, tive que fechar os olhos porque há certas coisas que não havia compatibilidade e pronto (...) Em termos da forma de falar, como agir, o que dizer, pessoas com uma mentalidade muito, mas muito mais fechada...acho que é sempre assim, porque os outros vêm-nos como uma estranha que chegou e quer invadir o espaço (Vanda, Brasil).

mas passa pelo facto de as pessoas não entenderem o que nós queremos dizer, as pessoas interpretarem mal o que nós dizemos, e ver reacções um pouco estranhas... E para a próxima estou calada, não digo, para a próxima não vou e pronto está resolvido... (...) Há uma coisa em relação a isso que é importante de referir. Nós vínhamos dum país que apesar gigantesco, tinha poucas pessoas. As pessoas conheciam-se... Era pouco provável sair com alguém que não fosse, primo de, ou conhecido de... e isso dava conforto e é fácil confiar. (Tina, Angola)

...porque nós que viemos lá de fora, temos uma outra forma de estar na vida, e tentamos adaptarmo-nos, olhando para quem está à nossa volta, aceitar, dar o benefício da dúvida mas sempre de pé atrás, na defesa... (Paula, Cabo-Verde)

Rejeição e desvalorização

Estes sentimentos surgem como um obstáculo quase primário ao estabelecimento de relações com indivíduos no país de acolhimento, bem como no acesso a estruturas essenciais, nomeadamente, o mercado de trabalho.

Discriminação. Esta experiência foi realçada pelos participantes, quer no sentido de uma certa desigualdade de oportunidades no que diz respeito, por exemplo, ao acesso ao trabalho ou arrendamento de casa, quer numa perspectiva mais alargada das relações interpessoais. Como referido:

Todos os emigrantes têm a mesma dificuldade (...) quando vamos a uma entrevista de trabalho, tem que ser para trabalho, mas as pessoas olham para a pessoa, se é Angolano, Cabo Verdiano, da Guiné, e depois não arranja trabalho. As vezes nós telefonamos e depois apercebem-se que se não é uma pessoa de cá, desligam o telefone (Valter, Cabo Verde).

Ou, como refere uma participante, “com o sotaque brasileiro, muito honestamente muitas vezes era tratada como uma prostituta, é mesmo assim. Portanto, não conseguia

arrendar casa (...)” (Roberta, Brasil). No exercício das suas actividades profissionais, a experiência de rejeição foi também referida por uma participante:

(...) também senti alguma rejeição. (...) As pessoas que viajaram é mais simples, introduzir uma ideia da minha cultura. Eu trabalhei num café, e todo o dia estava com uma série de preconceitos, as pessoas idosas era mais agressivo e ouvia aquelas bocas de que estava a tirar o emprego, e ouvia esse tipo de coisas todos os dias. E era difícil lidar com isso. (Xanda, Brasil)

Racismo. Os encontros com a sociedade de acolhimento surgem pautados por experiências de racismo, que confirmam a percepção de forma, por vezes sistemática, de um ambiente hostil. O relato dos contactos destes migrantes com pessoas da sociedade de acolhimento é marcado, acima de tudo, por uma certa agressividade, traduzida nestas micro-agressões. Como uma participante partilhou, “Eu recordo-me de um episódio muito marcante na altura que cheguei a Portugal. A minha professora da primária dizia que eu não me podia chamar Carla, porque esse era um nome de branco e eu era preta” (Carla, Angola). Outra situação que ilustra a agressão subtil escondida em comentários no quotidiano foi assim descrita:

(...) não vi que ele estava a lavar, senão também não tinha passado...e eu passei e a água molhou-me e olhei para cima e vi que estava a cair água, afastei-me e chamei o senhor “olha, tem mais cuidado...está a lavar a janela, sabe que as pessoas passam aqui” e o senhor disse-me “É para ver se ficas mais branco, porque estás muito escuro”. Eu pensei em muita coisa naquele momento, olhei para o sujeito, um homem já de idade para aí com os seus 60 ou 70 anos...pensei em muita coisa, mas foi um dia em que me senti mesmo mal. (Cícero, São Tomé)

Recursos

Analisado numa lógica semelhante à dimensão anterior, sobre os Recursos foram referidos quatro principais temas, sem desdobramento em sub-temas mas procurando compreender as interacções e tendências mais significativas.

Associações comunitárias. As associações comunitárias incluem associações de migrantes e espaços religiosos.. Sendo estas associações constituídas, maioritariamente, por migrantes do mesmo país cumprem uma função facilitadora e um contexto favorável para as práticas culturais de origem. Estas associações contribuem com apoios efectivos, por

exemplo, apoio financeiro ou apoio jurídico, em situações de irregularidade. Sobre este ponto, uma participante salienta: “Foi através da Associação X e da Dona X que ajudou a que eu conseguisse os documentos.” (Zaída, Senegal). Ou como referem outras participantes:

Eu acredito que devo muito à minha Igreja, uma grande base tem sido o suporte social que encontrei no meio da igreja que frequento. Eu sou protestante, e encontrei esse apoio... Encontro as pessoas da minha igreja todos os fins de semana e a gente fala sobre as nossas dificuldades, na mesma língua. Somos todos brasileiros e aí a gente se entende... (Kacia, Brasil).

(...) na altura tínhamos um centro onde fazíamos os trabalhos de casa e eu passava muito tempo lá. Tinha aulas de manhã e passava muito tempo lá à tarde, e era lá que fazia os trabalhos de casa e consoante as pessoas também ajudavam a falar português, olha é assim é assado, faz assim, faz assado...e pronto tive essas ajudas (Zunaide, Cabo-verde).

Família / Amigos. Os elementos familiares do mesmo país, residentes também em Portugal são pessoas significativas, porque permitem partilhar as dificuldades sentidas no processo migratório. Sobre as amizades salientam-se os amigos do país de origem, com a função de auxílio a decifrar códigos simbólicos culturais e linguísticos. Como referem dois participantes:

Tinha um amigo guineense que já vivia aqui há muito tempo e perguntava-lhe as palavras todas que eu não percebia do calão daqui. Ele explicava-me tudo e quando eu voltava para a escola já ia a falar esse calão. O resto do pessoal não percebia nada como é que eu já estava a falar assim” (Kelton, Guiné)

Eu tenho cá primos e...inicialmente tinha muitas coisas em calão que eu não percebia, e o meu primo ajudava “O que é que significa isso...” eu não sabia, eu aprendi com os meus primos e depois era para falar com o pessoal da escola. E por isso é que ter cá familiares ajuda. (Adil, São Tomé)

Valorização de práticas culturais. A constituição de um espaço, habitualmente entre familiares, mais ou menos próximos, permite a manutenção e valorização dos hábitos e costumes e, em alguns casos, da língua:

Eu acho que tem mesmo a ver com a família que estamos todos juntos. Juntamos e fazemos aquele painelão de comida e chega um e outro, e rimos e dançamos. Lá para o

fim do dia todos estão a dançar e é uma alegria. (Mara, Cabo Verde). Eu e minha filha esperamos sempre o Domingo para comer a cachupa juntas ao pequeno almoço. É sempre em minha casa e ela vem pelo menos uma vez por mês. Podia ser lá mas não, é aqui! Nós escolhemos aqui para viver mas não deixo a minha cachupa (Teresa, Cabo Verde).

Possibilidade de regresso. A possibilidade de regressar ao país de origem é mantida em aberto, em alguns casos, enquanto projecto de futuro e justificação para conseguir suportar as exigências diárias. “E o que me faz lutar mais é o facto de querer voltar um dia a minha terra, e só de pensar nisso é que me ajuda, e dá-me vontade de continuar.” (Nené, Brasil). Noutros casos, esta possibilidade é colocada enquanto plano alternativo, no caso de não ser possível a continuidade no país de acolhimento.

(...) voltar é sempre um plano em aberto. É assim como uma caixa de emergência se correr alguma coisa mal. Mas vejo-me daqui a uns anos a voltar para a minha terra. Queria juntar um dinheirinho para fazer lá um negócio, fazer lá a vida... (Mariza, Guiné).

2.5. Discussão

A informação relativa à dinâmica dos grupos focais contribuiu para a compreensão das dimensões de adversidade e recursos, no que concerne ao processo de ajustamento cultural dos migrantes. A proposta de resiliência, sustentada num modelo ecológico, sugere a identificação e a interacção de níveis de análise dessas dimensões.

A análise dos temas sobre a adversidade possibilitou estruturar e sistematizar aquilo que surgiu como mais saliente, sintetizado nestas duas grandes áreas: uma dimensão de perdas e uma dimensão de impossibilidades. As perdas aparecem ligadas ao estatuto social, por via da (des)ocupação laboral e do estatuto económico, e simultaneamente, através da ausência das referências culturais do país de origem. A dimensão das impossibilidades ressalta pela agregação de domínios que se interligam. A impossibilidade de comunicar através da língua, a impossibilidade de compreender o funcionamento das estruturas sociais ou a impossibilidade que se constitui nas relações e contactos interpessoais com os indivíduos do país de acolhimento.

Numa perspectiva ecológica, o contexto mais alargado das estruturas sociais parece afectar o ajustamento cultural e bem-estar dos migrantes (Ungar, 2008). A dificuldade na regularização do estatuto jurídico conduz a eventuais processos de exclusão social, associados a situações de pobreza (Bruto da Costa, 2003). A ausência de um vínculo jurídico tem consequências na relação com o mercado laboral, promovendo situações de exploração e desprotecção social (Carballo & Nerukar, 2001). Esta situação, associada ao desconhecimento dos procedimentos legais, torna os migrantes mais vulneráveis e com reduzidas possibilidades de defenderem os seus direitos (Wolffers et al., 2003). Acerca da estrutura do mercado laboral encontramos as alterações sócio-económicas através das diferenças no estatuto profissional entre o país de origem e acolhimento, bem como as situações de desemprego (Grieco, 2004). Com efeito, os migrantes tendem a ocupar um especial risco de desemprego quando se verifica o abrandamento ou crise da economia do país de acolhimento (Portes, 1999), como é o caso do período que Portugal enfrenta neste momento.

Os participantes salientaram o choque cultural enquanto constituinte da adversidade, referindo a existência de um fosso entre culturas que impossibilita a relação. De facto, conforme salientado por vários autores (Bhugra & Gupta, 2011; Bhugra et al., 2011), a dimensão da angústia provocada pelo processo de desenraizamento, pelo confronto com uma língua com outras especificidades e pela evidência das diferenças culturais, acentua as dificuldades de ajustamento ao país de acolhimento. O choque cultural assume-se como a constatação de um fraco domínio dos códigos de interação social e a dificuldade em decodificá-los para reduzir a distância e a rejeição.

Sobre o impacto das diferenças linguísticas na proximidade dos migrantes aos países de acolhimento, vários autores (e.g. Chiswick and Miller, 2005; Isphording and Otten, 2011; Esser, 2006) têm referido que estas diferenças dificultam as relações interpessoais, aumentam os sentimentos de isolamento, bem como as experiências de discriminação (Esser, 2006), assim como diminuem a possibilidade de acesso ao mercado laboral ou de sucesso escolar (Portes, 1999). Podemos observar, neste estudo, que apesar da língua ser formalmente a mesma, os migrantes referem barreiras linguísticas que comprometem a relação com os outros. Efectivamente, existem variações do português, nomeadamente nos migrantes brasileiros, em diferenças lexicais e de sotaque, bem como a presença do *crioulo* (cabo-

verdiano e guineense) falado simultaneamente por estes migrantes. Portanto, este parece um caso distinto do confronto com uma língua diferente, como se verifica nos contextos migratórios noutros países ou até mesmo de migrantes de outros países em Portugal (e.g. Ucrânianos). Parece assim que os sentimentos de rejeição e desvalorização parecem ter impacto na forma como os migrantes se posicionam face às diferenças linguísticas (percepcionando-as como muito superiores) reforçando as distâncias.

Ainda sobre o contexto adverso destacamos as experiências de discriminação e racismo no contacto com a sociedade de acolhimento, que tendem a ser cumulativas e se traduzem em sentimentos de rejeição e desvalorização por estes migrantes em Portugal. Este parece ser o tema central emergido a partir da análise temática sugerindo interligações aos restantes temas. A vivência frequente de actos de discriminação é percebida pelos próprios como injusta remetendo-os para a condição minoritária de migrante (Branscombe, Ellemers, Spears, & Doosje, 1999; Branscombe, Schmitt, & Harvey, 1999). Este processo de rejeição tem impacto na identidade social, parte integrante da identidade individual, com consequências ao nível do bem-estar psicológico, expresso através de sentimentos de zanga e desilusão (Vega & Rumbaut, 1991). Por outro lado, a percepção da rejeição conduz à procura de suporte dentro da comunidade de migrantes da mesma origem, onde podem encontrar um ambiente protegido de agressões e vitimização mas, neste sentido, dificultando ainda mais os contactos com a sociedade de acolhimento (Noh et al., 1999).

Ainda dentro desta dimensão é abordado o impacto das micro-agressões relacionadas com o racismo. Esta questão leva-nos, em primeiro lugar, a referir a relação dos portugueses com os migrantes e minorias étnicas. Estudos Europeus conduzidos por Vala et al. (1999 e 2008) colocam Portugal como uma excepção, no que diz respeito à demonstração de atitudes negativas explícitas face aos migrantes, em grande medida pelo passado histórico do movimento de descolonização. Os autores consideram que existe uma ideologia de “lusotropicalismo” nos portugueses, em que estes consideram que têm uma aptidão inata para se relacionarem com culturas diferentes. Por esse motivo é um povo que tende a inibir a demonstração de atitudes negativas face aos migrantes provenientes das ex-colónias portuguesas (nomeadamente, expressões de racismo explícito ou flagrante). Talvez esta relação histórica traduza, em parte, a manifestação das micro-agressões sentidas pelos migrantes deste estudo, na medida em que a expressão do racismo surge “camuflada”

(racismo subtil) por esta via. Como sugere Pierce (1988), esta forma de mecanismos ofensivos contém acima de tudo uma certa violência psicológica com impactos negativos sobre os migrantes.

Apesar das dificuldades acentuadas, os participantes deste estudo identificaram os recursos usados para lidar com o contexto de adversidade no processo migratório. O ajustamento cultural e bem-estar depende da capacidade de navegar nos recursos do contexto social e cultural alargado, bem como a possibilidade de negociação pelos mesmos (Ungar, 2008).

As associações comunitárias, divididas entre instituições religiosas e organizações não-governamentais, parecem ser um recurso importante para estes migrantes, a dois níveis. Em primeiro lugar, providenciam suporte de cariz mais pragmático, como suporte financeiro ou jurídico, e possibilitam uma descodificação dos procedimentos burocráticos na aproximação à sociedade de acolhimento. Estas associações são constituídas essencialmente por pessoas da mesma origem já instaladas no país e desempenham um papel importante na manutenção e evolução dos fluxos e ciclos migratórios em Portugal, exactamente por este suporte que prestam (Bracalenti, Braham, Gorla, Blaschke, & Gall, 2004; Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício, & Martins, 2005). Em segundo lugar, no que respeita às instituições religiosas ou espirituais (na vertente de possibilitarem o exercício da fé e das crenças) garantem este elemento de continuidade entre os países de origem e de acolhimento, mantendo um sentido de coerência e coesão (Connor, 2012; Hagan & Ebaugh, 2006). Mesmo com objectivos e funções diferentes, ambos os tipos de associações se revelam de extrema importância na formação de redes sociais, diminuindo o isolamento (Bush, Bohon & Kim, 2005) sinalizado e sentido por estes migrantes.

O papel dos familiares e amigos foi salientado enquanto recurso significativo, na medida em que permitem descodificar o modo de organização e funcionamento de algumas dimensões do país de acolhimento (Barwick, Beiser & Edwards, 2002), ao mesmo tempo que possibilitam reparar o sentimento de desenraizamento cultural, prevenindo dificuldades mais graves ao nível da saúde mental, como depressão e ansiedade (Bhugra & Gupta, 2011; Bhugra et al., 2011). As redes de familiares destes migrantes tendem a ser alargadas, no sentido de incluir membros mais afastados, com os quais são partilhadas dificuldades económicas, sociais e afectivas (Creese et al., 1999).

As associações, bem como a família e amigos são veículos importantes para a valorização das práticas culturais de origem. Este recurso proporciona um ambiente comum menos desconhecido e a sensação de familiaridade nas rotinas quotidianas (Pires, 2003). No fundo, familiares e amigos vão fazendo uso da sua matriz cultural e étnica adaptando-a ao novo contexto (Walsh, 2003). Esta rede de suporte pode proporcionar um ambiente seguro que vai permitindo a estes migrantes fazerem incursões nas interações com a sociedade de acolhimento, protegendo-os das agressões e dificuldades (Wildschut, Routledge, Arndt, & Zhou, 2006).

Por último, sublinha-se a possibilidade de manter o regresso em aberto. Este tema relaciona-se de diferentes formas com a experiência migratória. Este tema parece estar interligado com o motivo inicial da migração, em alguns casos, tratava-se de melhorar as condições económicas. Sendo este o principal propósito da permanência no país de acolhimento, as dificuldades e o contexto adverso tornavam-se menos visíveis, pela direcção do foco neste objectivo (Dustmann, 1999). Por outro lado, para os migrantes menos centrados na melhoria das condições económicas, a manutenção da possibilidade de regresso parece ser importante como plano de emergência (Cassarino, 2004). Ou seja, caso a vida no país de acolhimento se torne demasiado dura ou insustentável, não será o fim das oportunidades de vida, pois poderão regressar ao país de origem. Possivelmente, esta perspectiva poderá tornar estes migrantes mais tolerantes e com maior resistência ao contexto adverso com o qual se deparam numa base diária.

2.6. Conclusão

Em síntese, este estudo contribuiu para a compreensão dos processos de resiliência no que diz respeito ao ajustamento cultural dos migrantes em Portugal, vindos de países de língua oficial portuguesa e possibilitando a identificação dos contextos adversos e dos recursos utilizados. Apesar das especificidades culturais de cada um destes países, parece-nos importante identificar aquilo que é partilhado por estes migrantes nos seus processos migratórios.

O ajustamento cultural pode ser pensado enquanto processo, na medida em que se refere ao movimento de adaptação a uma nova e diferente cultura, através da integração, onde existe uma interacção recíproca entre culturas de origem e acolhimento (Berry,

1990). Sabemos a partir destes migrantes que existe um contexto adverso na chegada e permanência em Portugal, ao longo do tempo, marcado por perdas e impossibilidades ou dificuldades nos contactos e interações com os portugueses. No entanto, conseguimos apreender a possibilidade de navegar em certos recursos e negocia-los na procura de um processo de ajustamento (usando a designação de Ungar, 2008). Parece que estes recursos são marcadamente provenientes de pessoas ou serviços do país de origem, instalados no país de acolhimento e destinam-se a preservar a cultura de origem. Simultaneamente, estes recursos, vão possibilitando o amortecimento do impacto das dificuldades encontradas pelos migrantes nas interações com a sociedade de acolhimento, bem como vão permitindo ainda decodificar ou simplificar os códigos específicos da vida no novo país. Portanto, este estudo contribuiu para ir além do foco no défice usados em investigação sobre a migração (Seaton, Caldwell, Sellers, e Jackson, 2010; Utsey et al., 2008).

Apesar deste estudo permitir ter uma ideia global destes processos nestes migrantes apontamos como primeira limitação, o facto de não sabermos a acção dos recursos no contexto de adversidade, desconhecendo a sua eficácia na possibilidade de ajustamento cultural (embora, conforme referido na introdução, não fosse esse o objectivo do estudo). Outra limitação refere-se ao facto de termos procurado uma compreensão dos processos, naquilo que existe de comum entre este grupo de migrantes. Conforme referido, seria importante uma análise por grupos de migrantes, realçando a especificidade cultural de cada grupo, atendendo ao seu país de origem. Uma outra limitação deste estudo remete para a própria definição de resiliência, na medida em que se refere a um processo dinâmico e circunstancial, como tal, está implícita a ideia de que pode ser transformado com o tempo e com as alterações internas e/ou contextuais do indivíduo. Este estudo não permite compreender essa dinâmica de interações ao longo do tempo. A dimensão temporal torna-se significativa quando se trata dos processos migratórios, já que tem sido estudada a sua influência e o seu impacto, nomeadamente, no ajustamento cultural ao país de acolhimento.

A compreensão e o conhecimento dos recursos no processo de resiliência não poderá ter como implicações ou consequências práticas, a demissão dos interventores sociais e dos decisores políticos ao nível das políticas migratórias (Seccombe, 2002). A questão central mantém-se, na medida em que, face ao contexto adverso associado aos processos migratórios e apesar da capacidade de muitos migrantes em navegarem e negociarem os recursos

existentes, estes são claramente insuficientes, conduzindo a situações de fragilidade e exclusão social (Arbaci & Malheiros, 2009). Como refere Gilligan (2004),

while resilience may previously have been seen as residing in the person as a fixed trait, it is now more usefully considered as a variable quality that derives from a process of repeated interactions between a person and favourable features of the surrounding context in a person's life. The degree of resilience displayed by a person in a certain context may be said to be related to the extent to which that context has elements that nurture this resilience (Gilligan, 2004, p.94).

Assim, a intervenção numa perspectiva da resiliência não pode focar apenas os factores individuais mas sim, as deficiências estruturais na sociedade, de forma a tornar as pessoas mais fortes, mais competentes e mais funcionais em situações adversas.

Seguindo a proposta da resiliência, a intervenção com migrantes deverá ter por base uma abordagem ecológica, com enfoque nos vários contextos aqui referidos, através dos principais temas salientados, requerendo a possibilidade de intervir junto das estruturas administrativas e políticas, em contexto familiar e de aconselhamento individual ou psicoterapia. Esta intervenção destina-se a auxiliar os migrantes a navegar e a negociar por recursos que possibilitem o ajustamento e bem-estar cultural, resolvendo as tensões provenientes do contexto adverso. A abordagem do processo de aconselhamento ou psicoterapia poderá passar por abordar o processo de elaboração do luto relativo às perdas reais e simbólicas dos migrantes no contexto do seu processo migratório.

2.7. Referências

- Arbaci, S., & Malheiros, J. (2010). DeSegregation, peripheralisation and the social exclusion of immigrants: southern European Cities in the 1990s. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36(2), 227–255.
- Atkin, K., Bradby, H., & Harding, S. (2010). Migrants and the key role that they play in what has been termed the age of migration. *Ethnicity & Health*, 15(5), 435.
- Barwick, C. L., Beiser, M., & Edwards, G. (2002). Refugee children and their families: exploring mental health risks and protective factors. In F. J. C. Azima & N. Grizenko (Eds.), *Immigrant and refugee children and their families: clinical, research, and training issues* (pp. 37–63). Madison: International Universities Press.
- Bhugra, D., & Gupta, S. (2010). Introduction: setting the scene. In D. Bhugra & Gupta (Eds.), *Migration and Mental Health* (pp. 1-14). New York: Cambridge University Press.
- Bhugra, D., Gupta, S., Bhui, K., Craig, T., Dogra, N., Ingleby, J. D., & Tribe, R. (2011). WPA guidance on mental health and mental health care in migrants. *World Psychiatry: Official Journal of the World Psychiatric Association (WPA)*, 10(1), 2–10.
- Block, J. H., & Block, J. (1980). The role of ego-control and ego-resiliency in the organization of behavior. In W. A. Collins (Ed.), *The Minnesota Symposia on Child Psychology: Vol. 13*. (pp. 39–101). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bloor, M., Frankand, J., Thomas, M., & Robson, K. (2001). *Focus Groups in Social Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Bracalenti, R., Braham, P., Gorla, A., Blaschke, J., & Gall, D. Le. (2004). *Family Reunification Evaluation Project FARE Final Report*. Luxembourg: European Comission. Disponível em: <http://bookshop.europa.eu/en/family-reunification-evaluation-project-fare-pbKINA21102/>
- Branscombe, N. R., Ellemers, N., Spears, R., & Doosje, B. (1999a). The context and content of social identity threats. In N. Ellemers, R. Spears, & B. Doosje (Eds.), *Social identity: context, commitment, and content* (pp. 35–58). Oxford: Blackwell Science.
- Branscombe, N. R., Schmitt, M. T., & Harvey, R. D. (1999b). Perceiving pervasive discrimination among African Americans: implications for group identification and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(1), 135–149.

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.
- Bush, K., Bohon, S., & Kim, H. (2005). Adaptation among immigrant families. In P. C. McKenry, & S. J. Price, (2005). *Families and change: Coping with stressful events and transitions*. (307– 332) London: Sage Publications.
- Campbell-Sills, L., Cohan, S. L., & Stein, M. B. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms in young adults. *Behaviour Research and Therapy*, 44(4), 585–99.
- Carballo, M., & Nerukar, A. (2001). Migration, refugees, and health risks. *Emerging Infectious Diseases*, 7(3 Suppl), 556–60.
- Cassarino, J. P. (2004). Theorising return migration: the conceptual approach to return migrants revisited. *International Journal on Multicultural Societies*, 6(2), 253–279.
- Chiswick, B. R., & Miller, P. W. (2005). Linguistic distance: a quantitative measure of the distance between English and other languages. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 26(1), 1–11.
- Connor, P. (2012). Balm for the soul: immigrant religion and emotional well-being. *International Migration*, 50(2), 130–157.
- Connor, K. M., & Davidson, J. R. T. (2003). Development of a new resilience scale: the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*, 18(2), 76–82.
- Creese, G. L., Dyck, I., & McLaren, A. T. (1999). Reconstituting the family: negotiating immigration and settlement. *Research on Immigration and Integration in the Metropolis*. Disponível em: <http://mbc.metropolis.net/assets/uploads/files/wp/1999/WP99-10.pdf>
- Davydov, D. M., Stewart, R., Ritchie, K., & Chaudieu, I. (2010). Resilience and mental health. *Clinical Psychology Review*, 30(5), 479–95.
- Desjarlais, R., Eisenberg, L., Good, B., & Kleinman, A. (1995). *World mental health: problems and priorities in low-income countries*. New York: Oxford University Press.
- Dustmann, C. (1999). Temporary migration, human capital, and language fluency of migrants. *The Scandinavian Journal of Economics*, 101(2), 297–314.

- Esser, H. (2006). *Migration, language, and integration. AKI Research Review 4*. Berlin: Programme on Intercultural Conflicts and Societal Integration (AKI) and Social Science Research Center Berlin. Disponível em: https://www.wzb.eu/www2000/alt/aki/files/aki_research_review_4.pdf
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: a review and critique of definitions, concepts, and theory. *European Psychologist*, 18(1), 12–23.
- Fonseca, M. L., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Gilligan, R. (2004). Promoting resilience in child and family social work: issues for social work practice, education and policy. *Social Work Education*, 23(1), 93–104.
- Gomes, A. M., & Baptista, S. (2003). Imigração, desenvolvimento regional e mercado de trabalho-O caso Português. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 1, 99–132.
- Hagan, J., & Ebaugh, H. R. (2006). Calling upon the sacred: migrants' use of religion in the migration process. *International Migration Review*, 37(4), 1145–1162.
- Halcomb, E. J., Gholizadeh, L., DiGiacomo, M., Phillips, J., & Davidson, P. M. (2007). Literature review: considerations in undertaking focus group research with culturally and linguistically diverse groups. *Journal of Clinical Nursing*, 16(6), 1000–11.
- Hennink, M. M. (2007). *International focus group research: A handbook for the Health and Social Sciences*. New York: Cambridge University Press.
- Isphording, I. E., & Otten, S. (2011). *Linguistic distance and the language fluency of immigrants*. Ruhr Economic Papers 274. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1919474>.
- Kaplan, H. B. (1999). Toward an understanding of resilience: a critical review of definitions and models. In M. D. Glantz & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations*. (pp. 17–83). New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Kaplan, H. B. (2013). Reconceptualizing resilience. In S. Goldstein & R. B. Brooks (Eds.), *Handbook of Resilience in Children*. (pp. 39–55). Boston, MA: Springer US.
- Lopez, S. J., Prosser, E. C., Edwards, L. M., Magyar-Moe, J. L., Neufeld, J. E., & Rasmussen, H. N. (2002). Putting positive psychology in a multicultural context. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology*. (pp. 700–714). New York: Oxford University Press.

- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000a). Research on resilience: response to commentaries. *Child Development*, 71(3), 573–575.
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000b). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Luthar, S. S., Sawyer, J. A., & Brown, P. J. (2006). Conceptual issues in studies of resilience: past, present, and future research. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1094, 105–15.
- Machado, F. L. (2009). Quarenta anos de imigração africana: um balanço. *Ler História*, 56, 135-165.
- Malheiros, J. M., Esteves, A., Rodrigues, F., Estevão, M., Mapril, J., & Afonso, C. (2013). *Diagnóstico da população imigrante em Portugal: características, problemas e potencialidades*. Lisboa: ACIDI.
- Mirsky J., & Peretz, Y. (2006). Maturation opportunities in migration: separation–individuation perspective. *International Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 3, 51–64.
- Noh, S., Beiser, M., Kaspar, V., Hou, F., & Rummens, J. (1999). Perceived racial discrimination, depression, and coping: a study of Southeast Asian refugees in Canada. *Journal of health and social behavior*, 40 (3) 193–207.
- Pierce, C. (1988). Stress in the workplace. In A. F. Coner-Edwards & J. Spurlock (Eds.), *Black families in crisis: the middle class* (pp. 27–34). New York: Brunner/Mazel.
- Pires, R. P. (2003). *Migrações e Integração – Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Pires, R. P., Machado, F. L., Peixoto, J., Pinho, F., Azevedo, J., Sabino, C., Chalante, S., & Vaz, M. J. (2010). *Portugal: atlas das migrações internacionais*. Lisboa: Tinta-da-China.
- Portes, A. (1999). *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta.
- Presidência do Conselho de Ministros & ACIDI, I. P. (2010). *Plano para a Integração dos Imigrantes (2010-2013)*. Lisboa: ACIDI.
- Richardson, G. E. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 307–321.

- Royo, S. (2005). Portugal's migration experience: redefined boundaries and uneasy transformations. *Mediterranean Quarterly*, 16(4), 7–9.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *The American Journal of Orthopsychiatry*, 57(3), 316–31.
- Sardinha, J. (2009). Immigrant associations, integration and identity: Angolan, Brazilian and Eastern European communities in Portugal. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the concept of acculturation: implications for theory and research. *American Psychologist*, 65(4), 237–251.
- Seaton, E. K., Caldwell, C. H., Sellers, R. M., & Jackson, J. S. (2010). An intersectional approach for understanding perceived discrimination and psychological well-being among African American and Caribbean Black youth. *Developmental Psychology*, 46(5), 1372–9.
- Secombe, K. (2002). “Beating the odds” versus “changing the odds”: poverty, resilience, and family policy. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 384–394.
- Seligman, M. E. P., Steen, T. A., Park, N., & Peterson, C. (2005). Positive psychology progress: empirical validation of interventions. *The American Psychologist*, 60(5), 410–21.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2012). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa%202012.pdf>
- Sim, J. (1998). Collecting and analysing qualitative data: issues raised by the focus group. *Journal of Advanced Nursing*, 28(2), 345–52.
- Sonderegger, R., & Barrett, P. M. (2004). Patterns of cultural adjustment among young migrants to Australia. *Journal of Child and Family Studies*, 13(3), 341–356.
- Sue, D. W., Arredondo, P., & McDavis, R. J. (1992). Multicultural counseling competencies and standards: a call to the profession. *Journal of Counseling & Development*, 20, 64–88.
- Tarter, R. E., & Vanyukov, M. (1999). Re-visiting the validity of the construct of resilience. In M. D. Glantz & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations*. (pp. 85–100). New York: Plenum Press.

- Ungar, M. (2003). Qualitative Contributions to Resilience Research. *Qualitative Social Work*, 2(1), 85-102.
- Ungar, M. (2004). A constructionist discourse on resilience multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & society*, 35(3), 341–365.
- Ungar, M. (2008). Resilience across cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Ungar, M. (2013). Resilience, trauma, context, and culture. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(3), 255–266.
- Utsey, S. O., Giesbrecht, N., Hook, J., & Stanard, P. M. (2008). Cultural, sociofamilial, and psychological resources that inhibit psychological distress in African Americans exposed to stressful life events and race-related stress. *Journal of Counseling Psychology*, 55(1), 49-62.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). Expressões dos racismos em Portugal Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. Vala, J., Lopes, D., & Lima, M. (2008). Black immigrants in Portugal: Luso–tropicalism and prejudice. *Journal of Social Issues*, 64(2), 287–302.
- Vega, W. A., & Rumbaut, R. G. (1991). Ethnic minorities and mental health. *Annual Review of Sociology*, 17, 351–383.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: a framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1–18.
- Wildschut, T., Sedikides, C., Arndt, J., & Routledge, C. (2006). Nostalgia: content, triggers, functions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 975–993.
- Wolffers, I., Verghis, S., & Marin, M. (2003). Migration, human rights, and health. *Lancet*, 362(9400), 2019–2020.

3

Processos de resiliência em migrantes: narrativas biográficas de brasileiros em Portugal

Este capítulo é baseado no artigo:

Roberto, S. & Moleiro, C. (2015). Processos de resiliência em migrantes:
narrativas biográficas de brasileiros em Portugal.

Psicologia em estudo, 20, 295-307.

3.1. Resumo

Os estudos sobre as migrações têm focado as dificuldades, as barreiras e obstáculos na chegada e permanência no país de acolhimento. Reconhecendo a existência destes processos adversos, poucos estudos se têm dedicado ao modo como os migrantes superam as dificuldades com as quais se vão deparando. Mais ainda, poucos estudos dedicam atenção ao processo migratório como um todo, com início ainda no país de origem. Partindo da perspectiva teórica da resiliência, este estudo procurou compreender os contextos de adversidade e de recursos dos migrantes brasileiros em Portugal, ao longo das suas trajetórias de vida, observados na ligação entre o país de origem e o país de acolhimento, através de 12 narrativas biográficas. A análise das narrativas revelou a diversidade de processos de resiliência entre os migrantes. Revelou ainda que o contexto de adversidade surgia através das relações de desvalorização e rejeição com os portugueses, salientando-se a importância das vinculações afectivas e do sentimento de pertença, bem como o papel da diáspora brasileira em Portugal, como recursos significativos. Neste artigo, são ainda discutidas as implicações clínicas da análise das narrativas, numa perspectiva da resiliência.

Palavras-chave: Resiliência, migração humana, narrativas

3.2. Introdução

Os estudos sobre as migrações são tendencialmente centrados no impacto negativo e as consequências difíceis para aqueles que migram devido a inúmeras barreiras e obstáculos na tentativa de adaptação ou integração às sociedades de acolhimento. Mais ainda, são enumeradas várias perdas (laços familiares, língua, quadro cultural de referência, entre outros) com a partida do país de origem (Boss, 2006). De um modo geral, é referido o impacto que o contacto com as sociedades do país de acolhimento tem para os migrantes (Berry, 1997).

Ainda que estes processos estejam presentes e sejam possivelmente cumulativos, poucos estudos têm dedicado atenção aos recursos mobilizados para ultrapassar essas dificuldades, assim como são reduzidos os estudos implicados em compreender os processos dinâmicos envolvidos na interação entre adversidade e recursos. Sobre os percursos migratórios, a investigação tende a situar-se no período de chegada e permanência ao longo do tempo no país de acolhimento sob a perspectiva das diferenças e contrastes sociais e culturais (Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010).

A abordagem teórica da resiliência apresenta uma proposta, talvez não contrária, mas complementar a esta perspectiva, enraizada nas dificuldades, no risco. A noção básica do conceito reconhece a existência de contextos adversos, mas centra-se nos recursos mobilizados para ultrapassar as adversidades em processos de ajustamento positivo (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000).

Partindo deste contexto geral, este estudo procura articular os contributos teóricos da resiliência na compreensão das trajectórias de vida de migrantes brasileiros em Portugal, através de narrativas biográficas. No entanto, a articulação teórica com vista a este objectivo geral encontra certas tensões de nível conceptual, epistemológico e metodológico.

Resiliência e Migrações

Numa tentativa de clarificar as tensões existentes entre os principais conceitos deste artigo (resiliência, migrações e narrativas biográficas), mas também na possibilidade de estabelecer pontes entre eles, procurámos percorrer as fundações conceptuais e epistemológicas destas abordagens. O tema da resiliência tem sido pouco estudado numa abordagem compreensiva, e como salienta Luthar, Cicchetti e Becker (2000), parece-nos também importante que a investigação produzida sobre a resiliência torne claro o ponto de

partida dos pressupostos teóricos e epistemológicos face às várias possibilidades existentes, atendendo a que nas últimas décadas foram produzidas mais de doze teorias sobre este tema (Fletcher & Sarkar, 2013).

O conceito de resiliência emergiu do conhecimento organizado em torno da psicologia positiva, fundada epistemologicamente numa perspectiva positivista. Os estudos nesta área têm procurado avaliar a forma como os indivíduos accionam determinados recursos face a determinantes contextuais adversos. Neste sentido, uma possibilidade de definição do conceito é usada na investigação empírica, (apesar de existirem outras perspectivas, nomeadamente um entendimento enquanto traço ou resultado de um processo), refere a resiliência como um processo, dinâmico e circunstancial, observando-se um ajustamento ou adaptação positiva face à acção de factores protectores ou promotores em circunstâncias ou condições adversas (Luthar, Cicchetti & Becker, 2000).

Desta definição deriva a maioria dos estudos quantitativos sobre a resiliência, que procuram estudar o impacto de determinadas variáveis (factores protectores) nos factores de risco e a mensuração de resultados de ajustamento positivo. Nesses estudos, os factores de risco são entendidos como eventos ou condições que aumentam a probabilidade de um resultado indesejável e os factores de protecção como aqueles que exercem um efeito de moderação na influência dos factores de risco, como a redução do impacto do risco, a redução das reacções negativas em cadeia, ou o acesso a novos recursos que permitam lidar com os factores de risco (Riley & Masten, 2005). Este entendimento relaciona-se com o poder preditivo dos factores que constituem o conceito, na procura de relações de causalidade. Neste estudo adoptámos a designação de adversidade e recursos, exactamente pelo distanciamento a esta postura positivista face ao conceito.

Abdicando do valor preditivo do conceito, aderimos à proposta de Yunes (2003), alertando para a necessidade de estudos com uma abordagem da dimensão subjetiva da resiliência, que captem os significados atribuídos pelas pessoas à sua experiência individual. Esta ideia abre a porta à comunicação com outras fundações epistemológicas. No objecto de interesse deste estudo, procuramos compreender a resiliência enquanto processo, dinâmico e circunstancial, baseado na construção e partilha de significados individuais, socialmente construídos. Ungar (2008) acrescenta ainda, a preocupação com uma certa hegemonia nos

estudos sobre a resiliência e, é nesse sentido, que procura incluir a dimensão cultural na definição. Define assim a resiliência como:

No contexto de exposição a adversidade significativa, a resiliência é simultaneamente a capacidade dos indivíduos de navegarem na direcção dos recursos psicológicos, sociais, culturais e físicos que sustentam o seu bem-estar, bem como a capacidade individual e coletiva de negociar esses recursos, obtidos e vivenciados de um modo culturalmente significativo (Ungar, 2008, p. 225; tradução nossa).

Através desta definição realçamos a importância da especificidade cultural, elemento constituinte e parte integrante de cada um individualmente.

O estudo da resiliência nos migrantes produzido nas últimas décadas abordou essencialmente as condições negativas associadas aos processos migratórios. No entanto, a possibilidade de migrar representa, antes de mais, um conjunto de novas e diferentes oportunidades para aqueles que migram, apesar das dificuldades inerentes, à saída do país de origem e à chegada ao país de acolhimento (Coll & Magnuson, 2014). Assim, a investigação sobre os processos de resiliência nas migrações surge pela necessidade de avançar para além do foco no *deficit* e de procurar uma compreensão sobre as estratégias e recursos usados pelos migrantes. Procuramos complementar esta abordagem, acrescentando a necessidade de compreender este processo por via dos significados e sentidos atribuídos pelos migrantes sobre as suas trajetórias e percursos migratórios.

A ideia trazida pela noção de trajetória “permeação recíproca dos processos sociais e subjetivos temporalmente ordenada” (Schütze, 1981, p. 94 citado por Apitzsch & Siouti, 2007; tradução nossa), surge alinhada com os pressupostos de organização deste estudo, numa lógica construcionista (Lock & Strong, 2010) e com o fio condutor da abdução (Marshall & Rossman, 2011). Procuramos ainda compreender os processos migratórios, através das lentes do conceito de transnacionalismo definido como, “o processo através do qual, os migrantes criam campos sociais que ligam o seu país de origem ao país de acolhimento” (Schiller, Basch & Blanc-Szanton, 1992, p.1; tradução nossa). A ideia central é a da existência de um produto, resultado das interações dos migrantes nas suas experiências passadas e presentes, referentes aos contextos sociais e culturais de ambos os países.

Estes fundamentos interdisciplinares e as fundações epistemológicas sobre resiliência e migrações clarificam o objectivo deste estudo que procura compreender as trajetórias de vida e os significados atribuídos pelos migrantes aos processos de resiliência. Ou seja, através das narrativas biográficas, procura conhecer os contextos de adversidade e os recursos dos migrantes brasileiros ao longo das suas trajetórias de vida, observados na ligação entre o país de origem e o país de acolhimento.

Migrantes Brasileiros em Portugal

A entrada de migrantes em Portugal tornou-se mais expressiva no final dos anos 90, sendo relativamente recente, quando comparada com o historial de outros países com maior tradição no acolhimento de migrantes. Os brasileiros em Portugal representam a comunidade mais numerosa (total de 91.238), contabilizando cerca de 25.3% do total de população estrangeira no país (Serviço de estrangeiros e Fronteiras, 2013). A migração brasileira com destino a este país teve essencialmente duas grandes vagas, com características distintas. A primeira vaga, nos anos 80 e 90, foi constituída por profissionais qualificados, com actividade profissional liberal ligados às áreas da gestão, da tecnologia e da investigação científica. A segunda vaga, sobretudo entre 1998 e 2002, trouxe ao país, migrantes jovens, com baixas ou médias qualificações, integrados no mercado de trabalho português em segmentos pouco diferenciados como a construção civil, o emprego doméstico e a limpeza, em geral (Malheiros, 2007). O fluxo migratório brasileiro, entre aqueles que se têm consolidado em Portugal, foi aquele que mais foi sendo alterado ao longo do tempo, exactamente pela transformação destas características dos migrantes.

Pela história recente de migração os estudos sobre os migrantes brasileiros em Portugal não são muito abundantes. Apenas nos últimos dez anos se verificou a produção de trabalhos sobre a migração brasileira em Portugal, na sua maioria dissertações de mestrado ou estudos temáticos, de uma divulgação restrita (Malheiros, 2007). O conhecimento produzido concentra-se em descrições sócio-demográficas e laborais ou sobre processos de construção da identidade. Alguns estudos qualitativos vão possibilitando um conhecimento mais alargado sobre esta comunidade, nomeadamente ao nível das condições laborais, bem como ao nível dos processos de integração na sociedade portuguesa. Existe ainda alguma expressão dos estudos sobre género e migrações, especificamente sobre o preconceito contra as mulheres brasileiras (Miranda, 2009). Pela escassez de publicações, o presente estudo

pretende contribuir para compreender a trajectória migratória dos brasileiros em Portugal, em particular os recursos mobilizados para superar a adversidade, através das narrativas biográficas.

3.3. Método

O método das narrativas biográficas insere-se num tipo específico de investigação com recurso a narrativas. Na investigação sobre as migrações com narrativas autobiográficas têm sido usados vários métodos que possibilitam o estudo das experiências e significados no contexto de cada indivíduo, incluindo o método de reconstrução de casos (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004). A abordagem deste método tem por base a ideia de que através do processo de reconstrução de cada caso torna-se possível aceder à interacção entre o indivíduo e os aspectos institucionais da realidade social, sem perder de vista a perspectiva da narrativa como um todo (*Gestalt*). Conforme referido pela autora, o objectivo do método:

é a reconstrução do significado biográfico das experiências no momento em que aconteceram e promover a reconstrução da sequência cronológica em que ocorreram essas experiências. O objectivo da análise da história de vida narrada (...) é a reconstrução do significado actual das experiências e a reconstrução da ordem temporal da história de vida no presente em que é narrada ou escrita (Rosenthal, 1993, p.60; tradução nossa).

Participantes

As narrativas biográficas deste estudo foram recolhidas junto de migrantes brasileiros há mais de 2 anos em Portugal, perfazendo um total de 12 participantes, 7 mulheres e 5 homens. Os participantes tinham entre 29 e 50 anos, e residiam na zona urbana ou limítrofe da cidade de Lisboa. A maioria dos participantes tinha uma escolaridade média ou ensino técnico-profissional e 2 pessoas com um curso superior. Ao nível da actividade profissional, os participantes exerciam funções em trabalhos pouco diferenciados, sobretudo na área da restauração e do trabalho doméstico, excepto dois participantes que tinham iniciado um negócio próprio: um ligado à área da estética corporal e o outro na construção civil. Todos os nomes dos participantes foram mantidos anónimos, tendo sido criados nomes fictícios.

Procedimento

Neste estudo adoptámos as considerações teóricas sobre a forma de conduzir a entrevista, no sentido clássico da formulação adoptada por Schutze (1983, citado por Apitzsch & Siouti, 2007). Estes autores sugerem uma questão introdutória aberta que inicie a narração auto-biográfica e que permita ao narrador contar espontaneamente a sua história de vida, até que este indique que concluiu a sua narrativa. Ao evitar-se questões pré-definidas ou os “porquês”, possibilita-se a narrativa espontânea, pelos motivos próprios do narrador e pela ordem que configura a sua experiência individual. A figura do entrevistador deve ser a de um ouvinte interessado e empático pela história do seu narrador, encorajando assim o desenrolar da narrativa (Rosenthal, 1993).

A entrevista foi conduzida de modo a integrar as considerações teóricas acima descritas. Assim, a questão de abertura colocada neste estudo foi formulada do seguinte modo: “Gostaria de pedir que me contasse a sua história de vida, todas as experiências e eventos dos quais se lembra. Pode levar o tempo que quiser. Não irei interromper. Apenas no final farei algumas questões.” Após a conclusão da narrativa por indicação do narrador foram colocadas algumas questões, no sentido de solicitar esclarecimentos sobre o conteúdo relatado, em particular, ambiguidades, lacunas, hesitações ou informação contraditória (Schutze, 1983, citado por Apitzsch & Siouti, 2007).

Os participantes deste estudo foram contactados inicialmente através de participantes de um estudo anterior utilizando a técnica da bola de neve. Foi pedido a estas pessoas que indicassem alguém da comunidade brasileira que estivesse em Portugal há mais de 2 anos.

O encontro e o desenvolvimento das narrativas decorreu nos locais eleitos e sugeridos por cada participante. Assim, algumas narrativas decorreram na casa dos próprios, outras em cafés frequentados pelos mesmos ou destinados para este fim. Em cada encontro foi explicado o objectivo do estudo, bem como as dimensões da participação voluntária e a garantia de protecção da confidencialidade e anonimato no tratamento da informação, solicitando o consentimento informado e esclarecido a cada participante. Este estudo respeitou os princípios do código de ética dos psicólogos em Portugal (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2010).

As narrativas foram conduzidas pelo primeiro autor deste estudo e gravadas em formato áudio. Posteriormente, esta informação foi transcrita por um assistente de

investigação, tendo a informação áudio sido novamente usada no processo de análise das narrativas, em simultâneo com o texto das transcrições. As narrativas tiveram uma duração variável, entre 25 minutos e 2h45m; após a transcrição integral de cada entrevista e respectivas anotações, seguiu-se o método de análise das narrativas da reconstrução de casos. Este método é o resultado da junção entre: hermenêutica, procedimento de análise de textos e análise temática (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004). Distingue-se de outros métodos porque parte do pressuposto de que existem dois níveis de análise em cada narrativa: a história de vida como foi vivida e a história narrada. Através da distinção entre estes dois níveis, assim como da análise da relação entre eles, foi possível o processo de reconstrução de cada caso, de um modo orientado para o processo.

A análise das narrativas de reconstrução de casos respeitou os cinco estádios sequenciais, sistematizados pelos autores (para uma descrição detalhada de cada uma destas etapas consultar Rosenthal e Fischer-Rosenthal, 2004): 1) Análise dos dados biográficos. 2) Análise do texto e de áreas temáticas. 3) Reconstrução da história de vida. 4) Análise detalhada dos segmentos de texto individuais. 5) Contrastar a história de vida como foi narrada com a vida como foi vivida. Estas etapas procuram encontrar o processo de formação da narrativa e da vida actual, sem perder de vista a relação recíproca entre as duas e simultaneamente a unidade do caso.

3.4. Resultados

As narrativas biográficas foram agrupadas (à semelhança da proposta de Hollway e Jefferson, 2000, capítulo 6) através de uma característica comum e mais saliente na forma de contacto com o país de acolhimento, congregando simultaneamente outros aspectos do país de origem e da decisão de migrar. Esta proposta de agrupar as narrativas levanta algumas dificuldades na forma de tratar a quantidade de informação constituinte da história de uma vida, neste caso, de 12 histórias. Por um lado, coloca-se a necessidade de respeitar a especificidade biográfica de cada um dos casos, por outro lado, a utilidade de agrupar características comuns para condensar e comunicar a informação, é acompanhada da inevitável perda daquilo que é singular e exclusivo de cada pessoa. Apesar desta ambivalência decidimos pelo agrupamento de traços comuns nos significados atribuídos às trajetórias de vida salientes nas narrativas, por permitir ganhar esta perspectiva daquilo que

é transversal dentro de cada grupo criado, sem perder a expressão dos significados atribuídos pelos migrantes. Foram então constituídos quatro grandes grupos, caracterizados por expressões brasileiras: Correr atrás; Segurando as pontas; Pairando; Quebrar o galho.

“Correr atrás”

De um modo geral, a expressão da gíria brasileira “Correr atrás” é usada para designar o processo para alcançar um objectivo. Este primeiro grupo ficou constituído por um conjunto de quatro pessoas: Bruna (32 anos), Ângela (26 anos), Carlos (38 anos) e Sílvio (50 anos).

Dos traços comuns, destacou-se o contexto sócio-económico de origem por ser desfavorecido ao nível dos fracos recursos económicos e da reduzida escolarização do núcleo familiar, e residentes na periferia de grandes cidades como São Paulo e Curitiba. Este contexto de fracos recursos económicos, desde cedo, colocou estas pessoas na posição de “correr atrás”, ou seja, ainda muito novos, tiveram que articular as exigências do trabalho com o investimento escolar. Ângela relatou este passado,

Então ia todos os dias de manhã (à escola) e voltava a correr (...) e ia toda suada, transpirada, corria para lá, apanhava o ônibus e dormia no ônibus claro (...) tinha as aulas todas até à meia-noite e meia. Depois vinha embora. Chegava na minha cidade 1h30 da manhã e depois no outro dia, 8h da manhã, trabalhar e tal.... (Ângela)

Quer o significado da infância, quer o início da idade adulta estava relacionada com a preocupação dos adultos sobre os recursos económicos, implicando a entrada precoce no mundo do trabalho. No entanto, a expressão dos laços de afecto com esses adultos significativos da família nuclear foi retratado como sendo bastante reduzido, e talvez também por isso pouco abordado. As incursões a este passado relacional tinham pouca expressão nas narrativas, acabando por ser um tema sinteticamente abordado, como se fosse evitado. “(...) eu não tinha um apego muito próximo com a minha família (...) para você ver, nunca se estabeleceu uma relação de amizade com o meu irmão. Vim a ter uma relação com ele, agora” (Sílvio).

Parece ter existido um claro investimento no desejo e aspiração de mobilidade e ascensão social, por via do percurso académico e profissional. No entanto, esse desejo esbarrou com as fracas oportunidades da sociedade brasileira socialmente estratificada. Como

referiu Carlos, “Na altura, o Brasil estava assim, se não tivesse um padrinho, não valia a pena”, ou Bruna, “E foi, eu coloquei uma pedra em cima daquilo e nem olhava para... eu tinha raiva do Brasil eu então a partir dali falei, tenho de mudar, tenho de sair daqui, crescer, apanhar novos horizontes e ir para a frente! Eu aqui vou estagnar!”. No seguimento do confronto com a impossibilidade de concretização da ascensão social surgiu a decisão de deixar o país, numa perspectiva de cortar com o passado, com aquilo que era difícil e negativo.

E se eu passar a alfândega, eu vou conquistar a minha independência, e foi mesmo isso, a gente vem mesmo com esse pensamento porque naquela altura já não estava fácil. Então foi muito complicado na alfândega, então eu vim naquela “seja o que Deus quiser, se tiver de voltar para trás, eu volto.” Não há problema, vim mesmo com o espírito do “é tudo ou nada”, ou 8 ou 80 e vim com esse espírito de tentar e nunca a pensar em sair daqui. (Bruna).

A representação de Portugal, onde tudo seria bom, surgia por contraste com o país de origem iniciando-se um novo ciclo de desejos e aspirações. Sílvia e Bruna (respectivamente) abordaram esta representação da migração, de um modo complementar e sob esse ponto de vista dos contrastes entre países:

Como eu não sabia o que me esperava, não esperava muita coisa, sabia das dificuldades mas acima de tudo era deixar para trás o que era mau, então a partir dali eu achava que ia ser bom. (...) (Sílvia). Vir para Portugal foi em busca disso, foi em busca se calhar do sonho americano, sonho português neste caso, foi um bocadinho isso, quis vir buscar a minha independência (Bruna).

Em Portugal, estas quatro pessoas retomaram o “correr atrás”, ou seja, voltaram a fazer um grande investimento na dimensão académica e/ou laboral. Ângela e Sílvia, pouco tempo depois de terem chegado ao país, estruturaram negócios por conta própria. Bruna estudou no ensino superior e trabalhou simultaneamente e Carlos tinha uma actividade profissional no sector comercial. “Eu sempre fui, apesar de antigamente não ser muito responsável eu sempre fui muito corajosa em termos de enfrentar, de ir, eu vou correr atrás e vou ver o que dá, se der deu, se não der vou correr para outro lado” (Bruna). Independentemente da área profissional onde estavam inseridos, tratou-se acima de tudo, do grande investimento nesta área das suas vidas e da forma como estabeleceram comparações

contrastantes entre Portugal e Brasil ao nível da situação social e económica actual. Nesse sentido, Ângela salientou a sua postura “Foram dois meses à procura de trabalho porque entrei no país ilegal e não tinha visto, entrei primeiro num lugar, me legalizei lá e aí eu pensei vou dedicar-me à carreira, tirei o curso e aí fui tirando lucros disso”.

“Portugal me fez ver, e não é que eu não goste do meu país, eu sou patriota, adoro o meu país, adoro a minha família que está lá, adoro tudo. Mas gosto de me sentir bem com as pessoas de cá, não é que não seja lá, mas eu acho que o brasileiro tem uma coisa muito feia ainda. O brasileiro para ganhar qualquer coisa é muito falso” (Carlos).

Na chegada ao país, as relações com os portugueses eram sentidas como hostis, promovendo um sentimento de isolamento, tendo sido alteradas ao longo do tempo. Nesse sentido, sucedeu simultaneamente o distanciamento com os brasileiros em Portugal, em particular, aqueles que não ascenderam a uma posição profissional, académica ou económica tão favorável quanto a deles, sendo privilegiadas, também por esse motivo, as relações com os portugueses. “Eu tenho uma expressão engraçada, que toda a gente fala que é muito engraçada, que é o brasileiro convida “oh vai lá em casa num churrasquinho e tal” mas não dá a morada, é uma coisa impressionante...” (Carlos).

A dimensão dos contrastes surgiu ainda acentuada a partir de uma crítica e de uma zanga dirigida ao Brasil (ou aquilo que representa). “O único defeito do meu país, infelizmente é a falta de cultura, a falta de inteligência, é uma percentagem muito grande de ignorância ainda” (Ângela). Sobre os brasileiros, Bruna referiu “nós os brasileiros, temos uma coisa, nós ganhamos hoje para gastarmos hoje e amanhã logo se vê (...) o brasileiro é muito preguiçoso e para ganhar alguma coisa é muito falso (...) eu não confio em brasileiros.”

“Segurar as pontas”

“Segurar as pontas” é tendencialmente sinónimo de aguentar a pressão ou a dor, conforme o contexto, mas no geral, refere-se ao modo como alguém numa situação difícil vai conseguindo lidar em esforço. A ideia transmitida pela expressão “segurar as pontas”, nestas narrativas, pareceu reflectir o esforço para estar no presente na relação com o passado, e com o país que estes migrantes escolheram para viver. Este grupo foi constituído através das narrativas de duas pessoas: Juliana (28 anos) e Rogério (25 anos).

Juliana nasceu e cresceu no interior do Brasil, no Estado do Paraná, num ambiente marcadamente rural, de fracos recursos económicos e com uma família extensa e numerosa. Rogério, apesar de ter crescido também num meio socioeconómico desfavorecido, cresceu nos arredores de uma grande cidade em Santa Catarina do Sul também numa família grande. Este detalhe da família numerosa foi significativo, na medida em que os vários elementos que a compõem poderiam ser recursos afectivos importantes, algo que não se verificou e dos quais sentiram a falta. “A minha história é muito complicada, muito mesmo, tive muitas perdas, das pessoas mais importantes... nós somos uma família muito separada, não há união...” (Juliana). “Depois que minha mãe saiu de casa ele começou a beber e estava sempre fora... e nós ali... Meus irmãos me cuidaram um pouco mas meu pai... Não era mau mas não queria saber... Ficou muito dorido, acho...” (Rogério). No caso de Juliana foi assinalada a dimensão da perda pela morte de vários familiares, incluindo pai e mãe. Na vida de, Rogério a saída de casa da mãe na infância e a desatenção do pai relativamente aos filhos tornou também saliente o sentimento de solidão:

Lá eu morei sozinho desde os meus 16 anos de idade, que já morava sozinho... (...) Morei com minha irmã, depois com minha avó, depois ela faleceu e aí fui pra casa da minha irmã e fiquei morando lá (...) era a única que morava lá comigo...Tinha lá meu avô, um pouquinho longe...Então nunca teve esse proximidade muito de, família assim próxima de mim então tive sempre que me virar sozinho...posso dizer. (Rogério).

Ainda sobre os contextos socioeconómicos desfavoráveis, sobressaiu uma clara falta de perspectiva de uma vida melhor no país de origem. Efectivamente, o Brasil parecia ser o lugar de múltiplas perdas, quer da perda das relações significativas de afecto, quer das perspectivas sociais e económicas. Juliana e Rogério encontraram na migração uma saída a estas dificuldades. No entanto, a vida em Portugal apresentou grandes dificuldades no estabelecimento de novos relacionamentos, em particular com os portugueses. O contexto relacional e social em Portugal era sentido como hostil, marcado por episódios de desvalorização e associado a um sentimento de grande vulnerabilidade e isolamento,

A gente sofre um pouco de preconceito no início, as pessoas nos tratam mal, não sei se é por agente não estar forte o suficiente... Não tem um imigrante, pelos menos os

brasileiros, que chegou aqui e pode dizer “eu gostei”, nunca ouvi ninguém dizer isso, todo o mundo chora, quer ir embora... (Juliana).

Vou trabalhar, passo a semana trabalhando, saio de casa umas nove horas depois volto para casa de novo, estou sempre em casa... Os portugueses são assim meio que fechados... Ficam meio assim... olhando... Não falam assim com brasileiros que nem eu... (Rogério).

Simultaneamente era valorizada a permanência em Portugal por via das dimensões básicas de organização das sociedades, quer ao nível da educação, quer ao nível da saúde. “Também negócio de escola, para os meninos... Aqui tem! Por enquanto não me falta nada, tudo o que meus filhos precisam... Não tudo o que eles querem. Enquanto isso não faltar, enquanto não faltar nada, vai dando para segurar...” (Rogério). Juliana e Rogério salientam as possibilidades oferecidas aos seus filhos de escolas públicas e de um sistema nacional de saúde sem necessidade de seguros para garantir o acesso aos serviços. No mesmo sentido, sublinharam a dimensão da segurança física por sentirem a ausência de violência e agressão física presente no Brasil. “Mas aqui é tudo é mais fácil também a criminalidade, é bom, você trabalhar em um lugar despreocupado, não se preocupar com bandido... é muito bom isso!” (Rogério). “No meu caso, eu fiquei por causa da minha filha e da minha sobrinha porque aqui o estudo é muito melhor, a educação, tudo... e por elas eu aguentei e vou aguentando até onde der...” (Juliana).

“Pairando”

Esta expressão está relacionada com a ideia de ficar a observar o rumo dos acontecimentos, sem grande investimento activo na direcção que estes poderão tomar. Ao contrário dos outros grupos, nesta expressão é incluída apenas um participante mas cuja história de vida se distancia das restantes, ao ponto de justificar esta (des)agregação.

Cristina (28 anos) nasceu e cresceu no interior do Brasil (Maranhão). A história da sua vida esteve estreitamente ligada à relação com a sua mãe, com características específicas de grande proximidade: “a minha mãe para mim é tudo”. Esta relação foi marcada pela exigência dos problemas de saúde na infância, como infecções respiratórias de maior ou menor gravidade, requerendo maiores cuidados maternos: “ Como eu tive aqueles problemas

todos de saúde, eu fui a mais doente, na minha casa a minha mãe sempre estava ali do meu lado, sempre muito apegada” (Cristina).

As escolhas que Cristina foi fazendo ao longo da vida parecem estar intimamente ligadas às relações significativas da sua vida, entre a dimensão amorosa e a maternal.

Lá no Brasil fiz o ensino médio e o vestibular para Direito mas não comecei por causa do namorado, tive que ir para o Rio de Janeiro por causa do namorado (...) Ele arranhou trabalho para mim, comecei a trabalhar, arranhei namorado, outro namorado e aí agente ia casar e eu deixei tudo para agente ir para o Paraná, para casa da família dele mas eu tinha muitos ciúmes, eu era muito obcecada... (Cristina).

A decisão de migrar para Portugal surgiu num contexto semelhante, ao nível das relações amorosas. Ao mesmo tempo que parece ter representado um corte na relação com a mãe:

ele era apaixonado por mim e sempre tinha vontade de me trazer para cá e eu saí com 23 anos da barra da saia da minha mãe, como se fala lá. (...) desde os 18 anos ele sempre queria me trazer para cá mas eu tinha medo, tinha medo e aí ele ligou perguntando se eu queria vir para cá, que ele pagava a minha passagem e tudo, vinha conhecer aqui, e eu falei com a minha mãe isso e tal, se ela permitia e ela disse: “filha, você é que sabe” (Cristina).

Sobre a vida em Portugal, a única referência a outros contextos para além da relação amorosa revelou um quase desligamento do contexto social e cultural português, como se fosse uma continuidade do Brasil.

Quando eu cheguei disse, gosto! Para mim não teve problema nenhum, foi normal. Conheço muita gente, muito brasileiro, português é assim pouco, é que no meu trabalho só tem brasileiro. (...) A gente brinca quando não estamos na hora do trabalho, quando não tem clientes ali a gente está rindo, depois de uma noite a gente bota a música, o pessoal começa a dançar e essas coisas (Cristina).

Esta breve referência ao processo migratório surgiu de passagem para outro tema, sendo a única referência à mudança de país, para destacar a relação amorosa que mantém desde que chegou a Portugal, que oscila entre a relação materna e a relação amorosa.

E aí ele falou que queria casar comigo, que me amava, (...). Eu fiquei surpresa. Fiquei muito surpresa porque eu amo ele, sabe um amor que eu fico pensando... o amor de

mãe e filha é diferente. (...) Eu amo ele demais, ele por mim fez, aconteceu tanta coisa entre a gente e agora eu, graças a Deus a gente está bem. Aí, está marcado o casamento para agora, casamento só pelo civil, porque a família está lá no Brasil. Vamos ver o que vai acontecer. E aí pronto, acho que é só isso da minha vida, não sei... O que me marcou mais foi a minha mãe, sabe? (Cristina)

“Quebrar o galho”

O termo é utilizado nas situações em que, perante uma dificuldade, surge algo ou alguém para auxiliar e possibilita que essa dificuldade seja ultrapassada. Este grupo caracterizou-se por ser aquele que concentrou o maior número de narrativas, cinco no total: Luana (35 anos), Nora (29 anos), José (41 anos), Mateus (29 anos) e Marco (34 anos).

As histórias de vida destas cinco pessoas apresentaram características comuns. Num primeiro momento, cada uma delas abordou o passado ligado a familiares e amigos, nomeadamente no período de infância, na periferia de grandes cidades do interior e litoral do Brasil (Teresina, Belém, Osasco, Jarú, Linhares, Parnaíba), onde as condições de vida eram economicamente pouco favoráveis. Como referiu José, “A família era muito grande, com muitos irmãos, havia um pedaço de terra, onde se criava animais para comer e colhiam outros alimentos. Ninguém passava fome! Não era muito mas chegava para todos.” A escolaridade não pareceu ter tido um investimento muito significativo no Brasil. A propósito do seu irmão mais novo, Nora referia,

Quero que ele estude... Eu não pude estudar por falta de dinheiro. Nós éramos muitos lá em casa. Meus pais trabalhavam muito mas o dinheiro não chegava. Eu e meus irmãos não estudámos muito. Uma irmã minha estudou depois na faculdade mas já em adulta. Eu trabalhei muito no Brasil, desde os 17 anos. (Nora).

No entanto, existia uma aspiração em aumentar as condições económicas de origem através de vários trabalhos simultâneos ou da tentativa de criação de pequenos negócios.

Lá no Brasil eu vendia no mercado fruta, legumes e fiz a minha estufa assim de cultivar os meus produtos. Minha mãe sempre teve muito orgulho em mim, porque eu era assim tinha sempre uma ideia de fazer isto ou aquilo e eu com poucos estudos (Marco).

Contudo, subsistia uma certa frustração na relação entre os ganhos recebidos e a energia despendida para aumentar as possibilidades e recursos económicos.

Quando eu estava trabalhando lá, era muitos turnos por muito pouco. Era, eu fazia o turno da manhã e da tarde e ganhava 437 reais, que isso mais ou menos equivale a 190, na altura, porque era 3 reais o euro, a 190 e qualquer coisa euros. Não dava mais... Era muito trabalho e não via minha vida ficando melhor... (Luana)

A possibilidade de vir para Portugal surgiu na sequência desse balanço. Para estas pessoas existiu um plano, mais ou menos, definido de migração temporária, ou seja, a permanência em Portugal seria apenas durante o tempo suficiente para angariar capital económico necessário e regressar ao Brasil: “E aí eu tive uma amiga que me convidou para vir para Portugal. Todos os meus amigos diziam que ganhavam 1000 e tal euros. Pô isso é um bom dinheiro no Brasil, dá para juntar e fazer alguma coisa aqui” (Mateus); “Ela me ligava muito por telefone, “aqui tá bom...assim e assado... é melhor do que estar aí e tal...aqui eu estou ganhando x por mês” aí eu falei... “aí, se é para ganhar mais eu vou!” (Marco). Independentemente do tempo de permanência em Portugal (entre 4 e 11 anos), o regresso ao país de origem manteve-se em aberto. Em alguns casos como Luana e José, o balanço entre ganhos e perdas era mais favorável para Portugal, demonstrando alguma inclinação para que este tempo de permanência possa a vir a ser definitivo.

É essa parte que eu amo em Portugal. Que a gente ainda consegue andar na rua. Aí eu fico meio dividida... Mais eu estou me acostumando com aqui... Não é o Brasil mas é bom também. Tenho meu dinheiro, tenho minhas coisas que vou conseguindo comprar e vou conseguindo enviar algum dinheiro para a família lá (Luana).

Nas restantes pessoas, o plano de regresso permaneceu viável e um objectivo a alcançar, ainda que, sem previsões para que tal se venha a concretizar: “tenho plano de voltar ao Brasil porque Portugal já não anda, nem a minha cabeça está aqui, no lugar onde tem que estar” (Nora); “(...) mas não tenho assim problema de saudade porque, pelo menos nos últimos anos que eu fiz... mas não tenho assim aquela necessidade de voltar para o Brasil, não tenho aquela necessidade... não estou assim tão... Vou tendo uns dias” (Mateus). Em qualquer dos casos, o balanço entre ganhos e perdas salientou, por um lado, a falta que sentem das referências culturais e de pessoas significativas, do clima e da paisagem no Brasil, em contraponto com a vida em Portugal, onde foi possível adquirir mais recursos

económicos, estabelecer algumas relações de amizade com portugueses, mas também com muitos brasileiros a viverem no país, onde o ambiente é seguro e o clima ameno. Como referem José e Marco:

(...) E aqui estou eu a viver um dia de cada vez, imaginando voltar para o Brasil. Adoro Portugal, gosto muito daqui porque falando em termos de condições de vida... No Brasil tem muito trabalho e tá muito melhor, mas as coisas lá...o custo de vida lá é caro. Se não tiver lá um bom trabalho também não vale a pena voltar para lá, ganhar pouco e viver uma má vida. (José).

Porque é assim, preciso de fazer mais algum dinheiro... tenho lá algum, mas não é o suficiente... para o que eu quero fazer, não é o suficiente. Então, vou fazer mais algum trabalho de um mês ou dois, não vou dar assim um tempo determinado... Talvez dois/três meses mais e pretendo voltar (Marco).

3.5. Discussão

Este estudo procurou compreender os processos de resiliência na dinâmica entre recursos e adversidades e através dos significados atribuídos pelos migrantes à sua trajectória de vida, tanto no país de origem, quanto no país de acolhimento. As narrativas biográficas e a metodologia de análise proposta por Rosenthal & Fischer-Rosenthal (2004) possibilitaram esta abordagem.

Globalmente, os significados atribuídos aos processos migratórios foram uma síntese integrada entre passado, presente, desejos, investimentos, afectos, relações, contextos económicos e estruturas sociais, readquirindo diferentes significados e expressões em cada uma das histórias de vida (ou grupos de narrativas), assim como cada contexto social e cultural introduziram nuances e características específicas. Com esta perspectiva procuramos desmontar a tendência para homogeneizar os processos migratórios, atendendo à proveniência dos migrantes (Ungar, 2008). Contrariando essa tendência, realçamos a variabilidade existente entre os migrantes brasileiros suportada em significados assentes numa perspectiva construcionista (Lock & Strong, 2010).

A análise das narrativas dos migrantes participantes neste estudo evidenciou a relação das dimensões dos processos de resiliência. No país de origem e ao nível das adversidades foi possível identificar, essencialmente duas dimensões; a realidade sócio-económica e os laços

de vinculação afectiva. A primeira dimensão diz respeito à escassez dos recursos económicos e académicos, bem como da falta de perspectiva e aspiração de aumento desse património no Brasil. Nestes casos, migrar para Portugal fez parte dos recursos disponíveis ao alcance destes migrantes, com o objectivo de mudar a condição da qual partiram na origem, como aliás referido por diversos autores (Portes & Rumbaut, 1996) que salientam a condição económica desfavorável enquanto adversidade e como motivo de migração. No entanto, a segunda dimensão refere-se à falta de laços de vinculação afectiva no país de origem (ou laços afectivos disfuncionais), quer por perdas reais de pessoas significativas (morte ou abandono), quer por relacionamentos entre familiares pouco satisfatórios. O interessante destes casos é o facto desta especificidade dos laços afectivos permanecer no país de acolhimento, potenciado pelo contexto social português, globalmente sentido como hostil, com base nas interações com os portugueses pautadas por sentimentos de desvalorização (rejeição e preconceito). Este aspecto particular dos laços afectivos merece atenção pelo facto de muitos estudos revelarem a dimensão das perdas (reais e simbólicas) dos migrantes na chegada a um novo país (Boss, 2006). Contudo, neste caso, esta dimensão é anterior ao projecto migratório, retomada (ou aumentada) posteriormente por dificuldades sentidas nas relações interpessoais no país de acolhimento.

O modo como os migrantes deste estudo permaneceram no país de acolhimento realça diferentes perspectivas, das quais destacamos duas principais dimensões: o sentimento de pertença e as vinculações afectivas.

Através do primeiro grupo de migrantes compreendemos a dinâmica existente entre o estabelecimento de relações significativas com portugueses e o sentimento de pertença. Como referem Sroufe e Waters (1977) é a possibilidade de estabelecer relações de proximidade com outros que possibilita um sentimento de segurança básica, de estar emocionalmente ligados a pessoas e lugares, bem como a sensação de se sentirem aceites no contexto social e cultural. Esta necessidade parece ser tanto maior, quanto mais vincada é a dimensão contrastante entre contextos. Ou seja, neste caso, o fosso aberto entre os países, onde o Brasil e os brasileiros são representados sob perspectivas desvalorizadoras e negativas. Mais ainda, como salienta Baumeister (2012), a necessidade de pertença é de tal forma importante que, quando se perdem determinados laços, procuram-se outros que possam amortecer o impacto dessa perda e que continuem a satisfazer a necessidade de pertença.

Sobre o sentimento de pertença, poder-se-á acrescentar a associação entre a existência de laços de vinculação institucional e cultural, sublinhado pelo segundo grupo de participantes (sugerido por autores como Lewicka, 2011). No caso destes migrantes, as dimensões da educação e saúde em Portugal servem como elo de ligação e proximidade ao país, na medida em que são beneficiários destes sistemas, partilhado em igualdade de oportunidades e circunstâncias com os portugueses. Apesar de pouco frequente, a relação entre resiliência e pertença em migrantes tem sido estudada por alguns autores, nomeadamente, Baskin, Wampold, Quintana e Enright (2010), sinalizando a importância da pertença como recurso contra o isolamento e solidão.

Destacou-se ainda no terceiro grupo que as vinculações afectivas podem ser de tal modo intensas que têm um potencial efeito analgésico face a dificuldades provocadas pela ruptura no contexto, neste caso, devido à saída do país de origem

Por último, no quarto grupo revisitamos com maior clareza a noção de pertença associada ao conceito de diáspora. Estes migrantes salientaram a dinâmica entre ganhos e perdas, os aspectos positivos da permanência em Portugal, as vinculações afectivas aqui criadas mas simultaneamente, aquelas que ficaram no Brasil, que são significativas e fazem falta. Tsolidis (2013), salienta exactamente esta dimensão dinâmica entre ganhos e perdas que caracteriza a diáspora. A autora refere a existência simultânea da perda da íntima ligação histórica, tradicional, familiar e dos costumes do país de origem, e os ganhos a vários níveis no novo país. A perda parece ser possível, apenas através do ganho de um certo mito ou ilusão de que existirá sempre um regresso à terra natal. Desenvolve-se então uma dupla lealdade, quer em relação ao país de origem, quer relativa ao país de acolhimento. À medida que os migrantes vão integrando elementos do novo país, estes vão sendo sedimentados sobre as representações do país de origem como lugar de regresso.

Esta análise das narrativas reforça o entendimento sobre os processos de resiliência não como um resultado, mas como um processo complexo e de inter-relação entre condições e contextos, à semelhança dos autores que sublinham o interesse na resiliência nesta vertente dinâmica e complexa (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000), centrada nos contributos das especificidades culturais (Ungar, 2008). O processo de resiliência dos migrantes deste estudo assume várias funções e diversas configurações, nomeadamente, a anulação do impacto da

adversidade, desenvolvendo possibilidades alternativas ou ultrapassando as adversidades integrando-as nos percursos e trajetórias de vida.

3.6. Considerações Finais

Este estudo procurou trazer à luz a dimensão das migrações observadas na continuidade entre país de origem e acolhimento, na lógica da (re)construção de significados. Esta abordagem integrada e centrada na subjetividade tem sido pouco frequente na investigação sobre os processos migratórios em Psicologia, predominando a perspectiva sobre as condições de ajustamento no destino (Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010).

Ao nível das implicações do trabalho clínico com migrantes poderá ser de grande importância, a forma como são considerados os aspectos relacionados com o país de origem, dado que muitos migrantes tiveram trajetórias de vida marcadas por condições adversas ainda antes de migrarem. Nesse sentido, estas condições poderão estar relacionadas com as dificuldades vividas no país de acolhimento, onde estas são acentuadas e re-criadas requerendo por esse motivo a atenção dos clínicos. Por outro lado, salientámos neste artigo as dimensões da pertença e das vinculações afectivas, sociais e culturais relacionadas com a necessidade de ser aceite. Neste sentido, a relação terapêutica constitui uma possibilidade de desenvolver laços de vinculação afectiva importantes. Os laços estabelecidos entre terapeuta e paciente possibilitam o desenvolvimento da aliança terapêutica que permite a regulação emocional, a confiança e a dependência necessária a este processo (Diener & Monroe, 2011).

Ao nível da política e intervenção social sublinhamos que a compreensão e o conhecimento dos recursos no processo de resiliência não poderá ter como implicações ou consequências práticas, a demissão dos interventores sociais e dos decisores políticos ao nível das políticas migratórias (Seccombe, 2002). A questão central mantém-se, na medida em que, face ao contexto adverso associado aos processos migratórios e apesar da capacidade de muitos migrantes em navegarem e negociarem os recursos existentes, nem todos o conseguem e para outros, continuam a ser insuficientes, conduzindo a situações de fragilidade e exclusão social. Como refere Gilligan (2004), a intervenção numa perspectiva da resiliência não pode focar apenas os factores individuais mas também as deficiências estruturais na sociedade, de forma a tornar as pessoas mais fortes, mais competentes e mais funcionais em situações adversas.

Das limitações do estudo salientamos o facto de, dada a diversidade das narrativas e o interesse por cada trajectória, a especificidade individual ficar diluída nos pequenos grupos criados e alguns significados ficarem perdidos ou sem o destaque merecido face à necessidade de aglutinação da informação de várias narrativas (Hollway & Jefferson, 2000). No entanto, em termos de ganhos, a opção pelo agrupamento das narrativas permitiu compreender alguns traços comuns que sobressaíram das trajetórias individuais e simultaneamente aqueles que são distintos entre cada grupo. De qualquer modo, a análise das narrativas conforme sugerem os autores (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004) tem sempre um carácter hipotético e temporário. Isto implica que esta possibilidade de análise será certamente alterada, com a permanência dos migrantes ao longo do tempo no país de acolhimento, já que tem sido estudada a importância desta dimensão temporal ao nível das transformações ocorridas nos migrantes.

Por último, reforçamos a especificidade dos migrantes entrevistados, no sentido em que todos eles residiam na capital do país - Lisboa, onde se concentram a grande maioria dos migrantes brasileiros e onde se verifica alguma confluência de diversidade cultural, por via da concentração de migrantes residentes de várias origens. Este contexto social, geograficamente localizado numa grande cidade (55% do total de migrantes residem em Lisboa), será certamente distinto de outras cidades ou de um ambiente rural de outra zona do país.

3.7. Referências

- Apitzsch, U. & Siouti, I. (2007) *Biographical Analysis as an Interdisciplinary Research Perspective in the Field of Migration Studies*. Frankfurt am Main: Research Integration, Johann Wolfgang Goethe Universität, University of York.
- Baskin, T., Wampold, B., Quintana, S., & Enright, R. (2010). Belongingness as a protective factor against loneliness and potential depression in a multicultural middle school. *The Counseling Psychologist*, 38(5), 626-651.
- Baumeister, R. F. (2012). Need to belong theory. In P.A. M. Van Lange, A.W. Kruglanski & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology: Volume Two* (pp. 121-140). London: Sage Publications.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-34.
- Boss, P. (2006). *Loss, Trauma and Resilience*. New York: W.W. Norton & Company.
- Coll, C. G., & Magnuson, K. (2014). The psychological experience of immigration: A developmental perspective. In C. Suarez-Orozco, M. Suarez-Orozco & D. Qin-Hilliard (Eds.), *The New Immigrant and the American Family: Interdisciplinary Perspectives on the New Immigration* (pp.69-110). New York: Routledge.
- Diener, M. J., & Monroe, J. M. (2011). The relationship between adult attachment style and therapeutic alliance in individual psychotherapy: A meta-analytic review. *Psychotherapy*, 48(3), 237–248.
- Rosenthal, G. & Fischer-Rosenthal, W. (2004). The analysis of narrative-biographical interviews. In U. Flick, E. Von Kardorff & I. Steinke (Eds), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 259-265). London: Sage Publications.
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience: A review and critique of definitions, concepts, and theory. *European Psychologist*, 18(1), 12–23.
- Gilligan, R. (2004). Promoting resilience in child and family social work: Issues for social work practice, education and policy. *Social Work Education*, 23(1), 93-104.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently - free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications.
- Lewicka, M. (2011). Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207-230.

- Lock, A., & Strong, T. (2010). *Social constructionism: Sources and stirrings in theory and practice*. New York: Cambridge University Press.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Malheiros, J. (2007). Imigração brasileira em Portugal – a síntese do que sabemos. In J. Malheiros (Orgs). *Imigração brasileira em Portugal*. (pp. 11-37). Lisboa: ACIDI
- Marshall, C., & Rossman, G. B. (2011). *Designing qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage publications.
- Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal. Memórias, dificuldades de integração e projectos de vida*. Lisboa: ACIDI
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2010). Código Deontológico. Regulamento n.º 258/2011, *Diário da República*, 258, 17931-17936.
- Portes, A. & Rumbaut, R. (1996). *Immigrant America: A Portrait*. Berkeley: University of California Press.
- Rosenthal, G. (1993). Reconstruction of life stories: principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. *The narrative study of lives*, 1(1), 59-91. Disponível em: www.ssoar.info/ssoar/handle/document/5929
- Riley, J. & Masten, A. (2005). Resilience in context. In R. D. Peters, B. Leadbeater, & R. J. McMahon (Eds.), *Resilience in children, families, and communities: Linking context to practice and policy* (pp. 13-25). New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Secombe, K. (2002). “Beating the odds” versus “changing the odds”: Poverty, resilience, and family policy. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 384-394.
- Schiller, N. G., Basch, L. and Blanc-Szanton, C. (1992). Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645: 1–24.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2013). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo. Recuperado em 20 de Outubro de 2014, de http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184-1199.

- Tsolidis, G. (2013). Introduction: Does Diaspora matter when living cultural difference? In G. Tsolidis (Eds.), *Migration, Diaspora and Identity: Cross-national Experiences* (pp. 1-15). London: Springer Science & Business Media.
- Ungar, M. (2008). Resilience across Cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Yijälä, A., & Jasinskaja-Lahti, I. (2010). Pre-migration acculturation attitudes among potential ethnic migrants from Russia to Finland. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(4), 326-339.
- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8 (spe), 75-84.

4

"The place I long to be". Narrativas biográficas de cabo-verdianos sobre processos de resiliência

Este capítulo é baseado no artigo:

Roberto, S.; Freire, J.; Ramos, N. & Moleiro, C. (under review). The place

I long to be. Resilience processes in migrants.

Resilience: International Policies, Practices and Discourses

4.1. Resumo

As migrações têm sido abordadas através de estudos com um enfoque particular nos obstáculos e dificuldades, nomeadamente no contacto com o país de acolhimento. Reconhecendo que migrar é um processo complexo que envolve várias dificuldades importa compreender o modo como os migrantes superam a adversidade, bem como se torna importante conhecer os recursos mobilizados para serem culturalmente ajustados. Partindo da perspectiva teórica da resiliência, este estudo procurou compreender os contextos de adversidade, recursos e ajustamento dos migrantes cabo-verdianos em Portugal, que migraram para continuar os estudos no ensino superior. As 10 narrativas biográficas recolhidas revelaram significados das suas trajetórias de vida, tanto no país de origem como no país de acolhimento. A análise das narrativas permitiu compreender a diversidade dos processos de resiliência entre os participantes. As adversidades relacionaram-se com duas principais dimensões; as diferenças culturais e as relações interpessoais com os portugueses. Ao nível dos recursos, foi salientada a importância da diáspora cabo-verdiana na chegada ao novo país. Ao longo do tempo de permanência, para alguns migrantes, este permaneceu como o principal recurso, no entanto, outros foram desenvolvendo pertenças e vinculações significativas num contexto mais alargado. Em termos de ajustamento cultural, surgiram diversas configurações, sugerindo a natureza fluida do processo de resiliência, que pode ocorrer numa multiplicidade de formas.

Palavras-chave: resiliência; migração; transnacionalismo; diáspora; narrativas;

4.2. Introdução

Os estudos sobre os migrantes têm abordado as dificuldades e as consequências negativas para os migrantes na chegada e na permanência ao longo do tempo num novo país. De um modo geral, é assumido um conjunto de aspectos relacionados com barreiras e obstáculos no contacto com as sociedades de acolhimento, bem como são enumeradas as várias perdas (laços familiares, língua, quadro cultural de referência, entre outros) dos migrantes na sequência da saída do país de origem (e.g. Berry, 1997; Boss, 2006; Utsey, Giesbrecht, Hook & Stanard, 2008).

Nas migrações estas dificuldades estão presentes e são possivelmente simultâneas mas poucos estudos têm dedicado atenção aos processos dinâmicos envolvidos na interacção entre as dificuldades e os recursos mobilizados (o pressuposto básico de resiliência para alguns autores, por exemplo, Davydov, Stewart, Ritchie & Chaudieu, 2010; Luthar, Cicchetti & Becker, 2000b; Luthar, Sawyer & Brown, 2006) no país de acolhimento. A perspectiva teórica da resiliência apresenta uma proposta complementar a esta perspectiva enraizada nas dificuldades. A noção básica do conceito reconhece a existência de contextos adversos, mas centra-se nos recursos mobilizados para ultrapassar as adversidades em processos de ajustamento positivo (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000).

Na literatura sobre migrações encontramos ainda uma grande quantidade dos estudos, a situarem-se no período de chegada e permanência ao longo do tempo no país de acolhimento, sob a perspectiva das diferenças e contrastes sociais e culturais, sem inclusão de parte do trajecto feito no país de origem (Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010). Nesse sentido, o conceito de *transnacionalismo* vai além da divisão entre países e propõe um entendimento através de uma abordagem que ultrapassa fronteiras nacionais: “Transmigrants take actions, make decisions, and develop subjectivities and identities embedded in networks of relationships that connect them simultaneously to two or more nation states” (Basch, Glick Schiller & Blanc, 1994, p.7).

Procurando saber mais sobre a resiliência e migração, integrado na perspectiva transnacionalismo, este estudo foi orientado para a compreensão do processo migratório, observado através de uma lógica de continuidade entre país de origem e país de acolhimento que permitisse compreender as dificuldades, recursos e ajustamento nas trajectórias de vida. Nesse sentido, queríamos aceder aos significados atribuídos pelos migrantes cabo-verdianos à

vida no país de origem, incluindo a decisão de migrar. Cabo Verde é um país profundamente marcado pela migração desde a sua independência de Portugal e os laços com a diáspora teve uma enorme importância para consolidar essa transição como um Estado autónomo. Barata e Carling (2008) afirmam que poucos países no mundo têm sido tão marcado pela migração do que Cabo Verde. Simultaneamente, as comunidades cabo-verdianas em todo o mundo são consolidados, ou nas palavras de Carling (2003) "maduras" e tipicamente envolvidas em práticas transnacionais nos países de acolhimento. Em Portugal, os cabo-verdianos são a comunidade migrante mais antiga e consolidada, com enorme diversidade de práticas transnacionais.

Neste estudo procurámos também compreender os significados atribuídos à transição migratória e às mudanças ocorridas no tempo de permanência em Portugal. Através desta abordagem, tentámos compreender os recursos que possibilitam ultrapassar as dificuldades com as quais os migrantes se deparam na sociedade de acolhimento, o que significa compreender os processos de resiliência nas suas múltiplas configurações. Neste sentido, o foco deste estudo situa-se no indivíduo enquanto parte integrante do contexto social e cultural, agente e produto da interação com os contextos.

Resiliência e Migrações

Os principais conceitos fundadores deste estudo têm fundamentos interdisciplinares e fundações epistemológicas distintas, tornando-se assim necessário clarificar as relações e pontes entre eles e de que forma, em conjunto, constituem a proposta conceptual e o projecto de investigação.

O conceito de resiliência emergiu do conhecimento organizado em torno da psicologia positiva, fundada epistemologicamente numa perspectiva positivista. O estudo da psicologia positiva incentiva uma mudança do foco no déficite, ou doença, para a força na condição desenvolvimento humano (Seligman, 2002). Os estudos nesta área têm procurado avaliar a forma como os indivíduos usam determinados recursos face a determinantes contextuais adversos. Neste sentido, uma possibilidade de definição do conceito é usada na investigação empírica (apesar de existirem outras perspectivas, nomeadamente um entendimento enquanto traço ou resultado de um processo, Richardson, 2002), refere a resiliência como um processo, dinâmico e circunstancial, observando-se um ajustamento ou

adaptação positiva face à acção de factores protectores em circunstâncias ou condições adversas (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000).

Muitos estudos têm operacionalizado o conceito através de uma abordagem preditiva, procurando a influência de factores de protecção, a fim de prever a resiliência, mesmo na presença de factores de risco. Em vez desta abordagem, no presente, aderimos à proposta de Yunes (2003), destacando a necessidade de estudos com uma abordagem da dimensão subjetiva da resiliência, que captem os significados atribuídos pelas pessoas à sua experiência individual. Esta ideia abre a porta à comunicação com outras fundações epistemológicas. No objecto de interesse deste estudo, procuramos compreender a resiliência enquanto processo, dinâmico e circunstancial, baseado na construção e partilha de significados individuais, socialmente construídos. Ungar (2008) destacou ainda a preocupação com uma certa hegemonia nos estudos sobre a resiliência e, é nesse sentido, que procura incluir a dimensão cultural na definição. Neste artigo adoptamos o seu conceito de resiliência definido como:

In the context of exposure to significant adversity, resilience is both the capacity of individuals to navigate their way to the psychological, social, cultural, and physical resources that sustain their well-being, and their capacity individually and collectively to negotiate for these resources to be provided and experienced in culturally meaningful ways (Ungar, 2008, p. 225).

De acordo com esta definição, a ênfase é dada à importância das fundações culturais (que modelam cada um de nós individualmente) envolvidas na capacidade dos indivíduos para navegar e negociar pelos recursos que necessitam.

A proposta geral de entendimento sobre os processos migratórios teve como condição prévia o uso das lentes do conceito de transnacionalismo, de forma a olhar especificamente para as características e idiossincrasias da comunidade cabo-verdiana. O transnacionalismo é definido como "o processo em que os imigrantes criam áreas de actuação sociais que liguem o seu país de origem com o país onde se instalaram" (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992, p. 81). Isto reforça a necessidade de se reconhecer a ligação entre o ponto de partida e chegada, sem perder de vista o processo real, contínuo e ininterrupto que caracteriza este movimento (Gois, 2008; Góis & Marques, 2008). Ou seja, um olhar sobre o transnacionalismo cabo-verdiano pode ser um instrumento valioso na compreensão de várias áreas de interesse como, a gestão feita da herança cultural entre a comunidade de origem e a

do país de acolhimento, a ligação física e emocional que é mantida, reforçada e transformada com o país de origem, ou os novos vínculos estabelecidos, conforme referido por vários autores (Portes, Guarnizo & Landholt, 1999; Snel et al. 2006). Toda esta dinâmica ganha vida partindo do pressuposto de que, no caso dos cabo-verdianos, o ponto de origem será sempre uma forte fonte de referência (Évora, 2006) moldado pela história colonial, pós-colonial, e de relações de independências e dependências a Portugal.

Quando considerado o estudo conjunto da resiliência e da migração, vários ângulos e perspectivas podem ser adotadas, mas um dos mais significativos é o foco na cultura e como a adversidade, os recursos e ajuste positivo se relacionam com as especificidades culturais. Importando estudos sobre aculturação, começando por Berry (2001), é sugerido que a melhor forma de ajuste para os migrantes é a integração recíproca e a interação entre culturas (de origem e de acolhimento países). No entanto, muitos autores (por exemplo) sugeriram outras propostas para além do biculturalismo, mostrando que os migrantes não são necessariamente orientados para os países de origem ou destino, podendo orientar-se para vários lugares, comunidades e sociedades, ao mesmo tempo (Vertovec, 2001). Assim, a relação entre a migração e o ajustamento positivo, proposto pelo conceito de resiliência, é a compreensão deste ajustamento positivo como ajustamento cultural. Significa que, através do conceito de transnacionalismo, que propõe uma variedade de perspectivas sobre como os migrantes conseguem um ajuste positivo em relação às culturas, os processos de resiliência podem ocorrer de diferentes maneiras, tantas como as possibilidades existentes no relacionamento individual dos migrantes com as culturas.

Usando o conceito de transnacionalismo, este estudo procurou compreender os processos de resiliência dos migrantes cabo-verdianos através dos significados atribuídos às suas trajectórias de vida, explorando assim a dinâmica entre adversidades e recursos que conduzem ao ajuste cultural, ao longo da continuidade entre o país de origem e de acolhimento. A proposta da lógica abductiva, pretende ir ao encontro do objectivo de investigação, assumindo, como refere Reichertz (2009), uma atitude de abertura para a descoberta de novos significados e sentidos, elegendo as narrativas biográficas como o veículo que possibilita a compreensão sobre os processos migratórios numa perspectiva qualitativa.

Migração Cabo-verdiana em Portugal

O movimento migratório dos cabo-verdianos para Portugal é constituído por diferentes fases, iniciado com uma longa tradição da migração reportada desde o século XVII (Carita & Rosendo, 1993). Integrada desde sempre num cenário de “abandonos e repovoamentos e de secas recorrentes” (Grassi, 2006, p. 2), e justificada como sendo necessária e inevitável, a história da migração cabo-verdiana pode ser contada através dos diferentes fluxos, destinos, causas e pessoas.

O mais recente e constante fluxo migratório para Portugal deu-se a partir dos anos 60, com particular incidência entre 1974-1975 (Carita & Rosendo, 1993). Se inicialmente o movimento estava ligado sobretudo à entrada de quadros técnicos, com formação superior ou funcionários da administração pública e colonial (Carita & Rosendo, 1993), rapidamente se transformou na vinda de um grande número de homens que chegavam com o principal objectivo de suprir carências de mão-de-obra nas indústrias da construção e das obras públicas que se encontravam em expansão (Grassi, 2006). A juntar a esta população, já com, pelo menos, uma década de residência, e através da possibilidade de reagrupamento familiar, entraram em Portugal muitos familiares de cabo-verdianos, nomeadamente irmãos, mulheres e filhos (Carita & Rosendo, 1993). No entanto, devido a entraves burocráticos e administrativos, o fluxo migratório legal diminuiu dando lugar à entrada de migrantes cabo-verdianos em situação irregular, que chegaram a representar 50% da população cabo-verdiana em Portugal (Grassi, 2006). Ao longo destas diferentes fases é importante ainda salientar o movimento de muitos jovens cabo-verdianos que chegam para frequentar instituições do ensino técnico e superior, que representam também uma componente fulcral na dinâmica migratória desta população.

A presença dos migrantes cabo-verdianos em Portugal assume contornos de grande importância, não apenas por se tratar da segunda maior comunidade migrante, mas, sobretudo, por ser a mais antiga. Ou seja, esta comunidade é aquela que tem permanecido relativamente constante em termos de dimensão, e a que está instalada há alguns ciclos de migrações (Machado, 2005). No entanto, relativamente aos dados estatísticos, estes são dissonantes entre as autoridades cabo-verdianas e portuguesas (Batalha, 2008). Em 2003, o Instituto das Comunidades de Cabo Verde (IC-CV) divulgava que o número de cidadãos oriundos deste arquipélago a residir em Portugal ultrapassava os 100 mil indivíduos, sendo

que no mesmo ano o Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo (RIFA) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) indicava que esse número não ultrapassava os 54 mil. O último RIFA (2013) dá conta da presença de 42.401 cabo-verdianos residentes legais, representando 11% da população estrangeira em Portugal.

Os estudos sobre os migrantes cabo-verdianos em Portugal têm sido pouco abundantes, conforme já referido sobre as migrações em geral (Machado, 2005) e aqueles que existem são tipicamente produzidos por disciplinas das ciências sociais e humanas, como a Sociologia ou a Antropologia (e.g. Carita & Rosendo, 1993; Évora, 2006; Grassi, 2006).

Esta investigação foi realizada com migrantes cabo-verdianos que vieram continuar os estudos nas universidades em Portugal. A razão pela qual nós escolhemos essa população migrante específico é que os estudos sobre os cabo-verdianos em Portugal tendem a focar-se sobre os que deixam Cabo Verde em condições de desvantagem socioeconómica e profissional (e que permanecem em Portugal nas mesmas condições). No entanto, uma parte significativa de cabo-verdianos vem frequentar o ensino superior em Portugal, sendo que uma parte permanece no país (Carita & Rosendo, 1993). Este tipo de migração introduz uma certa especificidade, na medida em que a condição de partida poderá ser distinta, quando comparada com migrações sustentadas noutros motivos e motivações (políticas, económicas, entre outras). Procurámos compreender melhor os desafios colocados a estes migrantes e os recursos accionados, no contexto da complexidade das suas trajectórias de vida.

4.3. Método

Nos estudos sobre as migrações têm sido usados vários tipos de condução e de análise das narrativas biográficas. Neste estudo foi usado o método de reconstrução de casos (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004) que tem por base a ideia de que através do processo de reconstrução de cada caso torna-se possível aceder à interacção entre o indivíduo e os aspectos institucionais da realidade social, usando para o efeito os princípios de abdução e de reflexividade, sem perder de vista a perspectiva da narrativa com um todo (*Gestalt*). Este método tem como principal objectivo reconstruir os significados das experiências e a reconstrução da organização temporal das histórias no presente em que são narradas (Rosenthal, 1993).

Procedimento

Neste estudo adoptámos as considerações teóricas sobre a forma de conduzir a entrevista, no sentido clássico da formulação adoptada por Schutze (1983 citado em Apitzsch & Siouti, 2007) e Rosenthal (1993). Estes autores sugerem uma questão introdutória aberta que inicie a narração auto-biográfica e que permita ao narrador contar espontaneamente a sua história de vida, até que este indique que concluiu a sua narrativa. Distingue-se de outros métodos porque parte do pressuposto de que existem dois níveis de análise em cada narrativa; a história de vida como foi vivida e a história narrada. Através da distinção entre estes dois níveis, assim como da análise da relação entre eles, é possível proceder ao processo de reconstrução de cada caso, de um modo orientado para o processo.

A análise das narrativas de reconstrução de casos neste estudo seguiu a proposta dos autores, sistematizada em cinco estádios sequenciais (estes estádios estão explicitados de forma detalhada no artigo dos autores sobre o método, Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004, 2004): 1) Análise dos dados biográficos; 2) Análise do texto e de áreas temáticas; 3) Reconstrução da história de vida; 4) Análise detalhada dos segmentos de texto individuais; 5) Contrastar a história de vida como foi narrada com a vida como foi vivida. As etapas deste método de reconstrução apresentado procura encontrar o processo de formação da narrativa e da vida actual, sem perder de vista a relação recíproca entre as duas e simultaneamente a unidade do caso. A análise das narrativas foi elaborada e reformulada sistematicamente pelos autores deste artigo, concretizando os estádios do método e procurando respeitar os significados atribuídos pelos participantes às suas vivências migratórias.

Participantes

Foram recolhidas 10 narrativas de 6 homens e 4 mulheres, com idades entre 22 e 36 anos e residentes na zona urbana ou limítrofe da cidade de Lisboa. Entre estes migrantes, 3 ainda continuavam a estudar e 6 tinham já concluído os seus estudos no ensino superior, estando portanto integrados no mercado de trabalho (áreas: 2 Engenharia informática, Direito, Engenharia civil, Serviço social e Sociologia) e 1 que abandonou o curso estando a trabalhar como cabeleireira. Todos os nomes dos participantes foram mantidos anónimos, tendo sido criados nomes fictícios.

4.4. Resultados

As narrativas biográficas foram agrupadas através de características comuns, salientes na forma de contacto com o país de acolhimento, congregando simultaneamente aspectos comuns do país de origem. Seguindo a proposta de Hollway e Jefferson (2000, capítulo 6) decidimos pelo agrupamento de narrativas, pela utilidade de juntar características comuns num grupo de participantes de maior dimensão e heterogéneo, procurando não perder a expressão individual dos significados atribuídos pelos migrantes. O aspecto comum que caracteriza cada grupo é a configuração semelhante entre o ajustamento cultural e a utilização dos recursos, principalmente, os familiares e outras vinculações desenvolvidas ao longo do tempo em Portugal. Em cada grupo pretendemos destacar a relação com a cultura; a diáspora, o sentimento de pertença, a orientação dos familiares, a recriação de práticas culturais e, por último, a forma de ajustamento cultural. Seguindo este propósito, foram então constituídos quatro grandes grupos: 1) Morte à pátria? Tensões em perspectiva; 2) Cá como lá – O calor de Cabo-Verde; 3) Além mar está o mundo; 4) Ficar ou voltar? Saudade da *morabeza*.

Morte à pátria? Tensões em perspectiva.

Adriano, 34 anos, da ilha do *Fogo*, falou sobre um passado marcado pela separação dos pais aos 8 anos, com a ausência do pai e as longas horas sem a mãe que tinha dois trabalhos para o sustentar e ao seu irmão. “E... os meus pais separaram-se quando eu tinha 10 anos e ficamos a morar só com a minha mãe, mudámos de casa. E a minha mãe ficou com os 3, arranjou mais uma profissão e pronto, foi passando.” (Adriano). Soraya, 36 anos, é natural de São Vicente. Em Portugal há 17 anos pouco fala sobre a sua infância e nada explora sobre a sua vida em Cabo-Verde, referindo-se de forma vaga ao modo como foi “um tempo bom, dentro do normal”.

Ambos viveram dificuldades económicas em Portugal, devido à perda da bolsa de estudos atribuída pelo Governo de Cabo Verde, como consequência da falta de aproveitamento escolar e precisaram de conciliar o percurso escolar com trabalhos precários. Adriano confessa a dificuldade de articular o trabalho e os estudos, sendo simultaneamente difícil de acompanhar a exigência escolar por falta de métodos de estudo, no curso de Engenharia informática: “tive pouco aproveitamento na escola, perdi a minha bolsa cinco anos depois, quando depois decidi mudar de curso para engenharia informática e entretanto, fiz *part-times* em bares com muito pouco dinheiro”. Soraya estudou Direito. Realçava outras

120

dificuldades iniciais, como o choque climatérico, referindo-se a um frio particular que sentia, o “frio na alma”. A alma gelada tornava difícil a ida às aulas, que decorriam no horário matinal “custou muito no primeiro ano, dormia muito também, dormia tarde até ao meio dia”. O contraste dos tempos e ritmos do novo país e de outras diferenças, como: a existência de uma população portuguesa idosa, a fraca receptividade dos portugueses aos relacionamentos interpessoais, e no geral, uma população pouco calorosa e acolhedora, constituíram-se como outras dificuldades.

A noção que eu tenho é que aqui as pessoas são mais concentradas nelas próprias, no dinheiro, por causa das contas também, não é? Que chegam sem parar todo o fim do mês. Não têm tempo para as pessoas. As pessoas não querem saber... Mas fazia-me confusão, as pessoas não se falavam, depois no prédio, íamos no mesmo elevador, estamos assim mesmo a tocar um no outro e ninguém dizia nem “Ui!” nem “Ai!” (Soraya).

Nesse período, os laços mais significativos foram estabelecidos com colegas cabo-verdianas a estudar também em Lisboa, com as quais partilhou casa e que considera quase irmãs.

Sobre as relações com os portugueses e as diferenças entre países, Adriano e Soraya viveram tensões diferentes, no entanto, ambos sentiram um tipo de pressão relacionado com as lealdades e pertenças, entre a preservação do passado, da origem e as ligações do presente. A entrada no mercado de trabalho para Adriano trouxe a possibilidade de sentir-se acolhido pelos portugueses,

Entrei para a empresa para a qual eu trabalho ainda hoje, que é uma empresa pequena mas muito consistente, tem sempre bons clientes e sou muito acarinhado pelos meus patrões e são muito correctos, muito honestos. Gosto muito de trabalhar aí (Adriano).

Simultaneamente com a entrada no mercado de trabalho português, Adriano redescobriu a cultura cabo-verdiana. “Desde que eu estou cá aprendi a valorizar a música, primeiro quando comecei a tocar a guitarra, mas claro, depois de estar cá já apreciei realmente. Antes não gostava de morna...não gostava! (...) E não gostava da cachupa. Da cachupa feita no sábado que é com o caldo e com a carne...”. Esta proximidade à cultura tradicional de Cabo-Verde é acompanhada da ausência do desejo de regresso. Contudo, a mulher de Adriano gostaria de voltar para Cabo-Verde, criando outras tensões que remetem

para esta divisão entre lugares e culturas. “Não me sinto pronto para voltar, se tiver que ir vou. Penso que é muito por uma questão de lealdade à minha empresa também. Gostaria que a minha filha fosse cabo-verdiana também como eu, que nascesse com a cultura cabo-verdiana mas pronto já não me importo nada que ela seja portuguesa e fiz questão de lhe ensinar a língua e tenho receio da questão bilingue a confundir um bocadinho.”

As tensões sentidas por Soraya colocaram-se de forma diferente mas com um resultado idêntico ao de Adriano, ao nível das escolhas e possibilidades no novo país, e que entram em contradição com o país de origem. Soraya casou com um cabo-verdiano que pretende viver em Lisboa e rejeita a ideia de voltar para Cabo-verde.

O pai dela [da sua filha] é cabo-verdiano, mas é o cabo-verdiano português, que veio nos anos 70 com os pais. Os irmãos nasceram todos cá, por acaso ele nasceu lá mas veio bebé. Portanto, foi conhecer Cabo-verde aos 20 e tal anos e apesar de ser um cabo-verdiano de naturalidade, não gostou muito quando foi! Foi também por isso que se calhar acabei por ficar porque ele disse: “Não, aquilo pode ser muito bom para vocês mas para mim não” (Soraya).

Aparentemente, por ele foi permanecendo em Portugal, apesar da tensão vivida com o modo de vida português.

Eram cinco anos e ir-me embora, era mesmo para fazer só o curso, não viver. (...) Aqui há bancos nos autocarros em que a pessoa fica cara a cara e eu às vezes ia naqueles bancos e as pessoas não se cumprimentam. É normal aqui. Em Cabo-Verde não é normal! Hoje em dia, eu faço isso, nem me lembro que um dia fui assim “diferente” (Adriano).

Cá como lá – O calor de Cabo-Verde

Ângela, 29 anos, nascida em Santiago, cresceu num contexto de poucos recursos económicos. A entrada na adolescência em Cabo Verde foi um tempo marcante nas escolhas que foi fazendo mais tarde. Sobre este período da sua vida Ângela diz,

Estava a fazer 18 anos e queria sair mais com as minhas amigas, só que o meu pai não deixava e eu já começava a ficar revoltada com ele, achava que ele não tinha que lidar assim comigo. E a minha mãe também não deixava, com medo dele e essas coisas... E eu começava a ficar revoltada... (Ângela).

Sobre este contexto, Ângela sentia que a sociedade machista de Cabo-Verde era demasiado opressora para as mulheres, apela à dependência destas e impede a liberdade de escolhas. “Em Cabo Verde ainda é o domínio dos homens. Eles têm todo o poder. Podem decidir o que quiserem e as mulheres têm que obedecer. Não escolhem a sua vida” (Ângela).

Deise, 32 anos, nasceu e cresceu na ilha de São Vicente, numa família numerosa, com muitas dificuldades económicas e que lidou com o acontecimento trágico da morte de ambos os pais quando tinha ainda 6 anos de idade. Deise começou a trabalhar muito nova com 13 anos, sem desistir da escola. Nesse tempo conheceu a igreja evangélica do 7.º dia onde encontrava o incentivo de outros crentes para que não desistisse, “Graças a Deus tive sempre o privilégio de encontrar as pessoas que me ajudaram, tive sempre a meu lado... isso eu devo a meu Deus porque ele sempre providenciou assim pessoas para nos ajudar” (Deise). Na conclusão do 12.º ano e com o apoio da Igreja fez a candidatura à bolsa de estudos, para estudar em Portugal.

Adilson, 22 anos, nasceu na ilha da Boavista, num ambiente profundamente rural, isolado das povoações mais numerosas, e onde a família se dedicava à agricultura e agropecuária.

A minha rotina era sempre ir pra escola cedo e depois a tarde eu ia cuidar dos animais e praticamente não tinha tempo pra estudar mas eu tinha sempre boas notas, (...) a distância também da casa até a escola e pela precariedade do caminho. Não tinha estradas, eram rochas (...) Mas eu sempre quis sair de lá. Eu sempre quis estudar em Portugal. Já o meu irmão tava aqui, por causa da língua que também e... eu sempre quis vir pra aqui. (Adilson).

Ângela, Deise e Adilson partiram de Cabo-Verde em diferentes condições sócio-económicas, ainda que no geral, tivessem poucos recursos económicos e motivações distintas para estudarem fora do país de origem. Para Ângela, a decisão de estudar em Portugal esteve relacionada com o seu pai, num curso que ele considerava importante para o futuro (marketing e publicidade), curso este que ela veio a abandonar mais tarde por dificuldades no pagamento das propinas.

Desde criança que digo: quero ser cabeleireira, quero ser cabeleireira!" e isso foi morrendo aos poucos, depois quando vim estudar, fui mais pelo meu pai, que ele estava sempre a falar disso dos cursos (...) mas a vida foi para outro lado, mal comecei

no cabeleireiro gostei e agora adoro. É uma coisa que posso dizer que faço com gosto. Por opção própria, não por influência (Ângela).

Esta possibilidade surgiu através de uma tia de Ângela que vive em Lisboa, conhecida da dona do cabeleireiro.

As trajetórias de vida aproximam-se no ponto das dificuldades que tiveram em Portugal, pelos períodos de grande instabilidade e precariedade (nomeadamente, elevadas necessidades económicas, permanência irregular no país ou sofrimento psíquico) que colocaram em causa a permanência em Portugal, apesar do desejo de continuidade no país. Deise chegou a Portugal para estudar Serviço Social, com o apoio de uma bolsa de estudos, contactos de fiéis da mesma Igreja e conhecidos de amigos cabo-verdianos também a estudar no país. Estas pessoas foram decisivas nas dificuldades que enfrentou nesse período. Por um lado, o valor da bolsa de estudos era reduzido face às despesas mensais, colocando em causa, por vezes, dimensões básicas como a alimentação.

Eu sempre pensei: “eu vou ali para Portugal, mas eu sei que ali vou passar dificuldades! Eu sei que ali vou passar por momentos difíceis. Sei que eu vou chorar, vou sentir a falta disto e daquilo, mas eu vou...mesmo assim eu vou.” Neste caso, foi mesmo assim. Não tinha dinheiro quase nenhum. As pessoas da minha Igreja ajudaram-me, às vezes, com dinheiro mas acima de tudo, com a fé” (Denise).

Por outro lado, Deise sentia-se agredida com comentários pouco respeitosos e desvalorizadores da sua origem: “as pessoas olham na rua estão a chingar, "menina negrinha!" uma coisa assim (...) falam de Cabo-Verde como um país atrasado, um país de gente burra”. Com Ângela ficaram marcadas as dificuldades em obter a documentação legal, depois de ter perdido o visto de estudante que tinha à chegada ao país, tendo permanecido em situação irregular por um período de quase 3 anos. Refere que neste tempo a sua atitude foi decisiva,

saí do meu país sem medo de arriscar, porque uma coisa que eu nunca tive medo, foi arriscar e consegui... Hoje a coisa que eu mais amo é a minha independência, não queria voltar a depender de ninguém, muito menos dos meus pais. Adoro a minha independência! (Ângela).

Adilson, por sua vez, chegou a Portugal para estudar Engenharia informática (a frequentar o último ano) e teve grandes dificuldades em acompanhar as exigências no novo

país, “sentia-me perdido... tudo era diferente, o estilo de vida, as condições climáticas, a vida é mais agitada, tudo uma correria (...) uma vez fiquei paralisado na saída do metro, pensei que ia desmaiar”. Na sequência deste episódio, e porque existia um mal-estar emocional generalizado, Adilson recorreu ao serviço de apoio psicológico da Universidade que frequentava. Sobre o acompanhamento psicológico refere,

ao princípio era esquisito e tinha vergonha, nunca disse nada a ninguém mas fez-me bem... Aos poucos comecei a sentir mais confiança, já saía mais e falava mais facilmente com as pessoas e aí vieram os amigos. Percebi depois que muitos colegas de cabo-verde também estiveram mal no princípio”. A proximidade com colegas e amigos trouxe “o calor de cabo-verde (...) fazia-me falta... havia uma república que eram só cabo-verdianos e lá tocávamos e cantávamos mornas e era sempre a rir, estávamos felizes (...) quero acabar o curso e ficar por cá, eu e muitos dos meus colegas, e assim ficamos todos juntos, com a certeza que estamos em casa (Adilson).

A entrada no mercado de trabalho como cabeleireira, para Ângela, veio permitir recuperar a segurança financeira e a situação legal mas acima de tudo, e nas palavras da própria, a “possibilidade de encontrar um pedaço de Cabo Verde aqui”. Prossegue com essa descrição,

(...) só lá no cabeleireiro já cheguei a cruzar com quatro familiares meus. Na conversa, sem saber que éramos família.. "Ah tu és filha de..." "Sim, sou!" "Ah então somos primos". Também já encontrei um vizinho que já não via há tanto tempo... Na estação então, onde eu moro no Cacém, vejo bastante gente que eu já não via há anos!” Ângela resume a dinâmica de relação com os dois mundos que habita, “É que eu, no fundo, no fundo, não consigo viver longe daquilo. Eu estou aqui como se estivesse lá e estou lá como se estivesse aqui (...) (Ângela).

Deise trabalhava numa IPSS, fazia voluntariado numa Associação Cabo-verdiana e permanecia com actividades da Igreja. O tempo era pouco para tudo o que queria fazer.

Tive lá o ano passado, pra passar as férias e foi estranho... Tinha que estar sempre a fazer alguma coisa, sempre em actividade, porque se eu parasse, dava vontade de voltar outra vez... Era saudades de Portugal. Foram só uns dias mas senti.(...) Já acabo por gostar deste stress! Mas quando estou aqui, penso muito nos meus irmãos e sobrinhos, tenho falta deles, do mar, da praia.(Deise)

Além mar está o mundo

Diogo, 26 anos, nasceu em São Vicente e está em Portugal há 8 anos. Nasceu numa família com a qual ainda tem contacto mas foi “*tomado*” (expressão usada em Cabo Verde) por uma outra família constituída pelas pessoas a quem chama pai e mãe:

As pessoas pensam que sou insensível mas o que eu sinto pela que eu digo que é minha mãe, não é igual, porque desde quando eu me apercebo de que sou gente, é com ela que eu estive até hoje e por isso eu digo que ela é minha mãe, tomou-me quando eu não tinha completado um ano, por isso... (Diogo).

Miguel veio da ilha do Fogo para Portugal há cerca de 9 anos. “Cresci no meio das mulheres” (nas palavras do próprio) para se referir à família de origem, constituída pela mãe, avó e três irmãs, que trabalhavam longas horas para sustentarem a casa, com algumas dificuldades económicas, sendo ele filho mais novo. “Todas trabalhavam muitas horas mas eu só tinham obrigação de ter boas notas. Elas trabalhavam muito para ganhar dinheiro” (Miguel). Este contexto é avaliado positivamente por se sentir cuidado por este universo feminino, no entanto, noutros períodos de vida, como a adolescência, deixou de ser tão positivo, “estava um pouco cansado delas... quer dizer... eu adoro-as mas estava farto delas, sempre em cima de mim, a quererem saber tudo...” (Miguel).

A saída de Cabo-Verde surgiu pela entrada na universidade em Portugal, com uma bolsa de estudos do governo cabo-verdiano e acompanhado pela vontade de sair do país, pelo desafio da descoberta:

Era a primeira vez que eu saía de Cabo Verde, sempre tive essa coisa de conhecer o estrangeiro. Estive em estado de euforia, foi euforia, sim. Era tudo novo...eu andava a sorrir por tudo e por nada, estava sempre sorridente.(Miguel)

Para Diogo, a chegada a Portugal aconteceu para estudar no curso de engenharia informática, período marcado por grandes dificuldades em acompanhar a exigência formal do ensino, em situar-se e organizar-se no espaço geográfico e em tratar das necessidades burocráticas e administrativas. “No início achava tudo muito difícil, dizia que não conseguia... fiquei desanimado. Disse: “Vou para casa! Isto não é para mim!”. A presença dos familiares e amigos cabo-verdianos possibilitaram o reconhecimento do espaço e formas de acompanhar a aprendizagem escolar:

Tenho uma amiga (...) somos também da mesma zona em Cabo-verde, ela já tinha chegado aqui no mês de Agosto. Quando eu cheguei, telefonei para ela, ela levou-me para secretaria e isso e ela apresentou-me um rapaz da Ilha do Fogo, ele me ensinou cálculo e isso, deixei de ir as aulas para aprender cálculo com ele...(Miguel)

A chegada a Portugal, para Miguel, foi um misto de interesse em explorar aquilo que era novidade, que era apelativo num novo país, numa vertente muito “*positiva e optimista*”, ao mesmo tempo que se foi deparando com as dificuldades no aproveitamento escolar, pelas exigências no curso de Sociologia, bem como dificuldades em relacionar-se com os colegas portugueses,

(...) como estava sempre com uma resposta na ponta da língua, nas praxes e isso e queria divertir-me pensava que ia fazer amigos rápido e que era tudo a mesma coisa, cabo-verdianos e portugueses, e costumou-me perceber que não era assim mas pronto isso foi passando (Miguel).

Após um período inicial, Diogo passou a gostar de viver em Portugal. Os contrastes com Cabo-Verde surgiam aumentados, através da dimensão de urbanidade que se vivia em Portugal, ao nível das oportunidades económicas e laborais, bem como através das referências relacionadas com um movimento de globalização, do qual as cadeias alimentares são um bom exemplo disso,

O Macdonald's, acho que é uma das coisas que fascina as pessoas. Eu antes quando cheguei cá, estava assim... não cozinhava e comia fora muitas vezes e gostava daquilo até que comecei a gostar mais. O Macdonald's não tem em Cabo-verde! Acho que em África não sei... Só se há em África do Sul (Diogo)

Esta dimensão de urbanidade de Portugal chegava à sua casa, ainda em Cabo-Verde, através da sua irmã mais velha que ia de férias quando já tinha vindo estudar.

Quando a minha irmã ia a Cabo-verde de férias e falava do Colombo e isso e como nós cabo-verdianos também em termos de desporto somos Benfica, Sporting ou Porto, e na minha casa por acaso todo o mundo é do Porto. E tinha a visão assim, do estádio, sonhava em jogar futebol também. Acho que não fiquei muito surpreendido com aquilo que vi quando cheguei.(Diogo)

Por entre os sinais da modernidade, Diogo foi encontrando dificuldades de relacionamento interpessoal com os portugueses, sempre que procurava ir ao encontro destes, em espaços comuns, mas onde prevaleciam formas de discriminação:

Também já fui numa discoteca em que o segurança da discoteca é cabo-verdiano e ele me disse que eu e o meu amigo, que costumamos ir, podíamos entrar só que os nossos colegas não poderiam entrar porque o patrão dele não permitia que entrasse muitas pessoas...muitos pretos, lá dentro (Diogo).

Ao longo do tempo, Miguel, em Portugal começou a valorizar diferentes perspectivas, nomeadamente aquelas que se mostravam flexíveis e valorizadoras das diferenças entre culturas. Miguel reconhecia a importância de ter saído de Cabo-Verde para que pudesse compreender essas dinâmicas: “conheço agora uns bares, tipo república, onde interagem uns com os outros, falas com as pessoas, diferente cultura, tens uma previsão, percebes mais, abres a tua mente, um pouco...”. A perspectiva de contrastes entre países era realçada numa dimensão de papéis de género, sendo Cabo-Verde sentido como uma sociedade mais conservadora:

(...) como quem sai de Cabo-verde pra ir pra um qualquer sítio, fica com uma visão diferente de quem fica lá dentro, porque ainda há pessoas que... tipo rapazes, homens que são machistas e isso e aquilo, não admitem isso que as mulheres façam isso, façam aquilo e quando uma pessoa chega aqui, fica com outro conceito (Miguel).

Ficar ou voltar? Saudade da morabeza

Mayra, 23 anos, nascida na ilha do Sal, teve uma infância dominada por uma doença grave no sistema imunitário que a obrigava a constantes hospitalizações. Por esse motivo, os pais e familiares redobravam os cuidados e tornaram-se *muito protectores*. Os familiares mobilizavam-se para ajudar a cuidar de Mayra com particular destaque para o pai.

Foi o pai de Mayra quem a ajudou a preparar-se para a vinda para Portugal (curso de Marketing), alertando-a para as dificuldades que iria encontrar, dado que também ele tinha estudado no país, bem como vários outros elementos familiares.

Ele começou a dar uns conselhos e essas coisas e disse que aqui ia sentir muita dificuldade mas que eu tenho sempre que ser muito forte pra enfrentar, porque ele também já veio ca estudar fora, ele e a minha irmã ... e minha prima-irmã por parte

do meu pai, o pai dela e irmão do meu pai... a maioria dos meus familiares foi estudar fora então... (Mayra)

Lúcio, 24 anos, nasceu em São Nicolau, numa pequena família com recursos económicos e negócios próprios. O passado em Cabo Verde foi vivido à volta das facilidades e vantagens que a situação económica proporcionava. Os negócios da família eram bastante significativos, pertencendo a um contexto sócio-económico favorável.

A minha vida lá em cabo verde foi uma vida... fui muito mimado... bons mimos, até aos 11, aos 14 anos a minha vida era: escola e futebol (...) Os meus pais, a minha mãe por exemplo, tem estado a trabalhar muito, porque abrimos duas farmácias e um posto de vendas. A minha mãe, as coisas que eu pedia, dava também quase tudo, nunca me faltou com nada. Sempre que eu também pedia dinheiro para sair põe aí na carteira. (Lúcio)

José, 27 anos, é natural de Santiago apesar de salientar que é de “Cabo-Verde inteiro”. Devido à profissão exercida pelo pai acabou por viver em quatro ilhas diferentes do arquipélago. Por esse motivo, tinha uma grande proximidade com os irmãos, na medida em que os amigos foram-se perdendo com toda a mobilidade que acompanhou o período de infância até ao ensino secundário. Nesta história de viagens, “ir para Portugal foi só atravessar um pouco mais de mar do que estava habituado” (José).

Sobre o tempo em Portugal (4 anos), Mayra, estudante - veio estudar Engenharia do Ambiente -, estabeleceu uma diferença entre a chegada e a actualidade. À chegada a Lisboa teve duas dimensões asseguradas. A primeira, os familiares que a ajudaram a compreender a parte burocrática ao nível do visto de estudante, cartão de contribuinte, conta no banco e nesse sentido, refere que “não precisou de fazer, porque eles trataram de tudo para mim”. A segunda, os colegas e amigos de Cabo-Verde que possibilitaram uma facilidade de integração na escola.

Na mesma sala, na mesma turma, encontrei duas cabo-verdianas e com elas eu consegui adaptar e tal, agora com os outros colegas foi muito difícil. Quando se encontra, por exemplo, um cabo-verdiano, consegues lidar e adaptar muito melhor do que com portugueses.... (Mayra).

À semelhança de Mayra, José reconheceu a importância dos familiares na altura em que chegou a Portugal, para estudar Engenharia Informática.

Vivi com a minha irmã, duas semanas. Ela estava a mudar de casa, enquanto eu fiquei na casa que ela estava com duas pessoas que já conhecia. Elas me ensinaram o mapa de metro, o lugar da Embaixada, a faculdade e outras coisas assim (José).

Do mesmo modo que os restantes, José teve dificuldades acrescidas no contacto com os estudantes portugueses e com os portugueses no geral. “Quando estudava achava que era só aquela coisa dos grupinhos de escola mas depois percebi que era no geral, acho que os portugueses não gostam de cabo-verdianos. Dizem-me no trabalho que os africanos são preguiçosos”. Ao fim de 6 anos em Portugal, José encontrava-se a fazer um estágio numa empresa, ainda com situação contratual indefinida. “Tenho saudades dos amigos e da família, falo com eles todos os dias, o meu pai pergunta-me porque é que eu não volto para Cabo-Verde e eu penso; o que ainda estou aqui a fazer?” (José).

Lúcio, em Portugal há 3 anos (ainda estudante do curso de Engenharia aeroespacial), sentiu o período de chegada a Portugal como bastante difícil por dois principais motivos: pela dificuldade em alcançar os objectivos dos conteúdos escolares, e pela reduzida interacção com os portugueses que constituíam a maioria na universidade privada que frequentava, sendo percebidas como relações de desvalorização.

Não quero dizer que todos são assim, mas, alguns na minha escola são, um pouquinho racistas mesmo, quando se trata de fazer trabalhos de grupo e isso. Já têm os seus grupos definidos, se uma pessoa quiser entrar, costumam sempre dar desculpas. Agora já sei que se for com trabalho de grupo, deixo a cadeira para exame (Lúcio).

Para Mayra, a rede de familiares e amigos cabo-verdianos possibilitaram amortecer o impacto inicial, no entanto, sentia-se bastante sozinha, dividida entre o tempo que passava na escola, e o tempo em casa a estudar ou a falar com os familiares de Cabo-Verde através do skype. Referiu a dificuldade em relacionar-se com os portugueses e os encontros, pouco frequentes, com os amigos cabo-verdianos pareciam reproduzir os ambientes da tradição cabo-verdiana.

Saio com os meus amigos, de vez em quando, vou a uma festa ou mesmo na casa de um amigo, rimos, sentamos, conversamos... Chamamos em Cabo-Verde “Xintada”: bebe-se, come-se, conversa-se, ouvir música, e é um ambiente mais caseiro, não é nada de mais. Passo mais tempo em casa e na escola do que em qualquer outro sítio (Mayra).

Com Lúcio, a dimensão dos relacionamentos e interacções, associada a uma quebra dos rendimentos familiares dos negócios em Cabo Verde, teve consequências difíceis na sua vida em Portugal. Lúcio apresentava dificuldade em gerir o dinheiro mensalmente, para pagar a escola e as compras de alimentação.

No início, nos primeiros tempos, ainda estava fixe, mas quando eu chegava à escola, as coisas começavam a ficar assim mais... eu ficava um bocadinho mais triste. Já no fim dos primeiros meses, depois de uma aula, eu saí e disse ao meu irmão: “Eu vou para Cabo-verde!” Eu a chorar, assim, e disse: “Já não consigo, eu vou para Cabo-verde!” (Lúcio)

No entanto, a partilha de casa com os amigos e irmão, em conjunto com outros colegas cabo-verdianos permitiram a permanência e o re-investimento nos objectivos da escola. “*As sextas por exemplo, depois de uma semana inteira a estudar, vou lanchar com os amigos, jogamos futebol de vez em quando, temos até uma selecção de cabo-verdianos, estudantes aqui em Lisboa.*” (Lúcio)

Mayra, Lúcio e José são unânimes na importância da família que permaneceu em Cabo-Verde, nos contactos que mantinham com esta, através das tecnologias existentes. “Passo a maior parte do tempo em casa a falar no skype com as minhas amigas e com a minha família...” (Mayra). Esses contactos eram ainda estabelecidos na vinda e permanência dos familiares mais próximos, durante períodos de tempo alargados, bem como a possibilidade das idas a Cabo-Verde no período de férias escolares e laborais. Era ainda unânime o plano ou a possibilidade de regresso à origem, a curto ou a médio prazo. Para Lúcio, “Eu acho que vou voltar para lá quando terminar o curso, sim”. Como referia José, “Na verdade, há muito tempo que penso em voltar para cabo-Verde. Acho que o meu tempo de Portugal já acabou, não sei... Às vezes, acho que sim, mas depois não sei...”.

4.5. Discussão

Este estudo procurou compreender os processos de resiliência nos migrantes cabo-verdianos em Portugal, através dos significados atribuídos pelos próprios às suas trajectórias de vida, procurando a continuidade da subjectividade de processos entre país de origem e acolhimento. Na coerência desse objectivo foram usadas as lentes do transnacionalismo, para compreender a interacção entre adversidades e recursos dirigida ao ajuste cultural, enquanto

resultado da ligação entre experiências passadas e presentes referentes aos contextos sociais e culturais de ambos os países. Neste sentido, o método das narrativas biográficas adequou-se a este objectivo, permitindo aceder às trajectórias de vida e processos migratórios através do método de reconstrução de casos (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004).

As narrativas analisadas dos migrantes cabo-verdianos incluíram uma particularidade relativa ao motivo da migração, pois todos eles saíram do país de origem com o objectivo de continuarem os estudos nas universidades portuguesas, sendo uma população muito jovem na idade. Para muitos destes migrantes existe uma continuidade cabo-verdiana, que se mantém em Portugal, através de pessoas e contextos, bem como a previsão de regresso ao país após os estudos, o que torna a vinda para Portugal de carácter temporário (ainda que a maioria tenha acabado por permanecer mas mantenham esse regresso em aberto), conforme salientado também por Meintel (1984).

Sobre a vida em Cabo-Verde foram sinalizadas dimensões de dificuldades nas relações de vinculação às pessoas significativas ou de perdas importantes destas pessoas ainda na infância. Foram ainda salientadas dificuldades relacionadas com o contexto social e cultural, associado a um certo conservadorismo e de representação enquanto sociedade machista. A outra dimensão significativa no país de origem diz respeito à condição sócio-económica caracterizada por fracos recursos. Uma boa parte destes migrantes beneficiou de uma bolsa de estudos do Governo Cabo-Verdiano para conseguirem estudar em Portugal, como confirmam os dados do Governo de Cabo Verde sobre os estudantes. As dificuldades económicas persistiram em Portugal. Numa fase inicial, porque o valor da bolsa era insuficiente para cobrir as despesas e, mais tarde, como consequência da falta de aproveitamento escolar, grande parte destes estudantes acabou por perder a bolsa, ficando em dificuldades financeiras, ou a precisarem de conciliar os estudos com trabalhos precários.

De um modo geral, estes migrantes contaram com um recurso de organização familiar, no país de origem, com vista à continuidade dos estudos dos filhos, numa aspiração de ascensão social, numa perspetiva de que estes pudessem vir a ter uma vida melhor do que os seus pais tiveram (Suárez-Orozco et al., 2008; Seabra, 2010).

Um outro recurso bastante importante foi a diáspora cabo-verdiana em Portugal. (Carling & Barta, 2008). A informação sobre o país e sobre os portugueses chegava a Cabo-Verde muito antes destes migrantes deixarem o país, iniciando-se um contacto prévio com a

cultura portuguesa e com alguns sistemas de funcionamento social do país (Meintel, 1984). Essa diáspora, directamente relacionada com a ideia de transnacionalismo (Anthias, 1998; Butler, 2001; Cohen 1997), foi simultaneamente um recurso importante na chegada ao país de acolhimento como referiremos adiante.

Apesar deste contacto prévio, os migrantes cabo-verdianos sinalizaram períodos de maior adversidade em Portugal. Uma das condições adversas, já acima referida, foi a situação económica de muitos migrantes, decorrente do baixo valor da bolsa de estudos ou, em alguns caso, da perda desse valor. Aqueles que já se encontravam integrados no mercado de trabalho, aparentemente conseguiram recuperar uma condição económica, se não favorável, pelo menos melhor do que aquela que tinham em Cabo-Verde, ou que tiveram no período enquanto estudantes.

Especificamente relacionado com o contexto académico existiu uma dificuldade inicial, ao nível da exigência dos resultados escolares, devido à grande disparidade entre os dois países, ao nível dos métodos de ensino e dos conteúdos transmitidos, como sublinhado nos estudos de Évora (2013), sobre os cabo-verdianos no ensino superior. Estudos anteriores, revelaram dificuldades na escolarização das populações migrantes em Portugal (Machado et al., 2005; Marques & Martins; 2005; Cardoso, 2006). Fora e dentro do contexto académico, as adversidades relacionaram-se com duas principais dimensões; as diferenças culturais e as relações interpessoais com os portugueses. A primeira dimensão inclui aspectos das práticas culturais como, as diferenças climatéricas e linguísticas, o ritmo de vida acelerado e a dificuldade de orientação espacial na cidade. A segunda dimensão sublinha as relações com os portugueses como pautadas pela desvalorização (rejeição e preconceito), sendo o contexto social e cultural português, globalmente sentido como hostil, à semelhança dos estudos de Challinor (2008) sobre a identidade cabo-verdiana, em que sobressaíram estas dimensões de vida dos Cabo-Verdianos em Portugal.

A análise das narrativas revelou também, ao nível dos recursos, duas dimensões centrais: sentimento de pertença e as vinculações através dos laços afectivos estabelecidos. Essas dimensões foram os principais recursos que permitiram a superação de adversidades no processo de resiliência. O sentimento de pertença é parte integrante da necessidade de segurança e de estar emocionalmente ligado a pessoas e lugares, procurando assim a sensação de estar em casa (Lovell, 1998). Este sentimento de pertença está

directamente relacionado com a possibilidade de estabelecer vinculações afectivas, através de relações de proximidade com os outros (Sroufe & Waters, 1977). Nas palavras de Guibernau (2013):

belonging by choice assumes that the individual is, to a certain extent, free to choose among a set of different options. The act of choosing entails a personal decision and a personal commitment to be acknowledged by other members of the group. It fosters a sense of belonging emerging out of the individual's active engagement in the construction of his or her own self-identity to be defined by means of his or her identification with the group. (Guibernau, 2013, pp. 27)

Neste estudo, os migrantes sinalizaram a importância deste recurso, através do modo como o sentimento de pertença cultural e as vinculações afectivas se fizeram através da diáspora cabo-verdiana em Portugal.

A diáspora, sob a forma de vinculações afectivas com os amigos de cabo-verde permitiu amortecer o impacto dos migrantes na chegada a Portugal. Tendencialmente o período inicial foi de desorganização, quer no espaço físico da orientação geográfica, quer no espaço mental para compreender os hábitos, costumes e demais práticas culturais do novo país. Estes amigos (também familiares) cabo-verdianos foram um importante recurso, ao nível de dificuldades pragmáticas, como o contexto burocrático dos vistos de permanência, a dificuldade em encontrar uma casa, ou as dificuldades económicas. Em simultâneo com o amortecimento do impacto inicial, estas vinculações permitiram reproduzir práticas culturais de cabo-verde ou manter o uso do *crioulo* enquanto língua e, desta forma, garantir o sentimento de pertença.

Ao longo do tempo de permanência, a ligação com a diáspora foi readquirindo novas e diferentes configurações. Conforme referido por alguns autores (Faist, 2010), as vinculações e a pertença na relação com a diáspora, nem sempre se constroem no sentido do país e cultura de origem. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades e configurações (Vertovec, 1999; 2001; Appadurai, 1996). Estas diferentes configurações são os produtos de processos de resiliência em termos de um ajustamento cultural, ocorrido de maneiras diferentes. Neste estudo, encontramos os migrantes do primeiro grupo onde existia uma clara tensão nas vinculações diversificadas entre país de origem e acolhimento, combinadas com a reprodução de práticas culturais da origem e sentimentos de pertença difusos ou em fase de

transformação. No segundo grupo, a relação com o país de origem era orientada pela relação estabelecida com outros cabo-verdianos a viver em Portugal que, em conjunto, recriavam o ambiente e cultura cabo-verdiana mas re-inventada através do contacto com as características dos portugueses e de Portugal. No terceiro grupo, o sentimento de pertença foi desenvolvido por via de uma globalização, associada ao cosmopolitismo das sociedades europeias, com tendência a diversificar as vinculações significativas em termos de origem cultural. O quarto grupo preserva a pertença e a vinculação com as pessoas, lugares e cultura de origem mantendo a ligação com o próprio país de origem, através das tecnologias que permitem um contacto permanente, bem como através das deslocações de pessoas entre Cabo-Verde e Portugal, em períodos de estadia alargados. Estas várias configurações encontradas nos quatro grupos salientam a natureza fluída da relação dos migrantes com a diáspora. Co-existem relações misturadas com a cultura do país de acolhimento ou outras culturas, produtos de interações de um contexto de globalização das grandes cidades. A dimensão híbrida dessa diáspora, conforme assinalado por vários autores (Faist, 2010; Safran, 1991) destaca-se pela importância de pensar o processo de resiliência como igualmente fluido para o ajustamento cultural, ocorrendo de diferentes formas para os migrantes participantes neste estudo.

4.6. Conclusão

Esta análise das narrativas reforçou o entendimento dos processos de resiliência não como um resultado mas como um processo complexo e de inter-relação entre condições e contextos, à semelhança dos autores que sublinham o interesse no conceito de resiliência nesta vertente dinâmica e complexa (e.g. Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000). centrado nos contributos das especificidades da cultura (Ungar, 2008) mas focado na subjectividade e especificidade individual (Yunes, 2003). O processo de resiliência dos migrantes deste estudo assume várias funções e diversas configurações, nomeadamente, a anulação do impacto da adversidade, desenvolvendo possibilidades alternativas ou, ultrapassando as adversidades integrando-as nos percursos e trajectórias de vida. É importante notar que naturalmente estes são processos inacabados. Os significados e aspectos subjectivos de cada migrante vão sendo alterados ao longo do tempo e em função de mudanças e alterações ocorridas nas trajectórias individuais de vida. Este aspecto da mutabilidade é salientado pelos autores do método de

análise das narrativas (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004), que sublinham o carácter hipotético e temporário dos resultados.

Ao nível das implicações do trabalho clínico com migrantes poderá ser de grande importância, a forma como são considerados os aspectos relacionados com o país de origem, dado que muitos migrantes tiveram trajectórias de vida marcadas por condições adversas ainda antes de migrarem. Nesse sentido, estas condições difíceis no país de origem poderão estar relacionadas com as dificuldades vividas no país de acolhimento, onde estas são acentuadas e re-criadas requerendo, por esse motivo, a atenção dos clínicos. Por outro lado, salientámos neste artigo as dimensões da pertença e das vinculações afectivas, sociais e culturais relacionadas com a necessidade de ser aceite. Neste sentido, a relação terapêutica pode constituir a possibilidade de desenvolver laços de vinculação afectiva importantes, num espaço de aceitação, como o espaço terapêutico (Bordin, 1994).

Sobre as limitações deste estudo salientamos o facto de a análise das narrativas ter sempre um carácter hipotético e temporário, conforme sugerem os autores (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004). Isto implica que a análise aqui realizada será certamente alterada, com a permanência dos migrantes ao longo do tempo no país de acolhimento, já que tem sido estudada a importância desta dimensão temporal ao nível das transformações ocorridas. Outra limitação refere-se ao facto do estudo ter sido realizado com migrantes cabo-verdianos que partilhavam em comum terem saído do país de origem para continuar os estudos superiores em universidades portuguesas, possivelmente distante dos migrantes cabo-verdianos que chegam a Portugal noutros contextos e noutra idade. Por esta especificidade da juventude dos participantes e pelo tempo em Portugal (em alguns casos, apenas 3 anos) as narrativas biográficas continham poucos elementos sobre a vida em Cabo-Verde, tornando-se difícil captar sentidos e significados deste período antes da migração.

4.7. Referências

- American Psychological Association (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57(12), 1060-1073.
- Åkesson, L., Carling, J. and Drotbohm, H. (2012). Mobility, Moralities and Motherhood: Navigating the Contingencies of Cape Verdean Lives. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(2), 237-60.
- Anthias, F. (1998) Evaluating diaspora: beyond ethnicity, *Sociology*, 32(3): 557-81.
- Apitzsch, U., & Siouti, I. (2007). *Biographical analysis as an interdisciplinary research perspective in the field of migration studies*. Frankfurt am Main: Re-search Integration, Johann Wolfgang Goethe Universität, University of York.
- Appadurai, A. (1996) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: comunidade e identidade. In P. Góis (Orgs). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. (pp. 25-36). Lisboa: ACIDI
- Basch, L., N. Glick Schiller & C. Szanton Blanc (1994). *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states*. Amsterdam: Gordon and Breach.
- Butler, K. (2001) 'Defining diaspora, refining a discourse', *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 10, 2: 189–219.
- Cardoso, S. (2008). *O dualismo cultural: os luso-cabo-verdianos entre a escola, a família e a comunidade* (Doctoral dissertation, Universidade do Minho). Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7717/3/Tesereprodução.pdf>
- Carling, J. (2002). Migration in the Age of Involuntary Immobility: Theoretical Reflections and Cape Verdean Experiences. *Journal of Ethnic and Migration Studies* 28(1): 5-42.
- Carling, J. & Batalha, L. (2008). Cape Verdean Migration and Diaspora. In Carling, J. & Batalha, L. (Eds). *Transnational Archipelago. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*. (pp. 13-31). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Carita, C., & Rosendo, V. N. (1993). Associativismo cabo-verdiano em Portugal: Estudo de caso da Associação Cabo-verdiana em Lisboa. *Sociologia-Problemas e Práticas*, 43, 135-152.

- Carling, J. (2004). Emigration, Return and Development in Cape Verde: The Impact of Closing Borders. *Population, Space and Place*, 10(2): 113-132.
- Challinor, E. P. (2008). Home and Overseas: The Janus Faces of Cape Verdean Identity. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 17(1), 84-104.
- Cohen, R. (1997). *Global Diasporas: An Introduction*. Seattle: University of Washington Press.
- Évora, G. (2013). *Sucesso escolar nos alunos de origem cabo-verdiana: o caso dos alunos que ingressam no ensino superior*. (Doctoral dissertation, Universidade Nova de Lisboa) Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/10954>
- Évora, I. (2006). *De emigrantes/imigrantes a migrantes transnacionais; possibilidades e limites de uma nova categoria de análise da identidade e migração cabo-verdianas*. Comunicação apresentada ao 3º Congresso da APA - Afinidade e Diferença. Lisboa.
- Faist, T. (2010). Diaspora and transnationalism: what kind of dance partners? In R. Bauböck & T. Faist (Eds.), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods* (pp.9-34). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Rosenthal, G. & Fischer-Rosenthal, W. (2004). The analysis of narrative-biographical interviews. In Flick, Von Kardorff and Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 259-265). London: Sage Publications.
- Grassi, M. (2006). Cabo Verde pelo mundo: O género na diáspora cabo-verdiana. In Grassi, M. & Évora, I. (Orgs) *Género e Migrações Cabo-Verdianas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Góis, P. (2008). Entre Janus e Hydra de Lerna: As múltiplas faces dos cabo-verdianos em Portugal. In P. Góis (Orgs). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. (pp. 9-24). Lisboa: ACIDI
- Góis, P., & Marques, J. C. (2008). Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal. In P. Góis (Orgs). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. (pp. 86-104). Lisboa: ACIDI
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications
- Lovell, N. (1998). *Locality and belonging*. London: Routledge.

- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Machado, I. J. (2006). Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, 20(57), 119-135.
- Machado, F., Matias, A., & Leal, S. (2005). Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos. *Análise Social*, 176, 695-714.
- Marques, M. & Martins, J. (2005). *Jovens, migrantes e a sociedade da informação e do conhecimento - A Escola perante a diversidade*. Lisboa: ACIME.
- Meintel, D. (1984) Emigração em Cabo Verde: Solução ou Problema?. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 2, 93-120.
- Portes, A., Guarnizo, L. & Landholt, P. (1999). The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 217–37.
- Reichertz, J. (2004). Abduction, Deduction and Induction in Qualitative Research. In U. Flick, E. von Kardoff, & I. Steinke (Eds.), *A companion to qualitative research*, 159-164). London: Sage Publications.
- Richardson, G. E. (2002). The Metatheory of Resilience and Resiliency. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 307–321.
- Rosenthal, G. (1993). Reconstruction of life stories: principles of selection in generating stories for narrative biographical interviews. *The narrative study of lives*, 1, 59-91.
- Safran, W. (1991). Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diaspora*, 1, 1: 83–99.
- Seabra, T. (2010). *Adaptação e adversidade – o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2013). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf
- Seligman, M. E. P. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York: Oxford University Press.
- Schiller, N. G., Basch, L. and Blanc-Szanton, C. (1992), Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645, 1–24.

- Simich, L., & Andermann, L. (Eds.). (2014). *Refuge and Resilience: Promoting Resilience and Mental Health Among Resettled Refugees and Forced Migrants*. Springer.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184-1199.
- Suárez-Orozco, C., Suárez-Orozco, M., & Todorova, T. (2008). *Learning a new land – Immigrant students in American society*. London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Yijälä, A., & Jasinskaja-Lahti, I. (2010). Pre-migration acculturation attitudes among potential ethnic migrants from Russia to Finland. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(4), 326-339.
- Ungar, M. (2008). Resilience across Cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2), 447–62.
- Vertovec, S. (2001). Transnationalism and identity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27 (4), 573–82.
- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8 (spe), 75-84.

5

Resiliência e intersubjectividade: Narrativas de migrantes ao longo do primeiro ano no país de acolhimento

Este capítulo é baseado no artigo:

Roberto, S.; Graça, C. & Moleiro, C. (Submitted). Processos de resiliência em migrantes numa perspectiva intersubjectiva.

International Journal of Psychoanalysis

5.1. Abstract

As migrações resultam no intercâmbio, justaposição e negociação entre culturas. No contacto e interacção cultural surgem contextos de adversidade que salientam a vulnerabilidade das pessoas que migram. A possibilidade dos migrantes em accionarem recursos no sentido de reconstruírem um novo espaço de identidade cultural é vasta e complexa, dando lugar a diversos processos de resiliência.

Este estudo procurou compreender os processos de resiliência dos migrantes, ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento. Considerando as várias possibilidades de relação dos migrantes com a(s) cultura(s) usámos as lentes das teorias do hibridismo cultural para compreender o modo como, adversidades e recursos, interagem de forma dinâmica ao longo do tempo, procurando um ajustamento cultural. O entendimento sobre a cultura assenta sobre o pressuposto de que esta é simultaneamente interna e externa e que, nesse sentido, a compreensão dos significados atribuídos pelos migrantes à sua experiência migratória (subjectividade) pode ser acedida através da análise da intersubjectividade.

Usando o método das narrativas de livre associação (Hollway & Jefferson, 2000), foram realizadas entrevistas periódicas, a cada 4 meses, ao longo do primeiro ano de permanência de quatro migrantes em Portugal; dois brasileiros e dois cabo-verdianos. Os quatros casos ilustram a diversidade de relações com a cultura sublinhando a importância da compreensão da resiliência à luz do hibridismo cultural. Este estudo discute o conceito de resiliência enquanto processo dinâmico e inacabado e a relevância desta abordagem, enquanto recurso que permite dar voz aos migrantes acerca das suas experiências migratórias, bem como um recurso que lhes possibilita um lugar, como agentes activos na re-construção da sua identidade cultural, por entre adversidades e recursos.

Palavras-chave: resiliência; cultura; intersubjectividade; hibridismo

5.2. Introdução

Neste estudo, partimos da ideia de que nos processos migratórios existe um espaço de identidade cultural que é negociado pelos migrantes ao chegarem ao país de acolhimento (ou até mesmo antes de chegarem fisicamente ao novo país, como em alguns dos casos discutidos neste artigo), constituindo-se uma cultura híbrida (Babha, 1994). Neste artigo propusemo-nos compreender o modo como a integração do conceito de hibridismo cultural auxilia a análise dos processos de resiliência nos migrantes. A expressão e conceptualização relacionada com o hibridismo cultural é importante por assentar sobre a ideia de que as culturas são construídas no espaço limiar de intersecção entre as culturas com as quais contactam os migrantes, verificando-se a expressão de variadas formas de ajustamento cultural.

A possibilidade dos migrantes accionarem recursos para reconstruírem um novo espaço de identidade ou ajustamento cultural é simultaneamente interna e externa, dando lugar a diversos processos de resiliência, tantos quantos a singularidade (ou subjectividade) de cada migrante. Nos estudos sobre a resiliência, a noção de subjectividade tem sido pouco usada para compreender o processo (Wright & Masten, 2015).

Neste sentido, procurámos explorar a interacção dinâmica relacional entre o indivíduo e aquilo que o rodeia, o correspondente na terminologia de Hollway (2009) a abordagem psico-social. Isto significa que os factores extra-psíquicos podem tornar-se intrapsíquicos e vice-versa, sendo o uso do símbolo (simbolização) o elemento capaz de integrar a dicotomia entre dentro/fora ou intra/extra psíquico (Moncayo, 1998).

Hollway (2008) refere que talvez os psicanalistas refiram que o quadro da consulta clínica oferece já um formato suficientemente estruturado, para se entender o contexto social mais geral dos pacientes. Sobre esse argumento, a autora justifica que o conceito “psico-social” pretende designar o interesse de aplicar os conhecimentos da psicanálise na investigação empírica, e não ao contexto da prática clínica. O saber acumulado neste quadro teórico tem sido usado para pensar outros contextos da investigação fazendo uso de conceitos como, subjectividade e dinâmica intersubjectiva (Hollway, 2008).

Estruturado neste paradigma e modelo interessou-nos compreender os processos de resiliência no país de acolhimento, ao longo do primeiro ano de permanência no novo país. Neste período inicial, por ser um tempo de dificuldades mais intensas, pode ser observada a mobilização de recursos face a essas dificuldades (Hollander, 2006). Este estudo configura-se

numa perspectiva longitudinal, na medida em que foram planeadas entrevistas regulares, a cada 3 meses, a migrantes brasileiros e cabo-verdianos, durante o primeiro ano de permanência em Portugal.

Resiliência – Origens e Propostas de Ligação

Os principais conceitos fundadores deste estudo têm fundamentos interdisciplinares e fundações epistemológicas distintas, tornando-se assim necessário clarificar as relações e pontes entre eles e de que forma, em conjunto, constituem a proposta conceptual deste estudo. Antes disso, e porque usamos uma proposta de investigação psico-social de orientação dinâmica (ou psicanalítica), referimos a importância da ligação entre este e o paradigma da resiliência (originalmente surgido no contexto da saúde pública, da psicologia positiva).

Como referem Vidal e Torres (2002) sobre as diferenças de posicionamento teórico entre a resiliência e a psicanálise, o importante é que, salvaguardando a especificidade de cada objecto de conhecimento, possamos pensar quais os contributos da psicanálise, para as áreas de intervenção da resiliência, nomeadamente em projectos de intervenção na crise, crises humanitárias ou estratégias de trabalho comunitário que actuam no fortalecimento dos recursos, face a adversidades, nomeadamente, nos processos migratórios. Neste sentido, os autores salientam que também a psicanálise (usando conceitos assentes em diferentes premissas) partilha de uma visão contextualista e integradora dos indivíduos no seu meio e o enfoque dinâmico do desenvolvimento enquanto processo activo e contínuo ao longo da vida, bem como a singularidade de cada indivíduo na sua relação com os recursos disponíveis para o seu bem-estar. Neste estudo acrescentámos que a noção de intersubjectividade (Bion, 1973) e de investigação psico-social (Hollway, 2004), com origem no paradigma psicanalítico, são ferramentas importantes para pensar os processos de resiliência em migrantes, conforme especificaremos mais adiante.

Procurando referir sucintamente as origens teóricas do conceito de resiliência, cabe salientar que os estudos realizados inicialmente na perspectiva da psicologia positiva procuraram estabelecer relações de causalidade e de mensurabilidade entre variáveis de risco, protecção e ajustamento positivo, nomeadamente, enquanto factores moderadores e mediadores (Usey, Stanard & Giesbrecht, 2008; Luthar & Zelazo, 2003). Outros autores (e.g.

Luthar & Zigler, 1991) dedicaram particular atenção à definição teórica dos conceitos implicados no processo de resiliência, bem como à tentativa de os operacionalizar.

Alinhadas com a proposta de Yunes (2003), sobre a necessidade de estudos com uma abordagem da dimensão subjetiva da resiliência procurámos compreender os significados atribuídos pelas pessoas à sua experiência individual. Neste estudo adoptámos o entendimento de Ungar (2003) sobre o conceito. O autor refere, antes de mais, que se trata de um processo que é dinâmico, individual e circunstancial e, enquanto tal, em permanente construção, baseado na construção e partilha de significados individuais, socialmente construídos. Ungar (2008) acrescenta ainda a preocupação com uma certa hegemonia nos estudos sobre a resiliência e, é nesse sentido que procura incluir a dimensão cultural na definição. Define assim a resiliência como:

In the context of exposure to significant adversity, resilience is both the capacity of individuals to navigate their way to the psychological, social, cultural, and physical resources that sustain their well-being, and their capacity individually and collectively to negotiate for these resources to be provided and experienced in culturally meaningful ways (Ungar, 2008, p. 225).

Através desta definição realçamos a importância da especificidade cultural, elemento constituinte e parte integrante de cada um individualmente.

A esta definição de resiliência acrescentámos uma tónica específica, como forma de compreender e captar os significados atribuídos pelos migrantes, inspirada pelos trabalhos de Hollway (2009, 2012) através da sua proposta de investigação psico-social, fundada no conceito de intersubjectividade.

A abordagem da intersubjectividade e os pressupostos nela contidos (a existência de angústia inconsciente, a defesa contra a angústia, a relação entre duas subjectividades e a identificação projectiva enquanto mecanismo central desta interacção) em relação com os contextos sociais (Hollway, 2008) fazem parte da nossa proposta para o alargamento da reflexão sobre o estudo da resiliência. Assim, as dimensões do processo de resiliência dos migrantes, nomeadamente, adversidades, recursos e ajustamentos culturais podem ser compreendidos através da relação intersubjectiva, que dá conta da subjectividade individual, naquilo que é o relacional e o simbólico e tendo como pano de fundo o entendimento do conceito proposto por Ungar (2008).

A Intersubjectividade

A ideia de intersubjectividade, no quadro da psicanálise surge enquanto fundadora do mundo intrapsíquico, onde os vínculos estabelecidos assumem um papel fundamental na forma de organização do psiquismo (Marques, 1999; Mijola & Mijola-Mellor, 2002). Por este motivo, a subjectividade pode ser compreendida como resultado da complexa dialéctica entre a intersubjectividade e a individualidade da vida relacional.

Para clarificar estes conceitos recorreremos a Ogden (2004) com a noção de identificação projectiva enquanto elemento central da complexa interacção e relação humana. O autor refere que a identificação projectiva é a “*dimensão de toda a intersubjectividade*” onde ambas as subjectividades, na relação entre duas pessoas estão submetidas por um terceiro inconsciente, co-criado por ambos.

Apesar de ter sido definido por outros autores, nomeadamente por Klein em LaPlanche e Pontalis (1970), a noção de identificação projectiva passou a assumir outra especificidade na abordagem teórica de Bion. Com este autor (Bion, 1963 em Symington & Symington, 1999), passamos a compreender o mecanismo de identificação projectiva na sua conceptualização da relação continente-conteúdo.

A teoria da relação continente-conteúdo (Bion, 1963 em Symington & Symington, 1999), toma a relação mãe-bebé (para exemplificar as primeiras formas de relação e de identificação projectiva) como o protótipo para a comunicação intersubjetiva inconsciente, e aborda o modo como esta relação fornece a capacidade de pensar e de aprender pela experiência.

Na relação mãe-bebé, a capacidade da mãe para receber, via identificação projectiva, os estados que o bebé é incapaz de processar dentro de si, é um recurso fundamental para o desenvolvimento do bebé. A mãe depara-se com a necessidade do seu bebé, esperando poder conter e metabolizar ou transformar, as ansiedades e desejos por ele projetados e devolvê-los de forma suportável, depois de ter sido capaz de elaborar o pensamento que o bebé não pôde fazer por si mesmo. Ela recorre a uma identificação com a vulnerabilidade da sua infância e, ao mesmo tempo faz uso da sua subjectividade diferenciada, que lhe permite pensar sobre o que o seu bebé precisa, de modo a não devolver a sua projecção com uma forma não modificada (não desintoxicada) (Symington, 1997).

A relação continente-conteúdo oferece uma explicação para o desenvolvimento afetivo da capacidade de pensamento e fá-lo, não a partir da perspectiva de uma pessoa racional unitária, mas através de dinâmicas inconscientes, intersubjetivas, inicialmente na relação de mãe e filho, onde as funções de mãe enquanto recipiente e as projeções do bebê estão contidos. Este tipo de intersubjetividade inconsciente continua ao longo da vida, à medida que cada um aprende a usar outros recipientes (ou outras partes internas que ajudam a conter e transformar, e permitindo pensar) (Hollway, 2008).

Esta ideia de que a intersubjetividade se mantém ao longo da vida, e que aprendemos a usar outros recipientes, permite-nos pensar sobre os processos migratórios fazendo uso da interpretação da identificação projectiva. Através da análise dos mecanismos de identificação projectiva podemos aceder á subjectividade dos migrantes, na interacção entre as dinâmicas inconscientes da subjectividade, da qual o contexto é parte integrante dessa interacção. A identificação projectiva é também usada para pensar a intersubjetividade, na dinâmica da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, enquanto instrumento que permite ao entrevistador reconhecer a subjectividade do entrevistado no contexto da entrevista.

O Lugar da Cultura – a Proposta do Hibridismo Cultural

No estudo das migrações humanas a perspectiva sobre a cultura vai sendo modificada consoante as dimensões que se procuram acentuar. De forma sintética, procuraremos situar o lugar a partir do qual abordamos a cultura e as pontes que se constituem na ligação com a subjectividade e com a resiliência.

A proposta do hibridismo cultural surge no contexto das teorias pós-colonialistas que sublinham a importância das relações entre colonizadores e colonizados na definição de cultura e no modo como estas relações ditam os processos de construção de identidade criadas na relação com o outro (Gandhi, 1998; Shotter & Gergen, 1989). As teorias pós-colonialistas rejeitam qualquer conhecimento que não dê voz aos migrantes, para falarem sobre a construção da sua identidade e relação específica com a cultura. Preocupam-se assim com a forma como os migrantes são silenciados pelo discurso dominante e sublinham o impacto das relações históricas e de diferenças de poder entre as culturas (Said, 2003). O conceito de identidade híbrida é definido como um processo que emerge do espaço liminar onde duas culturas interagem. Alguns autores (e.g. Bhabha, 1994; Pietrese, 1994) referem que as migrações têm como resultado uma terceira identidade, produto de uma “polinização

cruzada” de culturas e distinta das culturas que a formou. Por esse motivo, Babha (1994) refere que a cultura tem uma natureza dinâmica, podendo ser apenas definida no contexto em que foi construída, no limite das fronteiras constituídas pelos próprios migrantes.

Partindo deste princípio “epistemológico” sobre o hibridismo cultural e partilhando das questões colocadas por Hollway (2014), interessou-nos a forma como esta abordagem cultural ganhava forma na subjectividade dos migrantes. Por outro lado, trazendo esta perspectiva para a compreensão dos processos de resiliência e usando a definição de Ungar (2008), interessou-nos a forma como os migrantes negociam a sua identidade cultural (deste modo híbrido), com base nas adversidades a que estão sujeitos e nos recursos disponíveis, e a forma como tudo isso resulta em diferentes modos de ajustamento cultural. Quer isto dizer, que neste estudo, a referência aos modos de ajustamento cultural refere-se, antes de mais, a este processo de negociação da identidade cultural, acedido através da subjectividade de cada migrante e como resultado da interacção entre adversidades e recursos.

Elegemos o período inicial dos migrantes no novo país (primeiro ano de permanência) como foco da nossa atenção, por ser descrito como o tempo onde esta negociação inerente ao ajustamento cultural é mais intensa, e onde pode ser observada a mobilização de recursos face aos contextos de adversidade sentidos pelos migrantes (Hollander, 2006).

Este estudo procurou compreender os processos de resiliência nos migrantes, ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento. Considerando as várias possibilidades de relação dos migrantes com a(s) cultura(s) usámos as lentes das teorias do hibridismo cultural para compreender o modo como adversidades e recursos interagem de forma dinâmica, resultando em vários arranjos no ajustamento cultural, ao longo do tempo. O entendimento sobre a cultura assenta sobre o pressuposto de que esta é simultaneamente interna e externa e que, nesse sentido, a compreensão dos significados atribuídos pelos migrantes à sua experiência migratória é feita com recurso à análise da intersubjectividade.

5.3. Metodologia

Situado num paradigma compreensivo (Flick, 2005), numa perspectiva psico-social com orientação psicanalítica (Hollway, 2009), neste estudo interessaram-nos os significados atribuídos pelos indivíduos à dimensão subjectiva da sua experiência migratória. Assim, a compreensão do indivíduo apenas será possível através do reconhecimento da interacção

entre duas individualidades (neste caso, investigador e participante). Partindo desta relação, será possível criar e acrescentar sentidos produzidos e delimitados na relação que se constituiu entre as duas subjectividades. Deste pressuposto, poder-se-á reconhecer que tal só será possível num modelo de investigação fundado na compreensão (Marques, 1999).

Ao nível metodológico, para além das narrativas de livre associação foram realizadas notas de campo reflexivas (à semelhança dos trabalhos conduzidos por Hollway, 2008). Este tipo de nota teve como objectivo documentar a natureza dinâmica dos encontros que deram origem às narrativas, sobretudo as reacções pessoais da entrevistadora, numa lógica próxima da análise da transferência e contratransferência no contexto da clínica psicanalítica.

Nesta forma de nota de campo reflexiva está contida a ideia de que através do processo de identificação (existindo uma suficiente diferenciação e separação) as pessoas têm a capacidade de se identificarem com o estado afectivo e emocional de outras (Hollway, 2009). Assim, a análise da identificação e projecção torna-se um instrumento que possibilita a compreensão da intersubjectividade entre entrevistador e entrevistado e, com isto, a oportunidade de desvelar a subjectividade do entrevistado. Deste modo, o entrevistador é simultaneamente um instrumento do conhecimento subjectivo (Hollway, 2008).

As entrevistas foram gravadas em formato áudio (com o devido consentimento informado da participante no estudo) e posteriormente transcritas. As narrativas foram analisadas centradas em dois principais objectivos: o primeiro, procurar ilustrar cada encontro, ou seja, eleger os principais temas relacionados com o objectivo do estudo em cada um dos três encontros; o segundo objectivo, dar conta do processo de transformações ocorridas ao longo de todo o processo (assumindo aqui a importância de uma análise que não perde de vista o todo - *Gestalt*) foram eleitos os temas centrais elaborados ou transformados ao longo das narrativas.

Este estudo assume características de um estudo longitudinal, fazendo suceder um conjunto de três entrevistas com cada participante, ao longo do período de um ano. Os quatro migrantes que participaram neste estudo encontravam-se em Portugal há menos de um ano, Carolina e Pedro, vindos do Brasil e Leonardo e Soraya de Cabo-Verde. Pretendemos acompanhar ao longo do tempo, os processos de resiliência dos migrantes, através da identificação dos significados atribuídos aos contextos de adversidade e recursos, bem como ao ajustamento cultural.

Método das Narrativas de Livre Associação

Integrado num paradigma específico de investigação e centrado na abordagem das metodologias qualitativas, o método das narrativas de livre associação de ideias (Hollway & Jefferson, 2000) procura aceder a uma compreensão da subjectividade dos indivíduos, numa relação intersubjectiva estabelecida no contexto da entrevista que dá lugar à narrativa.

A proposta dos autores (Hollway & Jefferson, 2000) parte de um pressuposto base distinto das narrativas tradicionais, que tendem a aprisionar as palavras do indivíduo num quadro formatado, como se as palavras traduzissem a totalidade da experiência, procurando alcançar uma ideia de objectividade (Hollway, 2009). Neste método, das narrativas de livre associação, parte-se de um entendimento sobre a impossibilidade dos indivíduos acederem à totalidade do seu psiquismo, pela existência de conteúdos do inconsciente e pela acção das defesas contra a ansiedade que desviam a possibilidade desse acesso. Por esse motivo, o conceito fundado na psicanálise de *Livre Associação* é aplicado neste método, como forma de permitir ao indivíduo explorar livremente as conexões existentes no inconsciente e revelar assim as dinâmicas que se traduzem no investimento em determinadas acções e experiências (Hollway & Jefferson, 2000).

Na prática existem quatro princípios básicos na condução deste método, adaptados dos princípios das narrativas biográficas (método biográfico interpretativo, Scutze, 1992 in Hollway & Jefferson, 2000): (1) Usar questões abertas; (2) Elucidar as histórias; (3) Evitar perguntas “Porquê”; (4) Acompanhar a narrativa utilizando a ordem e terminologia do indivíduo. Estes princípios visam promover a livre associação de ideias nos indivíduos entrevistados, fundados também na lógica da postura do clínico no contexto da consulta.

Neste estudo foi usada apenas uma questão inicial de abertura o mais ampla e introdutória do tema que conseguimos elaborar: “Poderia contar-me a história da sua vida?”. A condução da narrativa teve como ponto de partida esta questão, no fundo, este pedido, sendo apenas realizados comentários ou pedidos de esclarecimento aos conteúdos que foram surgindo na narrativa por iniciativa dos entrevistados. As narrativas dos encontros seguintes, foram formuladas do seguinte modo: “Poderia falar-me sobre este tempo em Portugal?”

A Análise das Narrativas

O método de análise das narrativas teve por base a proposta das autoras (Hollway & Froggett, 2012) resultado da união entre duas tradições teóricas; a escola hermenêutica alemã

(Lorenzer, 1986) e a teoria das relações de objecto britânica (Winnicott, 1971/1983) com o objectivo de se complementarem (para maior detalhe sobre este método, consultar Hollway & Froggett, 2012; Urwin, 2012).

A primeira diz respeito ao método de entendimento cénico (Lorenzer, 1986) que propõe uma derivação da apresentação de casos em “vigneta”, para uma forma mais descritiva do material empírico, onde pode ser “vivido e visualizado” (na expressão do autor). Nesta descrição propõe que seja incluída a ressonância emocional que acompanhou o processo de análise, ficando disponível também para o leitor. A ressonância emocional é suscitada através da análise das reacções pessoais do entrevistador sobre a interacção criada, no encontro com o entrevistado. Sobre este aspecto, importa salientar aquilo que foi acima referido sobre as fundações da intersubjectividade (Bion, 1962; Ogden, 2009), e sobre o modo com a relação intersubjectiva entre entrevistador e entrevistado é a ferramenta de trabalho que acede à compreensão da subjectividade do entrevistado.

A segunda tradição teórica refere-se às teorias de relação de objecto, através da noção de espaço intermediário de Winnicott (1971). O conceito de espaço intermediário (*in-between*, no inglês) pretende situar um lugar onde se ligam ou interagem o individual/cultural, psicológico/social, dentro/fora, transcendendo assim estes binarismos. O autor propõe uma zona intermediária onde a subjectividade se presta à interacção entre as várias dimensões que constituem o indivíduo (corporal, relacional, social, entre outras).

Neste estudo, as notas da entrevistadora, sobre cada um dos encontros, foram analisadas por uma segunda pessoa com experiência clínica de orientação dinâmica, procurando salientar os aspectos subjectivos da interacção com o entrevistado. Posteriormente, uma terceira pessoa (com experiência clínica e de investigação) contribuiu para a análise dos encontros, com os comentários de reflexão sobre o modo como as notas da entrevistadora e a transcrição das entrevistas se relacionavam na interpretação dos temas emergidos da relação intersubjectiva. Esta forma de obter contributos de várias pessoas sobre o material em análise, procurou seguir as sugestões das autores (ver com maior detalhe, Elliott, Ryan, & Hollway, 2012) numa lógica semelhante à supervisão de casos clínicos.

5.3. Narrativas em Análise

Seguindo os pressupostos metodológicos acima referidos foram analisadas narrativas de quatro migrantes, dois brasileiros e dois cabo-verdianos. O primeiro caso, Carolina, sintetiza o modo como a relação com a cultura de acolhimento pode iniciar-se ainda no país de origem. Esta relação com a cultura pode ser, simultaneamente interna e externa, adversidade e recurso, sendo o ajustamento cultural feito por via das múltiplas afiliações. Na análise das narrativas do segundo caso de migração brasileira, Pedro, usámos a metáfora do cordão umbilical para ilustrar a forma como a possibilidade de ligação a um novo país pode implicar a sensação de um corte parcial com o país de origem, e que esse movimento pode ser evitado pelo medo de não-pertença. Nesta situação, a intensidade do contexto de adversidade e a impossibilidade de reconstruir um lugar tornou a clivagem inevitável. O corte com o país de origem motivado por condicionantes externas, após o choque inicial, pôde motivar a oportunidade de contacto e de descoberta de uma nova realidade. O primeiro caso de migração cabo-verdiana, Leonardo, foca o estado inicial de confusão, enquanto contexto de adversidade, aferido através da relação com o espaço urbano e geográfico do país de acolhimento. Neste caso, a relação com a diáspora permitiu uma aproximação a uma cultura misturada do espaço globalizado. O último caso de migração cabo-verdiana, Soraya, retrata uma condição de migração quase extrema, quer pelo motivo de saída do país de origem, quer pelas condições individuais e sócio-económicas de permanência no país de acolhimento. Os recursos são referidos como refúgios pela intensidade da adversidade relacionada com o processo migratório. Neste caso, as tradições culturais re-criadas pela diáspora cabo-verdiana constituíram o processo de ajustamento cultural

Carolina. A relação com a portugalidade – ataques e tréguas

A ideia de *Portugalidade* foi eleita para retratar a relação de Carolina com a cultura portuguesa, que se iniciou muito antes da sua chegada ao país, por via dos seus antepassados familiares portugueses. Na verdade, tanto o pai, como a mãe eram descendentes directos de portugueses, sendo o pai nascido em Portugal e imigrado ainda na infância. A relação com a *Portugalidade* pareceu dar conta de aspectos subjectivos que incluem a ligação com este passado familiar de Carolina. Por este motivo, elegemos esta relação central, que se foi transformando ao longo do tempo em que decorreram as entrevistas, para compreender o lugar e o papel da cultura.

Carolina tinha chegado a Portugal há 7 meses, na altura da primeira entrevista. Nascida no Rio de Janeiro, cresceu num ambiente sócio-económico muito favorecido. Os pais de Carolina separaram-se quando ela tinha 10 anos, tendo vivido alternadamente em casa de ambos até à adolescência, altura em que se fixou em casa da mãe com a sua irmã mais nova. Estudou Arquitectura, numa faculdade privada, tendo exercido a profissão ainda antes de deixar o Brasil, num gabinete de concepção de projectos. A vinda para Portugal surgiu por uma vontade do marido, também brasileiro, de vir estudar no país e de procurar a possibilidade de expandir o seu mercado de trabalho como músico. Carolina sentia que a vida no Brasil, apesar de muito facilitada pelo seu contexto sócio-económico, tinha um lado de grande insegurança e poucas oportunidades culturais para pessoas com a profissão do seu marido. O facto de Carolina ter cidadania portuguesa, por ser descendente de portugueses facilitou, ao nível burocrático e legal, a vinda de ambos (ela e o marido) para Portugal.

O lugar da zanga. Carolina escolheu como lugar do primeiro encontro, um café que ela conhece bem. Costumava frequentá-lo com regularidade por ser próximo de casa. Como ela referira: “é um café com vista...”. O espaço era agradável e sofisticado, assim como a primeira impressão que deixou Carolina neste primeiro contacto, simultaneamente reservada e cordial. Este primeiro encontro com Carolina ficou marcado pelo contacto com o lugar da zanga. A sua desilusão com Portugal, as dificuldades com os portugueses e a solidão sentida dominaram os temas da entrevista, deixando esta dicotomia entre o espaço onde decorreu e os conteúdos da conversa.

Estas dimensões da vida de Carolina em Portugal e a angústia de solidão subjacente, manifestadas pela zanga, foram analisadas à luz da intersubjectividade. Carolina trouxe a sua relação com a portugalidade (que se iniciou muito antes dela chegar a Portugal) para a relação com a entrevistadora (portuguesa). Ao longo desta entrevista que, num primeiro momento, parecia dar conta apenas de aspectos negativos sobre a chegada e o tempo de permanência no país, Carolina referiu em quatro momentos diferentes, após ter abordado estes aspectos:

(...) ah... não acredito que estou a dizer isto, tu és portuguesa... (...) ai que horror, agora estou dizendo isto para você...(...) Algumas eu não diria para uma portuguesa...(...) Não, mas é que eu estou falando mesmo e estou distraindo que você é portuguesa, estou mesmo falando... (Carolina).

Todas estas afirmações em jeito de negação revelaram a zanga e a agressividade nos comentários que se referem especificamente a esta relação eu/outros, Brasil/Portugal. A dimensão da zanga tornou-se mais saliente no final da entrevista, altura em que a entrevistadora ao despedir-se de Carolina, teceu um comentário pouco favorável ao espaço onde decorreu o encontro - espaço este, escolhido por Carolina do seu agrado e de frequência habitual. A análise cuidadosa daquilo que foi sentido e escrito pela entrevistadora, nas notas de campo possibilitou compreender a zanga de Carolina. O comentário final da entrevistadora parece nomear a zanga de Carolina sentida ao longo da entrevista, através dos comentários depreciativos sobre os portugueses.

A análise do uso das notas de campo coloca em evidência, neste caso, a forma como a identificação projectiva pode ser uma ferramenta compreensiva da subjectividade do entrevistado, através da relação intersubjectiva. Bion (1962) referia-se à identificação projectiva como um fenómeno interpessoal (intersubjectivo) onde existe uma procura no “outro” de um receptáculo, capaz de conter as projecções dolorosas, originalmente na relação mãe-bebé como forma de comunicação pré-verbal, mas extensível a todas as relações humanas. Ogden (1982/2005) refere-se a este mecanismo (identificação projectiva) não como uma simples fantasia mas como uma realidade, onde existe a necessidade da pessoa se libertar de partes suas não desejadas e ameaçadoras (incluindo objectos internos), colocando-as numa outra pessoa, de modo controlador. Nesta interacção, existe a intenção de que o recipiente pense, sinta ou se comporte de maneira congruente com o que foi projectado (Ogden, 1982/2005). O (re)agir zangado ou retaliador da entrevistadora, através do comentário desfavorável relativamente ao espaço físico da entrevista dá conta dos ataques de Carolina, tendo por base esta zanga e necessidade de afastar a sua ligação aos portugueses e impossibilitar a relação com o país. O contexto de adversidade na vida em Portugal dizia respeito ao isolamento, por via do sentimento de rejeição pelos portugueses.

Os ataques de Carolina dirigiam-se sobretudo aos modos de vida dos portugueses, ao nível dos hábitos e costumes, nomeadamente, o facto dos portugueses não terem vida social depois do horário de trabalho ou o ritmo de vida que era mais lento por comparação com o Brasil.

O tempo lento, o tempo é outro né? As pessoas andavam com calma na rua...E as pessoas andam com calma na rua, e isso me impressionava! Eu olhava as pessoas

todas vestidas como se tivessem indo para o trabalho, ou vindo do trabalho na hora de almoço nitidamente e elas, caminhavam! Mas, mas não é possível, está todo o mundo de férias? (Carolina)

Acima de tudo, Carolina sentia os portugueses muito fechados, impossibilitando a existência de relacionamentos.

É difícil porque eu também por outro lado queria ter mais uma convivência, uma relação, estabelecer laços com portugueses... não queria viver sempre à margem...porque eu, a sensação que eu tenho ainda hoje é que os portugueses são umas pessoas que vivem no mesmo ambiente que eu mas que...mas que é como se eu não estivesse ali, eu observo! (Carolina)

Sobre este assunto, Carolina usava as tradições natalícias para retratar a relação com a família, pai e mãe, como figuras significativas da tradição portuguesa. A sua ligação às tradições gastronómica do Natal, parece um bom exemplo de como a cultura é simultaneamente interna e externa. Winnicott introduziu esta noção através do conceito de espaço intermediário, usado também para pensar o lugar da cultura:

Experimentamos a vida na área dos fenómenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos (Winnicott, 1971/1983, p. 93).

Em Carolina, este espaço intermediário aparentava ser um estado de confusão entre a apropriação cultural de costumes de outro país, simultaneamente parte de Carolina, por via da herança familiar. Por um lado, existia um ataque à pertença a estas origens e tradições, das quais Carolina parecia ter pouca consciência, por outro lado, aparecia a zanga porque estas tradições com raízes portuguesas a colocavam num lugar desadequado do contexto envolvente, quer em Portugal, quer no Brasil. Em ambos os lugares parecia existir um lugar de isolamento e de fechamento ao mundo exterior.

Eu até há pouco tempo atrás não sabia que nem todo o mundo comia bacalhau no Natal! É que no Brasil ninguém come bacalhau no Natal e eu passei 33 anos da minha vida comendo bacalhau no Natal e achando que era assim no Brasil inteiro! E...não, era uma coisa que era da herança da família... (...) nunca tinha passado o Natal na família de ninguém, obviamente, sempre passava na minha! Então fica ali naquele

lugar seu, fechado, né? E não percebe...E aí a primeira vez que eu passei o Natal fora, foi aqui, na casa de uns brasileiros. E eu pensei: “Humm, cadê o bacalhau? Porque é que eles comem carne vermelha?!” E eu fiquei mesmo, assim muito impressionada com aquilo... (Carolina)

A zanga crescente e a luta por ser aceite. Os temas das tradições e das origens voltaram a ser centrais nas entrevistas seguintes com Carolina. Nesta entrevista, a dimensão da zanga parecia ter aumentado de intensidade, abrindo com esta afirmação inicial:

Eu estava contando da coisa do urbanismo e, acho que, em Portugal, é muito conservador, né? Em tudo. Acho que isso é claro na questão da arquitetura, como Portugal é conservador... Eu cheguei aqui, todo mundo achava a tradição, muito fofo, “Ah que gracinha, televisão, tradicional”... E hoje em dia, eu vejo, no outro dia vi uma propaganda de uma rede, dessas assim. Que dizia “A Tradição Portuguesa”. Eu quando vejo a palavra “tradição” eu já fico logo assim...em pânico! Não quero mais ouvir falar disso... Um pesadelo... (Carolina)

Carolina voltava a salientar os vários aspectos negativos dos portugueses; a atitude mais fechada e o pessimismo, as respostas vagas, com o seu grau de incerteza, como dizia, “tiram-na do sério”. Partindo deste olhar sobre os portugueses, Carolina aborda a dimensão da solidão que sente em Portugal. Esta solidão parecia ter origem na impossibilidade sentida no relacionamento interpessoal com os portugueses, devido às barreiras e obstáculos colocadas por estes e pelas características de um povo conservador e fechado. “Os portugueses são muito mais fechados...e são, são muito mais fechados que os brasileiros que são extremamente informais, e acessíveis...nesse sentido. São mais informais, não tem como”. (Carolina)

A relação entre Carolina e a entrevistadora parece dar conta desta impossibilidade de relacionamento, pela inexistência de um significado comum, que permita comunicar. Como refere Bion (1963), antes das palavras se articularem linguisticamente, as pessoas articulam-se afectivamente. Quer isto dizer, que a possibilidade de simbolização (atribuição de um símbolo comum, constituído por elementos conscientes e inconscientes associados, ligados à experiência emocional vivida) implica a existência de uma dinâmica entre continente e conteúdo, algo que não parece ter sido possível entre Carolina e entrevistadora, ficando a simbolização comprometida.

Sobre uma noite em que saiu com uma amiga brasileira que a veio visitar, Carolina usou uma expressão cujo significado era desconhecido da entrevistadora, e esta pediu que Carolina a ajudasse a compreender a expressão. Seguiu-se um diálogo marcado pelas tentativas de clarificarem o significado da expressão “azaração”.

E: Nunca ouvi essa expressão. O que significa?

C: É assim o lugar de como as pessoas solteiras interagem... Não sei explicar bem...

E: Seria o equivalente a “engate”, em Portugal... Não sei se conheces a expressão...

C: Pois, conheço a expressão mas não é bem... vocês não têm isso! Inclusive a palavra que nós usamos não faz muito sentido!

E: Será idêntico a paqueirar?!

C: Paqueirar? Talvez, talvez.

E: Não sei, não sei, talvez eu não conheça o sentido de paqueirar...

C: Paqueirar é uma palavra que a minha avó diria! (risos) Que eu quando era jovem ia olhar para ela e “Paqueirar? Vó que é isso?!” (...)

Este diálogo parece dar conta dos avanços e recuos de Carolina relativamente aos portugueses, mas não só, parece-me que para ela é difícil tornar claro os significados das expressões e conceitos usados. Os portugueses que evocam a memória da avó (as origens portuguesas, o peso da tradição e o conservadorismo). Aqueles que a rodeiam, aqueles com os quais ela desejava relacionar-se mas são fechados e provocam um enorme sentimento de solidão, “*um vazio gigantesco*”, nas suas palavras. A análise deste diálogo e a nota de campo da entrevistadora revelou a tentativa de corresponder à solicitação de Carolina, que procurava um espaço de entendimento comum. Por outras palavras, o apelo para conter e transformar o isolamento e o sentimento de rejeição sentido por ela. Bion (1962) refere, a propósito da sua teoria do pensamento, que a linguagem e o diálogo fazem parte de uma experiência emocional onde está envolvido o sentimento de não-saber algo (vínculo K), por exemplo, pelo desconhecimento ou imprevisibilidade de algo. O próprio processo de pensar (necessário à comunicação) exige um grau de desconhecimento e novidade, o que provoca um sentimento de desconforto. Sob estas circunstâncias, um recurso importante pode ser a procura de um continente, ou seja, o uso inconsciente de outra pessoa que possa ajudar a processar essa experiência emocional difícil de suportar, como no caso de Carolina no medo de ser rejeitada, de não ser compreendida.

Período de tréguas. O último encontro com Carolina introduziu um período ligeiramente diferente dos anteriores. Carolina fez algumas tréguas nos ataques que fazia às tradições portuguesas, partilhando com a entrevistadora confidências sobre a sua intimidade. Esta procura de proximidade afectiva com a entrevistadora pareceu estar relacionada com as alterações que foram surgindo na vida de Carolina.

Agora, enfim, começo a ver que tem mais possibilidades, sabe? Já começo a ver mais oportunidades aqui, na minha área assim, também através de pessoas que conheci, começo a ver que talvez as coisas aconteçam...então estou mais tranquila... (...) no começo até podia não estar no melhor momento e, acho que estava muito sozinha e tudo aquilo...é mais...mas enfim, talvez agora consiga ver com mais humor, e mais distância (...) (Carolina)

Desde a última entrevista, Carolina tinha mudado de casa. Saiu de um bairro tradicional de Lisboa para se instalar na parte mais urbana e cosmopolita da cidade – Chiado. Sobre esta mudança, Carolina refere que “foi uma mudança radical na minha vida”. Esta alteração esteve relacionada com a possibilidade de se identificar e relacionar com outras partes suas, menos relacionadas com as origens, no duplo sentido que poderá assumir esta palavra. As origens, pelo passado relacional de mãe e pai e avós por parte de ambos, com ligações a Portugal, assim como as origens no sentido do país onde nasceu. Este último sentido, poderá estar relacionado com o facto da nova morada de Carolina estar situada num lugar frequentado por turistas, onde a dimensão de urbanidade vivida no país é mais saliente e as referências histórico-culturais integram-se num movimento lato de globalização.

A ideia de regresso ao Brasil aparecia com grande ambivalência e muitas contradições.

Agora estou bem aqui... Uma coisa eu sei... para o Brasil eu não vou! De jeito nenhum, está fora de questão! Mas também vou dizer que não quero mas vou enviar o meu CV para uma vaga de emprego, que eu vou lá, nestes dias...Não quero, mas eu vou enviar, entende? (Carolina).

Em Portugal começava a existir a oportunidade de fazer as pazes com os portugueses, à medida que ia começando a sentir que existia um espaço para si no espaço residencial globalizado e diversificado nas origens culturais dos habitantes. Esta conquista de espaço

deixava ser intuída, também através da possibilidade de encontrar um lugar na relação com a entrevistadora.

Como refere Carolina, a relação difícil ou ambivalente com os portugueses iniciou-se muito antes da sua chegada a Portugal. Retomando o conceito de resiliência (Ungar, 2008), o tempo decorrido em Portugal foi pautado por adversidades ao nível da solidão e isolamento, contextualizado num sentimento geral de rejeição dos portugueses aos brasileiros, promovendo a zanga e os ataques a este contexto. No entanto, ao nível dos recursos, as vinculações com pessoas de outros países a viver em Portugal, parecem ter possibilitado, a Carolina, múltiplas pertenças, recriando uma terceira via de ajustamento cultural. Como refere Appadurai (1996), a pertença dos migrantes tornou-se tipicamente des-territorializada, verificando-se novas formas de identificação que não passam já pela identificação à noção de País/Estado ou áreas geográficas. O conceito de hibridismo possibilita a compreensão da relação com a cultura sob a perspectiva de múltiplas afiliações, não sendo exclusiva a adopção das características culturais do país de acolhimento ou a manutenção da cultura do país de origem, ocorrendo uma mistura de vários elementos culturais. Segundo Bhabha (1994), a identidade dos migrantes encontra-se, por vezes, num estado de ambivalência entre culturas, cuja resolução passa pela procura de uma identidade no cosmopolitismo, enquanto *cidadãos do mundo*. “It is the hybridity that provides the ability to live in ambivalence, to stand in the spaces between self-states and resolve the psychic conflict between the old and new, me and them, past and future, love and hate” (Akhtar, 1995).

Pedro. O Cordão Umbilical

A expressão escolhida e usada por Pedro - cordão umbilical – pretendia designar a relação que mantinha com o Brasil, que apesar de não ser o seu país de nascença era considerado, pelo próprio, como o seu país de origem. O cordão umbilical era usado para referir a ligação “*visceral*”, de alimento e sustento, que Pedro mantinha com a cultura do seu país, e cujo distanciamento era sentido como o medo de um corte simbólico, como aquele que sucede com os recém-nascidos. Ao longo do tempo em que decorreram as entrevistas, Pedro elegeu este tema como o mais significativo do seu processo migratório.

Pedro, 42 anos, chegara a Portugal há 5 meses, quando se realizou a primeira entrevista. Deixou o Brasil, para trabalhar na delegação portuguesa de uma empresa internacional de importação/exportação, onde desempenhava funções comerciais. Esta

oportunidade de trabalho e de mudança de país surgiu num período de vida em que, ele e a esposa, valorizavam a insegurança física que se vivia no Brasil, para além do elevado custo de vida. Pedro nasceu na Argentina, tendo deixado o país com 12 anos, altura em que os pais decidiram migrar para o Brasil. As suas referências familiares permaneceram na Argentina, quer a família mais alargada, quer os pais, que regressaram ao país quando ele tinha 35 anos, já casado com a actual esposa. A vida no Brasil foi marcada por algumas dificuldades de adaptação à chegada, bem como pelo percurso escolar e profissional com muitas dúvidas sobre as escolhas e o rumo a seguir.

O cordão. A primeira entrevista com Pedro decorreu numa sala do seu local de trabalho. A interacção inicial com a entrevistadora desvelava o significado da sua experiência migratória. “... Eu talvez não seja o imigrante que você procura. O meu percurso é muito atípico, talvez não te interesse porque não sou, se calhar, assim como aquelas pessoas que vêm para cá”. Objectivamente, Pedro referia-se ao facto de ter uma profissão que, nessa altura fazia com que viajasse mensalmente para o Brasil, onde permanecia cerca de 10 dias e regressava novamente a Portugal. Por esse motivo, não estava fixado no país como a maioria dos migrantes brasileiros. Subjectivamente, esta primeira frase de Pedro foi analisada pela entrevistadora como reforçadora da aliança e ligação à cultura brasileira, de tal modo que a interacção promovida neste encontro, parecia querer ser evitada por Pedro, pela impossibilidade de se sentir migrante, por implicar na sua fantasia, o corte com o país de origem. O comentário da entrevistadora (“procuro apenas, aquilo que quiser partilhar comigo”) possibilitou que Pedro aprofundasse esta dimensão.

A relação com o Brasil era interpretada através de metáforas sobre a sua situação profissional, “alguém já me falou: essas pontes de avião do seu trabalho são o verdadeiro cordão umbilical que você não corta!”. No final desta primeira entrevista, Pedro lamentava a incapacidade relacionada com a sua situação actual usando a mesma metáfora, “tenho que cortar este cordão... se não for eu, terá que ser alguém ou alguma coisa... à força”. Segundo Pedro, o cordão de ligação ao Brasil impedia que o relacionamento com o novo país de uma forma real, permanecendo, por isso, “a surfar sobre tudo isto”. Sentia que tinha uma relação desligada com Portugal e com os portugueses percebendo-se enquanto turista, como tantos outros pela cidade.

A cidade é linda... É tão inspiradora! Adoro ver Lisboa quando chego no avião cá em cima e depois vai-se aproximando e o Rio Tejo... Muito bonito! Quando chego de viagem passo primeiro na baixa, de preferência no Rossio, pego um pastel de nata e... estou no céu. (Pedro).

Por esse motivo, o recurso à clivagem era bastante significativo, na medida em que o país de acolhimento era dividido em duas partes: uma visão idealizada e outra marcadamente negativa mas projectada nos outros.

Sobre esta dinâmica de Pedro é útil evocar o conceito de clivagem desenvolvido por Klein (1942). Este mecanismo de defesa usado predominantemente na posição esquizoparanoide refere-se a uma percepção dos objectos parciais, divididos em bons ou maus objectos, como forma de organização e de tolerar a angústia. Os objectos bons são conduzidos à sua extrema idealização, enquanto os maus objectos por conterem uma componente tendencialmente persecutória são projectados por via de identificações projectivas. A integração destes objectos parciais, num objecto total, onde várias nuances de bom/mau podem co-existir simultaneamente, apenas é possível na posição depressiva. Ao longo da vida, vai sendo intercalada a transição entre uma e outra posição (Klein, 1942). Este conceito parece ser de grande utilidade para compreender a ambivalência sentida por Pedro, face à possibilidade de existir um corte com a matriz cultural original. A eminência da perda das referências culturais brasileiras parece promover a dificuldade de suportar a ambivalência suscitada pelo confronto com uma nova ou diferente cultura, apenas possível de tolerar com recurso à idealização da cultura portuguesa e à projecção dos aspectos negativos sentidos.

Ilustrando este processo, Pedro referia-se à beleza arquitectónica da cidade, à herança histórica poética nas relações luso-brasileiras, bem como à riqueza dos programas culturais existentes pelo país e pela cidade.

Agora vem aí aquele festival de jazz ao ar livre vai ser o máximo. Sabe que eu acho que uma cidade que nem Lisboa tinha que estar sempre com programas culturais e programas históricos o tempo todo. Ali a Brasileira e desenvolver com a relação entre Portugal e o Brasil. Podia ser muito mais cultura. Portugal foi um colonizador importante. (Pedro).

Os aspectos negativos eram colocados na sua esposa: “ela tem outra percepção porque ela não vai tanto...ela não volta tanto para as origens como eu...”. Através da figura da sua

esposa, Pedro revelava a dificuldade no contacto com os portugueses pelo seu humor depressivo, a atitude pessimista e a percepção negativa destes, relativamente aos brasileiros (pessoas em quem não se pode confiar e as mulheres confundidas como prostitutas). A dinâmica de colocar na sua esposa as dificuldades sentidas em Portugal e idealizando os aspectos positivos, bem como a sua introdução inicial, demarcando-se da condição de migrante “como os outros”, colocava em evidência a dificuldade em ligar-se a Portugal, tendo como referência de casa, o Brasil.

A minha vida também é um caso um pouco particular, a minha vida no Brasil, eu era argentino. Quando vou para a Argentina, porque toda a minha família mora na Argentina, eu sou o brazuca. Aqui, eu sou o brasileiro. Mas eu sou argentino, eu falo português mas eu sou argentino. Eu sou estrangeiro na minha casa, sou estrangeiro aqui... (Pedro).

O medo do corte. Neste encontro Pedro surgiu com um semblante carregado, o diálogo menos fluído, parecia existir alguma impaciência neste encontro, quase com vontade de que terminasse rapidamente. A vida de Pedro passava por um período difícil, com mudanças que traziam angústias a vários níveis. As alterações ocorridas ao nível do seu trabalho, relativamente às idas ao Brasil, tinha-se modificado. Estava mais tempo em Portugal, apesar de fazer ainda deslocações, e com uma redução significativa no vencimento mensal, trazendo dificuldades de ordem económica. Acima de tudo, esta alteração trazia a constatação de que precisava de cortar o “cordão umbilical” com o Brasil: “já o deveria ter feito há muito tempo... mas sei lá... bate aquele medo de não dar certo”. Esta mudança laboral, e como talvez Pedro tinha reconhecido anteriormente, parecia ser o acontecimento externo que poderia anunciar o processo de corte com o cordão, iniciando, como dizia, “uma nova fase da minha vida, mais portuguesa que outra coisa e eu estou gostando... mas...”.

Esta fase mais portuguesa trouxe uma mudança de casa e o reconhecimento das dificuldades de Pedro em Portugal, desta vez, não através da esposa, mas nas suas próprias palavras: “Agora eu reconheço, essas mudanças de apartamento em Lisboa é uma coisa simbólica... Desempacotar caixas... montar uma nova casa... E eu que escolhi essa casa. Eu odeio o IKEA. Eu odeio o IKEA, eu odeio o SEF, eu odeio.” Através desta nova etapa foi possível compreender as dificuldades sentidas por Pedro em Portugal, acompanhado pelo medo do corte com o Brasil.

A relação com outras pessoas significativas trazia o impacto da realidade da vida em Portugal, mas aquilo que Pedro sentia era ainda o desejo de permanecer no Brasil: “As pessoas têm vindo nos visitar. Acham o máximo estarmos a viver fora do Brasil, estar morando em Lisboa, entendeu!? Para todo o mundo, eu estou morando em Lisboa.”. No mesmo sentido, ao comentário da entrevistadora, “parece que está tudo confuso, neste momento”. Pedro respondeu com lágrimas e, voltando a usar a esposa, foi falando do seu medo de não ser capaz, de não conseguir permanecer em Portugal. O medo do corte parecia vir simultaneamente por esta via, de uma vida em Portugal incerta e preenchida de obstáculos e dificuldades.

A vida está ficando apertada. Agora com o dinheiro curto tenho medo que a minha esposa desista de apostar. Ela está trabalhando numa loja de roupa, nada de mais, mas ela estudou Pedagogia e se não acontecer nada para ela, não sei... Tenho medo que ela desista (Pedro).

Esta ideia central do medo do corte umbilical (na expressão de Pedro), parece falar do medo da perda, tal como abordado por Klein (1942), na medida em que, qualquer perda real ou simbólica implica uma densidade de angústia tão elevada, que é feito um grande investimento a procurar evita-la. No entanto, assiste-se em Pedro uma mudança relativamente ao encontro anterior, a possibilidade de integrar aquilo que Klein (1957) designaria por *objecto total*, ou seja, a atenuação da clivagem entre bom e mau objecto, típico da posição depressiva. A possibilidade de introjectar o bom objecto, que pode proteger contra as ameaças destrutivas permite a passagem a um objecto total, onde o bom e o mau pode “conviver”. Este processo parece corresponder ao vivido por Pedro, naquilo que é a vivência mais integrada da cultura portuguesa, nos seus aspectos positivos e negativos, simultaneamente. Apesar desta possibilidade de integração, a ameaça da perda (“o corte” com a cultura brasileira) permanecia intensa, característica da posição depressiva.

O corte. Neste encontro, Pedro comunicava agitado as mudanças que ocorreram neste tempo. Falava, assinalando as alterações ocorridas desde o último encontro: “em relação à última vez, isto mudou...”; “sobre aquilo que falámos está diferente...”; “esta foi a principal mudança que aconteceu...”. A agitação estava relacionada com o corte do cordão umbilical. As alterações no seu trabalho ditaram o fim das idas sistemáticas ao Brasil. Era perceptível que o corte trazia dúvidas mas também alguma tranquilidade.

“Sabe... Agora estou vendo aqueles aspectos que a minha esposa dizia, os portugueses são deprimidos e fechados. O pessoal dos restaurantes é muito lento no serviço e antipático no contacto... E estive novamente no SEF, para tratar de toda minha documentação. Agora, para valer!” (Pedro).

Seguiu-se o comentário da entrevistadora, “Parece menos inquieto... Aliviado até...” A relação com a cultura portuguesa, com os portugueses, apareceu representada simbolicamente na relação com a entrevistadora do seguinte modo:

“Ouvindo você falando agora, penso que você acabou sendo um pouco minha psicóloga... ou minha parteira, neste caso (Risos)... Não por nada, mas é que você acabou sendo a pessoa portuguesa que mais falei no último ano e de um jeito... não sei... um jeito que me ajudou muito. A acreditar nos portugueses! Não sei... A acreditar numa vida em Lisboa!” (Pedro)

Pedro rematou a perspectiva sobre a sua vida actual, com uma analogia sobre o nascimento e as etapas do desenvolvimento.

P: E é isso, ao nível de trabalho, tenho de fazer para as coisas começarem a andar sozinhas, depois deste corte.

E: Parece que é o que vem depois do corte umbilical...

P: (Risos) É isso mesmo... Depois que cortam o cordão umbilical, os bebés aprendem a andar... mas antes, têm que gatinhar, e vão experimentar os primeiros passos.

E: É por etapas...

P: Sim... Sem dúvida, é gatinhar, andar.. Não dá para saltar etapas...

Após o corte, Pedro encontrava-se de novo à procura do seu espaço. Como ele referia, usando o lugar emprestado da sua esposa, “A minha esposa sente mais a coisa da mudança...eu não, sou mais vira-latas, adaptável nesse sentido, que abana o rabo para todo o mundo...”. Esta metáfora com os cães vira-latas era usada para falar sobre a necessidade de se sentir acolhido, tal como os vira-latas, sempre à procura de um lugar de protecção, na luta pela sobrevivência.

Sobre esta etapa de Pedro, e usando a metáfora eleita pelo próprio desde o primeiro encontro, Klein (1952) refere que, cortar o cordão umbilical não significa perder o filho, mas estabelecer com ele um outro tipo de vínculo. Há uma continuidade, em que aquilo que era só real, passando para o campo do imaginário e do afecto, chega ao nível do simbólico como um

processo de integração progressiva. Através desta perspectiva da autora acompanhamos o processo de Pedro, salientando, por um lado, que a sua relação com o Brasil (espaço físico e simbólico) não deixou de existir, no entanto, foi sendo reconfigurada, para permitir que fosse sendo constituída uma relação simultânea com Portugal. Deste modo, o uso à clivagem foi dando lugar a uma integração progressiva, em que ambas as culturas podiam co-existir dentro de Pedro.

O percurso que acompanhámos de Pedro, em Portugal, possibilitou uma reflexão sobre a especificidade individual das experiências e trajectórias migratórias. Neste sentido, o significado atribuído à sua narrativa é distinto, daquele que foi apresentada anteriormente por Carolina. Evocando o conceito de resiliência, o caso de Pedro convida a pensar nas adversidades associadas ao processo migratório, cujos fantasmas de perda ameaçam a constituição da identidade e instalam a confusão da pertença a pessoas e lugares. A possibilidade de relação com a cultura portuguesa era sentida como uma ameaça de corte com a cultura brasileira, a perda das referências culturais e, no fundo, da sua identidade. Por este motivo, antes do corte umbilical, a dimensão da interacção com os portugueses, a vida em Portugal ou os contrastes entre culturas ainda não era possível de ser vivido porque Pedro estava preenchido por este medo. O corte com as idas ao Brasil e as relações significativas com alguns portugueses constituíram-se enquanto recursos importantes para iniciar um processo de integração progressiva.

Pensar na cultura nos termos usados por Kaes (2003), ajuda a reflectir sobre o caso de Pedro. Para este autor, a cultura funciona enquanto espaço intermediário, sinónimo de um espaço poroso, em ligação com os desejos e interditos no seio do grupo alargado ou com outros espaços do psiquismo. O autor salienta como sendo próprio do espaço intermediário: “... a experiência da ilusão de uma continuidade entre a realidade psíquica e a realidade externa, entre aquilo que se herda e aquilo que se encontra e cria” (Kaes, 2003, p. 21:22). Por esse motivo, a cultura promove uma identidade, fundada individual e culturalmente, por via de identificações introjectivas ou mecanismos de defesa arcaicos como a idealização ou a projecção. Simultaneamente, a cultura é utilizada como um contentor, ou seja, um aparelho com uma função continente e transformadora.

Retomando o enquadramento dos processos de resiliência (Ungar, 2013), os significados atribuídos por Pedro dão conta dos vários entendimentos possíveis relativamente

ao ajustamento cultural. Quer isto dizer que, a parte da trajectória de vida de Pedro que acompanhámos evidencia o aspecto particular da sua relação com a cultura, sendo positivo na medida em que possibilitou a Pedro a integração do contacto cultural quer com o Brasil, quer com Portugal. Como o próprio referiu, após o nascimento (através do corte do cordão umbilical) o desenvolvimento é feito por etapas e através de uma multiplicidade de micro-processos. Após a conclusão dos encontros a que nos propusemos, não sabemos em que direcção (ou várias) se terá desenrolado o ajustamento cultural de Pedro mas sabemos que pôde desenrolar-se em etapas subsequentes.

Leonardo. Perdido e achado

Nos encontros com Leonardo acompanhámos o período de tempo iniciado com a sensação de “*estar perdido*”, sendo alterado para um estado mais organizado, trazendo diferentes possibilidades de relacionamento com a cultura. A interacção de Leonardo com o espaço cultural da cidade (na circulação pelos lugares e na ligação à oferta cultural) serviu de análise simbólica do processo migratório.

No primeiro encontro, Leonardo tinha chegado a Portugal há 4 meses. Nascido em Cabo-Verde, ilha de Santiago, propôs-se mudar de país para continuar os estudos superiores, no Mestrado de Comunicação e Linguagem, tendo concluído a primeira parte na Universidade de Cabo-Verde. A irmã mais velha de Leonardo veio primeiro estudar para Portugal (actualmente já integrada no mercado de trabalho) dando a conhecer o país, a Leonardo, quando voltava a Cabo-Verde nos períodos de férias escolares. Acompanhando os relatos da irmã, Leonardo aspirava vir a estudar em Lisboa.

Filho de uma educadora de infância, Leonardo caracterizava-se pelo investimento académico que fazia desde pequeno, sendo reconhecido pelos outros (familiares e amigos) como um aluno dedicado. Algo que era bastante valorizado pelo próprio. No final do ensino básico separou-se do pai para continuar os estudos, tendo migrado para outra ilha com a mãe, onde permaneceram 3 anos. Após concluído o secundário, mudou para outra ilha para frequentar a Universidade, desta vez sem a mãe. Segundo Leonardo, a vinda para Lisboa surgiu como “a continuidade natural daquilo que já tinha começado” em Cabo-Verde.

Perdido na confusão. O processo para marcar o primeiro encontro com Leonardo foi atribulado. A escolha dele, para o local de encontro recaiu sobre o maior centro comercial da cidade, próximo da saída de metro que desemboca neste espaço. A hora e o local de encontro,

com a entrevistadora, sofreram várias alterações. Este período inicial parecia dar conta da ambivalência de Leonardo em querer participar deste encontro.

As diversas alterações e a escolha de um espaço ruidoso para a realização da entrevista pareciam reflectir o estado de confusão sentido por Leonardo – “sentia-me perdido”, diria ele no último encontro, sobre este tempo. No entanto, neste primeiro encontro, prevalecia uma certa negação deste sentir, da qual o uso destas expressões são uma boa ilustração, “Senti-me à vontade”; “Não há uma coisa que seja mesmo difícil”; “Não houve grandes dificuldades”. No terceiro encontro, a propósito deste período inicial, Leonardo acabaria por retomar a este tempo desta forma; “Talvez logo no início tive um pensamento que era: “Como é que eu ia sobreviver?”.

Leonardo descrevia o seu quotidiano a partir de um lugar de isolamento, desde o espaço físico da cidade, à relação com os outros que a habitavam (os portugueses).

As aulas são três vezes por semana, por isso, isto causa-me mau hábito, que é acordar tarde (risos) ainda por cima com um tempo frio, a vontade de levantar é muito pouca. Ao meio dia tenho que estar acordado para fazer o almoço, depois estou sempre no meu PC. Sempre vou para a escola de táxi, mas depois aproveito e volto de autocarro. Mas o dia é quase inteiro dentro de casa, a não ser no fim-de-semana que posso sair. (Leonardo)

No contexto da faculdade, as pessoas eram descritas como pouco afáveis e desconfiadas. Leonardo atribuía a impossibilidade de relação com estas pessoas a um motivo específico, “não sei se é racismo, se não, mas parece-me às vezes que sim...”. A excepção à sua dinâmica diária e de relacionamento surgia através da irmã de Leonardo a viver em Lisboa há vários anos. O tempo passado com a irmã era planeado no tempo e no espaço. “Nos Sábados, se acordar cedo de manhã, com a minha irmã, damos uma volta na Baixa, vamos ao Miradouro, depois voltamos, janto na sua casa e depois volto pra casa.”. A relação com a irmã, conhecedora do espaço físico da cidade, possibilitava a Leonardo um contacto lento e sistemático com o novo país permitindo a introdução dos novos elementos culturais. Esta irmã permitia estabelecer a ponte entre Portugal e Cabo-Verde, do mesmo modo que o teria feito quando levava, no período de férias, um pouco de Lisboa ao país de origem, onde ainda vivia Leonardo.

Retomamos o conceito de vínculo K (knowledge) – conhecimento, de Bion (1963), como parte das emoções básicas (assim como o amor - L e o ódio- H) que ligam duas ou mais pessoas. Este vínculo estabelece-se entre um indivíduo que procura aceder e compreender um objecto (interno ou externo), envolvendo por isso uma procura de verdade acerca de si mesmo, através do modelo continente-conteúdo. Como Leonardo, na procura de compreender, quer a saída de Cabo-Verde, quer a cultura portuguesa e o contexto envolvente da cidade de Lisboa. É este modelo que permite a relação comunicante, de troca e transformação pela intersubjectividade. Quando existe a possibilidade de conter e transformar é possível ao indivíduo compreender a sua experiência emocional e “saber acerca de algo”. No entanto, quando a dor psíquica é impossível de ser pensada (pela intensidade da dor ou pela inexistência de uma relação continente-conteúdo) o indivíduo tenderá a evitar o sofrimento. Nesta caso, estaremos na presença de vínculos –K que conduzem à retirada da relação, à fragmentação do objecto ou à impossibilidade de pensar a experiência dolorosa. Tivemos a oportunidade de compreender a intensidade do sofrimento de Leonardo (no último encontro) neste período da chegada, sendo por isso difícil de ser pensada e forçando a negação dessa dor e impossibilitando o conhecimento da realidade externa que o rodeava. Acrescentava-se ainda que os portugueses eram sentidos como rejeitantes (portanto, sem função de reverie), desempenhando a irmã de Leonardo ainda alguma função protectora contra a desintegração completa desta experiência, mantendo a ligação com a realidade. A importância da diáspora e a noção de transnacionalismo das migrações relacionam-se facilmente com esta dimensão, de função contentora do contacto cultural, antes e depois da migração.

Menos perdido e mais assustado – Início da procura. Do segundo encontro, num ambiente mais tranquilo, próximo da sua casa, destacou-se o facto de Leonardo estar menos perdido na confusão, e mais à procura do seu lugar no novo país e na relação com os outros. A resposta ao comentário inicial da entrevistadora parece dar conta desse movimento. Ou seja, a possibilidade de criar um espaço de interacção aumentava simultaneamente, o medo de rejeição.

E: Passaram 3 meses desde a última vez que estivemos juntos...

L: Até pensei que passou mais.

E: Mais?

L: Que eu estava pensando que já tinham passado três meses e que ainda não me tinhas chamado...

Sobre as relações com os outros, Leonardo estava pouco tempo com a irmã, apesar de estarem a viver praticamente na mesma rua. A tradição do passeio conjunto, ao Sábado, tinha desaparecido, mantendo maioritariamente um contacto telefónico. Esta diminuição do contacto com a irmã aparecia ligada ao aumento de novos relacionamentos promovendo o prazer de viver em Lisboa. Nas suas palavras, “simplesmente gosto dos ares de Lisboa... O tempo tem variado muito, mas gosto de estar cá. Gosto da movimentação...”. A rede de novos relacionamentos era constituída, essencialmente por pessoas de várias partes do mundo, a viver em Lisboa. Como reconhecia Leonardo “nem cabo-verdianos, nem portugueses” faziam parte destas relações de proximidade,

(...) conheço uma grega que mora na mesma casa que o namorado da minha irmã. Ela conhecia uma amiga turca, que depois também ficou minha amiga, depois todos os amigos dela também ficaram nossos amigos, depois conhecemo-nos todos e agora saímos sempre juntos. É isso, uma pessoa vai conhecendo outras e depois com as outras ficamos também muito amigas... (Leonardo)

Apesar da disponibilidade para encontrar um lugar no novo país, Leonardo planeava o regresso a Cabo-Verde, embora com reservas. A posição de Leonardo oscilava entre um plano inquestionável de regresso - Não, viver fora de Cabo-Verde não. (...) Não penso ficar fora. Penso em voltar para Cabo-Verde. Isso é certo...” -, e um ligeiro espaço de dúvida: “acho que só 3 Semestres aprendemos muito pouco e ficamos pouco a par do que está a acontecer. Queria que fosse maior... mas, depois da dissertação provavelmente vou voltar para Cabo-Verde.”

Sobre este encontro com Leonardo parece ser útil novamente o pensamento sobre os vínculos K (Bion, 1963). Parece ter havido uma evolução da concentração de vínculos –K para uma transformação em vínculos K. A construção de novos relacionamentos de Leonardo com outras pessoas significativas (de várias nacionalidades), pertencentes a uma matriz cultural distinta (cabo-verdiana, neste caso) parece ter promovido o conhecimento (K) e a exploração da cultura portuguesa, livre da culpa de uma possível traição à pátria.

A descoberta. O ultimo encontro com Leonardo ficou marcado por diferenças de aparência física e de uso de linguagem bastante significativas. Leonardo apresentava-se com

o cabelo comprido e um estilo descontraído (contrastando muito com o primeiro encontro, de grande formalidade na aparência). Na importância dada à língua, enquanto estudante de mestrado na especialidade de linguística, Leonardo integrou as expressões mais populares da gíria do português falado: “*Bué*” e “*Fixe*”. Este processo de integração de vocabulário foi acompanhado pela descoberta de pessoas e lugares que trouxeram o conforto para explorar o desconhecido:

(...) principalmente Lisboa tem bué de lugarzinhos escondidos. Vais conhecendo, com as diferentes pessoas que vais andando, mostram-te um lugar que não conhecias, que não encontravas sozinho. Uma pessoa vai encontrar outro barzinho, vários lugares escondidos, lugares que eu gosto mesmo (...) (Leonardo).

A dinâmica relacional de Leonardo, com a cidade traduzia o processo de descoberta daquilo que era desconhecido, que se encontrava por desvelar. À semelhança da função desempenhada pela irmã, as pessoas de outras países que foi conhecendo foram possibilitando fazer essa descoberta acompanhado. O processo de conhecimento da cultura portuguesa, abria o espaço de contrastes, dos hábitos e costumes, entre os países, nomeadamente o costume de juntar os amigos para tomar um café ou uma cerveja numa esplanada ou a ida a espectáculos e eventos culturais. Nas palavras de Leonardo: “acho que Portugal foi um ganho”.

Leonardo referia-se a uma missão para o futuro com o objectivo de unir os cabo-verdianos através do uso exclusivo do crioulo e, para tal, propunha tornar-se um crioulista (ou seja, um estudioso do crioulo enquanto língua) de forma a lançar as bases para que se tornasse língua oficial. Esta ideia de Leonardo em contribuir para a união do povo cabo-verdiano, parecia surgir numa lógica de re-afirmação da lealdade ao país de origem, à medida que ia descobrindo cada vez mais, a cidade e os hábitos e costumes portugueses que tanto apreciava.

Sobre o processo de resiliência (Ungar, 2008) de Leonardo, ao longo de um ano em Portugal, iniciou-se com um período intenso de adversidades, ligado a um estado de confusão, que o impediam de ter contacto com o meio envolvente, quer do espaço físico, quer do espaço relacional. O contexto português era sentido como difícil de decifrar em ambas as dimensões, promovendo o isolamento e a solidão.

Num primeiro momento, o principal recurso de Leonardo foi a relação com o país de origem, a diáspora, através da sua irmã, funcionando como elemento de transição no contacto entre culturas e amortecendo o impacto do desenraizamento cultural. Num segundo momento, Leonardo ligou-se a um conjunto mais vasto de relacionamentos que diluíram as pertenças na diversidade cultural, de mistura entre as suas origens, as portuguesas e outras mais alargadas, sub-produtos da mistura de culturas, do movimento de globalização.

O ajustamento cultural de Leonardo parece estar sintonizado com a noção de hibridismo cultural (Apitzsch, 2003), no sentido da pertença a múltiplas afiliações, através de formas inovadoras de mistura de elementos culturais de várias origens. O leque de mistura aumenta para além da cultura de origem e de acolhimento, envolvendo sub-produtos da mistura de culturas, integradas no movimento de globalização. No caso de Leonardo sobressaiu ainda um aspecto importante relativo à relação com a diáspora, no sentido da manutenção da possibilidade de regresso em aberto. Tsolidis (2013), salienta a dimensão dinâmica entre ganhos e perdas, relativo ao país de origem, que caracteriza a diáspora. A autora refere a existência simultânea da perda da ligação histórica, tradicional, familiar e dos costumes do país de origem, e os ganhos a vários níveis no novo país. A perda parece ser possível, apenas através do ganho de um certo mito ou ilusão de que existirá sempre um regresso à terra natal.

Soraya. Um Trabalho de Luto

O significado atribuído por Soraya ao seu percurso migratório falava de um trabalho de luto. Com várias perdas de pessoas significativas em idade muito precoce, a saída "forçada" de cabo Verde traduziu-se em mais uma perda. A regularidade dos encontros acompanharam o processo de luto do seu país.

Soraya encontrava-se em Portugal há 3 meses, maioritariamente por decisão dos tios que a criaram em Cabo-Verde, após a morte do pai, quando ela tinha 5 anos de idade. Soraya deixou o seu país com 28 anos, para “ver se gostava e se ambientava a Portugal”, refere. Os tios, já numa idade avançada, quiseram garantir o seu futuro, “enviando-a” para junto de uma tia a residir em Portugal há vários anos. Soraya estudou em Cabo-Verde até ao 9.º ano e tinha planos de casar com o seu namorado. Antes de conseguir concretizar esses planos, ele migrou para França, onde constituiu uma outra família.

Soraya trabalhou em Cabo-Verde, no atendimento ao público de uma pequena loja do tio mas com o passar do tempo, “já quase não ia à venda, não tinha vontade, ficava por casa”. Por não ter casado até à data, os tios recearam já não ser possível no futuro, decidindo que seria melhor para Soraya ir para Portugal, viver com alguns familiares que já se encontravam instalados no país.

Solidão, tristeza e um refúgio. O primeiro encontro com Soraya decorreu num parque da cidade, onde chegou antes da hora marcada. Sobre isto comentou, “quando combino uma coisa, gosto de chegar a horas mesmo que tenha que esperar... prefiro ser eu a esperar...” [o que esperaria Soraya?] A sua vida em Portugal era sentida como solitária e triste. Os seus olhos enchiam-se de lágrimas, ao falar do quotidiano e da falta que sentia de Cabo-Verde.

A resposta sobre o que esperaria Soraya, parece ter surgido sob a forma do pedido de ajuda à entrevistadora para se orientar geograficamente na cidade. Seguiu-se uma explicação da entrevistadora sobre as linhas de metro e sobre os principais pontos de referência para se situar na cidade. A reflexão sobre as notas da entrevistadora permitiu avançar com a ideia de que Soraya esperava ajuda para se orientar, uma referência, porque se sentia perdida e muito sozinha.

(...) tive um tempo em que eu estava mesmo...não tão deprimida assim porque tinha os amigos de Cabo-Verde, e iam-me ajudando, mas houve tempos em que eu estava mesmo...todos os dias triste! Teve um dia mesmo em que eu chorei, chorei, chorei...E não passava essa imagem para a minha tia lá em Cabo Verde, porque eu não queria que eles me vissem assim triste (Soraya).

Soraya falava das perdas que tinha sofrido, quer pela morte do pai, quer pelo corte com as amigas ao sair de Cabo Verde.

Eu, o meu pai morreu tinha 5 anos, a outra a mãe dela morreu tinha 6 anos, a outra a mãe dela morreu tinha 6, também, a outra o pai... a falta que os nossos pais faziam, então transmitíamos isso uma às outras. Tínhamos muita coisa em comum! E sinto muito a falta delas, mesmo! (Soraya)

Apesar de Soraya ter familiares e alguns amigos, sentia que chegou a Portugal “com todo o mundo com a vida arrumada, saem todos para trabalhar e todos já têm amigos”. Ela não trabalhava, ajudava nas tarefas domésticas, na casa da tia onde vivia e, por vezes, ajudava a fazer as limpezas num escritório onde a tia trabalhava. Sobre este tempo inicial em

Portugal, Soraya descrevia-se como, “(...) Estando perdida, em todos os termos. Não sabia a quem ia recorrer, como recorrer...e tal... agora vou começando a saber o que é para fazer...”.

Soraya usava a expressão “*refúgio*” para falar da importância atribuída à sua vivência de religiosidade, enquanto voltou a falar do seu passado em Cabo-Verde e da falta que sentia das pessoas e dos lugares.

Eu comecei a ir a um grupo de Igreja, são os Jovens Cristãos Cabo-Verdianos em Lisboa. Nesta semana vamos a um retiro, onde vamos para uma capela e vamos conversar sobre a vida cristã... Isso ajuda... Faço as minhas orações e rezo por todos. Tenho fé para conseguir estar bem. (Soraya)

Do encontro com Soraya sobressaiu o impacto da perda do seu país de origem, a interagir com perdas anteriores, como a morte de ambos os pais e o desaparecimento do namorado, acrescido de uma vida em Portugal onde se sentiu pouco acolhida. Como referia Freud (1917[1915]/2010), "O luto é, em regra geral, a reação frente à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa o seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc" (p. 128). Segundo o autor, a perda real do objecto amado implica a retirada libidinal destinada a esse objecto, o que implica a dor, a perda de interesse pelo mundo exterior e a incapacidade em adoptar um novo objecto de amor. Sobre a perda da cultura de origem é importante realçar o modo como a perda das representações que permitem as identificações evocam o desamparo de uma angústia, que provoca na pessoa a dificuldade em se localizar, ficando o sentimento de estranheza (Lacan, 1963, citado por Rosa, Berta, Carignato & Alencar, 2009). Apesar desta angústia, Soraya tinha um refúgio. A própria designação de “*refúgio*” parece afirmar a intensidade do vivido por ela, na medida em que se estendia a todo o seu presente, excepto nas reuniões da Igreja e no contacto com a sua fé religiosa. Por outro lado, como referem Berta e Rosa (2005), as perdas podem ser amenizadas através das confraternizações colectivas, em rituais religiosos (e profanos também), porque através dos cultos do país de origem também se localizam as perdas, podendo criar ou re-inventar o passado.

Solidão, tristeza e outro refúgio. Soraya chegou novamente mais cedo ao encontro e era perceptível a expressão de tristeza. Desta vez, Soraya esperava uma resposta dos tios. Concluídos os primeiros 7 meses em Portugal, ela tinha que aguardar uma decisão dos tios, sobre a sua possível visita a Cabo Verde, no mês de Julho.

Soraya dependia dos tios em vários momentos da sua vida. Inicialmente, através da decisão que tomaram sobre Soraya deixar o seu país de origem e, nesta altura, a decisão sobre a possibilidade dela regressar para uma visita. O desejo de não desapontar os tios levava Soraya a aguentar as dificuldades sozinha (solidão e tristeza), como forma de mostrar a sua maturidade, esperando que tal fosse suficiente para que os tios permitissem o seu regresso.

Cada um tem os seus problemas mas eu nunca fui de mostrar assim os meus problemas para o mundo. Então aqui eu estou a ganhar uma maturidade acelerada... Se eu for para Cabo Verde, eles vão perceber que eu estou diferente. (Soraya).

A vida de Soraya estava suspensa à espera da deliberação dos tios sobre este assunto. Ela acabou por confessar, com medo de expressar esse desejo, que esperava que a sua visita a Cabo-Verde pudesse ser, no fundo, um regresso. Soraya apressava-se rapidamente a recompor-se do desejo, afirmando, "...Tenho muitas saudades da minha terra. Quero apenas matar saudades, só isso...". Em Portugal, a vida organizava-se do mesmo modo, em casa da tia, todos trabalhavam muitas horas, quase todos os dias da semana. Ela permanecia muito tempo sozinha, com dificuldade em sair de casa ou da área de residência, na periferia de Lisboa

Neste encontro Soraya deu a conhecer outro refúgio. O lugar da escrita enquanto recurso acompanhava-a desde Cabo Verde,

uma coisa também que eu fazia em Cabo Verde era escrever poemas! Então, depois que eu cheguei cá, fiquei desmotivada, não sei... fiquei escrevendo menos. Fiquei com pouca inspiração... Depois voltei a escrever tudo. Estava a sentir algumas coisas, eu escrevia. Amor, angústia, saudade, tristeza, a minha terra, tudo, e tal...imaginava coisas e escrevia assim. (Soraya)

Com a possibilidade de visita (ou regresso) a Cabo-Verde, Soraya parecia ter congelado o tempo e apresentava-se triste, apenas com uma ligeira faísca que acendia a alegria com a esperança do contacto com o seu país. Como refere Berta (1992), o primeiro tempo dos migrantes no país de origem pode ser o de negação da perda, idealizando os objectos, as pessoas e as relações do país de origem. Com este mecanismo, o passado vai-se mantendo vivo e a perda evitada. Os pensamentos são voltados para o passado porque o presente é penoso e o futuro indefinido.

Menos solidão e mais Cabo-Verde. Sobre a decisão esperada no último encontro, os tios de Soraya decidiram que ela não iria a Cabo Verde porque a passagem ficava demasiado cara e era importante que ela ficasse em Portugal para “*continuar a ambientar*”. A energia e a dinâmica da entrevista, decorrida no café escolhido por ela davam conta de alterações na sua vida. Duas principais mudanças tinham ocorrido. A primeira mudança dizia respeito ao aumento de ganhos económicos, ainda que reduzidos, por ter ficado com um dos trabalhos da tia, na limpeza dos escritórios.

“Eu nunca fui aquela pessoa de gastar e essas coisas...A minha tia sempre me dizia “Eu não vou ter problemas contigo!”. Não sou uma pessoa que gosta de bens materiais... Claro que gosto de ter isto, gosto de ter aquilo, mas se não tenho olha...tem muitas coisas boas que eu posso ter sem dinheiro.” (Soraya)

Uma das coisas boas a que se referia Soraya, era o tempo em que estava a trabalhar a fazer a limpeza e cantava os cânticos da igreja. Para além de cantar, Soraya pensava em Cabo-Verde, nas amigas, na família e no mar. Nesta entrevista apareceu realçado, o posicionamento de Soraya face à diferença de culturas entre ela e a entrevistadora.

S: Fui ver o mar, sabias?

E: Não... Como foi?

S: Foi muito bom! Fui com o Grupo de Jovens da Igreja. As praias são bem bonitas mas o mar é agitado, está sempre em luta... Também molhei os pés mas é muito, muito frio, é gelado. Como é que vocês conseguem tomar banho ali?

E: Deve ser diferente do mar de Cabo-Verde...

S: O quê?! O mar em Cabo-Verde é sereno e também quentinho. Não é como aqui. (Nas praias) todos em cima uns dos outros, sem espaço. Até na praia parece que estão com pressa. Se fosses lá (a Cabo-Verde) nunca mais te esquecias.

Aparecia em Soraya a noção de diferença, de distância e até de crítica relativamente aos hábitos e costumes portugueses, percebendo as diferenças entre culturas e a diferença relativa à entrevistadora. Simultaneamente, parecia existir um desejo de explorar este novo e diferente, de um modo que anteriormente não aparecia, sendo possível pensar o ausente e sentir o presente.

A segunda principal mudança na sua vida, era a proximidade com outros jovens caboverdianos pertencentes ao grupo da Igreja. Com o contacto cada vez mais regular, dentro e

fora das reuniões formais do grupo, Soraya deixou de se sentir tão sozinha, retomando tradições culturais cabo-verdianas, como é o caso do encontro para comer uma “cachoupada”. Neste grupo de jovens cabo-verdianos, Soraya tinha aprendido algumas expressões portuguesas de linguagem e alguns lugares típicos da cidade de Lisboa. Também no grupo, Soraya tinha dado a conhecer os seus poemas, onde eram valorizados, “*Eu que sempre tinha vergonha de mostrar e tal... Mas mostrei a um dos meninos e ele adorou e todos agora gostam e até dizem, A Soraya é a nossa poetiza!*”

A elaboração do luto da perda permite à pessoa reconstituir a sua imagem e encontrar a posição que permite localizar-se no mundo. Localizar no mundo implica compreender as semelhanças e também as diferenças. Como refere Freud (1917[1915]) o luto é elaborado de forma lenta e executado pouco a pouco, sendo necessário tempo e energia. Ao longo desse tempo, a existência do objecto perdido vai-se prolongando psiquicamente até que a libido possa desligar-se de cada uma das ligações ao objecto amado. Neste caso, Soraya foi conseguindo encontrar o seu espaço de ligação à cultura cabo-verdiana formando-se simultaneamente, por oposição à cultura portuguesa. Sobre isto, Lacan (1963, citado por Rosa, et al, 2009) sublinhava que, no processo de luto é preciso reconstruir a história perdida na memória, reinterpretar o passado e, com isso restabelecer a possibilidade de criar laços sociais. Os laços sociais alargados são o lugar propício para elaborar o luto. Como reforça o autor,

Os ritos são a intervenção maciça de todo jogo simbólico que clama a memória dos mortos [ou do país de origem]. O trabalho de luto realiza-se no coletivo, na comunidade. É uma satisfação dada ao que se produz de desordem em razão da insuficiência dos significantes para fazer face ao buraco criado na existência. Lacan (1963, citado por Rosa, et al, 2009, p.507)

Reflectindo sobre o processo de resiliência de Soraya é inevitável começar por referir, as adversidades relacionadas com a forma como deixou o seu país de origem, por decisão dos tios e com as perdas que sofreu de pessoas significativas. Em Portugal, permanecia o impacto das perdas, somando-se o sentimento de perda das identificações culturais que sustentavam a pertença às origens cabo-verdianas, prevalecendo a solidão e a tristeza. Ao longo do tempo e certamente através de vários micro-processos, Soraya foi elaborando aquilo que designámos como processo de luto. Nesse processo, os recursos possibilitados pela diáspora cabo-

verdiana em Portugal tiveram um papel essencial. A diáspora conforme referido por Faist (2010) apresentada também diferentes configurações, não sendo nunca a cópia da cultura de origem (nesta caso cabo-verdiana). Os jovens cabo-verdianos do grupo, bem como os familiares de Soraya estariam já misturados na influência de culturas. Sobre este assunto é interessante reforçar a ideia do ajustamento cultural, enquanto resultado do processo de resiliência, na vertente da ligação à diáspora. Novamente, podemos evocar o hibridismo cultural nesta ligação com a diáspora, na medida em que Soraya, reproduzia práticas culturais do país de origem mas na especificidade do contexto português, onde os membros desta diáspora cabo-verdiana são também já produtos de uma mistura entre culturas. Torna-se importante aqui endereçar o esbatimento de conceitos de pertença e identidade enquanto sinónimos de fronteiras ou de nacionalidade, no sentido de serem entendimentos estáticos e estanques da cultura (Ahmed, 2004). A perspectiva permanece centrada na fluidez dos conceitos de diáspora ou de identidade, resultando na miscigenação e na mistura de várias culturas.

5.5. Conclusão

Este estudo procurou os processos de resiliência nos migrantes, ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento. Atendendo às várias possibilidades de relação dos migrantes com a(s) cultura(s) procurámos compreender o modo como adversidades e recursos interagem de forma dinâmica ao longo do tempo. Mais ainda, usámos as lentes do hibridismo cultural para compreender os vários ajustamentos culturais relativos aos processos de resiliência. O entendimento sobre a cultura assentou sobre o pressuposto de que esta é simultaneamente interna e externa e, nesse sentido, a compreensão dos significados atribuídos pelos migrantes à sua experiência migratória foi feita com recurso à análise da intersubjectividade.

Com este objectivo apresentámos a análise das narrativas de livre associação de quatro migrantes, dois brasileiros e dois cabo-verdianos, para ilustrar diferentes aspectos e processos da relação com a cultura situados nos processos de resiliência. Elegemos em cada caso, aquilo que nos pareceu ser o principal tema que cada migrante trazia para cada encontro e que traduzia as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Esta análise permitiu compreender

o significado específico que cada migrante atribuiu às adversidades, recursos e ajustamento cultural.

Em todos os casos apresentados procurámos ilustrar que a relação com a cultura é simultaneamente interna e externa (Winnicott, 1971/1983; Kaes, 2003). A investigação assente sobre os aspectos da intersubjectividade permite elucidar sobre a fluidez entre processos (interno/externo) e avançar para além do dualismo, individual vs cultural (Hollway, 2008) naquilo que nos propusemos compreender sobre o processo de resiliência. Neste sentido, adversidades e recursos foram abordados numa perspectiva dinâmica e contínua, ao longo do tempo de permanência em Portugal, não perdendo de vista, sempre que possível, a ligação ao país de origem e a trajectória de vida ainda antes da chegada ao país de acolhimento.

Procurámos ainda compreender a importância que a proposta do hibridismo cultural oferece, na medida em que existem várias modalidades de ajustamento. Sobre os migrantes brasileiros neste estudo, Carolina e Pedro, assistimos a processos distintos de relação com a cultura brasileira e portuguesa: múltiplas afiliações e identidade globalizada e ligações indeterminadas e em fase de construção, respectivamente. Com Leonardo e Soraya compreendemos dinâmicas específicas com a cultura cabo-verdiana, cuja diáspora parece ser um elemento de coesão importante. No primeiro caso, existia uma mistura de relações culturais entre a diáspora e múltiplas afiliações, enquanto com Soraya a ligação estabelecia-se através de uma diáspora “re-criada”.

A abordagem ao ajustamento cultural com recurso ao hibridismo cultural permite-nos refletir sobre este conceito de diferentes formas. Por um lado, o ajustamento cultural é um processo contínuo, ininterrupto, não-linear e individual (alinhado com o conceito de resiliência, Ungar 2008, que nos propusemos usar neste estudo) e, neste sentido, as metodologias assentes sobre a atribuição de significados pelos próprios migrantes, parecem ser adequadas ao estudo destes processos. Por outro lado, este entendimento do conceito faz-nos questionar as teorias da aculturação, que têm na modalidade de integração o único resultado de ajustamento positivo. Com esta abordagem pretendemos também dar voz e poder aos migrantes, no sentido de poderem falar sobre a forma de ajustamento cultural que mais lhes faz sentido, entre as adversidades e os recursos nos quais podem navegar e negociar

(usando os termos usados por Ungar na definição de resiliência) para alcançar aquilo que pretendem.

5.6. Referências

- Ahmed, S. (2004) Declarations of Whiteness: The Non-Performativity of Anti-Racism. *Borderlands* (ejournal), 3(2) Disponível em: http://www.borderlands.net.au/vol3no2_2004/ahmed_declarations.htm
- Akhtar, S. (1995). A Third Individuation: Immigration, Identity, And The Psychoanalytic Process. *Journal of The American Psychoanalytic Association*, 43, 1051-1085.
- Apitzsch, U. (2003). Religious traditionality in multicultural Europe. In: R. Sackmann, B. Peters & Faist, T. (Eds.), *Identity and Integration. Migrants in Western Europe*. (pp 91-107) Aldershot: Ashgate.
- Appadurai, A. (1996) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Berta, S. L., & Rosa, M. D. (2005). Angústia e luto no exílio político. *Revista Textura*, 5, 52-56.
- Bhabha, H. (1994). *The location of culture*. London: Routledge.
- Bion, W. (1962). A theory of thinking. *International Journal of Psycho-Analysis* 43, 306-310.
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1963). *Elements of Psycho-Analysis*, London: William Heinemann
- Bion, W.R. (1973). *Bion's Brazilian Lectures I*. Rio de Janeiro: Imago Editora. [Reprinted in one volume London: Karnac Books 1990].
- Elliott, H.; Ryan, J. & Hollway, W. (2012). Research encounters, reflexivity and supervision. *International Journal of Social Research Methodology*, 15(5), 433–333.
- Faist, T. (2010). Diaspora and transnationalism: What kind of dance partners? In R. Bauböck & T. Faist (Eds.), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods* (pp.9-34). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Monitor. Lisboa
- Freud, S. (1917[1915]) Luto e Melancolia. In: Freud, S. (2010) Obras completas. Volume 12. Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos. (P.C. de Sousa Trans.) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

- Gandhi, L. (1998). *Postcolonial Theory: A Critical Introduction*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Hollander, N. C. (2006). Negotiating trauma and loss in the Migration Experience Roundtable on Global Woman. *Studies in Gender and Sexuality*, 7(1), 61-70.
- Hollway, W. (2004) Editorial. Special issue on Psycho-social Research. *International Journal of Critical Psychology*, 10, 5-12.
- Hollway, W. (2008). The importance of relational thinking in the practice of psycho-social research: ontology, epistemology, methodology and ethics. In: S. Clarke, P. Hoggett & H. Hahn, (Eds.). *Object relations and social relations: The implications of the relational turn in psychoanalysis* (pp. 137–162). London, UK: Karnac.
- Hollway, W. (2009). Applying the ‘Experience-Near’ Principle To Research: Psychoanalytically Informed Methods. *Journal of Social Work Practice*, 23(4), pp. 461-474.
- Hollway, W. & Froggett, L. (2012). Researching In-between Subjective Experience and Reality. *Forum: Qualitative Social Research*, 13(3).
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently - free association, narrative and the interview method*. London: Sage Publications.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi.
- Kaes, R. (2003). O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. *Psicologia USP*, 14(3), 15-30.
- Klein, M. (1952). The origins of transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 33, 433-438.
- Klein, M. (1957). *Envy and Gratitude: A Study of Unconscious Forces*., New York: Basic Books.
- Laplanche, J & Pontalis, J.B. (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Luthar, S. S., & Zelazo, L. B. (2003). Research on resilience: An integrative review. Em Luthar, Suniya S. (Ed). *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities*, (pp. 510-549). New York, NY, US: Cambridge University Press
- Luthar, S. S., & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: a review of research on resilience in childhood. *American journal of Orthopsychiatry*, 61(1), 6.

- Marques, M. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2.^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Mijola, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002) *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Moncayo, R. (1998). Cultural diversity and the cultural and epistemological structure of psychoanalysis: Implications for psychotherapy with Latinos and other minorities. *Psychoanalytic Psychology*, 15(2), 262.
- Ogden, T. (1982) *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*. New York: Jason Aronson, Inc.
- Ogden, T. (1992). The Dialectically Constituted/decentred Subject of Psychoanalysis. II. The Contributions of Klein and Winnicott. *International Journal of Psycho-Analysis*. 73.
- Ogden, T. H. (2004). The analytic third: Implications for psychoanalytic theory and technique. *The Psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 167-195.
- Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic writing. *The International Journal of Psychoanalysis*, 86(1), 15-29.
- Rosa, M.D.; Berta, S.L.; Carignato, T.T., & Alencar, S. (2009) A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3) 497-511.
- Said, E. W. (2003). *Orientalism: western conceptions of the Orient*. London: Penguin.
- Shotter, J. E., & Gergen, K. J. (1989). *Texts of identity*. London: Sage Publications.
- Symington, J., & Symington, N. (1999). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Tsolidis, G. (2013). Introduction: Does Diaspora matter when living cultural difference? In G. Tsolidis (Ed.), *Migration, Diaspora and Identity: Cross-national Experiences* (pp. 1-15). London: Springer Science & Business Media.
- Ungar, M. (2003). Qualitative Contributions to Resilience Research. *Qualitative Social Work*. 2(1).
- Ungar, M. (2008). Resilience across Cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Ungar, M. (2013). Resilience, trauma, context, and culture. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(3), 255–266.

- Urwin, C. (2012) Using surprise in observing cultural experience. In C. Urwin & J. Sternberg (Eds.), *Infant Observation and Research: Emotional Processes in Everyday Lives*. (pp. 93-103) London: Routledge.
- Utsey, S. O., Giesbrecht, N., Hook, J., & Stanard, P. M. (2008). Cultural, sociofamilial, and psychological resources that inhibit psychological distress in African Americans exposed to stressful life events and race-related stress. *Journal of Counseling Psychology*, 55(1), 49-62.
- Vidal, M. I. & Torres, D. (2002). Comentario al trabajo “Trauma y resiliencia durante la guerra: una mirada a los niños ya los trabajadores de ayuda humanitaria en Bosnia” de Jay H. Berk. *Psicoanálisis* 24.1/2: 67-79.
- Winnicott (1983). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)
- Wright, M.O.D. & Masten, A. (2015). Pathways to resilience in context. In Theron, C., Liebenberg, L. & Ungar, M. (Eds.), *Youth Resilience and Culture: Commonalities and complexities* (pp. 3-22). New York: Springer.

6

Discussão Geral

Este projecto de doutoramento teve como principal objectivo compreender os processos de resiliência em migrantes, através dos significados atribuídos pelos próprios, aos seus projectos e trajetórias migratórias. De um modo geral, e de forma sintética, podemos dizer que pretendemos, com os estudos realizados, alcançar dois principais objectivos. O primeiro objectivo consistiu em explorar o conceito de resiliência proposto por Ungar (2008, 2013). Ou seja, queríamos compreender a aplicabilidade do conceito nos estudos empíricos, recorrendo à definição que, desde o início, nos pareceu bastante promissora naquilo que eram os nossos interesses de investigação, paradigmas e epistemologias. O segundo objectivo foi compreender as vivências e projectos migratórios, nomeadamente, as adversidades encontradas, os recursos usados e o resultado de ajustamento cultural conseguido. Sobre o ajustamento cultural, indo além do propósito inicial deste estudo, acabámos por questionar os modelos de aculturação introduzidos por Berry (1990, 2001), na medida em que o ajustamento cultural positivo (desejado por migrantes e sociedades de acolhimento, na proposta do autor) é sinónimo de integração. Os modelos de aculturação estão, de modo mais ou menos implícito, na génese do entendimento da resiliência no que concerne ao estudo das populações migrantes. Efectivamente, o pensamento dominante sobre a relação dos migrantes com a sociedade de acolhimento corresponde ao modelo proposto por Berry, no sentido em que a estratégia da *integração* é entendida como o processo “positivo” de relação cultural (Chirkov, 2009). Abordaremos esta questão mais adiante e o modo como ela se relaciona com os processos de resiliência.

Iniciamos esta discussão com um sumário dos principais objectivos, questões de investigação e ideias salientes de cada um dos estudos, olhando-os não como um somatório de informação mas como um processo de conhecimento (sempre em constante reformulação e permanente questionamento) constituído por diferentes ângulos e perspectivas, por diversos paradigmas e metodologias, que pretendem ajudar à compreensão da resiliência nos migrantes na relação com a cultura. Concluímos com as implicações destas principais ideias para a intervenção clínica e comunitária com migrantes, bem como para a investigação sobre os processos de resiliência. O conjunto de estudos desta tese pode ser igualmente útil para pensar a actualidade mundial de migrações forçadas, devido aos conflitos armados em várias regiões do mundo. De facto, pela crise humanitária a que assistimos (nesta data) sendo equiparada à crise provocada pelo Segunda Guerra Mundial, a Europa e Portugal terão

desafios importantes na gestão da diversidade cultural. A chegada de milhares de refugiados a Portugal vai exigir um trabalho significativo com estas pessoas, cujo modelo teórico da resiliência poderá servir de auxílio na intervenção e desejavelmente tratará o debate sobre o tipo de sociedade que queremos/podemos ser, ao nível dos modelos de ajustamento cultural que iremos “adoptar”. Por último mas ainda nesta discussão encetamos propostas de futuras investigações que permitam ir além das limitações inerentes aos nossos estudos.

6.1. Sumário dos estudos – objectivos e principais descobertas

Optámos pela designação -processos de resiliência- para nos referirmos ao que nos propusemos estudar, por transmitir o nosso entendimento sobre o conceito, indicando um sentido de continuidade, dinamismo, relativismo e interacção. A relação entre os estudos deste projecto procurou resgatar também esta noção de interacção e continuidade entre eles, tendo como principais objectivos: 1) identificar os elementos constituintes do processo de resiliência, nomeadamente, as adversidades e os recursos usados pelos migrantes nos processos de integração no país de acolhimento; 2) explorar a natureza fluída do conceito - processo de resiliência- pela interacção dinâmica entre adversidades e recursos (antes e depois da migração) no contexto de várias possibilidades de ajustamento cultural; 3) acompanhar o desenvolvimento do processo de resiliência ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento, em migrantes recém-chegados.

Quais as adversidades e recursos usados pelos migrantes no processo de integração no país de acolhimento? O primeiro estudo procurou compreender os processos de resiliência em migrantes provenientes de países de língua oficial portuguesa, nomeadamente: Guiné, Cabo-Verde, Brasil, Angola e Moçambique. Neste estudo, estávamos interessados em conhecer aquilo que os migrantes consideravam como adversidades e recursos no seu processo de integração em Portugal (resultado de ajustamento), através da realização de *grupos focais* e adoptando o modelo ecológico de análise. Numa perspectiva ecológica, os temas referidos pelos migrantes distribuíram-se, de acordo com a divisão usada por Bronfenbrenner (1979), em macro, meso e micro sistemas.

Sobre as **adversidades**, os migrantes deste estudo tornam saliente cinco grandes temas e cinco sub-temas: 1) Dificuldades de relacionamento com as estruturas de organização social: Reconhecimento legal; 2) Alterações sócio-económicas: Desemprego e Mudança no

estatuto ocupacional; 3) Domínio insuficiente da língua; 4) Choque cultural; 5) Rejeição e desvalorização: Racismo e Discriminação.

No contexto mais alargado das estruturas sociais, os migrantes deste estudo apontaram a dificuldade na regularização do estatuto jurídico. A ausência de um vínculo jurídico teve consequências na relação com o mercado laboral, promovendo situações de pobreza, exploração e desprotecção social (Carballo & Nerukar, 2001), tornando os migrantes mais vulneráveis e com reduzidas possibilidades de defenderem os seus direitos (Wolffers et al., 2003). A relação com o mercado laboral estava também relacionada com alterações sócio-económicas, pelas diferenças no estatuto profissional entre o país de origem e acolhimento, bem como situações de desemprego.

No sistema de interacção com a sociedade, meso sistema, os migrantes salientaram o impacto das diferenças linguísticas, apesar da língua ser formalmente a mesma (com as devidas ressalvas do crioulo cabo-verdiano e guineense e das diferenças lexicais do português do Brasil). As diferenças linguísticas dificultam as relações interpessoais, aumentam os sentimentos de isolamento, bem como as experiências de discriminação (Esser, 2006), além de contribuírem para a diminuição da possibilidade de acesso ao mercado laboral ou de sucesso escolar (Portes, 1999).

Neste sistema, foi ainda salientado o choque cultural, enquanto fosso entre culturas que impossibilitava a relação entre migrantes e portugueses. O choque cultural foi abordado através da constatação de um fraco domínio dos códigos de interação social e pela dificuldade na sua descodificação, como forma de reduzir a distância e a rejeição.

Por último, ao nível do micro sistema, os migrantes assinalaram as experiências de discriminação e racismo no contacto com a sociedade de acolhimento, que tendem a ser cumulativas e se traduzem em sentimentos de rejeição e desvalorização. A percepção de rejeição conduziu à procura de suporte dentro da comunidade de migrantes da mesma origem, onde era possível encontrar um ambiente protegido de agressões e vitimização, mas dificultando ainda mais os contactos com a sociedade de acolhimento (Noh et al., 1999). Ainda dentro desta dimensão foi abordado o impacto das micro-agressões relacionadas com o racismo. A manifestação dessas agressões sentidas pelos migrantes deste estudo poderá estar relacionada com comportamentos característicos da sociedade portuguesa, que tende a inibir

a demonstração de atitudes negativas face à migração mas cuja expressão do racismo surge “camuflada” (racismo subtil) através de micro-agressões (Vala et al., 1999; 2008).

Apesar das dificuldades encontradas, os migrantes que participaram neste estudo identificaram **recursos**, usados para lidar com o contexto de adversidades no processo migratório. Conforme refere Ungar (2008), o bem-estar e ajustamento cultural depende da capacidade dos indivíduos de navegarem nos recursos disponibilizados e na possibilidade de negociação pelos mesmos. Foram encontrados quatro principais temas: 1) Participação em associações comunitárias (instituições religiosas e organizações não-governamentais; 2) Existência de uma rede de Familiares ou Amigos; 3) Valorização das práticas culturais da origem; 4) Manutenção do regresso em aberto.

As associações comunitárias, divididas entre instituições religiosas e organizações não-governamentais, foram um recurso importante para estes migrantes, de duas formas. Por um lado, providenciaram suporte pragmático, como o financeiro ou jurídico e, por outro lado, auxiliaram a descodificação dos procedimentos burocráticos na aproximação à sociedade de acolhimento, conforme salientado por Bracalenti, Braham, Gorla, Blaschke e Gall (2004); Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício e Martins (2005). Além disso, as instituições religiosas/espirituais, através do exercício das crenças e da fé, garantiram um elemento de continuidade entre os países de origem e de acolhimento, mantendo um sentido de coerência e coesão (Connor, 2012; Hagan & Ebaugh, 2006).

Outro recurso salientado foram os familiares e amigos, que permitiram desvelar o modo de organização e funcionamento do país de acolhimento (Barwick, Beiser & Edwards, 2002) ao mesmo tempo que eram partilhadas dificuldades económicas, sociais e afectivas (Creese et al., 1999). Este recurso ligou-se directamente a outro, também abordado pelos migrantes deste estudo, a valorização das práticas culturais de origem, na medida em que os familiares e amigos faziam uso da sua matriz cultural e étnica adaptando-a ao novo contexto (Walsh, 2003). Esta rede de suporte proporcionava um ambiente seguro, que foi permitindo a estes migrantes fazerem incursões nas interações com a sociedade de acolhimento, protegendo-os das agressões (Wildschut, et al, 2006).

Por último, destacamos o tema relacionado com a possibilidade de manter o regresso em aberto. Para os migrantes cujo propósito da vinda era o aumento das possibilidades económicas, as dificuldades e o contexto adverso tornavam-se menos visíveis, para tornar

possível este objectivo (Dustmann, 1999). Para os restantes, a manutenção da possibilidade de regresso revelava-se importante como plano de emergência, caso o projecto migratório se tornasse insustentável. (Cassarino, 2004).

Em síntese, o ajustamento cultural pode ser pensado enquanto processo, na medida em que se refere ao movimento de adaptação a uma nova e diferente cultura, onde existe uma interacção recíproca entre culturas de origem e acolhimento, com o objectivo de integração (Berry, 1990). Sabemos que estes migrantes tiveram um contexto adverso na chegada e permanência em Portugal, ao longo do tempo, marcado por perdas e impossibilidades, ou dificuldades nos contactos e interacções com os portugueses. No entanto, usando a designação de Ungar (2008), identificámos a possibilidade destes migrantes navegarem em certos recursos e de negociá-los na procura de um processo de ajustamento. Estes recursos provieram quase exclusivamente de pessoas ou serviços do país de origem, instalados no país de acolhimento e destinaram-se a preservar a cultura de origem. Simultaneamente, estes recursos foram possibilitando o amortecimento do impacto das dificuldades encontradas pelos migrantes nas interacções com a sociedade de acolhimento, assim como foram permitindo descodificar ou simplificar a cultura do novo país.

Quais as adversidades vividas e os recursos usados antes e depois da migração? Quais as modalidades de ajustamento cultural construídas pelos migrantes no país de acolhimento? O segundo estudo procurou compreender a dinâmica envolvida nos processos de resiliência, quando consideradas a pluralidade de configurações no ajustamento cultural, a especificidade cultural e os sentidos atribuídos pelos migrantes ao seu processo migratório, antes e depois da partida do país de origem. Apoiados sobre o conceito de transnacionalismo (Vertovec, 2001) e avançando para além do bi-culturalismo (Berry, 2001), reconhecemos que os processos de resiliência podem ocorrer de diferentes formas. Neste sentido, este estudo com migrantes cabo-verdianos e brasileiros em Portugal analisou a interacção entre adversidades e recursos com enfoque na cultura. Esta interacção foi entendida enquanto resultado da ligação entre experiências passadas e presentes, referentes aos contextos sociais e culturais de ambos os países (origem e acolhimento). Com este objectivo foram realizadas narrativas biográficas, analisadas através do método de reconstrução de casos (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004).

Globalmente, os significados atribuídos aos processos migratórios foram uma síntese integrada entre passado, presente, desejos, investimentos, afectos, relações, contextos económicos e estruturas sociais, readquirindo diferentes significados e expressões em cada uma das histórias de vida (ou grupos de narrativas), do mesmo modo que cada contexto social e cultural introduziu *nuances* e características específicas. Assim, e procurando contrariar a tendência para homogeneizar os processos migratórios, atendendo ao país de origem (Ungar, 2008), foram realizados dois sub-estudos, um com migrantes brasileiros e outro com migrantes cabo-verdianos. Ambos os estudos permitiram pensar a fluidez do processo de resiliência na relação com a cultura e em direcção ao ajustamento cultural, ocorrendo de diferentes formas, em função de uma especificidade individual e contextual.

Migrantes brasileiros. Conforme referido, a individualidade das narrativas biográficas dos migrantes brasileiros, através do método de reconstrução de casos, destacou adversidades e recursos, nas trajectórias migratórias, antes e depois de migrarem.

Ainda no Brasil, foram sinalizadas duas principais dimensões de adversidades: a realidade sócio-económica e os laços de vinculação afectiva. A primeira refere-se à escassez dos recursos económicos e académicos, bem como a ausência de perspectiva e aspiração de aumento desse património. A segunda prende-se com a falta de laços de vinculação afectiva, quer por perdas (morte ou abandono), quer por relacionamentos afectivos pouco satisfatórios. Nestes casos, migrar para Portugal fez parte dos recursos disponíveis ao alcance destes migrantes, com o objectivo de alterar a sua condição origem, económica e relacional existentes na origem.

Sobre a trajectória no país de acolhimento, os migrantes deste estudo salientaram as adversidades relacionadas com a falta de laços afectivos, sobressaindo um grande sentimento de isolamento e solidão. Sobre este aspecto particular, o contexto social português foi globalmente sentido como hostil, contribuindo para aumentar o sentimento de isolamento, caracterizando-se as interacções com os portugueses por atitudes de desvalorização (rejeição e preconceito). Estudos anteriores sobre os brasileiros em Portugal (Padilla, 2004, 2008) destacaram a dimensão de rejeição e desvalorização da sociedade portuguesa, relativa a estes migrantes, em particular, as mulheres brasileiras. Efectivamente, em estudos internacionais sobre os brasileiros noutros países, vários autores (Padilla, 2004; Margolis 1994, Bógus & Bassanesi, 1999; Carchedi, 2000) reconhecem a representação da mulher brasileira como

exótica e sensual, ou associada à prostituição. O sentimento de isolamento dos migrantes deste estudo parece ter sido retomado e reforçado pelo contexto social português, acentuando o existente, no país de origem, face à fragilidade dos laços afectivos com as figuras significativas. Esta relação aparece com maior clareza através daquilo que referem Sroufe e Waters (1977) sobre este tema. Os autores referem que o estabelecimento de relações de proximidade com outros, possibilita um sentimento de segurança básica, de estar emocionalmente ligados a pessoas e lugares, bem como a sensação de se sentirem aceites no contexto social e cultural (Baumeister & Leary, 1995).

O modo como os migrantes deste estudo permaneceram no país de acolhimento realça a diversidade de recursos e diferentes perspectivas sobre o ajustamento cultural. As narrativas biográficas analisadas individualmente foram posteriormente agrupadas através de características comuns, salientes na forma de contacto com o país de acolhimento, congregando simultaneamente aspectos comuns do país de origem. Nesta análise foram usadas as lentes do transnacionalismo para compreender os movimentos de relação com as culturas.

No primeiro grupo, destacamos como principais recursos: o acesso a bens materiais e o aumento de capital social e cultural através do investimento académico e profissional. Neste grupo, dissemos que o ajustamento cultural foi construído na intensidade de relação com o país de origem mas através de uma dimensão contrastante entre contextos, onde a relação com Portugal existia, acima de tudo, por oposição ao Brasil/brasileiros, representados sob perspectivas desvalorizadoras e negativas.

O segundo grupo referiu-se ao modo como a segurança pessoal e o acesso a instituições de primeira linha, como a educação e a saúde, foram recursos importantes na permanência em Portugal. Estas dimensões serviram como elo de ligação e proximidade ao país, na medida em que, como beneficiários destes sistemas, as partilhavam (dimensões), com os portugueses, em igualdade de oportunidades e circunstâncias.

Destacou-se ainda, no terceiro grupo, a importância das relações afectivas com pessoas significativas, de tal modo intensas que provocaram um efeito analgésico face a dificuldades provocadas pela ruptura no contexto. Neste sentido, o ajustamento parece ter sido realizado com uma anulação de diferenças contextuais e culturais, como se se mantivesse a permanência ainda no país de origem.

Por último, no quarto grupo, revisitamos a ideia da diáspora enquanto recurso, particularmente através das experiências de continuidade cultural. Estes migrantes salientaram a dinâmica entre ganhos e perdas, os aspectos positivos da permanência em Portugal (relações significativas, acesso a recursos económicos e a segurança pessoal) mas simultaneamente, a perda das relações significativas que permaneceram no Brasil. A distância e a ausência a estas pessoas significativas suscitam a necessidade de manutenção do regresso em aberto.

Tsolidis (2013) salienta esta dimensão dinâmica entre ganhos e perdas que caracteriza a diáspora. A autora refere a existência simultânea da perda da íntima ligação histórica, tradicional, familiar e dos costumes do país de origem, e os ganhos a vários níveis no novo país. A perda parece ser possível, apenas através do ganho de um certo mito ou ilusão de que existirá sempre um regresso à terra natal. Ao nível do ajustamento cultural desenvolve-se então, uma dupla lealdade, quer em relação ao país de origem, quer relativa ao país de acolhimento. À medida que os migrantes vão integrando elementos do novo país, estes vão sendo sedimentados sobre as representações do país de origem como lugar de regresso.

Migrantes cabo-verdianos. As narrativas analisadas dos migrantes cabo-verdianos, numa lógica de integrar o todo (*gestalt*), incluíram a parte biográfica relativa ao país de origem e a (des)continuidade no país de acolhimento.

Sobre a vida em Cabo-Verde foram salientadas adversidades: 1) nas relações de vinculação a pessoas significativas, ou mesmo de perdas importantes; 2) na relação com o contexto social e cultural, pelo conservadorismo e pelo domínio dos homens numa sociedade considerada machista; 3) na condição sócio-económica caracterizada por fracos recursos.

Ainda no país de origem, estes migrantes encontraram recursos importantes que permitiram preparar a saída do país de origem. A grande maioria destes migrantes contaram com um recurso de organização familiar, com vista à continuidade dos estudos dos filhos, numa aspiração de ascensão social, pelo desejo de um futuro melhor (Suárez-Orozco et al., 2008; Seabra, 2010). Outro recurso importante foi a diáspora cabo-verdiana em Portugal, na perspectiva em que a informação sobre Portugal chegava a Cabo-Verde, antes destes migrantes deixarem o país, como salientado por Carling e Batalha (2008), na colectânea de estudos sobre a diáspora Cabo-verdiana. Assim, antes da saída do país, era iniciado um contacto prévio com a cultura portuguesa e com os sistemas de funcionamento social do país.

Meintel (1984), salienta a importância da diáspora no desempenho desta função de “preparação” para a migração.

Apesar deste contacto prévio, chegados a Portugal, os migrantes cabo-verdianos que vieram continuar os estudos no ensino superior sinalizaram várias adversidades. Primeiramente, destacaram-se as dificuldades económicas, porque o valor da bolsa de estudos era insuficiente para cobrir as despesas. Num segundo momento, uma grande maioria destes migrantes perdeu a bolsa, por fraco desempenho escolar, ficando em dificuldades financeiras, ou a precisar de conciliar a escola com trabalhos precários. As outras dificuldades prenderam-se com duas principais dimensões; as diferenças culturais e as relações interpessoais com os portugueses. A primeira dimensão inclui aspectos das práticas culturais como as diferenças climáticas e linguísticas, o ritmo de vida acelerado e a dificuldade de orientação espacial na cidade. A segunda dimensão sublinha as relações com os portugueses, caracterizadas por desvalorização (rejeição e preconceito), sendo o contexto social e cultural português, sentido como hostil. Nos estudos de Challinor (2008) sobre a identidade cabo-verdiana, sobressaíram também estas dimensões dos Cabo-Verdianos em Portugal.

Neste estudo, a diáspora salientou-se como o recurso comum entre os vários grupos de narrativas, durante um período inicial no país de acolhimento. A diáspora cabo-verdiana em Portugal, permitiu amortecer o impacto das diferenças e dificuldades e simultaneamente, reproduzir práticas culturais de Cabo-verde, garantindo o sentimento de pertença. Como referem os autores que têm dedicado especial atenção à diáspora cabo-verdiana (Challinor, 2008; Carling & Batalha, 2008, Évora, 2006), o país de origem é sempre um ponto de referência muito forte, articulado com o passado colonial e as relação de interdependência entre países.

As narrativas biográficas foram agrupadas através de características comuns, salientes na forma de contacto com o país de acolhimento, congregando simultaneamente aspectos comuns do país de origem. O aspecto comum que caracterizou cada grupo foi a configuração semelhante entre o ajustamento cultural e a utilização dos recursos, principalmente, os familiares e outras vinculações desenvolvidas ao longo do tempo em Portugal. Em cada grupo pretendemos destacar a relação com a cultura; a diáspora, o sentimento de pertença, a relação com os familiares, a recriação de práticas culturais e, por último, a forma de ajustamento cultural.

No primeiro grupo, os recursos passaram pelo sentimento de ser aceite em Portugal, através do estabelecimento de relações significativas com os portugueses e, simultaneamente, a manutenção da continuidade cultural de tradições cabo-verdianas. Para os migrantes neste grupo, o ajustamento cultural era caracterizado por ligações difusas ou em processo de transformação de um “terceiro lugar”, na intersecção de culturas, de origem e de destino.

O segundo grupo tinha como principal recurso a possibilidade de aceder a bens materiais e ao aumento de capital económico e académico. As relações significativas com outros cabo-verdianos em Portugal permitiam um sentido de coesão, de “estar em casa”. Estes migrantes permaneceram, ao longo do tempo, profundamente ligados à diáspora. O ajustamento cultural foi sendo constituído através de um ambiente tipicamente cabo-verdiano, marcado pela manutenção de práticas culturais ajustadas ao contexto português.

No terceiro grupo destacou-se o recurso da flexibilidade e abertura a novas experiências culturais, bem como a valorização da interacção e contacto com culturas de origem diversas. Para estes migrantes, o ajustamento cultural desenvolveu-se no sentido da globalização, da diversidade cosmopolita das actuais sociedades europeias, acompanhado de um sentido crítico e afastamento da cultura de origem.

O último grupo revelou a importância das visitas regulares dos familiares cabo-verdianos, bem como das novas tecnologias (como as aplicações de vídeo conferência ou os telefones com internet) que permitiam o contacto regular com as pessoas significativas em Cabo-Verde. Era ainda unânime o plano ou a possibilidade de regresso à origem, a curto ou a médio prazo. Ao nível do ajustamento cultural, a referência do país e cultura de origem era vivido intensa e diariamente, como se, em parte, permanecessem em Cabo-Verde.

Através destes agrupamentos nas narrativas dos migrantes sedimentamos a noção introduzida por alguns autores, de que a ligação inicial à diáspora, para alguns destes migrantes, ao longo do tempo de permanência, foi readquirindo novas e diferentes configurações, dando lugar as múltiplas possibilidades (Vertovec, 1999; 2001; Appadurai, 1996). As várias configurações encontradas nos quatro grupos salientaram a natureza transnacional do ajustamento cultural. Entre estes grupos, co-existiram diferentes possibilidades, quer de ligação significativa à cultura origem, com a reprodução de práticas culturais no país de acolhimento, quer de ligação às práticas culturais de origem, em conjunto

com relações com a cultura do país de acolhimento ou outras culturas, produtos de interações de um contexto de globalização das grandes cidades.

Como se desenvolve o ajustamento cultural no primeiro ano de permanência no país de acolhimento? Quais as adversidades e recursos envolvidos neste processo? O terceiro estudo abordou os processos de resiliência nos migrantes, ao longo do primeiro ano de permanência no país de acolhimento. Atendendo às várias possibilidades de relação dos migrantes com a(s) cultura(s), procurámos compreender o modo como adversidades e recursos interagem de forma dinâmica ao longo do tempo. Mais ainda, usámos as lentes do hibridismo cultural para compreender os vários resultados de ajustamento cultural relativos aos processos de resiliência. Com esta abordagem pretendemos também dar voz e poder aos migrantes, no sentido de poderem falar sobre a forma de ajustamento cultural que mais lhes faz sentido, entre as adversidades e os recursos nos quais podem navegar e negociar (usando os termos usados por Ungar, 2008, na definição de resiliência) para alcançar aquilo que pretendem. O entendimento sobre a cultura assentou sobre o pressuposto de que esta é simultaneamente interna e externa e, nesse sentido, a compreensão dos significados atribuídos pelos migrantes à sua experiência migratória foi feita com recurso à análise da intersubjectividade.

Através da análise das narrativas de livre associação de quatro migrantes - dois brasileiros e dois cabo-verdianos - ilustrámos diferentes aspectos e processos da relação com a cultura. Elegemos, em cada caso, o principal tema que os migrantes trouxeram para cada encontro e que traduzia as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Esta análise permitiu compreender o significado específico que cada migrante atribuiu às adversidades, recursos e ajustamento cultural.

Conforme já referido, procurámos ilustrar nesta análise os aspectos da intersubjectividade, que elucidam sobre a fluidez entre processos (interno/externo), seguindo os pressupostos de Hollway (2009), e avançar para além dualismo, individual vs cultural, naquilo que nos propusemos compreender sobre o processo de resiliência. Neste sentido, adversidades e recursos foram abordados numa perspectiva dinâmica e contínua, ao longo do tempo de permanência em Portugal, não perdendo de vista, sempre que possível, a ligação ao país de origem e a trajectória de vida no país de acolhimento.

Migrantes brasileiros. No primeiro caso, com Carolina, a relação difícil ou ambivalente com os portugueses iniciou-se muito antes da sua chegada a Portugal. O tempo decorrido em Portugal foi pautado por adversidades ao nível da solidão e isolamento, contextualizado num sentimento geral de rejeição dos portugueses aos brasileiros, promovendo a zanga e os ataques a este contexto. No entanto, ao longo do tempo, as vinculações com pessoas de outros países a viver em Portugal, parecem ter possibilitado múltiplas pertenças, recriando uma terceira via de ajustamento cultural. Como refere Appadurai (1996), a pertença dos migrantes tornou-se tipicamente des-territorializada, verificando-se novas formas de identificação que não passam já pela identificação à noção de País/Estado ou áreas geográficas. O conceito de hibridismo possibilita a compreensão da relação com a cultura sob a perspectiva de múltiplas afiliações, não sendo exclusiva a adopção das características culturais do país de acolhimento ou a manutenção da cultura do país de origem, ocorrendo uma mistura de vários elementos culturais (Bhabha, 1994).

O percurso que acompanhámos de Pedro em Portugal foi distinto daquele que foi apresentada anteriormente para Carolina. O caso de Pedro convida a pensar nas adversidades associadas ao processo migratório, cujos fantasmas de perda ameaçam a constituição da identidade e instalam a confusão da pertença a pessoas e lugares (Lechner, 2007). A possibilidade de relação com a cultura portuguesa era sentida por Pedro, como uma ameaça de corte com a cultura brasileira, sentida como a perda das referências culturais e, no fundo, da sua identidade. Como refere Kaes (2003), a cultura promove uma identidade, fundada individual e culturalmente, por via de identificações introjectivas ou mecanismos de defesa arcaicos como a idealização ou a projecção. Por este motivo, antes do *corte umbilical* (expressão do próprio), a dimensão da interacção com os portugueses, a vida em Portugal ou os contrastes entre culturas, não era possível de ser vivido porque Pedro estava dominado por esta angústia. O corte com as idas ao Brasil e as relações significativas com alguns portugueses constituíram-se enquanto recursos importantes para iniciar um processo de integração progressiva.

Relativamente ao ajustamento cultural, a parte da trajectória de vida de Pedro que acompanhámos evidencia o aspecto particular da sua relação com a cultura, sendo positivo na medida em que, após a conclusão dos encontros a que nos propusemos, não sabemos em que direcção (ou várias) se terá desenrolado o ajustamento cultural de Pedro mas sabemos que

pôde desenrolar-se em etapas subsequentes. Como salientado pelo autor Akhtar (1995), *“It is the hybridity that provides the ability to live in ambivalence, to stand in the spaces between self-states and resolve the psychic conflict between the old and new, me and them, past and future, love and hate”* (p.47).

Migrantes cabo-verdianos. No caso de Leonardo, o seu percurso iniciou-se com um período intenso de adversidades, ligado a um estado de confusão, que o impediam de ter contacto com o meio envolvente, quer o espaço físico, quer o espaço relacional. O contexto português era sentido como difícil de decifrar em ambas as dimensões, promovendo o sentimento de isolamento e solidão.

Num primeiro momento, o principal recurso de Leonardo foi a relação com o país de origem, a diáspora, através da sua irmã, funcionando como elemento de transição no contacto entre culturas e amortecendo o impacto do desenraizamento cultural. Num segundo momento, Leonardo ligou-se a um conjunto mais vasto de relacionamentos que diluíram as pertenças na diversidade cultural, de mistura entre as suas origens, as portuguesas e outras mais alargadas, sub-produtos da mistura de culturas, do movimento de globalização.

O ajustamento cultural de Leonardo parece estar sintonizado com a noção de hibridismo cultural (Apitzsch, 2003), no sentido da pertença a múltiplas afiliações, através de formas inovadoras de mistura de elementos culturais de várias origens. No caso de Leonardo sobressaiu ainda um aspecto importante relativo à relação com a diáspora, no sentido da manutenção da possibilidade de regresso em aberto. Tsolidis (2013) salienta a dimensão dinâmica entre ganhos e perdas, relativo ao país de origem, que caracteriza a diáspora. A autora refere a existência simultânea da perda da ligação histórica, tradicional, familiar e dos costumes do país de origem, e os ganhos a vários níveis no novo país. A perda parece ser possível, apenas através do ganho de um certo mito ou ilusão de que existirá sempre um regresso à terra natal.

O segundo caso configurou-se também diferente daquele que foi apresentado com Leonardo. Sobre o processo de resiliência de Soraya é inevitável começar por referir as adversidades relacionadas com a forma como deixou o seu país de origem e as perdas de pessoas significativas. Em Portugal, permaneceu o impacto destas perdas, somando-se outras, nomeadamente, a perda das identificações culturais que sustentavam a pertença às origens cabo-verdianas.

Ao longo do tempo e certamente através de vários micro-processos, Soraya foi elaborando aquilo que designámos como processo de luto. Os contributos de Freud (1917[1915]/2010) permitiram-nos compreender este processo, na medida em que o luto é elaborado ao longo do tempo, sendo necessária a retirada do investimento libidinal do objecto amado, implicando o desinteresse pela realidade externa e a impossibilidade de investimento em novos objectos. Nesse processo, os recursos possibilitados pela diáspora cabo-verdiana em Portugal tiveram um papel essencial. A diáspora, conforme referido por Faist (2010), apresenta também diferentes configurações, não sendo nunca a cópia da cultura de origem (nesta caso cabo-verdiana). Novamente, podemos evocar o hibridismo cultural nesta ligação com a diáspora, na medida em que Soraya, reproduzia práticas culturais do país de origem mas na especificidade do contexto português, onde os membros desta diáspora cabo-verdiana são também já produtos de uma mistura entre culturas.

A abordagem ao ajustamento cultural com recurso ao hibridismo permite-nos refletir sobre este conceito de diferentes formas. Por um lado, o ajustamento cultural é um processo contínuo, ininterrupto, não-linear e individual (alinhado com o conceito de resiliência, Ungar 2008, que nos propusemos usar neste estudo) e, neste sentido, as metodologias assentes sobre a atribuição de significados pelos próprios migrantes, parecem ser adequadas ao estudo destes processos. Por outro lado, este entendimento do conceito faz-nos questionar as teorias da aculturação, que têm na modalidade de integração o único resultado de ajustamento. Com esta abordagem dedicamos particular importância ao entendimento das adversidades e recursos, num significado de cultura que tem lugar num espaço intermediário onde a subjectividade se presta à interação entre as várias dimensões que constituem o indivíduo (corporal, relacional, social).

6.2. Conclusões gerais, implicações e limitações

De um modo geral, podemos afirmar que esta tese defende a importância do conceito de resiliência (contrariamente ao contestado por alguns autores, e.g., Bodin & Winman, 2004). Ao nível teórico, salientamos a importância da mudança de perspectiva das experiências e trajetórias dos migrantes, centrada na adversidade ou no *deficit*, para outra diversidade de abordagem. A perspectiva da resiliência não procura anular a existência de dificuldades nas migrações (afinal de contas, sem adversidade não se pode falar em

resiliência), mas pretende complementar a compreensão dos processos migratórios através de uma abordagem que se interessa pelos recursos, disponibilizados social e culturalmente, usados pelos migrantes para alcançar um ajustamento culturalmente significativo para os próprios.

O conceito teórico de resiliência é ainda importante, no nosso ponto de vista, quando investigado numa abordagem subjectiva, que capte os significados atribuídos pelas pessoas à sua experiência individual, conforme proposta de Yunes (2003) e Ungar (2008, 2013). O conceito inicial de resiliência, derivado da Física, enquanto sinónimo de resistência e de um regresso ao estado original após um estado de tensão (ou adversidade) (Luthar, Cichchetti & Becker, 2000), não parece adequar-se à complexidade da subjectividade humana. Nestes estudos constatamos o que foi sublinhado por alguns autores (Ungar, 2004, Davydov et al., 2010; Luthar et al., 2000), referindo que os processos de resiliência revelam-se nas várias modalidades de crescimento e de transformação face à adversidade, mas nunca num regresso ao ponto de partida.

Neste projecto de investigação, a abordagem subjectiva do conceito abriu a porta à comunicação com diversas fundações epistemológicas, contribuindo para o enriquecimento de perspectivas e para aumentar as possibilidades de pensar os processos migratórios. Partimos no estudo 1 de um conceito de resiliência proposto por Ungar (2008), baseado no modelo ecológico de Bronfennbrener (1994), tendo avançado posteriormente para um entendimento mais abrangente apresentado por Ungar (2004), referindo a necessidade de acomodar, no conceito, a pluralidade dos significados construídos individualmente.

O estudo 2 (migrantes brasileiros e cabo-verdianos) e o estudo 3 procuraram integrar a ideia de uma investigação que concebe a resiliência como uma construção social, cujas relações entre adversidades e recursos são socialmente diversas, politicamente contextualizadas, culturalmente organizadas, caóticas e complexas, conforme abordado por Ungar (2004, 2008). Com este propósito, a investigação qualitativa, usando narrativas autobiográficas e narrativas de livre associação, demonstrou-se adequada aos interesses e objectivos desta abordagem, permitindo aceder a dimensões subjectivas de atribuição de significados pelos migrantes. Para além da mudança de paradigma referida nestes dois estudos, propusemo-nos ainda a introduzir duas especificidades. No estudo 2 interessou-nos conhecer, relativamente aos processos de resiliência, os recursos e as adversidades, antes e

depois da chegada ao país de acolhimento. Na literatura sobre migrações, uma grande quantidade dos estudos situa-se no período de chegada e permanência ao longo do tempo no país de acolhimento, negligenciando a parte do trajecto feito pelos migrantes no país de origem (Yijälä & Jasinskaja-Lahti, 2010). No estudo 3 estudámos os processos de resiliência no país de acolhimento, acompanhados ao longo do primeiro ano de permanência no país, sem perder de vista as condições de saída do país de origem. Esta proposta surgiu através de novas tendências na investigação sobre resiliência procurando compreender as trajectórias dos indivíduos ao longo do tempo (e.g. Grimm, Ram & Hamagami, 2011; Nagin, 2005; Masten, 2013), permitindo examinar as mudanças e transformações numa lógica de processo.

Esta tese defende que o modo como concebemos previamente aquilo que entendemos por ajustamento cultural tem impacto na forma como é percebida a resiliência nos migrantes. Iniciámos este projecto de investigação sem ter previsto visitar as teorias das relações interculturais, através da proposta dos modelos de aculturação, nomeadamente de Berry (1980, 1997). No entanto, após a conclusão do Estudo 1 percebemos a necessidade de questionar esta abordagem e explorar alternativas. Como referem Castro e Murray (2010), contextualizar a resiliência dos migrantes em formas de relação distintas com a cultura, para além da aculturação, permite compreender com maior detalhe a forma como os migrantes superam a adversidade.

O primeiro estudo tinha por base o ajustamento cultural enquanto sinónimo de integração. Berry (2001) referia nos seus estudos sobre as relações interculturais, que a adaptação dos migrantes dependia das relações étnicas e do contacto cultural, ou seja, da aculturação. Sobre a aculturação, o autor, Berry (1980, 1997, 2001), sublinhou a integração como a estratégia mais favorável para a adaptação dos migrantes no país de acolhimento. Várias críticas a este modelo têm sido referidas, nomeadamente, a necessidade de ter em conta o significado que os migrantes constroem sobre o contexto particular onde estão situados, assim como, o significado da interacção relacional com o contexto de acolhimento, na medida em que afecta a percepção sobre uma adaptação positiva (Chirkov, 2009). Outros autores (e.g., Salant & Lauderdale, 2003) têm criticado a falta de sensibilidade deste modelo às diferenças existentes entre grupos de migrantes. Como referem António e Monteiro (2015), nenhuma atitude de aculturação pode ser entendida como a mais adaptativa. Os autores salientam que, mais importante do que a atitude pessoal de aculturação, é a forma

como o contexto social é percebido pelos migrantes que mais tem impacto nas formas de ajustamento cultural.

Efectivamente, a insuficiência deste modelo de aculturação e a limitação inerente à perspectiva da integração enquanto sinónimo de ajustamento cultural conduziu-nos à exploração de propostas alternativas, que oferecessem também possibilidades mais adequadas ao conceito de resiliência adoptado neste estudo (Ungar, 2004, 2008, 2011). Neste sentido, o estudo 2 procurou a relação entre o ajustamento cultural e o transnacionalismo (Vertovec, 2001), na vertente da variedade de possibilidades de relações com a cultura, no que toca ao ajustamento cultural. O transnacionalismo foi definido como o processo, através do qual os migrantes criam campos sociais que ligam o país de origem ao país de acolhimento (Schiller, Basch & Blanc-Szanton, 1992). O estudo 3 permitiu complementar este objectivo, através do conceito de hibridismo cultural, definido como um processo que emerge do espaço liminar onde duas culturas interagem. Alguns autores (e.g. Bhabha, 1994; Pietrese, 1994) referem que as migrações têm como resultado uma terceira identidade, produto de uma “polinização cruzada” de culturas, e distinta das culturas que a formou. Por esse motivo, Babha (1994) refere que a cultura tem uma natureza dinâmica, podendo ser apenas definida no contexto em que foi construída, no limite das fronteiras construídas pelos próprios migrantes.

Esta exploração de diferentes perspectivas sobre a definição de ajustamento cultural e também sobre a definição de cultura, através de várias abordagens teóricas, permitiu-nos compreender a importância da definição dos conceitos de forma a evitar a hegemonia implícita (ou explícita) naquilo que são os processos individuais das migrações. Simultaneamente, permitiu-nos compreender o alcance da definição de resiliência proposta por Ungar (2004), sendo efectivamente bastante completa mas desafiante quando nos propomos respeitar e operacionalizar os seus pressupostos, na procura dos significados atribuídos pelos migrantes aos seus processos de resiliência.

Afirmamos ainda nesta tese que a resiliência é uma importante ferramenta de trabalho e de intervenção nos contextos comunitários e clínicos com migrantes. Conforme referem os autores Vidal e Torres (2002), a abordagem da resiliência é relevante em projectos de intervenção na crise, como por exemplo, em crises humanitárias ou em estratégias de trabalho comunitário que actuam no fortalecimento dos recursos, face a adversidades, como nos

processos migratórios. A intervenção com refugiados em crises humanitárias é disso um bom exemplo, tendo dado lugar a uma edição específica em livro, sobre a resiliência em refugiados (Simich & Andermann, 2014), onde é salientada a importância teórica do conceito, assim como são descritas experiências positivas de modelos de intervenção com refugiados, tendo por base os pressupostos da resiliência.

No âmbito da saúde mental e da psicologia clínica também os pressupostos da resiliência tornam-se ferramentas úteis de trabalho. Sobre o contexto da saúde mental, McGoldrick (2003) salienta a importância dos profissionais estarem constantemente a ser desafiados por um largo espectro de diversidade de identidades culturais e, nesse sentido, as intervenções deverem ser sensíveis a cada aspecto da resiliência, especificamente contextualizada e direccionada a cada população particular. Ao nível das implicações do trabalho clínico com migrantes poderá ser de grande importância a forma como são considerados os aspectos relacionados com o país de origem, dado que muitos migrantes tiveram trajectórias de vida marcadas por condições adversas ainda antes de migrarem. Nesse sentido, estas condições poderão estar relacionadas com as dificuldades vividas no país de acolhimento, onde estas são acentuadas e re-criadas requerendo por esse motivo a atenção dos clínicos (Alegria, 2010). Salientámos ainda nestes estudos as dimensões da pertença e das vinculações afectivas, sociais e culturais, relacionadas com a necessidade de ser aceite. No trabalho clínico, através da relação e aliança terapêutica é possível desenvolver laços de vinculação afectiva entre terapeuta e cliente, que permitem desenvolver a regulação emocional e a confiança enquanto recursos (Diener & Monroe, 2011) ao dispor dos migrantes.

Ainda ao nível das implicações clínicas e remetendo em particular para o paradigma psicanalítico usado no estudo 3, abordamos a possibilidade introduzida por Moro (2005), de entendimento da cultura como elemento contendor. Nesta perspectiva, o trabalho clínico com migrantes deve fazer uso da função de reverie dos elementos culturais. Ou seja, nas angústias (adversidades) (re)activadas no contacto com o país de acolhimento, a possibilidade de transformação das mesmas pode advir dos significados encontrados culturalmente para as angústias sentidas, servindo a cultura como recurso contendor e transformador destas dificuldades.

Na sequência desta perspectiva e da abordagem usada no estudo 3, salientamos a proposta do desenvolvimento de uma consulta transcultural que integre alguns dos pressupostos desse estudo, conforme proposta de Sturm, Nadig e Moro (2010). Os autores referem que o trabalho com migrantes, no contexto da clínica transcultural, deve criar um espaço intermediário (conceito de Winnicott, 1971/1983) onde os significados da experiência migratória são (co)construídos com o/a terapeuta. Os significados são construídos com base na discussão sobre aquilo que os migrantes consideram “cultura” e as relações históricas e de poder com a sociedade de acolhimento. Desta forma, a aliança terapêutica é construída sob a perspectiva de que esta é, antes de mais, uma forma de dar voz a posições silenciadas ou marginalizadas dos migrantes, na relação com as perspectivas dominantes de conceberem a(s) sua(s) cultura(s), baseado na proposta de Bhabba (1994).

Ao nível da política e intervenção social sublinhamos que a compreensão e o conhecimento dos recursos no processo de resiliência não poderá ter como implicações ou consequências práticas a demissão dos interventores sociais e dos decisores políticos ao nível das políticas migratórias (Seccombe, 2002). Ou seja, apesar da capacidade de muitos migrantes em navegarem e negociarem os recursos existentes, face ao contexto adverso associado aos processos migratórios, nem todos o conseguem e, para esses, os recursos continuam a ser insuficientes, conduzindo a situações de fragilidade e exclusão social. Como refere Gilligan (2004), a intervenção numa perspectiva da resiliência não pode focar apenas os factores individuais mas também as deficiências estruturais na sociedade, de forma a tornar as pessoas mais fortes, mais competentes e mais funcionais em situações adversas. Mais ainda, a disseminação de resultados de investigações sobre a resiliência ou a construção de programas de intervenção nesta base deverá ser usado com as devidas precauções. Os estudos quantitativos tendem a apresentar fórmulas de resultados de ajustamento positivo que poderão representar uma forma de pressionar a normatividade e a conformidade ao discurso dominante. Como refere Martineau (1999), os investigadores sociais devem fazer lobby para desafiar os obstáculos estruturais. A autora sugere que sejam reivindicados os recursos materiais, as pedagogias e os programas de intervenção necessários para os grupos minoritários, sem no entanto esquecer que as populações privilegiadas devem também reflectir sobre as suas vantagens sócio-económicas e entender os efeitos das suas vantagens sobre os outros. *“I hope that resiliency researchers will keep their eyes on complex trauma*

across classes and culture. (...) I hope they shall not cease from exploration, but that they will not get lost in the romance of resilience” (Martineau, 1999, p. 218).

A primeira limitação deste projecto de investigação e dos estudos que realizámos é o facto de nos termos proposto estudar os processos de resiliência em migrantes, de um modo abrangente e exploratório. Isto significa que a abordagem usada perspectiva que as adversidades, recursos e ajustamentos são individuais, variados e complexos e, acima de tudo atribuídos pelos próprios migrantes. Por este motivo, face à diversidade dos temas sugeridos pelos migrantes, alguns foram abordados com menor profundidade, devendo alguns desses pontos ser melhor compreendidos. Parece-nos interessante compreender a dinâmica de recursos como o sentimento de pertença, a vinculação ou a diáspora, de forma mais aprofundada, na relação com as propostas de ajustamento cultural, nomeadamente, o transnacionalismo (Vertovec, 1999) e o hibridismo cultural (Babha, 1994).

Apontamos como segunda limitação, os procedimentos relativos à selecção dos migrantes participantes neste estudo. As pessoas que se voluntariaram para participar nos três estudos, teriam já uma pré-disposição para pensar e comunicar a sua experiência e processo migratório. Quer por esta especificidade, quer pelo facto de termos realizado estudos qualitativos, com um número reduzido de participantes, reconhecemos que os processos migratórios não se esgotam na variabilidade de casos apresentados nos estudos desta tese, nem servem o propósito de generalizar o conhecimento aqui recolhido. Sobre os migrantes que participaram nestes estudos cabe ainda referir que, a sua totalidade, vivia na área da Grande Lisboa. Esta é, de longe, a cidade do país que alberga o maior número de migrantes (55% do total), existindo, por isso, maior diversidade cultural. Estudos realizados fora da capital do país terão certamente outras especificidades e significados apontados pelos migrantes, relativos aos seus processos de resiliência.

As metodologias qualitativas usadas, em particular as narrativas e o modo como foram analisadas, constituem outra possível limitação. Conforme sugerem alguns autores (Rosenthal & Fischer-Rosenthal, 2004), a análise das narrativas tem sempre um carácter hipotético e temporário. Isto implica que as análises aqui apresentadas serão certamente alteradas, com a permanência dos migrantes ao longo do tempo no país de acolhimento e, no limite, através da interacção dinâmica individual com os contextos envolventes.

Apesar destas limitações, consideramos que esta tese conseguiu realizar uma articulação relevante entre o conceito de resiliência proposto por Ungar (2004, 2008), o paradigma construtivista (Lock & Strong, 2010) e as metodologias usadas, quer ao nível dos grupos focais, quer ao nível das narrativas. Na continuidade da realização deste conjunto de estudos gostaríamos de ver realizados no futuro, investigações sobre a construção e implementação de programas de intervenção para migrantes, baseados nos pressupostos da resiliência. Lykes (2013) propõe implementar estratégias de construção de programas de intervenção comunitária, desenhados pelos migrantes e para os migrantes. Nestes programas são usados o significado das suas narrativas, as experiências de adversidades e o uso que fizeram dos recursos encontrados. Estudar os processos de construção dos programas e acompanhar o desenvolvimento dos mesmos permitiria traduzir os paradigmas de investigação, os modelos teóricos e conceptuais em acções concretas ao serviço dos migrantes. Esta ideia é particularmente relevante no trabalho com os refugiados que Portugal irá receber, em consequência do “conflito da Síria”, na medida em que se impõe a necessidade de programas bem fundamentados e estruturados. Estes programas devem ser construídos com os refugiados (e para eles), sendo imperativo que estejam envolvidos na sua concepção e desenvolvimento. A impossibilidade dos interventores sociais e decisores políticos em desenhar este tipo de programa trará consequências negativas a médio e a longo prazo.

6.3. Referências

- Akhtar, S. (1995). A Third Individuation: Immigration, Identity, And The Psychoanalytic Process. *Journal of The American Psychoanalytic Association*, 43, 1051-1085.
- Alcántara C, Chen C, Alegría M. (2015) Transnational ties and past-year major depressive episodes among Latino immigrants. *Cultural Diversity And Ethnic Minority Psychology*, 21(3):486-495.
- António, J. H., & Monteiro, M. B. (2015). Minorities' acculturation and social adjustment: The moderator role of meta-perceptions of majority's acculturation attitudes. *International Journal of Psychology*, 50(6), 422-430.
- Apitzsch, U. (2003). Religious traditionality in multicultural Europe. In: R. Sackmann, B. Peters & T. Faist (Eds.), *Identity and Integration. Migrants in Western Europe*. (pp 91-107) Aldershot: Ashgate.
- Apitzsch, U. and Siouti, I. (2007) *Biographical Analysis as an Interdisciplinary Research Perspective in the Field of Migration Studies*. Frankfurt am Main: Research Integration, Johann Wolfgang Goethe Universität, University of York.
- Appadurai, A. (1996) *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Barwick, C. L., Beiser, M., & Edwards, G. (2002). Refugee children and their families: exploring mental health risks and protective factors. In F. J. C. Azima & N. Grizenko (Eds.), *Immigrant and refugee children and their families: clinical, research, and training issues* (pp. 37–63). Madison: International Universities Press.
- Basch, L., N. Glick Schiller & C. Szanton Blanc (1994). *Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states*. Amsterdam: Gordon and Breach.
- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: comunidade e identidade. In P. Góis (Orgs). *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana*. (pp. 25-36). Coleção Comunidades, 2, Lisboa: ACIDI
- Baumeister, R. F. (2012). Need to belong theory. In P.A. M. Van Lange, A.W. Kruglanski & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology: Volume Two* (pp. 121-140). London: Sage Publications.

- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. In A.M. Padilla (Ed.), *Acculturation: Theory, models and some new findings* (pp. 9-25). Boulder, CO: Westview.
- Berry, J. W. (1990). Psychology of Acculturation. In J. Berman, (Ed.), *Cross-cultural perspectives: Nebraska symposium on Motivation Vol. 37.* (pp. 457-488). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*, 46(1), 5-34.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of social issues*, 57(3), 615-631.
- Berry, J. W. (2007). Acculturation strategies and adaptation. En: J. E. Lansford, K. Deater-Deckard & M. H. Bornstein (Eds.), *Immigrant families in contemporary society* (pp. 69-82). New York: Guilford.
- Bhabha, H. (1994). *The location of culture*. London: Routledge.
- Bodin, P., & Winman, B. (2004). Resilience and other stability concepts in ecology: Notes on their origin, validity and usefulness. *ESS Bulletin*, 2, 33–43. Disponível em: <http://www.bom.hik.se/ess/theESSBulletin.htm>
- Bogus, M., & Bassanezi, M. S. (1999). Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social. *Margem*, 10, 211-227.
- Bracalenti, R., Braham, P., Gorla, A., Blaschke, J., & Gall, D. Le. (2004). *Family Reunification Evaluation Project FARE Final Report* (pp. 1–86). Luxembourg.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments in nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Carballo, M., & Nerukar, A. (2001). Migration, refugees, and health risks. *Emerging Infectious Diseases*, 7(3 Suppl), 556–60.
- Carchedi, F. (2000). Considerations of Foreign Prostitution in Italy. A Background Picture”, *Revista de Sociologia*, 60, 2000, p. 85-97.
- Carling, J. & Batalha, L. (2008). Cape Verdean Migration and Diaspora. In Carling, J. & Batalha, L. (Eds), *Transnational Archipelago. Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora.* (pp. 13-31). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Cassarino, J. P. (2004). Theorising return migration: the conceptual approach to return migrants revisited. *International Journal on Multicultural Societies*, 6(2), 253–279.

- Castro, F.G. & Murray, K.E. (2010). Cultural adaptation and resilience: Controversies, issues, and emerging models. In J.W. Reich, A.J. Zautra & J.S. Hall (Eds.), *Handbook of adult resilience* (pp. 375-403). New York: Guilford
- Challinor, E. P. (2008). Home and Overseas: The Janus Faces of Cape Verdean Identity. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 17(1), 84-104.
- Chirkov, V. (2009). Critical psychology of acculturation: What do we study and how do we study it, when we investigate acculturation? *International Journal of Intercultural Relations*, 33(2), 94-105.
- Connor, P. (2012). Balm for the soul: immigrant religion and emotional well-being. *International Migration*, 50(2), 130–157.
- Creese, G. L., Dyck, I., & McLaren, A. T. (1999). Reconstituting the family: negotiating immigration and settlement. *Research on Immigration and Integration in the Metropolis*. Available in <http://mbc.metropolis.net/assets/uploads/files/wp/1999/WP99-10.pdf>
- Davydov, D. M., Stewart, R., Ritchie, K., & Chaudieu, I. (2010). Resilience and mental health. *Clinical Psychology Review*, 30(5), 479–95.
- Diener, M. J., & Monroe, J. M. (2011). The relationship between adult attachment style and therapeutic alliance in individual psychotherapy: A meta-analytic review. *Psychotherapy*, 48(3), 237–248.
- Dustmann, C. (1999). Temporary migration, human capital, and language fluency of migrants. *The Scandinavian Journal of Economics*, 101(2), 297–314.
- Esser, H. (2006). Migration, language, and integration. *AKI Research Review 4*. Berlin: Programme on Intercultural Conflicts and Societal Integration (AKI). Social Science Research Center. Available in http://193.174.6.11/alt/aki/files/aki_research_review_4.pdf
- Faist, T. (2010). Diaspora and transnationalism: What kind of dance partners? In R. Bauböck & T. Faist (Eds.), *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods* (pp.9-34). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Rosenthal, G. & Fischer-Rosenthal, W. (2004). The analysis of narrative-biographical interviews. In U. Flick, E. Von Kardorff & I. Steinke (Eds.), *A Companion to Qualitative Research* (pp. 259-265). London: Sage Publications.

- Fonseca, M. L., Ormond, M., Malheiros, J., Patrício, M., & Martins, F. (2005). *Reunificação familiar e imigração em Portugal*. Observatório da Imigração, 15, Lisboa: ACIDI
- Gilligan, R. (2004). Promoting resilience in child and family social work: Issues for social work practice, education and policy. *Social Work Education*, 23(1), 93-104.
- Grimm, K. J., Ram, N., & Hamagami, F. (2011). Nonlinear growth curves in developmental research. *Child development*, 82(5), 1357-1371.
- Hagan, J., & Ebaugh, H. R. (2006). Calling upon the sacred: migrants' use of religion in the migration process. *International Migration Review*, 37(4), 1145–1162.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. In: L.M. Given (Ed.) *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. (pp. 296–315) London: Sage Publications
- Hollway, W. (2009). Applying the 'Experience-Near' Principle To Research: Psychoanalytically Informed Methods. *Journal of Social Work Practice*, 23(4), pp. 461-474.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2009). Researching defended subjects with the free association narrative interviewing method. In: H.J. Cook, S. Bhattacharya & A. Hardy, Anne (Eds.) *History of the social determinants of health: Global histories, contemporary debates*. (296–315) Hyderabad: Orient Black Swan.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi.
- Kaës, R. (2003). *O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura*. Psicologia USP, 14(3), 15-30.
- Lechner, E. (2007). Imigração e saúde mental. *Migrações, Revista do Observatório da Imigração*, 1, 81-101.
- Lock, A., & Strong, T. (2010). *Social constructionism: Sources and stirrings in theory and practice*. New York: Cambridge University Press.
- Luthar, S. S., & Cicchetti, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Development and Psychopathology*, 12, 857–885.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. *Child Development*, 71(3), 543–562.
- Lykes, M. B. (2013). Participatory and action research as a transformative praxis: responding to humanitarian crises from the margins. *American Psychologist*, 68(8), 774.

- Margolis, M. L. (1994). *Little Brazil: an ethnography of brazilian immigrants in New York City*. Princeton University Press.
- Martineau, S. (1999). *Rewriting resilience: A critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to “kids at risk.”* Unpublished doctoral dissertation, University of British Columbia, Vancouver, BC.
- Masten, A. S. (2013). Risk and resilience in development. In P. D. Zelazo (Ed.), *Oxford handbook of developmental psychology: Vol. 2. Self and other* (pp. 579–607). New York, NY: Oxford University Press.
- McGoldrick, M. (2003). Culture: A challenge to concepts of normality. *Normal family processes*, 3, 61-95.
- Meintel, D. (1984). *Race, culture, and Portuguese colonialism in Cabo Verde* (Vol. 41). Syracuse Univ Pr.
- Moro, M. R. (2005). Une clinique transculturelle. Elavie, un bébé de la guerre. *PsychoMédia*, 7, 25-31.
- Nagin, D. S. (2005). *Group-based modeling of development*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- Noh, S., Beiser, M., Kaspar, V., Hou, F., & Rummens, J. (1999). Perceived racial discrimination, depression, and coping: a study of Southeast Asian refugees in Canada. *Journal of health and social behavior*, 40, (3) 193–207.
- Padilla, B. (2005). *Integration of Brazilian immigrants in Portuguese Society: Problems and Possibilities*. Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers nº 1/2005, Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/1999>
- Padilla, B. (2008). O empreendedorismo na perspectiva de género: uma primeira aproximação ao caso das brasileiras em Portugal. *Revista Migrações*, 3, 191-215.
- Pieterse, J. N. (1994). Globalisation as hybridisation. *International Sociology*, 9(2), 161-184.
- Portes, A. (1999). *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta.
- Presidência do Conselho de Ministros & ACIDI, I. P. (2010). *Plano para a Integração dos Imigrantes (2010-2013)*. Lisboa: ACIDI.
- Salant, T., & Lauderdale, D. S. (2003). Measuring culture: a critical review of acculturation and health in Asian immigrant populations. *Social science & medicine*, 57(1), 71-90.

- Schiller, N. G., Basch, L. and Blanc-Szanton, C. (1992). Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645: 1–24.
- Seabra, T. (2010). *Adaptação e adversidade: o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*. Lisboa: Instituto Ciências Sociais.
- Secombe, K. (2002). Beating the odds versus changing the odds: poverty, resilience, and family policy. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 384–394.
- Simich, L., & Andermann, L. (2014). *Refuge and Resilience: Promoting Resilience and Mental Health Among Resettled Refugees and Forced Migrants*. London: Springer.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48(4), 1184–1199.
- Sturm, G., Nadig, M., & Moro, M. R. (2010). Writing Therapies—An Ethnographic Approach to Transcultural Therapies. *Forum: Qualitative Social Research*, 11 (3) Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1558/3072>
- Suárez-Orozco, C., Suárez-Orozco, M., & Todorova, T. (2008). *Learning a new land – Immigrant students in American society*. London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Tsolidis, G. (2013). Introduction: Does Diaspora matter when living cultural difference? In G. Tsolidis (Eds.), *Migration, Diaspora and Identity: Cross-national Experiences* (pp. 1–15). London: Springer Science & Business Media.
- Ungar, M. (2004). A constructionist discourse on resilience multiple contexts, multiple realities among at-risk children and youth. *Youth & society*, 35(3), 341–365.
- Ungar, M. (2008). Resilience across Cultures. *British Journal of Social Work*, 38(2), 218–235.
- Ungar, M. (2011). The social ecology of resilience: Addressing contextual and cultural ambiguity of a nascent construct. *American Journal of Orthopsychiatry*, 81(1), 1–17.
- Ungar, M. (2013). Resilience, trauma, context, and culture. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(3), 255–266.
- Vala, J., Brito, R., & Lopes, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- Vala, J., Lopes, D., & Lima, M. (2008). Black immigrants in Portugal: Luso-tropicalism and prejudice. *Journal of Social Issues*, 64(2), 287–302.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and racial studies*, 22(2), 447-462.
- Vertovec, S. (2001). Transnationalism and identity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27(4), 573–82.
- Vidal, M. I. & Torres, D. (2002). Comentario al trabajo “Trauma y resiliencia durante la guerra: una mirada a los niños ya los trabajadores de ayuda humanitaria en Bosnia” de Jay H. Berk. *Psicoanálisis* 24,1/2. 67-79.
- Walsh, F. (2003). Family resilience: a framework for clinical practice. *Family Process*, 42(1), 1–18.
- Wildschut, T., Sedikides, C., Arndt, J., & Routledge, C. (2006). Nostalgia: content, triggers, functions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 975–993.
- Winnicott (1983). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971)
- Wolffers, I., Verghis, S., & Marin, M. (2003). Migration, human rights, and health. *Lancet*, 362(9400), 2019–2020.
- Yijälä, A., & Jasinskaja-Lahti, I. (2010). Pre-migration acculturation attitudes among potential ethnic migrants from Russia to Finland. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(4), 326-339.
- Yunes, M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em estudo*, 8 (spe), 75-84

